

3^o vol

ENSAIOS

SOBRE A

STATISTICA DAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

NA

AFRICA OCCIDENTAL E ORIENTAL;

NA

ASIA OCCIDENTAL;

NA

CHINA, E NA OCEANIA:

ESCRITOS

DE

ORDEM DO GOVERNO DE SUA Magestade Fidelissima

A SENHORA

D. MARIA II.

POR

JOSÉ JOAQUIM LOPES DE LIMA,

DO CONSELHO DE SUA Magestade Fidelissima, COMMENDADOR DA ORDEM DE S. BENTO D'AVIZ, CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TORRE E ESPADA DO VALOR LEALDADE E MERITO, CONDECORADO COM A MEDALHA D'OURO DE GRATIDÃO DO EXERCITO DE GOA, CAPITÃO DE FRAGATA DA ARMADA, DEPUTADO ÀS CORTES DA NAÇÃO PORTUGUEZA, EX-GOVERNADOR DE DIVERSOS DISTRICTOS, SOCIO EFFECTIVO DA ASSOCIAÇÃO MARITIMA E COLONIAL, E DA SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL, &c. &c.

ORDENADOS EM SEIS LIVROS.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1846.

VAN
1098

Qpc

BRW
325.3469
1432e
v.3

ENSAYOS

ESTADÍSTICA DAS POSSESSOES P. ORIENTAL

- LIVRO 1.º = Ensaio sobre a Statistica das Ilhas de Cabo Verde, e suas dependencias.
 " 2.º = Dito " " das Ilhas de S. Thomé e Principe, e sua dep.
 " 3.º = Dito " " de Angola, e Benguela, e suas dependencias.
 " 4.º = Dito " " de Moçambique, e suas dependencias.
 " 5.º = Dito " " de Goa, Damão, e Diu, e suas dependencias.
 " 6.º = Dito " " de Macáu, Timor, e Solor, e suas dependencias.

DIVISÃO DE CADA UM DOS SEIS LIVROS.

INTRODUÇÃO Resumô historico do descobrimento, &c.

- PARTE 1.ª = Statistica Geral = Cap. 1.º = *Geographia.*
 " 2.º = *Divisão do territorio, e população.*
 " 3.º = *Clima, solo, e produções.*
 " 4.º = *Industria rural, fabril, e commercial.*
 " 5.º = *Legislação, e governo.*
 " 6.º = *Força publica.*
 " 7.º = *Religião, e regimen ecclesiastico.*
 " 8.º = *Instrução publica.*
 " 9.º = *Rendimentos, e despeza publica.*
 " 10.º = *Noticia geral do paiz e de seus habitantes.*

Com os mappas geographicos, e statisticos, que se puderem obter, e catalogos de governadores, bispos, juizes, &c. &c.

PARTE 2.ª = Statistica Topographica Tantos capitulos quantas as divisões naturaes da provincia, consagrando-se um capitulo a cada uma dellas.



LIVRO 1

ESTADÍSTICA DAS POSSESSOES P. ORIENTAL

1844

INTRODUÇÃO

ENSAIO

SOBRE A

STATISTICA D'ANGOLA E BENGUELLA

E

SUAS DEPENDENCIAS NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

AO

SUL DO EQUADOR.

LIVRO III.—PARTE I.

ESAYO

CONFERENCIA DIAGONAL Y HORIZONTAL

DE LAS DIRECCIONES DE LOS OJOS OCCIDENTAL Y ORIENTAL

LIVRO III - PARTE I

INTRODUÇÃO.

OCCUPAVA o throno de Portugal o grande rei D. João II, o qual tendo tomado a posse, e o titulo de *senhor de Guiné* com a construcção da fortaleza de S. Jorge da Mina, entendeu logo em estender ao longo da costa occidental d'Africa o descobrimento do caminho para a Índia, empenho heroico que no berço herdára de seu magnanimo tio D. Henrique; e para eternisar tão memoraveis feitos ordenou que os seus capitães, que mandava a descobrir, levassem para plantar nos promontorios das costas, que fossem devassando — *Padrões de pedra d'altura de dous estados d'homem com o escudo das Armas Reaes deste Reino, e nas costas delle um leitreiro em Latim, e outro em Portuguez, os quaes diziam, que Rey mandara descubrir aquella terra, e em que tempo, e per que Capitão fôra aquella Padraõ alli posto, e em cima no topo uma cruz de pedra embutida com chumbo* (1).

O proposito grandioso do monarcha emprehendedor teve o desejado effeito: máus tempos tem vindo depois sobre nós, que apoucaram as nossas conquistas, e mingoaram o nosso poder, e a nossa riqueza; mas atravez de dous seculos desastrosos a gloria do nome portuguez se tem mantido ainda em alguns dos padrões de D. João II, respeitados pelo tempo, e pelos homens — aliás negros çafaros dessas torridas regiões (2).

O primeiro capitão incumbido de plantar taes padrões foi *Diogo Cam*, cavalleiro da casa d'el-rei, que no anno de 1485 descobriu o Rio *Zaire*, na bocca do qual ao lado do sul metteu o padrão de S. Jorge (3), de que aquella ponta tomou o nome de *Ponta do*

(1) *Asia de J. de Barros* — dec. 1.^a, liv. 3.^o, cap. 3.^o

(2) Sabe-se que existem ainda tres destes padrões, de que adiante darei noticia.

(3) Barros pôde esta descoberta no anno de 1484; porém Garcia de Rezende, e Ruy de Pina, são conformes em a dar como effectuada no anno de 1485, — e esta opinião seguiu o nosso sabio D. Francisco de S. Luiz no seu *Indice Chronologico*. É certo que todos dizem de Diogo Cam, que *outra vez já lá fôra por descobridor*. — e pôde ser que esa outra viagem anterior fosse feita no anno de 84, mas não foi nella que se descobriu o Zaire e o Congo.

Padrão, que ainda hoje conserva (1); e achando este rio de boa apparencia, e grandissima cópia d'aguas, entrou por elle acima, e communicando com os mansos habitantes daquelle reino, — que soube chamar-se *Congo*, e pertencer a um grande rei do titulo de *Mani-congo* (porque *mani* equivale a *senhor* na lingua daquelle povo), — delles trouxe uns poucos de homens por amostra a este reino, deixando lá em reles alguns dos nossos para aprender a lingua, e vêr as cousas da terra: e com quanto esses negros foram tomados por aquelle capitão fóra da ordenança d'el-rei D. João II, comtudo elle folgou de os vêr em Portugal, tanto mais que alguns delles acertaram de ser fidalgos, e pessoas principaes daquellas terras, e por isso lhes fez muito agazalho, e depois de bem vestidos, e instruidos das benignas intenções do monarcha, e das cousas da nossa santa fé, — quanto o permittiu a escacez do tempo, e differença da lingua, — mui louços e honrados os tornou a entregar a Diogo Cam, que logo partiu com outra frota a restituillos á sua patria, e continuar a descoberta. Em 1486 chegou Diogo Cam novamente á bocca do Zaire, e mandando dalli a el-rei do Congo os seus vassallos tão mimosos e bem tratados, com alguns presentes que el-rei de Portugal lhe enviava, e tendo recobrado os portuguezes que lá deixára, seguiu seu descobrimento por diante, e desta vez descobriu toda a costa dos reinos de *Angola*, e *Benguella*, e plantou dous padrões — um chamado *Santo Agostinho* junto ao *Rio Padrão* fronteiro ao *Ilheo de Pina* na Bahia de Santa Maria ao sul de *Benguella* — e outro na *Manga das aréas*, — ou mais propriamente no *Cabo Negro*, que lhe está immediato ao norte; — (2) — donde fez volta ao reino do Congo, e se viu com aquelle rei, o qual lhe fez muito bom recebimento, e mostrando-se muito inclinado ás nossas doutrinas, e costumes, mandou com Diogo Cam alguns moços das melhores familias do seu reino para serem baptisados, e doctrinados na fé catholica, e com elles veio um embaixador, pelo qual mandou a el-rei D. João II um presente de marfim, e pannos de palma; e lhe mandou requerer ministros da religião, e officiaes mecanicos que instruissem o seu povo: e daqui nasceu apromptar-se a famosa pri-

(1) Detraz desta ponta existe um outro padrão da religiosidade de nossos reis, e dos santos fins que os guiavam nas conquistas d'Africa: é um convento de missionarios capuchos, destinado a instruir na fé os negros do *Sonho*: está hoje, e ha muitos annos, deserto: em 1814 se queixava o rei do Congo D. Garcia 5.º da falta de missionarios, em uma carta ao nosso soberano, da qual ao diante darei cópia.

(2) Este padrão ainda lá se conserva... V. a Carta d'Africa de Arrowsmith — 1841 — na qual porém vem errado o nome do capitão descobridor. Noticias mais recentes confirmam a existencia deste padrão.

meira missão ao Congo, que partiu de Lisboa em Dezembro de 1490 — (1) — e chegando lá em 1491 conseguiu trazer logo ao gremio da igreja catholica o rei, a rainha, o principe herdeiro D. Affonso, e muita parte da fidalguia, e povo daquelle reino barbaro, e construir na cidade capital (*Ambasse*, e depois *S. Salvador*) a igreja cathedral de Santa Cruz, e uma fortaleza etc. . . . do que resultou uma grande frequencia, e trato vantajoso dos portu-
gezes com aquella nação, que ainda hoje, depois de tantas guerras, e outras vicissitudes, e diuturno abandono, conserva muito dos nossos usos antigos, da nossa lingua, e da nossa religião, — tudo á mistura com as praticas nunca desarraigadas da feiticeria africana, — e os vicios e liberdades da concupiscencia intertropical, e demais paixões usuas em gente barbarizada pela ignorancia.

Mas não vem ao meu proposito relatar os successos subsequentes desse grande imperio do Congo, aonde tamanho dominio chegamos a ter, — enfraquecido depois por nosso desleixo, — não só o temporal, mas até o espirital, — o qual todavia nos houvera sido mais conveniente não deixar afrouxar, como temos feito ha mais de um seculo. . . .

Voltarei pois ao que é nosso, — aos reinos de Angola, e Benguella, cujas costas descobertas, como já disse em 1486, não chamaram comtudo durante tres reinados a attenção dos nossos navegadores, cuja missão era então ir sempre descobrindo ávante novas terras sem nellas se deterem: apoz Diogo Cam alli passou Bartholomeu Dias; mas attento a procurar o extremo meridional d'África, — que com effeito achou, deixando aberta a porta para a Índia, — nenhum cabedal fez da costa occidental que percorria, contentando-se apenas de plantar — áquem do Cabo Tormentorio — o Padrão *Sant'Iago* na *Angra dos Ilheos*, ou *Angra Pequena* (2).

Falleceu o *principe perfeito* legando ao seu successor o *felicissimo* rei D. Manoel prompta a armada, na qual *Vasco da Gama* foi em 1497 mostrar pela primeira vez a bandeira de Christo, e as quinas d'Affonso Henriques no mar das Indias, passando sem reparo pelas costas de Angola, — as quaes nem sequer avistou *Pedro Alvarés*.

(1) Lê-se J. de Barros — Dec. 1.^a, liv. 3.^o; . . . Garcia de Rezende — Chron. d'El-Rei D. João 2.^o — desde o cap. 155.^o até o cap. 161.^o; . . . a Chronica do mesmo Rei por Ruy de Pina — Inéditos d'Historia Portugueza — tom. 2.^o, de pag. 144 a pag. 172; e a Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa — part. 2.^a, liv. 6.^o

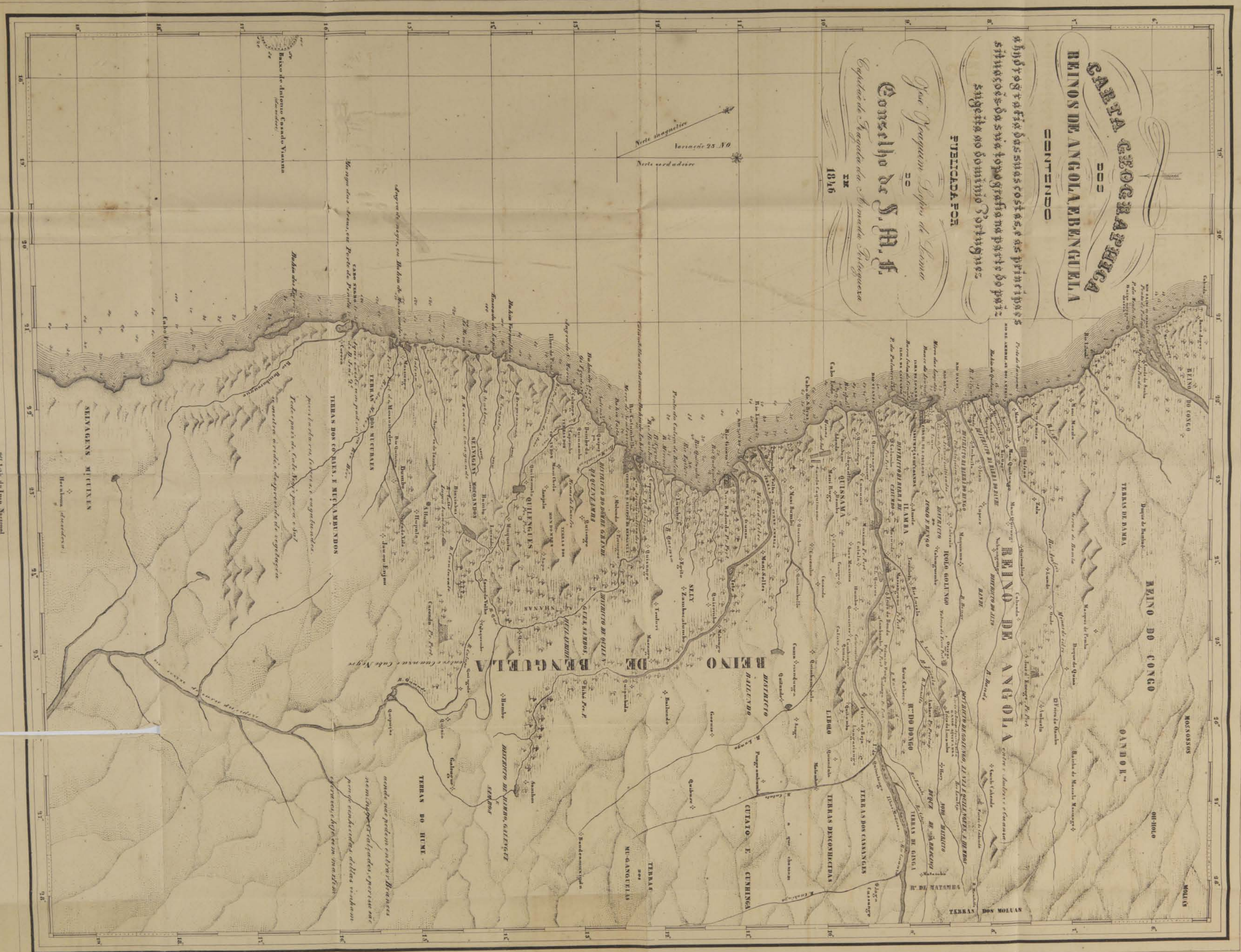
(2) Segundo a mesma Carta de Arrowsmith — 1841 —, e outras informações mais recentes, este padrão lá existe ainda hoje, — e por ventura está reclamando o nosso direito áquella Angra, — á *Ilha da Possessão*, — e á *Ilha de Tchabooé*, onde se carregava o *guano*.

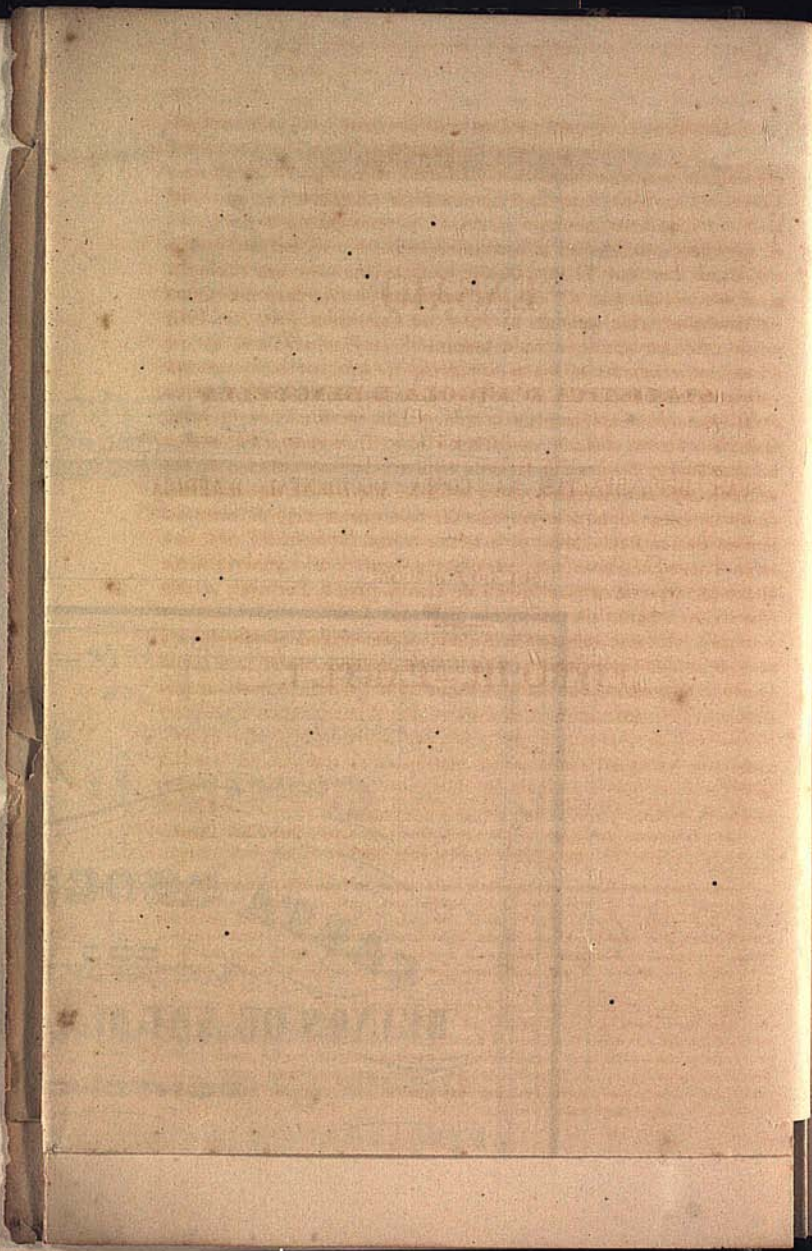
Cabral, que levado pelos ventos em 1500 á *Terra de Santa Cruz*, deu com esta descoberta novo emprego á ambição dos portuguezes, a qual apenas pôde bastar por muitos annos á exploração de dous novos mundos achados tão de subito, — além do rendoso trafico da Mina, e de Benim, e dos portos do Manicongo, que a esse tempo já acudiam com mui grosso trato. Parece porém que os armadores da Ilha de S. Thomé frequentando de mais perto toda esta costa no começo do seculo XVI entraram a fazer resgates no porto de *Loanda*, tirando proveito proprio do descuido dos mercadores de Portugal; e tanto foi avultando este commercio clandestino, que chegou a suscitar o ciume do rei do Congo, o qual além de vér com inveja fugido dos seus portos todo o trafego que se ia fazer no reino visinho, temia já então que os portuguezes com a continuação se viessem a apossar da *Ilha de Loanda*, que era delle, e lhe assegurava o riquissimo monopolio do *zimbo* (1): levado de taes motivos, segundo penso, fez aquelle rei tirar no Congo em 7 de Maio de 1548 uma inquirição em lingua portugueza — sobre os navios, que o feitor e mais officiaes da Ilha de S. Thomé mandavam nesse tempo a Angola, e portos daquelle reino sem ordem, ou licença delle, — allegando que assim procedia — por isso fazer a bem da fazenda d'el-rei D. João III — (2). Porventura desta denuncia resultou a prohibição daquelle commercio, como se colhe de uma carta do bispo de S. Thomé, de que fallarei em seguida. Reclamou logo o rei d'Angola contra essa prohibição, para o que mandou a Portugal por embaixadores alguns fidalgos da sua côrte pedindo a amizade, e trato dos portuguezes do mesmo modo que a haviam com el-rei do Congo: deviam estes negros de chegar a Lisboa pelo anno de 1557, em que morreu D. João III, pois não poderam ser por elle aviados; mas sim pela rainha D. Catharina, que nos fins do anno de 1559 mandou com elles *Paulo Dias de Novaes*, — neto do famoso descobridor Bartholomeu Dias, — com tres caravellas, em que levava alguma gente de guerra, e um presente para o rei de Angola. Parece que Paulo Dias nesta primeira viagem ia mais para sondar o animo daquelle potentado do que para assentar desde logo a renovação

(1) O *zimbo* — especie de buzio cinzento, quasi da forma do cauri, — que corria, e ainda hoje corre, como moeda não só no reino do Congo, mas em todos os do golfo de Guiné, e no interior d'África, — só se apanhava naquelle tempo na Ilha de *Loanda*, que era de el-rei do Congo, o qual percebia grandissimo lucro deste monopolio: achou-se depois um buzio similhante nas praias da Bahia de Todos os Santos, e dalli ia muito para Ajudá, etc.

(2) Esta inquirição acha-se no Corpo Chronologico da Torre do Tombo — part. 1.^a, maç. 80, doc. 105.

Longitude a 1.º Est. do Meridiano de Castello de Indico





daquelle commercio, que continuava a ser prohibido; por isso que aportando elle com a sua frota na Ilha de S. Thomé, aonde se de- teve algum tempo, o bispo de S. Thomé e Congo — *D. Fr. Gaspar Cam* — (1), — que supponho ter recolhido a S. Thomé da sua visita ao bispado naquella mesma occasião, — escrevia em 20 de Fevereiro de 1560 — «que duvidava fazerem-se catholicas as gentes do reyno «d'Angola sem que El Rey lhes desse facultade para fazerem nego- «ciação; e pois que *El Rey* lha mandava prohibir era difficultoso «convertellos; mas contudo os *PP.^{es}* da *Companhia* (que é provavel «pelo modo porque se expressa terem ido com Paulo Dias na mesma «frota) se resolviam a ir; pois parecia ser esta a occasião em que «*Deos* os chamava» (2). Levando pois em sua companhia estes pa- dres, — o que aliás concorda com o que escreveu o padre *Fernam Guerreiro* na sua *Relação anual* em 1604 (3) — chegou Paulo Dias á barra do Rio *Cuanza* em Maio de 1560; achou ser fallecido aquelle rei, cuja sôra a embaixada; mas seu filho que reinava não mostrava desejar menos a amizade portugueza, pelo que movido de suas ins- tancias partiu Paulo Dias para a sua *banza* (4) com sós vinte dos seus, deixando o resto nas caravellas a bom recado para prevenir qualquer surpresa, e com ordem de regressarem a Portugal, se elle não voltasse dentro de um tempo marcado.

O barbaro se mostrou suspeito, e com proceder ambiguo re- teve o capitão embaixador mais tempo do que cumpria, até que apertado da guerra, que lhe movia um sóva (5) rebelado das terras

(1) Damião Antonio de Lemos, seguindo D. Caetano de Sousa, dá este bispo nomeado em 1572; mas é certo que elle foi eleito em 1554, e estava em S. Thomé em 1560.

(2) Esta carta do bispo de S. Thomé acha-se no *Corpo Chronologico do Real Archivo da Torre do Tombo* — part. 1.^a, maç. 104, docum. 3.

(3) E tambem com o que se lê no ms. do capitão Garcia Mendez de Castello-branco, escripto em 1621, e depositado na Real Bibliotheca da Ajuda, de que adiante darei noticia.

(4) *Banza* significa cidade; e *libata villa*, ou aldeã: a côrte do rei de Angola chamava-se *ca-banza* (cidade capital) do *Dongo*, e era então no local aonde existe desde 1671 o nosso presidio das *Pedras de Pongo an dongo*, pela conquista do famoso Luiz Lopes de Sequeira, de ordem do Governador Francisco de Tavora. O rei do *Dongo* ao tempo da conquista chamava-se *Angola-Bandi*. . . É inteiramente fantastico o romance dos amores de uma irmã delle com um official portuguez, que se lê em *Cavazzi*.

(5) *Sôva* é um senhor de terras, — inferior na jerarchia ao *dembo*, e superior ao *quilamba*, e este sóva Quiloange Quinassama parece ser um ascendente daquelle a quem em 1838 tomámos o districto *Duque de Bragança*. . . Os senhores do Congo adoptaram os titulos portuguezes: lá os *dembos* intitulam-se *duques*; os *sôvas* são *marquezes*; e *condes* os *quilambas*. . . Diz *Cavazzi* que estes titulos de duques, marquezes, e condes, foram conferidos por os reis de Portugal desde que em 1571 o rei do Congo se fez feudatario da corôa portugueza.

de Matamba chamado Quiloange se apressou a despedir Paulo Dias, para lhe trazer de Portugal soccorro de mais entidade.

Recolhido a Lisboa com a noticia do que havia observado naquella côrte e reino do *Dongo*, ou *Angola*, teve Paulo Dias de Novaes a esperar que el-rei D. Sebastião assumisse o governo do reino, e tratasse de provêr primeiramente a segurança das possessões já adquiridas, — então por toda a parte ameaçadas da pirataria franceza, — para depois curar seriamente desta nova conquista: no anno de 1570 nos diz Fr. Luiz de Sousa (1) que se começou a apromptar a armada, na qual devia ir por capitão o conquistador Paulo Dias de Novaes, o qual todavia não veio a partir senão em fim do anno de 1574, e só deu vista da costa d'Angola no mez de Fevereiro de 1575. Desta vez ia elle nomeado conquistador, povoador, e primeiro governador e capitão-mór da conquista do reino de Angola etc. com largos poderes para repartir as terras conquistadas, = « e filhar por criados d'ElRey com os sóros, e moradias, que por seus serviços merecessem (não sendo da geração de christãos novos) os que nellas levantassem *castellos de quinze braças em quadra, « trinta palmos de alto, e cinco de grossa »* — levava para a conquista espiritual, alguns padres jesuitas, e tambem clerigos, e por ventura outros missionarios, além daquelles que já naquello tempo haviam ido do Congo a semear alli a palavra de Deus (2): quanto á força, que levava para a conquista das terras, diz um escriptor do fim do seculo passado (3) que esta constava de *setecentos homens de guerra... tudo gente luzida e bem armada... em sete embarcações... Mas eu acho em um manuscripto guardado na Bibliotheca Publica de Lisboa, escripto por um homem letrado, testemunha ocular da conquista (4), — « que a gente que este Governador levava*

(1) Hist. de S. Domingos — part. 2.^a, liv. 6.^o, cap. 11.

(2) Ibidem... no mesmo cap. — Parece todavia que Fr. Luiz de Sousa confundiu esta expedição de Paulo Dias com a de Francisco de Gouvea no Congo em 1570.

(3) *O Catalogo dos Governadores do Reino de Angola* — no tom. 3.^o das — Noticias para a Hist. e Geograph. das Nações Ultramar. —; J. C. Fêo Cardoso copiou este catalogo quasi *ipsis verbis* para a sua Memoria.

(4) Este ms. tem a indicação — B — 3 — 5 —; e por titulo em letras d'ouro no frontispicio illuminado = *Summario e descripção do Reino de Angola, e do descobrimento da ilha de Loanda, etc.* — por *Domingos d'Abreu de Brito* — dirigido a Philippe I.^o — em 1592. — Esta escriptura contemporanea de escriptor sabido parece-me mais digna de credito do que um catalogo anonymo escripto muitos annos depois, — no qual todavia me socorrerei ao diante na falta de documentos taes como este, que não são facéis de achar para todas as épocas: evitarei porém citar os fabulistas *Pigafella, Cavazzi, Merolla, Zuchelli*, bem como *Labat*, e outros que escreveram d'Angola e Congo, errando as divisões geographicas, alterando as posições, estropeando e confundindo as nomenclaturas, e falsificando grosseiramente a historia: o contagio de seus erros alcançou *Boedich*, e influuiu nas Cartas de *Dapper*, e d'Anville.

«eraõ tresentos e cincoenta homeõs dos quaes eraõ a mayor parte delles chatins, çapateiros, e alfayates, e hũs delles apeguarõ em seus officios, outros per suas industrias se tornarã nas mesmas embarcações, e algũa parte delles acabarã com miserias & necessi- dades per falta de meishas &c. . . Parece-me preferivel este teste- munho coevo, sendo de suppõr que na conta dos setecentos homens entrassem as chusmas das sete caravellas, os padres, os mercadores, e os servidores etc.; e por isso os homens d'armas não excedessem os trezentos e cincoenta, de que reza o manuscripto. Com esta frota chegou Paulo Dias á vista da barra do *Cuanza* no dito anno de 1575, e costeando mais para o norte entrou a barra de *Corimba* — naquelle tempo ainda accessivel para caravellas, — e com magnifico e religioso aparato desembarcou a sua gente em devota procissão na Ilha de *Loanda*, que era d'el-rei do Congo, como já disse, e tão povoada de gente bem disposta á abraçar o christianismo, que em 1604 o padre Guerreiro contava haver nella vinte mil christãos (1): lá residiam tambem áquelle tempo quarenta portuguezes idos do Congo, os quaes se ajuntaram a acompanhar as santas reliquias, que levadas por um sacerdote debaixo do palio foram precedidas de trombetas até o lugar aonde se construiu a primeira igreja; e dalli despachou o governador ao rei d'Angola D. Pedro da Silva, fidalgo preto do Congo, dando-lhe parte da sua vinda, e enviando-lhe um presente d'el-rei D. Sebastião: o presente foi bem acceito, e retri- buido; e o novo alliado, apesar das intrigas d'el-rei do Congo, que despeitoso o aconselhava a desconfiar dos portuguezes, permaneceu fiel durante tres annos (2), correndo em boa amizade com os nossos, que andavam tão seguros no seu reino como em Portugal; e na banza real estava de assento Pedro da Fonseca, parente do gover- nador, que fazia as vezes de ministro conservador dos portuguezes: durante este tempo vendo Paulo Dias, que não era lugar accommo- dado para capital da conquista uma ilha feudataria d'el-rei do Congo,

(1) Parece haver exaggeração, ou equivocação, neste calculo do padre Guer- reiro; pois a Ilha de Loanda, de oito milhas de comprimento, não chega a ter hoje 2.000 habitantes, nem é presumivel que em tempo algum tivesse 20.500, ainda mesmo que lhe adicionassemos a ilha visinha de *Cazeanje*. E como o estylo do padre Guer- reiro é ás vezes diffuso, pôde ser que por *Ilha de Loanda* elle quizesse indicar toda a christandade daquella missão, fóra da Cidade de S. Paulo.

(2) *Seis annos* diz erradamente o *Catalogo dos Governadores de Angola* atraz citado, e assim o copiou *Féo Cardoso*: de tres annos porém foi a duração desta paz, — não só porque assim o diz expressamente o mss. de *Abreu de Brito*, — como porque a chronologia dos factos assim o prova, — sendo certo que Paulo Dias chegou a Loan- da em 1575, e em 1578 teve logar a infame traição do rei d'Angola contra os portu- guezes.

Op

passou-se á terra firme, aonde fundou a Villa de S. Paulo, fazendo logo construir, conformemente ás ordens que levára, uma igreja dedicada a S. Sebastião (1). Diz o manuscrito de 1592, atraz citado, — « que Paulo Dias *depois de estar nella* (a povoação de S. « Paulo) *passou adiante dez leguas & fez outra a que chamou Santa « Cruz* » —: não acho porém em nenhuma outra parte noticia desta fundação, comquanto me pareça verosimil que ella se refira á povoação de *Calumbo* — dez leguas distante da Cidade de S. Paulo de Loanda, e outras dez da barra de *Cuanza*, — ainda que a parochia de *Calumbo* tenha hoje a invocação de S. José, e não de Santa Cruz; consta do mesmo manuscrito ter esta povoação começado no anno de 1578, e que estando o *Guovernador neste porto* (2) *soube como el Rey de Anguolla lhe armara traição, pela qual rezaõ determinou de se meter mais pela terra dentro & fez hũa fortaleza a que chamou Anzelle*. Desta traição nos dá larga noticia o *Catalogo dos Governadores do Reino d'Angola*, attribuindo a origem della a uma calumniosa delação de um máu portuguez, o qual depois de pedir ao rei d'Angola *que o fizesse marcar por seu escravo*, declarou perante elle, e os seus *macotas* (conselheiros), que Paulo Dias marchava a despojallo do reino, e minas etc.: não é impossivel que tamanha maldade fosse commettida por um desses chatins aventureiros, que renegam a patria, — e talvez comprado para tal fim por el-rei do Congo, sempre invejoso desta nossa conquista, e visinhança, contra a qual não cessava de intrigar; — mas por outra parte é certo que o manuscrito de Abreu de Brito referendo em 1592 a aleivosia d'el-rei d'Angola faz deste modo a sua narrativa — « *aqui* (em Anzelle) *soube* (Paulo Dias) *como o Rey danguolla tinha morto « todos os Portuguezes, que consiguo tinha, & os mandou a hũa « guerra, mandando a seus Capitaes, que os dividissem & apartas- « sem, porque desta maneira os matassem a todos, o que fizeraõ & « lhe tomaraõ a fazenda que era carga de dez navios que estavaõ « surtos no porto* (3), & com esta nova que chegou ao *Guovernador*

(1) Esta igreja foi construida sobre o morro de S. Miguel, e ainda no fim do seculo 18.º existiam vestigios della; e a sua pedraria foi dalli levada para algumas obras publicas: — o orago era Nossa Senhora da Guia.

(2) Esta circumstancia de ser aquella povoação de *Santa Cruz* um *porto* torna ainda mais provavel a minha conjectura; porque realmente a *Aldã de Calumbo* é um porto no *Cuanza*.

(3) Em um dos codices manuscritos da Real Bibliotheca da Ajuda que tem por titulo — « *Neste Livro se contem as primeiras relações do descobrimento da Costa de Guiné, Mina, Cacheo, Angola, Congo, Bengalla, etc.* » — a fl. 79, se topa uma relação do primeiro descobrimento de Angola por o capitão Garcia Mendez Castello-branco — um dos capitães de Paulo Dias, — a qual concorda ponto por ponto com o

a se fez prestes com toda sua gente, por ter certo que seria cometido «do dito Rey como na verdade foy em breve tempo do qual successo, e se vindo depois com outras muitas guerras foy Deos servido que «sempre fosse desbaratado.» — Já se vê portanto que um escriptor coevo nenhuma menção faz da supposta delação de um portuguez, a qual se tivesse sido a causa de tão horrenda carniceria, nem podia ser ignorada, nem calada em 1592: comprazo-me pois em adoptar esta noticia, deixando antes pesar todo o horror de uma acção tão vil sobre um barbaro e desleal africano, do que repartir o seu negrume com um portuguez, que por mais obscuro que fosse recuaria ante um tal crime, e a inacreditavel vilania de pedir como uma graça o ferrete d'escravo d'um negro sanguinario.

Tão pouco vejo confirmada no mss. a circumstancia de ter o rei d'Angola — como diz o catalogo — logo que foi desbaratado, mandado matar os principaes macotas, que lhe haviam aconselhado a traição contra Paulo Dias, e os seus; — o que aliás pouco provavel parece, visto que elle proseguiu furibundo na guerra contra os nossos — sempre sitiados em Anzelle (1) até o anno de 79, em que (diz o mss.) «o Cardeal Rey D. Henrique mandou soccorrer a conquista por dous capitaes com 150 soldados em dous navios (2), e «com este soccorro — que só chegou a Angola no anno de 1580 — «se levantou o Guovernador logo do forte de Anzelle donde estava «pelejando com os imignos até o rio Coanza, apreguando as guerras «pelo serviço de S. Mag.^{da} contra o rey de Anguolla, dizendo que

mss. de Abreu de Brito, e fallando deste attentado do rei d'Angola declara expressamente, que foi a elle movido por *uma embaçada maliciosa del Rey do Congo, na qual lhe dizia, que Paulo Dias lhe hia tomar seu Reyno, etc.*, — e nenhuma menção faz tambem este escriptor coevo, e presencial (escrevia em 1621, tendo lá estado 46 annos) da torpe e vergonhosa legenda do portuguez *renegado, delator, e márcado*, que tão inconsideradamente nos dá o *Catálogo dos Governadores do Reino d'Angola*, escripto no fim do seculo 18.^o A coincidência em tudo de dous mss. quasi coevos acredita-os a ambos, segundo os principios da mais severa hermeneutica.

(1) Este forte de Anzelle ficava a dez ou onze leguas de Loanda, nas terras do sóva *Caculo* entre os Rios Bengo — e Cuanza — a quatro leguas de cada um delles.

(2) O *Catálogo dos Governadores* dá neste anno idos de Portugal *duzentos homens com as despesas feitas á custa do pai de Paulo Dias, e no passado quatrocentos*, — o que não tem probabilidade, não só porque destes quatrocentos não falla o mss. de autor coevo, como tambem porque o mesmo Catalogo dá Paulo Dias nos fins desse anno passado (o de 78) com *sós cento e cincoenta homens* resistindo em Anzelle no poder do rei d'Angola... Aonde estavam pois os quatrocentos do soccorro?!. . . O mss. de Garcia Mendez Castello-branco tambem não falla do tal soccorro dos quatrocentos — e diz expressamente — *a que estiveram 3 annos acolhidos em Macunde* — até lhes yr soccorro, que foy de Portugal com hum *Diogo Rodriguez dos Celos*, — o mesmo que em 84 levou o segundo soccorro de trezentos homens, mandados por Philippe 1.^o, ás ordens de João Castanho Velez.

«avia de vingar a morte de seus irmãos fazendo guerra aos alevantados, & dando grandes dadas e promessas &c.»

Não foram vãs no effeito as ameaças, nem as promessas de Paulo Dias; porque em uma não interrompida carreira de victorias subjugou, e castigou os sóvas partidarios do rei tredo, e a elle mesmo venceu em muitos encontros nas províncias da *Quissama*, *Ilamba*, e *Dongo*; e não menos premiou largamente á custa dos rebeldes vencidos aquelles, que se uniam a elle, e pelejavam pela parte dos nossos: os margens do Cuanza foram então theatro de muitas gentilezas do valor portuguez: «e indo assim abrindo a terra (continua o mss.) & seguindo a victoria pella terra ser áspera & fragoza foi-lhe necessario fazer uma povoação a que chamou *Macunde*, pera que os soldados tivessem algum descanso de tantos trabalhos, na qual esteve dous annos, a qual mudou o nome e lhe chamou *N. Senhora da Victoria* (1).» Vê-se porém do seguimento desse mesmo mss., que nesses dous annos os nossos não estiveram ociosos, antes venceram muitas guerras, e avassalaram muitos sóvas visinhos, até que — «deste sitio se alevantou o Guovernador o anno de oitenta e dous com oitenta soldados (porque as guerras tinhã consumido os mais) com os quaes se foy pôr sobre as minas de prata de Cambambe, aonde esteye seis ou sete mezes:» — a estas palavras do mss. segue-se a descripção da famosa victoria que Paulo Dias alcançou em dia de *N. Senh.^a das Candêas* do anno de 83 do rey d'Angola, que lá o foi cometer com um poderoso exercito de «um milhaõ de homens:» comquanto este numero parece exagerado, — e se possa mesmo duvidar se uma tal força se poderia levantar em todos os reynos deredor, — é certo que pela mesma bocca falla o padre Guerreiro na sua — *Relação annual de 1604* — a fl. 125 v. com a unica differença de elevar as forças de Paulo Dias a — «trezentos Portugueses, & dous ou trez cavalos, com algũ socorro dos negros sogeytos, que seriam como trinta mil»; o que porém não encontro em nenhum desses dous escriptores contemporaneos é a noticia, que o Catalogo dos Governadores nos dá das *muitas cargas de narizes que o governador mandou á Villa de S. Paulo, para testemunho do seu estrago, e terror dos seus parentes. . .* e folgo de poder, apoiado no silencio de tão boas authorities ácerca do

(1) Parece que o mesmo Paulo Dias no fim dos dous annos levantou a povoação deste sitio de *Macunde*, que era nas terras pouco seguras da *Ilamba*, proxima ao Cuanza, — e a transferiu para *Massangano* na confluncia do Cuanza e do *Lucala*, aonde logo erigiu igreja parochial com a mesma invocação de *Nossa Senhora da Victoria*, que ainda hoje conserva, e nella foi sepultado em 1589.

tal comboy de narizes chatos, desmentir ainda uma dessas velhas legendas injuriosas ao nome portuguez.

O effeito immediato deste grande successo foi, como era de esperar, que muitos fidalgos poderosos prestameyros do rei d'Angola tomaram occasião para se levantarem do serviço daquelle rei, e darem vassalagem a el-rei de Portugal; porém o mss. de Abreu Brito accrescenta, que — «observando o pouco poder dos Portuguezes conquistadores, e quaõ pouco eram socorridos do Reino, dahi lhes nasceu atrevimento para successivas rebeliões de modo tal que o Guovernador houve de retirar-se ao sitio de Massangano, lugar «forte entre os rios Coanza, e Lucala, e ali ordenou as suas batalhas, e venceu sèmpre os inimigos» — até que lhe chegou no anno de 84 o soccorro, que Philippe I lhe mandou ás ordens de João Castanho Velez na frota de Diogo Rodrigues, com os quaes ia para provedor da fazenda e das minas o licenciado João Morgado de Rezende: esta expedição era de duzentos homens, de que muitos morreram logo de doença; mas com os soldados velhos que pôde juntar, e muita guerra preta (milicia indigena), que então tinha assolou Paulo Dias o reino d'Angola por duas vezes, — uma junto ao Rio Lucala, — e outra seguindo até ás minas de Cambambe; e, ainda que com varias fortunas, foi sempre estendendo a conquista, e dando respeito ao nome portuguez, e segurança aos moradores das nossas duas Villas de S. Paulo, e Massangano, os quaes faziam já por este tempo avultado negocio em toda aquella região; e querendo alargar mais este trato para a banda do sul, com cincoenta homens particulares que o socorreraõ (diz Abreu de Brito) mandou fazer um forte no reyno de Benguela (1) (no lugar que hoje se denomina — Benguela Velha —), e socedeo depois de feito e povoado se descedaraõ os soldados em hũa saída que fizeraõ, e lhe armaraõ hũa silada os negros onde foraõ mortos todos os Portuguezes.

Infatigavel em conquistar, e avassalar aquellos barbaros, e mui temido delles por suas passadas victorias, tinha Paulo Dias de Noyaes — «destinado no anno de 1589 (diz o mss. a que me refiro) «uma grande expedição ao Dongo — para ir queimar a Cidade de «Cabassa (2) aonde residia el Rey d'Angola, e avello ás mãos» —; mas a morte o colheu repentinamente no meio destes preparativos

(1) No mesmo codice atraz citado da Real Bibliotheca da Ajuda, a fl. 33, em uma curiosa relação da conquista de Benguela, escripta em 1622, da qual darei cópia em logar competente, se lê que foi encarregada esta fundação a um sobrinho de Paulo Dias... no mais combina quasi com Abreu de Brito.

(2) Corruptela da palavra *cabança* (capital), — e desta corruptela se tem originado gravissimos quiproquós em escriptores antigos, e modernos.

nesse mesmo anno de 89 (1) — « e lhe succedeu em seu lugar e governo Luiz Serraõ Capitão mór que hera entãõ do campo *pello* « *deixar assi o Governador passado em seu testamento*, com a qual « eleição o Reyno e Conquistadores foraõ todos mui satisfeitos. »

Com o mando supremo herdou Luiz Serraõ a obrigação de levar por diante o proposito do seu antecessor, e por isso proseguindo em fazer gente, municiões, e bastimentos, no anno de 1590 passou com o exercito o Rio Lucala em direcção á côrte do rei d'Angola (2). Infausta foi esta jornada, ácerca da qual passo a referir as proprias palavras (3) de D. d'Abreu de Brito em uma relação especial que della nos dá no Summario inédito de 1592, a que me vou sempre referindo. . . « Estando o Guovernador Luiz Serraõ com o « arayal asentado leguoa e mea do Rio a que chamaõ Lucala. . . « no qual lugar lhe foi dado reccado *em sexta feira derradeira oitava* « *do natal do anno de noventa*, aonde soube o Guovernador como « vinha o Rey de Matamba com socorro del Rey do Conguo, & o « mesmo Rey Danguola & dos Quindas, & dos Jaguas Reys com « marcoẽs no Reyno Danguola, pera o qual effeito assentou o Guo- « vernador em Conçelho com a mais gente de guerra, que do exer- « cito que tinhaõ mandassem quinze mil homẽs frêcheiros gente « preta, & com elles cento & vinte e oito homẽs brancos arcabu- « zeiros ante os quaes hiaõ tres de cavallo os quaes heraõ de muito « curço de guerra por serem curçados nella, levando por seu capitão « a Francisco de Sequeira pessoa que por seu esforço merecia, & « depois de o campo hir marchandõ teve o Guovernador aviso como « os Reys assima dito vinhaõ com copia de hum milhaõ de homẽs « com determinaçãõ de darem batalha ao G^{der}. . . . e sendo-lhe « dado reccado em Angulome Aquitambo chamando a conçelho « para se tornar a mandar retirar o campo pella duvida que avia « de se perder a guerra. . . . para o que foi assentado sahir o ca- « pitão mór (que era André Ferreira Pereira) com a gente & pressa

(1) O *Catalogo dos Governadores do Reino d'Angola*, publicado pela Real Academia das Sciencias, diz que Paulo Dias de Novaes morrera no fim de Outubro de 1588, — e que Luiz Serraõ fôra eleito pelo povo: tudo isto desmente, como se vê, o mss. de 1592: Paulo Dias falleceu em 1589, — e deixou nomeado em seu testamento Luiz Serraõ para lhe succeder.

(2) O mesmo Catalogo erra tambem a chronologia desta infeliz expedição dando-a em 1589, quando em varias partes do mss. coevo, e até na rubrica do cap. que trata desta derrota dos nossos, diz que foi *em dia dos Santos innocentes do anno de noventa*: . . . e tambem differe do mss. que eu copio em algumas circumstancias do successo.

(3) Cortando pelo seguimento algumas desnecessarias á clareza da narrativa, pela não tornar tão prolixa.

« que a necessidade requeria; mas não foi a diligencia parte para
 « dar remedio aos imiguos da nossa sancta fé terem a victoria por
 « si, & como a força & pezo dos imiguos hera tamanha não se ou-
 « verã por satisfeitos com a victoria que tinãõ ganhada seguindoa
 « até o arayal que se chama Lucano. . . . e tendo-se por nova
 « que os Reys traziaõ passante de hã milhaõ de homẽs assentou o
 « Guovernador com os mais capitaẽs que alarguasẽ o dito lugar, &
 « se queimassem algũas fazendas, & se retirassem com o trabalho
 « que se lhe oferecia até cheguaem ao forte Presidio de Massan-
 « gano, pelo qual respeito chegarãõ os Reys com seu exercito á
 « parte donde estava asentado o arayal. . . . , onde se detiverãõ tres
 « dias em recolherem o despojo, que se afirma ymportar hum mi-
 « lhaõ douro, porque a menos fazenda que nelle avia hera a carga
 « de vinte e quatro náos que estavaõ no porto de Loanda, por ser
 « costume no dito Reyno andarem as fazendas dos moradores em
 « mercadores, e conquistadores. . . . com a guerra pera se com ella
 « fazerem os tais resgates. . . . & esta detença dos imiguos foi parte
 « pera que o Guovernador com a gente que lhe escapara fizessem
 « retirada. . . . pera se não acabarem de perder. . . . & chegarãõ
 « a Aquibolo, que eraõ cincoenta & cinco leguas donde se deu a
 « batalha, onde achou o Guovernador a Luiz Mendez Rapozo Capitãõ
 « & Alferes mór que foi a pessoa que veo á villa de Loanda fazer
 « os setenta e oito homẽs (1) com que socorreo o Guovernador na
 « tal retirada. . . . Eis-aqui copiada quasi em seguida a narra-
 « tiva que nos deixou um companheiro dos conquistadores d'Angola
 « daquella desastrosa e memoravel catastrophe, que esteve a ponto de
 « aniquillar a conquista: agora accrescentarei em resumo, por não ser
 « prolixo, o mais que este interessante mss. nos relata dos successos
 « subseqüentes, os quaes passaram do modo seguinte.

Reunidos o governador e o alferes mór Luiz Mendes, se ac-
 lheram apressadamente ao *antigo presidio de Bamba Antungo* duas
 leguas de Massangano, aonde os inimigos os pozeram em muito
 risco e trabalho, até que abrandando a guerra poderam achar pas-

(1) Em outra parte do mss. se refere que este capitãõ Luiz Mendez fóra ante-
 riormente mandado á Villa de Loanda a fazer gente, e por ser pessoa principal fizera
 á sua custa setenta e oito homẽs — « & caminhando com a dita gente, sendo pollo Rey
 Danguila sabido que hã o alio socorro determinou de se dar a batalha antes de se
 ajuntar, e ali foi Dios servido dar a victoria aos imiguos da sua Sancta fé catholica. »

De tudo isto se colhe que Luiz Serrão, — bono soldado, mas pessimo general —
 tudo combinou mal; pôz-se em campo fóra de tempo; tomou más posições; e foi
 nellas surprehendido, e obrigado a combater com desvantagem por uma chusma de
 barbaros igual áquella que Paulo Dias, com menos poder de gente, mas com mais
 sciencia de guerra, desbaratára sete annos antes.

sagem para o forte presidio de Massangano, no qual se houveram por seguros contra todo aquelle poder; e dalli expediram o capitão Manoel Jorge d'Oliveira em um patacho pelo Cuanza, aonde achou todos os sóvas rebellados, e assim mesmo pôde com feridas e perigos chegar á villa de Loanda, donde foi um fraco soccorro a Massangano, e os inimigos então desistiram de acommetter mais os nossos naquelle presidio.

Pouco mais de um mez sobreviveu a tamanho infortunio o infeliz Luiz Serrão, cujo character irresoluto no conselho, comquanto se mostrasse valente, e ás vezes temerario, na pejeja, fôra pouco adequado para succeder no mando a um heroe tal como Paulo Dias de Novaes.

Sucedeu-lhe o capitão-mór André Ferreira Pereira, o qual limitando-se a escarmentar os pequenos sóvas rebelados com sortidas e saltos, fazendo amiudadas prêsas de homens, gados, e mantimentos, manteve ao menos intacto o deposito, que herdára do seu antecessor até o entregar ao seu successor D. Francisco d'Almeida, o qual tendo sido nomeado por carta regia de 9 de Janeiro de 1592 *capitão-mór e governador da conquista do reino de Angola e mais provincias d'elle* (1) — *com oitocentos mil réis d'ordenado*, — chegou a Angola em Julho do mesmo anno com uma boa esquadra, em que iam quatrocentos infantes, e cincoenta cavallos, — tudo gente luzida, e muitos cavalleiros, e fidalgos, — entre estes D. Jeronymo d'Almeida, irmão do governador. Á vista de tão poderoso soccorro se alevantaram os espiritos dos conquistadores; suscitou-se porém desde logo uma tal desunião entre o novo governador e os poderosos Jesuitas, que foi ella parte para fazer abortar pela intriga, e a in-subordinação, a empreza de subjugar os sóvas rebellados com um brilhante exercito portuguez de setecentos infantes e cincoenta cavallos, o qual se viu no sertão dividido em bandorias, e abandonado da gente preta frecheira por influencia dos padres. Esta desintelligencia explica-se bem lendo com attenção na *Relação annual* do padre Guerreiro do anno de 1605 a pag. 125 v. e 126 o trecho que passo a extractar. . . « Conforme ao costume daquella gente, a toda a segurãça da cõquista do Reyno de Angola, estaua em se « conseruar, o que elles vsam, que era em sogetando, hũ sobá, a « primeira cousa que fazia, pedia logo *amo*, a quem tevesse na

(1) Vid. na Torre do Tombo — o livro 23.º de Philippe 1.º — a fl. 138 v. . . e este registro authenticico comprova outro erro de data no Catalogo dos Governadores do Reino d'Angola, o qual dá a nomeação e partida de D. Francisco d'Almeida no anno de 1593. . . e tambem errou a do seu successor, como logo veremos.

« corte do Governador, por Conseruador, & como protector, para
 « em tudo lhe obedecer, & recorrer a elle, porque assi o fazem tam-
 « bem cõ o Rey de Angola, em cuja corte todos os Sobás do Reyno
 « tẽ seus amos que lhe sã como Conseruadores, & Protectores. Porém
 « ainda que estes Protectores tẽ este como dominio sobre elles, o
 « proveyto naõ he muyto. Cõforme a este costume destes Sobás que
 « hia cõquistando o Governador Paulo Dias, ainda que repartia
 « muytos por seus capitaes, & pessoas principaes, dava tambem
 « algũs aos padres, & a rezam era, porq. como os padres tinham
 « entre os negros grande fama de serẽ bõs homẽs, & emparo &
 « proteyçam de brancos & pretos, ainda o Sobá nam estaua con-
 « quistado quando já fazia conta & praticaua q. quãdo viesse a isso
 « auia de pedir aos padres por amos. E assi muitos em ficãdo so-
 « geytos diziã logo que queriã ser dos padres, os quaes nã acey-
 « tavaõ istõ mais que para os cõsolarem, e aquietarem. nem auia
 « Sobás mais leaes, & seguros, que os dos padres polo bõm trata-
 « mento que lhes faziam & amor que lhes mostrauam. Nem poderã
 « aver outro melhor modo para os conquistarem a todos, & os terem
 « seguros, que fazerem-nos Sobás dos Padres. Pois o soremno, nem
 « hũ só pôto diminuya, na jurisdicção do poder de sua Magestade:
 « Ao qual o que relevava, era telos cõquistados, & debazo de sua
 « obediencia, fose cõ titulo de Sobás dos padres, ou de qualquer ou-
 « tro, pouco hia nisso; &c. — » e logo abaixo accrescenta — « Es-
 « tando as cousas neste estado, certos homẽs naõ hem intencionados
 « & mouidos por seus particulares interesses, & paixões, assi cá na
 « corte de Espanha ha algũs ministros de sua Magestade, como lá
 « aos que entã governauã procuraã persuadir que nam comuinha
 « que os Sobás reconhecessem outro senhor, senã sua Magestade, &
 « que assi aos Capitaes, como aos padres se tirassem todos. Foy se-
 « guido cá e lá o parecer desta gente, sem se pedir informaçam,
 « nem parecer, de quem sem paixam lhe pudera dizer a verdade.
 « Tiraõ os Sobás aos capitaens, & homẽs principaes, que com tan-
 « tos trabalhos naquellas terras os tinham conquistado, tiramnos aos
 « padres, que era o alvo principal, a que apontavam, vendo-se os
 « Sobás desta maneyra, começãso a perturbar, & alevantar &c. » —

Nã ó mister grande penetração para colher desta passagem,
 que os bons padres Jesuitas aspiravam naquelle tempo ao dominio
 útil do reino de Angola — como mais tarde tiveram o do Uruguay —
 assenhoreando-se dos sóvas principaes, para em tudo lhes obedecerem,
 & recorrer a elles (padres) seus amos —; e interessando neste
 despojo, como suos politicos que eram, alguns dos capitães, e ho-

mens influentes entre os conquistadores, persuadindo-os a *conquistarem para si, e para elles*—em uma época em que Portugal se achava tão atribulado, que mal poderia olhar para tão longe: como porém a corte de Madrid avisada a tempo lhes atalhasse os planos, e D. Francisco d'Almeida levasse instruções para acudir a tutela jesuitica, taes intrigas, e revoltas moveram contra elle, que a conquista esteve a perigo de perder-se, e o governador desgostoso e aterrado largando o governo precipitadamente se embarcou para o Brazil.

Mais politico, prudente, e perseverante, seu irmão D. Jeronymo d'Almeida—obrigado quasi á força pelos capitães, camara, e povo, a substituir o irmão que desertára do encargo da governança,—com modos suaves aplacou os odios, e compoz os animos na cidade, e com mão armada, ouvido o conselho dos velhos conquistadores, entrou pelo sertão da Quissama, nonde avassalou muitos sóvas, e fundou um presidio—mui importante, se o houveramos conservado—junto das minas do sal, de que todos aquelles reinos se abastecem, e cujas pedras correm no interior como moeda: triunfante proseguia elle em sua marcha contra as minas de prata de Cambambe (verdadeiras, ou sonhadas,—mas naquelles tempos muito apetecidas (1)), quando se oppoz á sua passagem o sóva Cafuxe—o mais poderoso daquelles contornos, e rival em poder do proprio rei d'Angola, e ao mesmo tempo as febres do paiz acometteram a D. Jeronymo com tanto rigor, que foi obrigado a recolher-se logo a Loanda, deixando o commando do exercito ao capitão-mór Balthasar d'Almeida, o qual com mais valor do que prudencia precipitando-se incautamente em uma cilada dos barbaros, sacrificou entre aquellas brenhas a flôr da sua milicia, e com esta derrota se enfraqueceu novamente o terror do nome portuguez: forçoso foi abandonar o novo presidio ainda nascente; e recolhidas a Massangano as escassas reliquias de tão brilhante arrayal, quando D. Jeronymo mal convalecido lá corria a levantar o espirito dos seus soube que lhe chegava successor.

Era João Furtado de Mendonça, nomeado com as mesmas honras, e vantagens do seu antecessor por carta regia de 11 de outubro de 1593—(2)—e chegou a Loanda no 1.º d'agosto do

(1) Destas minas, então geralmente tidas em grande conta, e ainda hoje por alguns acreditadas, falla com vantagem o ms. de Abreu Brito; mas quem mais as encarece, e affiança a sua *muita prata*, é o padre Guerreiro na *Relação annual* supracitada,—e além de *muita prata diz aver tambem muytos outros metais*.

(2) Deste documento, que se pôde ver no Real Archivo da Torre do Tombo, liv. 32.º de Philippe 1.º a fl. 51, se conhece que no *Catalogo dos Governadores d'Angola*, publicado pela Real Academia das Sciencias anda tambem um anno, errada a

anno seguinte com uma nova força de quatrocentos homens d'armas, e trinta cavallos: e com elle passaram a Angola as primeiras mulheres brancas —doze convertidas da casa pia,— das quaes hoje por ventura descendem bem boas familias: este governador, pouco feliz na sua primeira mal intentada empreza pelo lado do Bengo, aonde as doenças o accometteram a elle, e ao exercito,— em quanto Massangano se achava em grande extremidade pelo apertado cerco, que lhe pôz el-rei de Angola,— pôde todavia restabelecer-se em breve, descercar Massangano, e castigar os sóvas levantados da Quisama, em cujas terras construiu em 1595 o presidio de Muxima: não pôde porém conseguir até 1602 que governou vencer o feroz Cafuxe, o qual soberbo com a passada victoria ameaçava de continuo os portuguezes, e tambem o rei de Angola, que o temia.

Contra aquelle barbaro se pôz em campo, apenas entrado a governar, João Rodrigues Coutinho, o qual nomeado por carta regia de 30 de Janeiro de 1601 (1) só chegou a Angola em 1602, levando grande reforço de gente e armas e munições, e poderes maiores do que os seus antecessores: era este fidalgo amigo e bemquisto do Jesuitas, e por isso tudo lhe augurava prosperidade, quando já entrado nas terras do Cafuxe o accommetteu uma doença do paiz que o levou em seis dias. . . « Nomeou antes da morte successor, diz o padre Guerreiro, por poderes que tinha d'El-Rei, & «deyxou a nomeação fechada nũ escritorio, cuja chauce entregou ao «padre Jorge Pereyra da nossa companhia que com elle estava, & «como logo em espirando, os nossos capitães do exercito se come- «çassem a alterar & reuolver entre si sobre a successam, a ponto de «estarem para se perderem hũs com os outros no meyo de seus imi- «gos sessenta legoas pola terra dentro, o padre com sua muyta pru- «dencia, & autoridade se ouve de maneyra, que nomeando-lhe o «successor, que foy Manoel Serveyra Pereyra, os aquietou &c. » (2).

A este grande capitão estava reservado restaurar naquella região a gloria do pendão portuguez. Deram-lhe posse do governo herdado no começo do anno de 1603, e n'esse mesmo anno desbaratou completamente em tres batalhas successivas o terrivel Cafuxe,

[data da nomeação deste, bem como do passado, Governador; e tambem a da cidade do Cafuxe,— a qual ainda maior anachronismo apresenta na Memoria de Fêo Carodoz (talvez por erro typographico).

(1) Vid. na Torre do Tombo — liv. 7.º de Philippe 2.º, a fl. 174.

(2) Relação annual das couzas que fezeram os Padres da Companhia &c. — anno M. D. CV. — fl. 126 v. Nos registros do Real Archivo da Torre do Tombo é este capitão denominado Manoel de Cerveira Pereira, e não Manoel da Silveira, como erradamente o designa o Catalogo dos Governadores do Reino d'Angola, publicado pela Academia das Sciencias.

a ponto de nunca mais poder inquietar-nos; e proseguindo a victoria contra o sóva de Cambambe o derrotou, e pôz em fuga — até que el-rei d'Angola o mandou degolar; — e junto ás famosas minas de prata construiu o vencedor em logar alto sobre o rio Cuanza o presidio de Cambambe; castigou em seguida os sóvas de Musseque, e recebida a vassalagem d'estes, e dos outros potentados comarcãos; e a do mesmo rei d'Angola, pacifico e triunfante se recolheu a Loanda, cuja povoação accrescentou muito com grande numero de casarias, entre ellas algumas igrejas, e o seu commercio engrossava a olhos vistos quando chegou em 1607 D. Manoel Pereira (1), a quem mais facil foi maltratar o seu antecessor, e remete-lo prêso a Lisboa, do que saber imita-lo: por culpa d'este novo governador se perderia o presidio de Cambambe — cercado com grande poder pelos sóvas antes submissos, e agora novamente rebellados, — se lhe não acudira tão prestes com soccorro o valente capitão Roque de S. Miguel, alferes mór, e parceiro nos triunfos de Manoel de Cerveira Pereira.

A principal occupação de D. Manoel Pereira foi expulsar do porto de Pinda (no Zaire) os corsarios hollandezes, que infestando toda aquella costa mostravam intenção de se fortificar n'aquelle porto sob a occultea protecção do refalsado rei do Congo (2). Tambem no seu tempo intentou Balthasar Rebello de Aragão penetrar com uma força no sertão dos Molúas a descobrir caminho para a costa de Moçambique, mas houve de retroceder em breve pelas difficuldades que topou, e por ter de acudir á fortaleza de Cambambe, de cujo perigo no caminho recebeu recado.

Morreu D. Manoel Pereira de repente a 12 de Abril de 1611, e a 15 do mesmo mez foi eleito para succeder-lhe o capitão mór do campo Bento Banha Cardoso por um auto em que assignaram — a camara, o bispo do Congo (D. Fr. Manoel Baptista), e os principaes capitães, e homens honrados da terra (3). Intrepido e feliz em suas empresas, mas de condição cruel e vingativa, em uma successão de muitas victorias Bento Banha Cardoso reprimiu com mão de ferro as

(1) Nomeado por carta regia de 2 d'Agosto de 1607 — registrada na Torre do Tombo — liv. 17.º de Filippe 2.º — a fl. 159 v.

(2) Póde vêr-se no Corpo Chronologico na Torre do Tombo, — part. 1.ª, maç. 115, doc. 85 — uma carta de Filippe 2.º a D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo, e vice-rei de Portugal, relativa ás cousas de Angola, em que se mencionam as intenções dos *rebeldes* (hollandezes) e os fingimentos do rei do Congo, ordenando-se a D. Manoel Pereira, que dissimule com elle; e se manda com grande empenho apromptar *uma esquadra de nêus* para ir áquellas costas, etc.

(3) Este auto original existe na Torre do Tombo — Corpo Chronologico — part. 2.ª, maç. 319, docum. 144.

rebelliões successivas do rei de Angola, do sóva Chilonga, e de muitos sóvas da Quissama, a quem por ventura movia a sublevar-se o demasiado rigor com que elle procedia — degolando uns, — enforcando outros, — castigando a todos, — e para os ter em maior sujeição oito leguas além de Massangano começou junto ao Rio Luçala um presidio, que depois Luiz Mendes de Vasconcellos transferiu para *Ambaca*, — ou *Embaca*. D'este modo manteve segura a conquista por quatro annos (1) até que o valente Manoel de Cerveira Pereira depois de triunfar na côrte de Madrid das intrigas de seus inimigos, appareceu outra vez em Angola em 1615 para triunfar novamente dos barbaros d'aquelle sertão. Ia elle nomeado *conquistador do reino de Benguella* (2) com o titulo de *governador de Loanda*, cujas funcções deveria exercer durante o tempo que alli se demorasse, e ao partir para a sua nova conquista nomear governador interino, que ficasse com a governança até que a côrte lhe enviasse successor.

Anno e meio governou com prudencia, energia, e prosperidade. Manoel Cerveira o reino d'Angola até que em Abril de 1617 partiu a conquistar Benguella, deixando entregue o governo de Loanda a Antonio Gonçalves Pitta. Navegando para o sul com quatro navios, e um patacho, visitou o môrro de *Benguella a Velha* junto do Rio Longa, aonde fôra o presidio construido, e desastrosamente perdido, em tempo de Paulo Dias de Novaes; mas desagradado do local, fazendo-se outra vez ao mar foi tomar terra na bahia então chamada de *Santo Antonio* — ou do *Sombreiro* — aonde tomou posse solemne, não sem viva opposição do sóva visinho, a quem desbaratou e repelliu para os matos, passando logo a fundar o forte e povoação (hoje cidade) de S. Filippe de Benguella: entrou depois pelo sertão, e combatendo sempre com os sóvas do Dombe, que venceu em cinco batalhas, e segundo alguns auctores chegou a descobrir as ricas minas de cobre d'aquelle reino (3). Sempre victorioso dos negros inimigos do estado, mas

(1) Acha-se que neste meio tempo fôra nomeado Governador d'Angola D. Gonçalo Coutinho por carta regia de 18 d'Abril de 1613, que se vê registrada no liv. 32.º de Filippe 2.º, a fl. 122 v., no Real Archivo da Torre do Tombo; mas é certo que esse fidalgo nunca chegou a ir a Angola, nem se encontra o seu nome no Catalogo dos Governadores.

(2) Por carta regia de 14 de Fevereiro de 1615, registrada no liv. 35.º de Filippe 2.º, a fl. 32 v. — Torre do Tombo.

(3) Assim o diz o *Catalogo dos Governadores*; mas em uma *Relaçam* (manuscripta em 1622) da *Conquista de Benguella*, que se acha no já citado codice da Real Bibliotheca da Ajuda — da qual me proponho a dar ao diante uma cópia — se conta como Manoel Cerveira foi descobrir as minas do cobre na sua segunda expedição no anno de 1620. Este documento inédito merece mais fé por coevo.

sempre victima da inveja de homens máus, sublevados contra elle seus proprios subditos, por suggestões de alguns homens da igreja, prèso e amarrado, e coberto de injurias, o mandaram em um bachel podre para Loanda, aonde pouca attenção mereceu a Luiz Mendes de Vasconcellos que em 1617 fôra de Portugal nomeado governador de Angola, e então se achava occupado em guerrear o tyranno Golla Bandy, usurpador do reino de Matamba (ou Ginga) algoz da sua propria familia, e falsario para com os portuguezes, por quem fôz duas vezes desbaratado — nos annos de 18 e 19 — em premio de suas aleivosias; e a mesma sorte houveram quantos sóvas com elle se tinham alliado, e tambem o rei de Dongo, a quem Luiz Mendes impoz pesado tributo, e nas suas terras construiu o presidio de Ambaca, que *Bento Banha* começara em logar differente (1). No entretanto chegaram, bem que tarde, á côrte de Madrid as justas queixas do conquistador de Benguella, Manoel de Cerveira, a quem no anno de 1620 parece se enviaram soccorros, e ordens para tornar á sua conquista: lá correu logo, dilatou-a até o sertão de Caconda, effectuou ou concluiu o descobrimento das minas de cobre, e no meio dos seus novos triunfos falleceu com gloria.

A Luiz Mendes de Vasconcellos succedeu no governo João Corrêa de Sousa, nomeado por carta regia de 7 d'Abril de 1621 (2): — este governador teve a satisfação de fazer baptisar na igreja matriz de Loanda, no anno de 1622, a tão celebre rainha Ginga, alli vinda com uma solemne embaixada de seu irmão Golla Bandy, tomando no baptismo o nome de D. Anna de Sousa; mas teve tambem de castigar no barbaro irmão os insultos, e contumelias que soberbo e desatinado praticou contra um sacerdote preto — D. Dionisio de Faria — destinado a administrar-lhe o baptismo, que havia pedido, mas que insolentemente regeitou, provocando novamente dos portuguezes uma guerra, na qual rôto o seu exercito, foragido elle mesmò em terra estranha, morreu tão impio como vivera de veneno propinado por sua propria irmã D. Anna de Sousa,

(1) Convém não confundir este rei de Matamba *Golla Bandy* de appellido *Ginga* com o rei do Dongo *Bandy* de appellido *Angola*, que governava ao tempo de Paulo Dias de Novaes... *Cavazzi* confundiu-os; e tambem ás vezes confunde as capitães do Dongo, e Matamba — chamando-lhes *Cabazzo*, corrupção de *ca-banza*, que em lingua do paiz significa *çôrte*. Fêo Cardozo tambem confundir o reino d'Angola com o de Matamba (e nisto apartou-se do Catalogo que copiava); quando é certo que o reino de Angola era o *Dongo*, (hoje presidio portuguez das *Pedras de Pungo an dongo*, e seu districto) e o de Matamba eram as *Terras de Ginga* — constantes da provincia de *Hary*, feudataria, e do sovado Quiloange Quiassama (hoje *Duque de Bragança*, districto portuguez por conquista feita em 1838).

(2) Registrada na Torre do Tombo no liv. 9.º de Filippe 3.º a fl. 10.

em vingança da morte de um fillo della, que o tyranno fizera decapitar. Castigou tambem João Corrêa de Sousa com severidade as tropelias do sóva Cassange; e mais iria por diante em sua carreira de prosperidade, se as insolencias recebidas da companhia de Jesus — cubicosa de empolgar uma herança de quatrocentos mil cruzados — o não excitassem a mandar prêso para Portugal o reitor e mais tres padrés dessa companhia, e partir logo depois para Lisboa, aonde foi ao desembarcar hospedado no limoeiro, e alli lho acabaram a existencia as maquinações dessa congregação tão potente como vingativa.

Segura estava já por este tempo contra todo o poder africano a nossa conquista dos reinos de Angola, e Benguella: as aleivosas da refractaria rainha Ginga, D. Anna de Sousa, foram sempre duramente castigadas, e reprimidas as rebelliões dos sóvas mais ferozes d'aquella região, aonde o nome portuguez infundia terror e respeito, — durante os governos do bispo D. Fr. Simão Mascarenhas, — de Fernão de Sousa (1), — de D. Manoel Pereira Coutinho (2), — e Francisco de Vasconcellos da Cunha (3): mas em quanto assim nos corria próspera a fortuna nas guerras do mato, uma guerra mais assustadora ameaçava pelo lado do oceano a fundação de Paulo Dias de Novaes.

Desde o começo do seculo xvii os holandezes começaram a infestar aquelles mares, e as suas forças navaes, a principio pequenas, constavam agora de grossas esquadras de náus; que — ora tomando os nossos navios, — ora ameaçando desembarques nas costas, — inquietavam o socego dos moradores, — cujos olhos estavam sempre fectos no mar; — e o animo d'aquelles quatro governadores, que em continuos rebates tinham a vigiar-se de dia e de noite de tão poderoso inimigo. Foram elles comtudo assaz felices para poderem á custa de tamanha inquietação entrar na governança, e sahir d'ella deixando a bandeira portugueza a tremular nas nossas fortalezas. Tão boa dita não teve Pedro Cezar de Menezes (4), que ao segundo anno do seu governo — no dia 24 de Agosto de 1641 — quando os portuguezes se achavam cheios de regosijo com as no-

(1) Nomeado em carta regia de 21 d'Outubro de 1623 — Torre do Tombo, liv. 18.º de Filippe 3.º a fl. 163.

(2) Nomeado por carta regia de 31 de Dezembro de 1629 — Torre do Tombo, liv. 23.º de Filippe 3.º a fl. 205.

(3) Nomeado por carta regia de 23 de Março de 1634 — Torre do Tombo, liv. 32.º de Filippe 3.º a fl. 149 v.

(4) Nomeado por carta regia de 22 de Janeiro de 1639 — Torre do Tombo, liv. 36.º de Filippe 3.º a fl. 74.

ticias da restauração da monarchia portugueza — viram de repente assomar á barra de Loanda uma temerosa armada de vinte náus hollandezas, carregadas de tropas de desembarque: de tão invencível panico foram tomados o governador, os capitães, as tropas, e os moradores, que sem accôrdo, nem a menor resistencia, largaram ao inimigo a cidade, e fortalezas, e um immenso despojo; e fugindo para o sitio do *Bem-bem*, dalli vagueando pelas margens do Bengo, a custo poderam acolher-se ao forte presidio de Massangano, aonde, em razão do cansaço e privações que haviam soffrido, graves molestias os acommetteram, em quanto a adversidade lhes creava novos embarços; porque a sempre falsaria rainha Ginga, — o sempre tredo rei do Congo, — e muitos sóvas, que mal soffriam o nosso dominio, — pactuados com os flamengos nos faziam crua guerra por toda a parte. Por este tempo chegavam noticias a Angola de estar assignada a paz de Portugal com os Estados geraes, o que deu motivo a uma tregua, mantida pelo governador portuguez — talvez com demasiada confiança e abandono, mas com a lealdade propria de um cavalheiro christão e europeu, — e quebrada pelo infame director hollandez de Loanda com uma má fé apenas digna de um negro barbaro d'aquelle inculto sertão. Pedro Cezar havia transferido o seu arrayal para as margens do Bengo, aonde se conservava tão descuidado como no seio da paz; eis que na madrugada de 26 de Maio de 1643 se vê de repente acommettido pelas forças do hercege insidioso, desbaratado o seu campo desprevenido, mortos á traição os seus melhores officiaes, ficando elle mesmo prisioneiro com Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, e 187 soldados. Os portuguezes de Massangano, faltos de poder para vingar tal attentado, trataram apenas de se conservar a bom recado governados pelo capitão-mór Antonio de Abreu de Miranda, o qual achou modo pelas suas correspondencias na cidade de fazer evadir da prisão o governador Pedro Cezar, que disfarçado entre os pretos do trabalho pôde alcançar por meio de uma typoiá e uma lancha, d'antemão preparadas, o presidio de Massangano, aonde o capitão-mór lhe entregou o governo, durante o qual apenas pôde castigar a rebellião de alguns jagas visinhos do Libollo.

Sube-se no Rio de Janciro a traição do flamengo, e o perigo dos nossos, e o governador daquella capitania Francisco de Sotomaior correu logo ao resgate com gente, armas, e munições; tomou terra na bahia de *Quicombo* em 26 de Julho de 1643, e tendo a boa fortuna de topar alli Antonio Gomes de Gouvêa, capitão mui pratico daquellas terras, — o qual com Antonio Teixeira de Men-

donça, abandonada Benguella, se recolhia com a gente e munições, que haviam podido salvar, — por conselho e industria do dito A. Gomes se foi effectuar o desembarque n'uma enseada ao norte de Cabo Ledo, aonde se desagua o pequeno rio *Suto*, e dalli com indizível trabalho por veredas occultas e difficeis se passaram a Massangano, — primeiramente as munições, — depois o governador Sottomaior com a sua tropa, — e por ullimo a artilheria, — sem que os inimigos podessem impedir este soccorro, nem tão pouco o embarque de Pedro Cezar nos mesmos navios, que voltaram ao Rio de Janeiro carregados d'escravos. Começou Francisco de Sottomaior por empregar as suas forças contra a furibunda rainha Ginga, a qual instigada pelos hollandezes, de que andavam alguns no seu campo, ajuntava grande poder para surprehender os nossos presidios, mas sahiu-lhe a ella em revez o intento, que accommettida repentinamente por Gaspar Borges de Madureira com um exercito — pequeno, mas valoroso — pôde salvar-se a custo dentre a mortandade dos seus vassallos — e d'alguns dos seus dignos alliados e conselheiros — deixando em poder dos nossos sua irmã D. Barbara, e um riquissimo despojo. Havida esta insigne victoria publicou o governador um manifesto, em que denunciava as perfidias, e quebramento de treguas dos hollandezes de Loanda, e lhes declarava guerra até ir na propria cidade por elles usurpada tomar satisfação de taes ultrages; mas quando ajuntava gente para levar a effeito tão generoso projecto uma febre o colheu d'improviso, e tão maligna, que sem valerem medicinas, falleceu em Massangano em Maio de 1646.

Consternados os portuguezes com este inopinado desastre, que novamente lhes quebrou os animos, elegendo para a governança uma junta composta dos tres capitães — Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, — Antonio Teixeira de Mendonça, — e João Juzarte de Andrade, — se contentaram de manter-se na defensiva contra os furiosos ataques, que os hollandezes de Loanda, — reforçados com tropas frescas, e ajudados pelos sóvas da Quissama, que haviam chamado ao seu partido, — atacaram o nosso presidio de Muxima, e a mesma inexpugnável fortaleza de Massangano, sem contudo obterem sobre os nossos outra vantagem, que reduzillos a grande aperto, até que no meio desta tormenta appareceu como Sant'Elmo um heroe, que deixou renome eterno nos annaes dos nossos dominios de America e de Africa, — Salvador Corrêa de Sá Benevides, grande por seus feitos, e filho do grande Martim de Sá, a quem succedera no governo e alcaidaria mór do Rio de Janeiro:

a este varão bem provado na milicia contra hollandezes incumbira o rei libertador o sr. D. João IV o governo e salvação de Angola em carta regia de 20 de Setembro de 1647 (1), ordenando-lhe em suas instruções, que a não poder reconquistar Loanda, construisse uma fortaleza, e feitoria no porto de Quicombo.

Para esta empresa partiu elle do Rio de Janeiro em 12 de Maio de 1648 com quinze navios — quatro delles comprados á sua custa — em que trazia novecentos homens basteidos do necessario para a guerra. Chegado a Quicombo em principios de Agosto chamou a conselho os seus officiaes, e lhes propoz a necessidade de socorrer es nossos opprimidos pelos hollandezes, que com feia alevisia haviam infringido a paz, e motivado a declaração da guerra. Approvada tão nobre pratica, fez-se novamente á vela, e seguindo a costa foi no dia 12 d'Agosto amanhecer á barra de Loanda, aonde, como Cezar, *chegou, viu, e venceu*; porque mandauo n'esse mesmo dia uma intimação aos inimigos para que entregassem a cidade (2), deu-lhes dois dias para responderem, e no dia 14 mandou a terra um official saber a resposta com ordem de no caso de negativa fazer logo um signal convencionado: recusaram os hollandezes; viu-se o signal; e a um tiro da capitania se cobriu o mar de barcas carregadas de homens vestidos de ferro, e brandindo ferro: mais de mil soldados brancos contavam os sitiados, alóra mais de outros tantos negros frêcheiros; mas apenas viram abalar-se das náus os novecentos portuguezes, tomados de terror nem curaram de lhes soste o impeto ao poiar em terra, autes largando-lhes a praia, e as fortalezas e artilherias que a defendiam, se foram incurralar na cidadella de S. Miguel, sobre a qual appareceu d'ahi a pouco (depois de ter ouvido missa e implorado o auxilio do Deus dos exercitos) o formidavel Salvador Corrêa, o qual sem dar folga aos atterrados hereges, nessa mesma noite levantou contra elles duas baterias com a sua propria artilheria, e sob o fogo destas deu na manhã do dia 15 um tão temeroso assalto geral á fortaleza, — ainda que com bem grande perda de gente, — que os hollandezes não querendo aguardar segundo, le-

(1) V. na Torre do Tombo — liv. 18.º d'el-rei D. João 4.º — a fl. 281 v.

(2) Esta intimação, levada pelo secretario João Antonio Corrêa, era (diz o *Catalogo dos Governadores do Reino d'Angola*) concebida nos seguintes termos — «Que El Rey (de Portugal) mandava fazer uma Feitoria em Quicombo para os Portuguezes do Serião poderem communicar os que viessem de Portugal, sem alterar a paz feita com os Estados, que inviolavelmente mandava guardar; mas sendo elles os que a infrangião maltratando os Portuguezes, e sujeitando os Sóvas do seu partido: a nestes termos lhe era licito interpretar o seu regimento com a revolução de romper a guerra; mas querendo evitar mortes, e estragos, lhes propunha quizessem entregar-se, segurando-lhe toda a decente capitulação.»

vantaram bandeira branca, e pediram capitulação, a qual lhes foi desde logo concedida com honrosas condições: sahiram então desarmados, e puderam conhecer a sua fraqueza vendo quão pequeno era o numero dos seus vencedores: tres navios os receberam e transportaram à Europa.

O primeiro cuidado do general victorioso foi render acções de graças ao Deus dos exercitos por tamanha mercê, e a camara da cidade de S. Paulo de Loanda lhe pediu para a dita cidade o novo dictado de *S. Paulo da Assumpção de Loanda*, por ser em dia da Assumpção de Nossa Senhora que ella se viu resgatada do captivo de sete annos: e ainda em tal dia se faz alli cada anno uma devota procissão em memoria deste grande acontecimento.

O segundo pensamento do heroe foi limpar de hollandezes toda aquella costa do nosso dominio, e protectorado: para isso mandou duas náus a Benguella, cuja fortaleza se restaurou logo capitulando a guarnição sem resistencia; — e outras duas aos portos do reino do Congo, donde os flamengos foram todos expulsos, e arrazadas as fortificações que haviam feito em porto de Pinda (1), e Loango; e desamparado de taes hospedes não tardou el-rei do Congo em soffrer o castigo de haver trahido em favor delles a alliança e vassalagem tantas vezes jurada á corôa de Portugal: com mão pesada entrou por seus estados, destruindo as suas *quipacas* (2), e queimando-lhe as banzas e libatas, Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, e para não chegar ao extremo da perdição teve aquelle potentado de ceder á corôa portugueza o dominio da ilha de Loanda: foragida nos matos a desbaratada rainha Ginga, só á força de supplicas e humilhações alcançou o perdão que implorava; e os sóvas da Quissama, e do Libollo com uma espantosa assolação pagaram o damno que com sua rebellião nos haviam motivado.

O nome de Salvador Corrêa de Sá troucou com terror e respeito em toda aquella região; e elle assegurando ao rei de Portugal a conquista das terras, não menos zeloso no serviço do Rei dos Ceos fundou nas terras do Dongo uma missão utilissima (3), com a qual em breve cresceu muito a grey do Evangelho: na terra mantevo boa policia; no mar castigou a audacia dos piratas; até que ao fim

(1) No porto de Pinda praticaram os hollandezes, durante a sua usurpação, a vandallica façanha de destruir o padrão que Diogo Cam plantára na bocca do Zaire.

(2) *Quipacas* são as trincheiras em que aquelles povos se fortificam, feitas de troncos de arvores bem liados.

(3) A missão de *Cahenda* dos capuchinhos italianos, que começaram reconhecendo com a igreja a apostata rainha Ginga D. Anna de Sousa, em tempo do governador L. M. de Sousa Chichorro.

de tres annos voltou ao seu governo do Rio de Janeiro, deixando eterna saudade em Loanda, cuja camara agradecida lhe offereceu em 6 d'Agosto de 1650 uma escriptura de doação de *doze braças de chão de testada, e dezoito de fundo, no lugar a que chamam a Quitanda pequena, para si, e seus successores.*

Foi rendello Rodrigo de Miranda Henriques, nomeado por carta regia de 4 de Maio de 1651 (1). A este succedeu em 1655 Luiz Martins de Sousa Chichorro. Boa foi a gestão de ambos estes governadores: e apoz elles o catalogo angolense se ennobrece com o nome de dois homens grandes — afamados heroes das guerras do Brazil — João Fernandes Vieira, o conquistador de Pernambuco, — e André Vidal de Negreiros (2), seu companheiro d'armas: o primeiro chegou a Angola em Abril de 1658: o seu governo, que durou tres annos, foi de quietação, com quanto lhe não faltasse occasiões de punir severamente a audacia de piratas no mar, o levantamento de dois sóvas no sertão, e a insolencia dos Jesuitas na cidade; e em quanto cohibia a prepotencia dessa corporação rebelde, o zelo da nossa santa fé tão vivamente o inflammava, que no seu tempo se estabeleceu uma outra missão evangelica (3). André Vidal de Negreiros succedendo-lhe em 1662 achou nesta região occasião de ajuntar novos louros áquelles com que lhe ornaram a frente as guerras do Brazil: foram esses louros colhidos pelas mãos gloriosas do famoso capitão Luiz Lopes de Sequeira, que com uma pequena hoste de quatrocentos escolhidos soldados portuguezes desbaratou no 1.º de Janeiro de 1666 o poderossimo exercito do intrepido e arrogante rei do Congo, que perdeu a vida na peleja, e a sua cabeça serviu de tropheu da victoria (4).

Quatro annos governou felizmente André Vidal o reino d'An-

(1) Vid. na Torre do Tombo — o liv. 24 d'el-rei D. João 4.º a fl. 101.

(2) Na Torre do Tombo — no liv. 26 d'el-rei D. João 4.º, a fl. 149 v., se lê uma carta regia de 8 de Julho de 1654 nomeando governador d'Angola João Fernandes Vieira; — e a fl. 202 d'esse mesmo livro se topa outra carta regia nomeando para o mesmo governo em 12 de Novembro de 1654 André Vidal de Negreiros, — e registada em seguida a esta outra carta de 2 de Novembro do mesmo anno, nomeando o dito André Vidal governador do Maranhão: isto só se pôde explicar conjecturando que naquelle anno foi feita mercê do governo d'Angola áquelles dois insignes capitães em premio dos seus serviços, para a irem gosar quando o permittisse a completa pacificação das provincias de Pernambuco e Maranhão, que os dois então governavam, — como veio a acontecer.

(3) A missão de *Baço-aquitamba* dos carmelitas descalços.

(4) Esta batalha vê-se pintada em azulejo no lado direito da capella-mór da ermida de Nossa Senhora da Nazareth, erigida por o governador André Vidal de Negreiros á entrada do porto de Loanda, proxima á *Ponta da Isabel*. O exercito do rei do Congo era de cem mil homens, e L. Lopes de Sequeira commandava 400 portuguezes, e 6:000 negros frêcheiros, com duas peças de campanha.

gola, e reparou de tal modo as fortificações da cidade, que a côrte de Madrid desistiu da empreza que contra ella projectara. A infausta nomeação do seu successor — o orgulhoso, violento, e desmoralisado Tristão da Cunha — foi causar graves desordens intestas em uma povoação antes tão quieta. Um motim — sempre indesculpavel, mas que os historiadores attribuem aos excessos do governante — o expulsou de Loanda antes de findar cinco mezes de governo; e como nesta revolta tiveram parte as tropas da guarnição, uma vez quebrada a disciplina novas sedições se preparavam, se a prudencia do senado, que ficára governando interinamente, e a diligencia do mui influente — Antonio de Sousa e Castro — se não empenhassem em desviar daquelle povo o flagello da guerra civil.

Com a chegada de Francisco de Tavora serenou-se tudo: o seu governo foi de todos bem accedido: a sua prudencia era proverbial, e tanto mais admirada por se patentear em tenros annos, — que não contava elle ainda vinte e cinco; e por isso o appellidaram o *menino prudente*. Logo no começo da sua administração — no anno de 1670 um desastroso revéz deslustrou por algum tempo a reputação de *invencíveis*, que os portuguezes haviam grangeado em todo o seculo XVII, — pela obstinação e impericia do capitão João Soares de Almeida, o qual levando um luzido exercito contra o conde do So-nho, cujas malfetorias e rebellião contra o rei do Congo ia destinado a castigar, surdo a conselhos dos praticos, e entendidos, se embrenhou tão loucamente em passos difficeis e desfiladeiros, que subitamente atacado, e não podendo avançar nem recuar foi esmagado pelo poder do inimigo, a quem largou o campo, bagagens, e artilheria. Esta fatalidade motivou no anno seguinte a rebellião do rei do Congo, com a qual felizmente pôde Francisco de Tavora recuar com vantagem a gloria das armas portuguezas; pois que mandando contra aquelle potentado o invicto capitão-mór Luiz Lopes de Sequeira, este acautelando-se das ciladas do negro, e depois de o rechazar em dois ataques ao seu proprio campo na posição que havia escolhido, no ultimo dos quaes (em 29 d'Agosto de 1671) lhe causou uma derrota irremediavel, conhecendo quanto desalento esta victoria lançara entre os barbaros, e aproveitando o enthusiasmo dos seus, deliberou fechar a campanha com um feito decisivo expulsando aquelle despota do seu covil — as famosas *Pedras de Pungo-an-dongo*, tidas até então por inexpugnaveis, — e com tal manha se houve, que aos 18 de Novembro do mesmo anno de 71 foram entradas as Pedras com grande mortandade da negraria que as defendia: o rei d'Angola (ou Dongo) D. João Hary, deses-

perado se precipitou do cume de um rochedo; seus dois irmãos ficaram prisioneiros; o seu estado foi incorporado no domínio português; e lá se construiu um dos nossos melhores presidios — vulgarmente chamado das *Pedras negras*.

Segura ficou desde então por mar e por terra a conquista dos reinos de Angola e Benguella para a corda de Portugal: apenas de quando em quando tiveram a castigar algum alevntamento dos descendentes da rainha Ginga, dos sóvas do Libollo, e outros de pouca monta, os governadores Ayres de Saldanha, e João da Silva e Sousa; e este ultimo fundou para commodidade do commercio do sertão o primeiro presidio de *Caconda* ao S. E. de Benguella, no lugar hoje chamado *Caconda Velha*, o qual foi atacado e destruido em tempo do seu successor Luiz Lobo da Silva por o jagá Caconda, que foi promptamente punido, sendo desbaratado e posto em fuga, abandonado dos seus, que se avassalaram á corda de Portugal, e o presidio foi mudado para melhor local, em que ainda hoje se conserva.

Prosperos correram tambem os governos de D. João de Lencastre, e Gonçalo d'Alcaçova Carneiro, o qual com uma completa destruição castigou a inesperada rebeldia dos dembos Ambuila, e Cabonda. Mas o peor é que o ocio da paz, e a prosperidade do commercio que então corria, tinha gerado vicios nos peitos dos moradores de Loanda, e Massangano, cuja altivez descomedida se ia communicando ás tropas da guarnição, e por vezes esteve a ponto de produzir perniciosissimos effeitos: já Francisco de Tavora tivera de soffocar em 1674 com exemplar castigo a conspiração dos pardos contra os brancos. proxima a rebentar em Massangano: em 1682 depois da traiçoeira morte do valente Luiz Lopes de Sequeira (assassinado no combate contra o Ginga por mão portugueza) manifestaram-se no exercito commoções, que custaram a apasiguar em tempo de João da Silva e Sousa: dez annos depois governando Gonçalo de Alcaçova, os moradores e a guarnição de Massangano não só se recusaram a ir á guerra contra o dembo Ambuila, como lhes fôra ordenado, mas ainda resistiram á entrada das tropas naquella Villa, quando voltavam triunfantes dessa mesma guerra, sendo mister para acabar tal sedição capitular com a câmara de Massangano, e depois dispersar pelos outros presidios os soldados daquella guarnição, e por fim punir os cabeças de motim: a mais violenta porém de todas as insurreições foi aquella em que teve parte toda a infantaria de linha da cidade de Loanda em fins do anno de 1694 ao entrar no governo Henrique Jacques de Magalhães, que levava a

primeira moeda de cobre, com a qual ordenava Sua Magestade se pagasse aos soldados duzentos réis cada mez de prôt, em lugar dos figurados setecentos réis, que até alli se lhes pagavam em paninhos de palha toscamente feitos pelos negros, de que a cada um se arbitrava o valor de cinco réis: esta apparente diminuição — que era antes um beneficio — tanto descontentou a tropa, que reunindo-se em assuada no sitio da Nazareth, e atacando as casas do ouvidor Francisco Lopes da Silva, encarregado daquelle pagamento, se conservou tres dias em sedição completa, até que o governador aterrado teve a fraqueza de lhes mandar pagar como elles queriam; e com esta culpavel condescendencia cobrando os amotinados maior ousadia intentaram — como se devia esperar — poucos dias depois novo motim para depôr o governador: desta vez porém melhores providencias se adoptaram: tocou-se a rebate; e as ordenanças armadas correndo á voz do seu governador fizeram frente á infantaria, de que os principaes cabecilhas chamados a palacio a um e um foram successivamente levados a um calabouço, donde no dia seguinte sahiram cinco a arcabuzar; os outros se dispersaram pelos presidios do sertão; e com estas medidas de rigor — dolorosas, mas em tal caso indispensaveis — tudo entrou na ordem, e a milicia se submetteu ao pagamento ordenado.

Reinou tranquillidade durante o governo de Luiz Cezar de Menezes, que fechou o seculo XVII (1), e tal continuou a haver pelo longo decurso da maior parte do seculo XVIII: os successos mais notaveis deste periodo — de pouco interesse historico — serão resumidamente consignados no Catalogo dos Governadores, que darei ao diante em logar competente. Cabe porém aqui observar, que o extraordinario movimento do commercio, que por este tempo havia nos dous portos de Angola, e Benguella, fazia tão ricos os seus moradores, que adormecendo na prosperidade governantes e governados vieram a descuidar-se de manter o nosso exclusivo mercantil estipulado nos tratados com el-rei do Congo — em cujos portos só a nação portugueza podia fazer resgates: a pouco e pouco se foram introduzindo navios estrangeiros a negociar nos portos de — Loango, — Molembo, — Cabinda, — e no porto de Pinda, na bocca do Zaire, sem que alguém se lembrasse de atalhar esta que-

(1) Luiz Cezar de Menezes governou exactamente até o anno de 1700 em que o foi render Bernardo de Tavora, nomeado por carta regia de 22 de Fevereiro de 1700, que se acha registada no Real Archivo da Torre do Tombo no liv. 54 d'el-rei D. Pedro 2.º a fl. 85 v. : e por isso o *Catalogo dos Governadores do Reino d'Angola*, publicado pela Real Academia das Sciencias traz errada a data da nomeação deste ultimo, — e tambem o nome; porque lhe chama *Bernardino* em vez de Bernardo.

bra nos nossos direitos, pelo pouco caso que se fazia de taes portos — aliás importantes. Torna-se porém ainda mais reprehensivel a imperdoavel negligencia daquelles governadores, que desatentos de guardar as portas da capitania que governavam, deixaram invadir pelo trato de nações estranhas o porto d'Ambriz, indubitavelmente sujeito ao reino de Angola — como logo mostrarei em lugar competente, — e que fórma o seu limite septentrional. Deste desapêgo, então motivado pela grossura do trato de Angola, que absorvia todas as atenções, vieram a nascer notaveis inconvenientes em tempos mais modernos, chegando até a disputar-se-nos o que é incontestavelmente nosso... Não direi mais, porque não vem ao meu proposito discussões diplomaticas...

Voltando agora á cidade de S. Paulo de Loanda, que de dia para dia crescia em edificios e em riquezas com o territorio adjacente, nenhum feito de grande monta chama a nossa attenção até o anno de 1759 em que no tempo do governador Antonio de Vasconcellos o capitão Francisco Manoel de Lira conquistou a famosa Pedra d'Encoge — maravilha da natureza nas terras do dembo Ambuila, em cujo fechado recinto se podem alojar exercitos, — e nella fundou o presidio de S. José d'Encoge, a mais septentrional das nossas fortalezas n'aquelle reino, situada na latitude de 7° 30' ao sul do equador.

Seguiu-se logo no anno de 1764 o memoravel governo de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Angola não havia sido até esse tempo mais que um paiz de guerra e de commercio, aonde no fim de successivas pejeas cada um tratava sómente de quinhoar os despojos: governadores, capitães, magistrados, homens da igreja, e do claustro, — todos traficavam de um modo escandaloso (1): este excellente governador foi o primeiro que emprehendeu civilisar aquella semi-barbara possessão; e no seu governo de oito annos e meio fez mais neste sentido do que todos os seus antecessores haviam nem sequer imaginado: é verdade que ainda então não era

(1) Já tive occasião de alludir a um codice da Real Bibliotheca da Ajuda (de cuja leitura sou devedor ao meu erudito amigo o sr. Herculano), no qual se contém memorias manuscritas sobre as nossas possessões de Guiné, Mina, Congo, Angola, etc., nesta preciosa collecção, em que ha muito que aproveitar, se lêem a fl. 29, 42, 79, e 99, de envolta com outras noticias importantissimas, queixas tão graves contra as delapidações e violencias dos governadores, ouvidores, capitães-móres, feitores de fazenda, reitores do collegio dos Jesuitas, etc., na primeira parte do seculo 17.^o, que mesmo a serem exaggeradas não deixam de horrorisar, tanto mais que algumas dellas são abonadas por nomes respeitaveis. D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho foi o primeiro a cortar tantos e tão riveterados abusos, que muito tem diminuido depois, se bem que na verdade não estejam ainda de todo extirpados; — e só o poderão ser com o tempo.

chegado o tempo de abolir o prejudicialissimo trafico da escravatura: este cancro ficou depois d'elle roendo por mais de meio seculo as entranhas de Angola, com todos os males, vicios, e crimes, que lhe andavam annexos, — a despovoação dos campos, — o desvio dos capitães, — a desmoralisação, — a rapacidade, — o egoismo, — que ainda por ventura levarão agora muitos annos a extinguir de todo: porém ao menos D. Francisco de Sousa Coutinho deu começo a um systema de agricultura; regularizou o commercio sob novos regulamentos de typo europeu; banii dos tratos a chicana, e introduziu nelles a boa fé; reformou toda a legislação fiscal e militar, cortando pela raiz cruelissimas abusões, e inauditas ladroenias, que passavam como moeda corrente com a sanctão das velhas usanças: e por taes meios conseguiu desopprimir os pequenos, reffrear a cubiça dos grandes, e duplicar as rendas reaes. Fundou o terreiro publico para prevenir as fomes do povo tão communs a Loanda: construiu em terrenos contiguos — um pequeno arsenal, — um trem, e uma bella alfandega com magestoso cáes, — e para tudo organisou optimos regulamentos: fez construir a bellissima e bem acabada fabrica de ferro de *Oeiras*, junto ás minas de ferro de Golungo, e até estabeleceu uma fundição, aonde se fundiram canhões, que ainda hoje formam parte dos parques de campanha com os seus competentes reparos: construiu em dezeseite mezes sobre uma *Penedo* no meio do mar a respeitavel fortaleza de *S. Francisco* — a mais importante para a defeza do porto, cuja entrada fecha completamente: fez a casa dos contos, — ou da junta da fazenda; — melhorou o palacio da residencia dos governadores; — reparou todos os presidios do sertão; — mudou para melhor local o presidio de *Cacanda*, e desafrontou seus moradores dos insultos dos vizinhos *jagas* (1); reformou toda a legislação fiscal de *Benguella*, e levantou desde os alicerces a sua actual fortaleza; fundou o novo presidio de *Novo Redondo*, na foz do rio *Gunza*, para escala de commercio entre *Benguella* e *Loanda*: deve-lhe a humanidade os hospitaes de misericordia de *Loanda* e *Benguella*: nem a instrucção

(1) *Jagas* ou *jacas* são uns povos quasi nómades mui valentes, oriundos do interior da *Africa*, que vivem de andar sempre em guerra, transportando de uma a outra parte os seus *arrayaes*, a que chamam *quitombos*, governados por um chefe a quem obedecem cegamente, e lhe dão por excellencia o titulo de *jaga*. Tambem se allegam como aventureiros a um potentado nas suas guerras com algum vizinho, mediante certas condições. Em muitas das nossas guerras nos foram elles auxiliares, — e noutras contrarios: se tivesse havido melhor politica para os ter seguros e contentes, muito mais longe poderia ter ido a nossa conquista. Os presentes que mais prezam são os de vinho. No Congo lhes chamam *zimbos*. Nas fronteiras de *Angola* alguns se tem fixado permanentemente, como os de *Cassange* e *Bailundo*.

publica escapou aos seus disvélos; porque além de muitas escolas primarias instituiu uma aula de geometria, e fortificação, mui frequentada no seu tempo, e da qual sahiram bem bons estudantes; mas infelizmente um tão util estabelecimento caducou depois d'elle pela morte dos professores, que não foram devidamente substituidos. Em quanto assim parecia todo entregue aos cuidados da administração interna teve a sustentar guerras porfiadas nos sertões de Ambuila, e de Caconda, e de todas sahio com o triumpho para as armas portuguezas, e castigou com mão robusta os barbaros potentados, que contra ellas se atreveram; promovendo ao mesmo passo a propagação do christianismo como meio mais suave e mais seguro de os conquistar á civilisação. Deste governo regenerador muito me fica por dizer; porque mais não cabe nos limites que me são prescriptos. Eterno viverá em Angola o nome deste bom governador, a quem o tempo e o dinheiro chegou para tudo; — que fez tudo de novo; e tudo fez bem feito: — até começou a construcção de uma fragata.... e todavia não viveu elle izento dos tiros da inveja, e da malignidade. Taes governadores — activos, intelligentes, incansaveis — são em todo o tempo uma necessidade para as nossas longes terras do Ultramar; mas nem sempre os mais uteis são os mais afortunados... Quem se encarrega de os louvar é quasi sempre a posteridade.

Sem novos melhoramentos notaveis passou para Angola o resto do seculo XVIII, a não ser que os dois ultimos governadores desse seculo — D. Manoel d'Almeida e Vasconcellos, e D. Miguel Antonio de Mello — se applicaram a aperfeçoar algumas das obras do grande Sousa Coutinho: tambem neste espaço se illustraram as armas portuguezas em duas famosas campanhas — uma ao sul, outra ao norte — das quaes darei razão no catalogo em logar competente.

Nos começos do seculo XIX o governo mais notavel, e digno de louvor foi o de Antonio de Saldanha da Gama, que começou em 1807, e finalisou em 1810: neste curto prazo restabeleceu todas as boas providencias de Sousa Coutinho — melhoradas algumas dellas, — entre as quaes fez reviver, ainda que por pouco tempo, a aula de mathematica: explorou tambem muito as minas de ferro e cobre dos sertões d'Angola, e as de enxofre de Benguella, com mui vantajosos resultados: fomentou muito a agricultura, e no seu tempo se descobriu alli a *gomma-copal*, o *cardamomo*, e outros productos de valia para o commercio: o que porém deu maior nome ao seu governo foi a empresa, que intentou de descobrir o caminho

para a costa oriental d'África a través do sertão dos Molúas, e Cazembe — de combinação com o governador dos Rios de Sena, Francisco José de Lacerda, que em pessoa se aventurou a commandar a expedição que partiu de Tete: a que partiu de Angola foi incumbida a dois pumbeiros de Francisco Honorato da Costa, director da feira de Cassange, e começando por penetrar nas terras dos *Molúas* — vedadas aos nossos até aquella época — e assentar com essa nação trato e amizade por meio de embaixadas reciprocas, — proseguiu a través de todo o interior d'África até ao reino de *Casembe*, aonde infelizmente fallecera antes o emprehendedor Francisco de Lacerda (1): retidos alli por quatro annos só em 1811 por diligencia de Constantino Pereira d'Azevedo, governador então dos Rios de Sena, se conseguiu fazellos chegar a Tete, e regressar pelo mesmo caminho a Angola em 1815, nos fins do governo de José de Oliveira Barbosa; e posto que os roteiros que apresentaram não sejam redigidos com grande clareza, e precisão geografica, provam todavia a feliz possibilidade daquella communicação tão importante, e taes noticias não serão perdidas por ventura na época actual (2).

Do governo de José de Oliveira Barbosa o que ha de mais memoravel foi a mal dirigida empreza de um canal para levar a Loanda as agoas do Cuanza; deste canal, e de outro que os holandezes intentaram no tempo da sua usurpação, fallarei adiante em logar proprio.

Luiz da Motta Fêo applicou-se muito ao aformoseamento, policia, e civilisação da cidade de S. Paulo de Loanda; circumvallou-a com a linha de guardas barreiras — que o corpo do commercio se obrigou a pagar —; fez o novo passeio publico da Ponta da Izabel, e outras obras de gosto; deu algumas providencias economicas e beneficas; e no seu tempo corria bem o commercio d'escravatura.

Seguiu-se-lhe Manoel Vieira Tovar d'Albuquerque, que deu alguns cuidados ao desenvolvimento da agricultura e commercio interno, e introduziu varias reformas na administração da fazenda publica, das quaes resultou augmento nas rendas reaes: não chegou porém a governar dous annos, que os acontecimentos politicos de 1820 e 21 occasionaram alli, como nas outras partes — mudança de governador — e alterações no systema de governança, — não sem alguns

(1) Lêa-se no 3.^a e 4.^a serie dos *Annaes maritimos* tudo quanto vem sobre a epigrafe de — *« Explorações dos portuguezes no sertão d'África meridional. »*

(2) Sou informado que brevemente apparecerá o diario feito em 1831 pelo capitão Antonio Candido Pedroso Gamito, da expedição que foi de Moçambique a Cazembe, de que elle era segundo commandante: esse diario dizem-me que lançará muita luz nesta questão geografica.

commoções perigosas, como bem se poderia esperar que acontecesse em um paiz de negros çafaros, colonisado na sua maior parte com degradados e aventureiros pouco instruidos, incapazes de entender bem a significação das palavras — *liberdade politica, — igualdade social, etc.*, — nem a conveniencia da sua rigorosa applicação em uma terra de escravos. Motins no povo, sedições na tropa, desavenças entre as authoridades, occorreram em Angola, como em outras partes, naquella época de tyrocinio constitucional; á qual se seguiu a oppressão miguelina, que levou áquellas plagas respeitaveis cidadãos, victimas daquelle atroz despotismo.

Raiou em fim em 1833 a aurora da verdadeira liberdade: offuscada porém em breve pelos vapores de uma turbulenta demagogia, tambem lá não deixou de fazer ecco o movimento anarchico de 1836, e as suas infaustas consequencias até 1839 (1). Todos estes successos porém são mui recentes, e vivem na memoria de todos; e por isso bastará ao meu proposito statistico indicallas adiante na parte chronologica do catalogo dos governadores.

Um outro acontecimento porém de mais duradoura transcendencia vai mudando — ainda que lentamente, e a custo — o aspecto commercial de Angola, e Benguella; e tende a influir tambem no seu estado social. A abolição do trafico da escravatura occasionou um grave paroxismo mercantil, como devia esperar-se em praças de commercio, cujos mercadores quasi que não sabiam dar outro emprego aos seus capitaes: aterrados com este golpe, — para o qual aliás deviam estar preparados, — uns retiraram-se da terra, levando consigo as suas grandes riquezas, — em quanto que outros quizeram ainda teimar na antiga carreira, arrostando os bloqueios e as severas penas que a legislação novissima impõe aos contrabandistas *negreiros*: o desengano porém já vai produzindo o seu salutar effeito desde que o governo portuguez tem dado provas de querer acabar de uma vez com um trafego tão infame, como nocivo aos verdadeiros interesses das nossas possessões africanas, a cuja cultura se roubavam os braços, que iam fertilisar terras estranhas. O marfim,

(1) Sendo uma dellas em 1836 a revolta do regimento de linha, que matou o seu commandante, e ameaçava Angola das mais horribeis calamidades, se esta sedição não fosse pouco e pouco suffocada pela energia do então major Joaquim Philippe de Andrade, que reduziu a tropa á obediencia, — e que com ella mesma no anno de 1838, fez uma campanha gloriosa contra o rei Ginga, e o sóva Quilloange Quiassamba, a quem derrotou completamente, e lhes tomou o seu sovado, visinho do de Hary, do qual depois de conquistado se fez um novo districto, a que se poz o nome — *Duque de Bragança*, — e com elle se alargaram as nossas fronteiras até irem confrontar com as terras dos Molhas; como tudo melhor explicarei ao diante quanto couber ao proposito de cada um dos capitulos, e na parte historica do catalogo.

a cêra, as gommas, a urzella, o enxofre, o salitre, e outros importantes productos da terra, já lá vão merecendo a attenção do commercio; já começa a cultivar-se o café, o algodão, a canna d'açúcar, etc.; — maior numero de navios frequentam hoje aquelles portos do que ha meio seculo; e as rendas da provincia, se fossem bem fiscalizadas as alfandegas, já poderiam bastar para cobrir a sua receita, e mesmo talvez produzir sobras: mas infelizmente desde o tempo da conquista têm-se visto quasi sempre as authoridades de Angola e Benguella mais attentas a accumular grossas fortunas, que a cumprir o seu dever; tem-se visto fazer-se o contrabando dentro nas alfandegas, cujos cofres ficam pobres, e os empregados vem de lá mui ricos; e este mal ha de custar a extirpar por mais que o governo para isso se esforce: porque não é coisa facil o achar homens, que em terras más e doentias se atrevam a resistir não só ao brilho do ouro, mas ainda ao rancor dos contrabandistas, e dos malversadores subalternos, que odeiam tudo quanto se oppõe aos seus lucros illicitos e infames: todavia caminha-se a largos passos para o melhoramento; e se Portugal continuar a ter um governo sizado, forte, e permanente, dentro em pouco tempo serão palpaveis as vantagens do novo systema colonial encetado apenas ha cinco annos. Cabo Verde, e Goa, já tem sobras nos seus orçamentos; e Angola já as poderia ter, e as terá por certo em breve: assim o espero.

Adiante desenvolverei melhor a substancia destas idéas como couber a cada um dos capitulos deste 3.º livro.

PARTE PRIMEIRA.

STATISTICA GERAL.

CAPITULO I.

Geografia.

Ao sul do grande reino do Congo, — descoberto pelos portuguezes em 1485, — por elles christianisado em 1491, — e restaurado de usurpação estranha ao seu legitimo dominante em 1569 pelas armas portuguezas sob o commando do capitão Francisco de Gouvêa (1) — se estende entre os dois grandes rios — o *Ambriz*

(1) No codice da Real Bibliotheca da Ajuda, de que já atraz dei noticia, de fl. 63 a fl. 67 se encontra uma excellente — *Relação que faz o Capitão Garcia Mendez Castello branco* (um dos companheiros de Paulo Dias de Novaes) *do Reyno do Congo*, — e nella se lê — « que o Rey do Congo (D. Affonso), quando os Reys de Portugal mandarão Francisco de Gouvêa que era governador de San Tomé eã gente libertal q̃ estava esbulhado do seu reyno pelos Jagas, ou Zimbas, e o restituiu o dito Francisco de Gouvea elle tomou menage de vasallagē (*) em que elle prometteu ser vasallo e tributario de V. Mag.^{de}, e se buscarem [libros na Torre do Tombo em Lisboa pode ser que se achē esta clareza por onde é vasallo de V. Mag.^{de}, e não senhor absoluto de seu reino como elle se faz, e me lembra de quando o Bispo de Congo D. Martinho de Ulhoa q̃ era tambem Bispo de San Tomé lhe deu titulo de Alteza, o dito Governador Paulo Diaz lhe estranhou, e contrariou muito &c. » E mais abaixo acrescenta — « Lembra-me q̃ quando chegamos ao Reyno de Angola, reconhecendo o Rey do Congo q̃ então era o beneficio q̃ V. Mag.^{de} lhe tinha feito em o restaurar no seu Reyno de q̃ estava esbulhado e melido nos matos, por não ter na sua terra ouro e nã prata de q̃ pagar tributo, offerecêu ao Governador Paulos Dias de Novaes hũa contidade de dr.^o de Zimbo q̃ he o que corre em seus Reynos, e por hũa Provisão sua que está nos Liuros da Feitoria d'Angola, q̃ eu vi, de q̃ Pode V. Mag.^{de} mandar buscar Traslado para saber esta clareza, offereceu pagar tributo, o qual pagou algũs annos, &c. » — Discussões diplomaticas não são da minha competencia: limito-me pois a observar, que no Archivo da Torre do Tombo — gaveta 15 — maq. 14 —

(*) Deste tratado de vassalagem falla vagamente Covazzi no seu catalogo dos reis do Congo, que tendo alguns erros de datas é comtudo fiel na exposição dos factos pelo que toca ao reinado de Ceog.

(ou *Embrige* ou *rio dos Ambres*), — e o *Cuanza* — o vasto reino de Angola (1), com o qual pega do lado do sul o reino de Benguella, limitado ao norte pela corrente do *Cuanza*, e ao meio dia pelos desertos areas de *Cabo Negro*. Estes dous reinos constituem a antiga capitania geral, — e hoje governo geral, — de Angola na costa occidental d'África, limitada a oeste pelo oceano atlantico: sendo portanto o seu littoral maritimo toda essa costa, que corre desde a foz do *Ambriz*, em sete gráus e cincoenta minutos de latitude ao sul do equador, até um pouco áquem dos dezeseis gráus da mesma latitude, onde entra no mar com apparencia de ilha o celebre promontorio *Cabo Negro*, em cuja ponta se divisa ainda o segundo padrão do grande rei D. João II, alli plantado por Diogo Cam em 1486. A este littoral, de perto de cento e setenta leguas, muito mais se poderia addicionar para o norte, seguindo-se a opinião de um sabio escriptor moderno — José Accursio das Neves, — o qual nas suas — *Considerações politicas e commerciaes* — no cap. XIII, se expressa desta maneira — «No Equador, ou no *Cabo Lopo Gonçalves*, que fica quasi um grau para o Sul, estabelecem alguns «*Geographos* o limite septentrional de Angola; e he certo que toda «aquella costa, com o nome de *Manicongo*, e ainda uma porção para «o Norte, foi dominada pelos Portuguezes (2). Não ha muitos «annos, que existiam restos das nossas antigas fortificações no *Cabo «Lopo*, e na ilha do *Corisco*; e o Senhor Rei D. João V. nunca «perdeu de vista estes dominios até *Loango*, mandando por *Alvará*

n.º 40 — se lê uma carta do rei do Congo — D. Affonso — escripta ao sr. rei D. Manoel em 4 de Março de 1516 dando-lhe conta da grave desordem occorrida entre o corregedor e o feitor *Alvaro Lopes*: e dessa carta se colhe — 1.º — que os officiaes d'el-rei de Portugal davam a el-rei do Congo o tratamento de *senhoria* (e não de abateza) — 2.º — que elle o recebia bem, e se tinha por subdito do monarcha portuguez, a quem pedia um *Livro das Ordeuações em lingua vulgar para saber aplicar a Ley*.

(1) Alguns cosmographos do seculo passado commetteram o erro geografico, que outros mais modernos tem copiado sem critica, de assignarem como limite septentrional ao reino d'Angola o pequeno *Rio Lifune*, — sem repararem — 1.º — que esse insignificante riacho, nascido a pouca distancia da costa, e que chega quasi a secar no verão, não tem um curso, que podesse abranger e limitar as terras do nosso senhorio no reino de Angola, as quaes se estendem para léste até ir entestar com as dos *Molias, Ok-holo, e Cassange* — 2.º — que o nosso presidio portuguez de S. José d'Encoge, situado em sete gráus e meio de latitude meridional, está muito ao norte do paralelo do rio *Lifune*, e proximo á margem esquerda do rio *Ambriz*, — a qual é indubitavelmente o limite do reino de Angola em toda a sua extensão, sendo por conseguinte inquestionavel para a corõa de Portugal a posse de toda a margem esquerda deste rio de *Ambriz* — ou *dos Ambres*, como *Pimentel* o denomina, — e a do porto de *Ambriz*, — até hoje tão menosprezado, e mal defendido, por incuria dos que governaram em tempos passados.

(2) *Degrandspré*, e *Guthrie*, comprehendem na *Costa d'Angola* todo o paiz situado ao sul do cabo de *Lopo Gonçalves*; e *Walckenaer* com muita razão considera o Congo uma dependencia de Angola... Vid. *Collet. de Voyages*, etc., liv. xv.

« de 23 de Dezembro de 1723 edificar uma fortaleza no rio Gabão, e prohibindo que os estrangeiros alli fizessem commercio. « No anno de 1783 ainda a Senhora Rainha D. Maria (Primeira) « mandou com o mesmo fim construir um forte em Cabinda: esta- « belecimento que as doenças começaram a destruir, e onze mezes « depois se entregou a uma esquadra Franceza. Portugal perdeu a « posse; porém a questão de Direito ficou indecisa, sem que o nosso « Governo jamais renunciasse os seus titulos. » — Conformo-me inteiramente com a opinião deste auctor no que respeita ao antiquissimo direito da nação portugueza ao commercio exclusivo nesses portos que descobriu, e conquistou, — e maiormente ao dos portos do Manicongo — Loango, Cabinda, e Pinda — sancionado por tratados indeleveis com um soberano feudatario da corôa de Portugal (1): mas essa questão de direito — infelizmente despresada nos fins do seculo passado — é do dominio da diplomacia, cujos penetraes me são vedados. Como geografo cumpre-me manter a integridade dos limites marcados — até mesmo pela natureza — aos diversos reinos d'África; e por conseguinte a divisão natural da corrente do rio Ambriz, de que a margem direita constitue sem duvida alguma a fronteira meridional do reino do Congo, e a margem esquerda do mesmo rio com a bahia que se forma do lado do sul da sua foz a fronteira septentrional do reino de Angola.

Esta região sujeita ao dominio portuguez se estende do occidente para o oriente desde a costa do mar — de que a parte mais saliente (*Cabo Negro*) está quasi vinte e um gráus a léste do meridiano de Lisboa — até o meridiano de vinte e sete gráus a léste do de Lisboa, aonde confronta — o reino de Angola com as terras dos *Mollús*, *Jaga Cassange*, e *Dala Quicua*; — e o de Benguella com as terras de *Humbe*, e outras pouco exploradas além das correntes do *Cutato*, do *Cunhinga*, e do grande rio *Cunene*, cujo curso, até hoje ignorado, mui util seria explorar-se, e conhecer-se. Tem pois os territorios de Angola e Benguella cento e setenta leguas nauticas de norte a sul, e umas cem leguas de léste a oeste, comprehendendo nesta grande extensão não só os presidios portuguezes, como tambem as terras de trezentos e setenta e tantos (2)

(1) *Adriano Balbi* no seu — *Balace politique du Globe* — comprehende na — *Africa portugueza* — o reino do Congo, e o classifica como *paiz vassallo* da monarchia portugueza na Europa... Vid. no n.º 3 da 5.ª serie dos *Annaes maritimos* o meu artigo sobre o reino do Congo.

(2) Não posso dar o algarismo exacto em unidades, porque não sei ao certo quantos sóvas feudatarios comprehende o novo districto — *Duque de Bragança* — (o mais oriental dos de Angola), conquistado em 1838 ao rei Ginga pelo tenente coronel

sóvas feudatarios, distribuidos em diversos districtos, como melhor se póde vér do mappa n.º 1, que precede o capitulo seguinte (1).

Na parte topografica darei, como costume, mais miuda noticia da geographia particular de cada um dos pontos da costa, e do sertão.

Joaquim Filipe de Andrade. Este districto fazia parte do antigo reino de *Matamba*, e o sóva que ultimamente o dominava chamava-se *Quiloange Quiassana*.

(1) Esta extensão de oeste a léste anda muito exaggerada nas memorias dos Missionarios e Jesuitas dos seculos 16.º e 17.º, que calculavam as distancias por uma mui fallaz estimativa, e não poucas vezes trocavam ou confundiam os nomes: dahi nasceram muitos dos erros em que tropeçou *Barbot*, — erros que se reproduzem em parte nas cartas de *Dapper* e *d'Anville*: a primeira carta que nos deu as posições do interior de Angola mais bem arrumadas em relação ás suas respectivas distancias foi a de *Pinheiro Furtado*, gravada em Paris em 1790: pena é que essa carta, tão boa na parte topografica, — com pequenas excepções, — não marque longitudes, e que as suas latitudes difiram muito, bem como o traçado da costa, das modernas observações de *Owen*, *Fidal*, *Mudge*, e *Botteler*, e das mais modernas ainda, e mais veridicas, de Pedro Alexandrino da Cunha, e outros officiaes da marinha portugueza, que desde 1839 tem explorado aquella costa, em quanto o major Garcia explorava os sertões de *Huita*, *Quilengues*, e *Caconda*. De todas essas observações antigas e modernas (não desprezando algumas ineditas, e aproveitando as de Gregorio José Mendes em 1785) me servi para traçar a carta geral que vae junta a este livro, e que me lisongeio será a menos imperfeita das até hoje publicadas.

N.º 1.

CALCULO APROXIMADO DA POPULAÇÃO

Dos domínios portugueses de Angola e Benguella, na costa occidental d'Africa.

	FOGOS	HABITANTES BRANCOS			HABITANTES PARDOS					HABITANTES PRETOS					Todas as côres	Vassala- gem		
		HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS		MULHERES		TOTAL	HOMENS		MULHERES		TOTAL				
					Lívrès	Escravos	Lívrès	Escravos		Lívrès	Escravos	Lívrès	Escravos					
																	Totalidade dos habitantes	
REINO D'ANGOLA	Capital — Cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda	1:476	1:466	435	1:601	221	9	254	7	491	335	1:073	445	1:660	3:513	5:605		
	PREZIDOS	Muxima	2:522	13		13	18		17		35	4:030	350	4:500	240	9:120	9:168	8
		Massangano	1:950	20	2	22	202		110		312	6:520	180	5:860	220	12:780	13:114	28
		Cambambe	2:880	10		10	34		2		36	10:450	1:220	9:050	780	21:500	21:546	30
		Pedras de Pungo an Dongo	1:550	25	8	33	595	6	493	4	1:098	3:760	420	4:620	360	9:160	10:291	35
		Ambaca	9:525	19	5	24	25		20		45	17:500	18:000	15:800	22:000	73:300	73:369	130
	S. José d'Encoge	2:159	1		1	12		15		27	8:500	450	10:300	850	20:100	20:128	8	
	DISTRICTOS	Icolo e Bengo, e barra do Bengo	1:133	12		12	58		56		114	3:200	600	3:800	800	8:400	8:526	8
		Dande, e barra do Dande	990	6	2	8	26		18		44	3:100	1:500	5:400	1:600	11:600	11:652	12
		Golungo (comprehendendo Zenza, Quilengues, e Dembos)	6:950	10	2	12	224		112		336	28:500	1:600	32:100	1:800	64:000	64:348	79
Barra de Calumbo		890	2		2						3:500	450	3:800	510	8:260	8:262		
(A)	Cidade de S. Filippe de Benguella	605	38	1	39	85		94		179	560	520	510	630	2:220	2:438		
REINO DE BENGUELLA	PREZIDOS	Novo Redondo	70	10	1	11	12		4		16	180	60	200	80	520	547	
		Caconda	2:560	8		8	1:680		1:310	2	2:992	14:500	1:600	1:200	1:800	19:100	22:100	28
		Mossamedes (fundação nova)	600	20		20	12		4		16	3:500	190	4:200	310	8:130	8:166	3
		Dombe grande da Quizamba	850	8		8	12		4		16	3:200	450	3:800	520	7:970	7:994	
		Bailundo	6:500	3		3	6				6	18:500	5:400	21:600	4:800	50:300	50:309	
		Hambo, Galengue e Sambos	1:200	1		1	1				1	3:600	950	4:200	1:100	9:850	9:852	
		Bihé, Quilengues e Sambos, Quilengues, e Huila	4:800	2		2	6				6	12:800	5:200	14:600	6:500	39:100	39:108	
		48:910	1:674	156	1:832	3:229	15	2:513	13	5:770	146:235	40:143	145:985	46:560	378:923	386:463	371	

OBSERVAÇÃO.

Em nenhum tempo foi possível obter mappas exactos da população — parte sedentaria, parte nómada — que habita estes vastos domínios: comparando porém com grande cegueira muitos mappas estatísticos remetidos durante este seculo em épocas diversas, e por diferentes governadores, — e corrigindo uns pelos outros, tanto quanto me foi possível, — pude chegar a formalisar esta tabella, que não dou por exacta; mas que supponho se aproximará mais da verdade do que certos *cadastros de méra conjectura*, que por ahí correm *imprimados* sem ao menos se terem à vista documentos comprobativos.

(A) Não incluo nas columnas deste mappa a população do novo districto *Quiloange Quiassama* — ou *Duque de Bragança* —, porque a não sei, nem pude ainda obter dados estatísticos que me habilitem a calcula-la, nem mesmo por aproximação. Sei que este districto, conquistado ao rei Ginga em 1838, é situado a léste das terras de Ambaca, confinando pelo sul com as terras do jga Cassange, e ao oriente com as dos Molúas: sei que é fértil, e passa por saudavel; mas ignoro a sua população, a qual porém supponho que excederá de vinte mil *almas*, — o que elevará a muito mais de 400:000 habitantes o total dos que na provincia de Angola e Benguella obedecem ao dominio portuguez.

CAPITULO II.

Divisão do territorio, e população.

COMPARANDO a noticia geografica do precedente capitulo com o calculo da população que constitue o mappa n.º 1, ver-se-ha que em um territorio, cuja área se aproxima a dezeseite mil leguas quadradas, mais de quatrocentos mil habitantes reconhecem o dominio da corda portugueza — ou como seus subditos naturaes e lidimos, — ou como alliados submissos, e feudatarios, obrigados ao pagamento de páreos e tributos estabelecidos para o tempo de paz, e a acudir com os seus contingentes, ou mesnadas de gente frêcheira (que no paiz se appellida *guerra preta*) em tempo de guerra. Ha porém encravadas no coração deste estado, ao sul do rio Cuanza as terras de alguns potentados independentes e feroces, como os sóvas da Quissama, e do Libolo, que muito conviria avassalar, e trazer a termo de sugeição, para facilitar o commercio interno, e transito seguro entre a capital e presidios ao norte do Cuanza, e a cidade de Benguella e seus presidios — de Caconda, e Novo Redondo, — além daquelles que poderão vir a fundar-se nas bahias do Lobito, e Quicombo, e da utilidade que resultaria da posse das minas do sal da Quissama; — do que tudo ao diante terei occasião de fallar mais largamente em logar proprio: e tambem ao norte do Dande se encontram alguns pequenos regulos, como o Marquez de Mossul (1), e outros, que tendo já sido nossos feudatarios, affectam ha tempos uma certa isenção, que o terror das nossas armas lhes faria perder bem cedo, se os governadores de Angola houvessem tido mais a peito manter intactas as vantagens da conquista de Paulo Dias, e Salvador Corrêa: em logar competente fallarei da conveniencia de ter submissa e bem guardada esta fronteira do norte, pela qual está sempre entrando tamanha porção de contrabando, que paralya e arruina o commercio de Loanda, e mingua as rendas da sua alfandega.

Voltando ao assumpto principal deste capitulo, devo confessar que nehum meio ha de avaliar senão a arbitrio a população desses senhorios *independentes*, que não entram no calculo do mappa n.º 1: supponho porém que não excederá muito de cem mil almas. Re-

(1) O Marquez de Mossul avassalou-se á corda de Portugal em 1791, depois de vencido na porfada guerra que elle provocou em tempo do barão de Mossamedez, e que foi gloriosamente concluida por seu irmão M. d'Almeida e Vasconcellos.

sulta pois approximadamente em toda esta região, em partes deserta, o termo medio de *trinta habitantes para cada legua quadrada*. Não terá que pasmar de uma população tão diminuta quem tiver noções exactas do continente d'África meridional, que não é elle por certo mais povoado em nenhuma outra das suas partes conhecidas (1).

J. C. Feó Cardoso na sua Memoria bem conhecida, publicada em Paris em 1825, diz o seguinte — « Observa-se em todos os « mappas statisticos um numero de mortos superior ao dos nascidos, o que vae de accôrdo com a decadencia progressiva daquellas « possessões, as quaes não obstante a introdução successiva de europeus, diminuem em povoação»: — isto não é assim; e sem me deter a demonstrar *à priori* a impossibilidade de um tal movimento necrológico constante ha milhares de annos em um paiz que se povouou a si mesmo, e tem povoado as Americas, etc., — direi sómente, que tendo á vista não poucos mappas da população dos presidios, e districtos de Angola e Benguella, em differentes épocas, não acho nelles, a não ser em um ou outro accidentalmente, e talvez por descuido de quem o fez, nem o numero dos nascidos inferior ao dos mortos, nem movimento retrógado no total da população: tem ella lido na verdade um incremento tão insensível, que apenas chegará a ser de um por cento no espaço de vinte annos; e não duvido que as causas de tão pequeno augmento na propagação dos indigenas, attenta a fecundidade intertropical, sejam aquellas que este auctor iudica, e mais que todas o trafico da escravatura, que fazia sahir annualmente dos portos de Angola e Benguella mais de 20:000 almas — ou perto de um vigessimo da população (2).

Na raça dos brancos, e pardos — que está para com a dos pretos na razão de *um para sessenta e sete* — pôde haver na ver-

(1) A. Balbi no seu — *Balace politique du Globe* — deu á *Africa portugueza* (Angola, Congo, Moçambique, etc., entrando d'envolta neste calculo a populossissima Madeira, e as ilhas de *Cabo Verde*, e *S. Thomé*, muito mais povoadas que o continente) 1.440:000 habitantes em 389:000 milhas quadradas; e á *Africa ingleza* (Africa austral) 270:000 habitantes em 91:000 milhas quadradas; donde resulta para esta ultima menos de 3 habitantes para cada milha quadrada, ou 26 approximadamente para cada legua quadrada; e para a *Africa portugueza em geral* — 3 e dois terços quasi para milha quadrada, ou 33 para a legua quadrada; — separando porém deste todo as grandes superficies — da Madeira, e ilhas de *Cabo Verde*, e *S. Thomé*, vem a caber ás nossas possessões do continente em globo o mesmo meio de 29 ou 30 habitantes por legua quadrada.

(2) O que por si só comprova a impossibilidade de ser o numero dos obitos superior ao dos nascimentos: talis ha já muitos annos que o paiz estaria totalmente deserto, mesmo suppondo que ametade dos escravos venham das terras do interior além da nossa raia.

dade movimento decrescente de população, se a colonisação branca não continuar com grande força; não só por ser esta raça mais sujeita a succumbir ás molestias do paiz, como porque não havendo novos cruzamentos de parda com branco, ou vicé versa, a raça dos pretos vaé absorvendo em si a dos pardos pela degeneração successiva em poucas gerações. Felizmente a extincção do trafico fará crescer em pouco tempo na devida proporção a população indigena; e por outra parte o systema de colonisação, que o governo portuguez promove quanto pôde ha cinco annos a esta parte, e o commercio da metropole, que tamanha actividade vaé tomando naquelles portos, irão melhorando as côres, e promovendo a civilisação.

A escravaria acha-se hoje alli em geral na proporção de *doze para quarenta* com os habitantes fôrros; mas o numero dos escravos deve augmentar logo que os moradores das nossas cidades e presidios se resolvam a estabelecer roças rivaes das do Brazil, — cujas vantagens adiante terei occasião de demonstrar; e quando os mesmos sóvas alliados do interior, convencidos de que já não podem vender para terra estranha os seus vassallos, e os seus prisioneiros, vierem a conhecer quanto lhes convém empregallos em extrahir da propria terra, e conduzir aos mercados, esses generos colonias, que o seu solo lhes offerce, e que tamanha procura vão tendo nos portos. A idéa de supprimir desde já a escravidão no interior da Africa será mui bella em theoria, e mui philantropica; mas é pelo menos extemporanea, e impolitica, e nada menos produziria, que o abandono total das grangearias africanas, que mais do que em tempo algum nos convém agora promover.

No mesmo mappa n.º 1 apresento a divisão do territorio, — primeiramente a grande divisão nos dois reinos — ou secções — de Angola e Benguella, — e depois a subdivisão de cada um destes em presidios e districtos: esta divisão, simultaneamente militar e civil, é a unica possivel nesse paiz de conquista, aonde não ha elementos para a formação de concelhos; nem ha em todo aquelle estado senão tres camaras municipaes — as das duas cidades de S. Paulo de Loanda, e S. Philippe de Benguella, — e a do presidio de Massangano, que desde o começo da conquista alcançou fóros de villa, e mais notavel se tornou ainda no tempo da invasão hollandeza.

A cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda tem sido desde o tempo do primeiro conquistador Paulo Dias, e continua a ser, a capital destes dois reinos, que hoje constituem a provincia ultramarina de — Angola e suas dependencias; — e é por certo bem digna

de o ser, como a mais magestosa, opulenta, e bella de quantas cidades europeas se tem fundado até hoje em continente africano: e se um dia chegar a effectuar-se o projecto já concebido — e em parte encetado — de abrir comunicação segura com a costa oriental atravez do interior da Africa, por meio de uma estrada regular, por onde ao seu porto alluam juntamente com os productos africanos as riquezas do Oriente, — Loanda virá a ser uma nova Alexandria, collocada quasi no centro das cinco partes do mundo.

Oxalá que os governantes se applicuem devéras ao seu engrandecimento começando desde já a regularisar as suas finanças, para o que muito contribuiria em parte (como provarei quando tratar desse objecto) o levantar cadastros da população mais exactos — ou pelo menos mais aproximados da exactidão — que os que actualmente existem, e de que sou obrigado a servir-me, cujos defeitos além dos erros statisticos, a que podem induzir, causam certamente um notavel desfalque nos rendimentos dos chamados *dizimos* da propriedade territorial dos districtos, que alli se cobram a um tanto por cada fogo.

Pela minha parte, depois de sollicitar da secretaria do ultramar, — e esta exigir *baldadamente* durante mais de um anno das authorities d'Angola — esclarecimentos statisticos de toda a especie, fiz quanto em mim cabia dando-me ao trabalho de combinar entre si os antigos mappas, e as memorias existentes, e extrahir dessa combinação o calculo que apresento neste mappa n.º 1.

CAPITULO III.

Clima, solo, e producções.

O clima de Angola é em geral quente e humido, como o de todo o continente d'África: varia porém muito em temperatura, como em salubridade, segundo as diversas localidades e exposições: medianamente insalubre em todas as terras ao longo da costa maritima; maligno — para os europeus sobretudo — nas margens paludosas e abafadiças do *Bengo*, do *Cuanza*, do *Longa*, do *Cubo*, e do *Catumbella*; chega a ser saudavel, fresco, e mais séco nas terras altas do interior, como Pungo an dongo, Ambaca, Caconda, Bihé, etc., segundo o testemunho quasi unanime de quantos desta região tem escripto, como competentemente farei vêr na parte topografica.

O sol ao passar no mez d'Outubro por aquelles parallelos em direcção ao tropico de capricornio, occasiona intensos calôres com algumas chuvas ligeiras, que apenas duram de dez a doze dias: a temperatura média é então — conforme a exposição das terras — de 50° a 55° gráus do thermometro *Centigrado*, — ou 122° a 131° de *Farenheit* — e vae declinando em intensidade até os 40° do *Centigrado* — 104° de *Farenheit*, — que é a temperatura média dos mezes de Dezembro e Janeiro: em Fevereiro se renovam os grandes calores com a volta do sol para o norte; e durante todos estes mezes desde Novembro a athmosfera se mostra quasi sempre pesada, os dias são tristes de ordinario, o tempo calmoso com hafagens quentes de léste; e começam os padecimentos dos europeus: nos mezes de Março e Abril sobrem as grandes chuvas (quando as ha), e passadas ellas se desenvolvem então com grande força os typhos, as dysenterias, as febres gástricas, as pleurizes, e mais doenças inflammatorias, que em toda a Africa — mais ou menos — accommettem os brancos com a denominação vulgar de *carneirada*: desde Junho até Setembro corre o tempo chamado *do cacimbo* — o mais benigno para as compleiçôes europêas: nessa quadra o céu se mostra limpo; sopram das dez horas da manhã até o pôr de sol as virações benignas de oeste; e o calor raras vezes excede a 30° do *Centigrado* — ou 88° de *Farenheit*: é esta tambem a estação das colheitas quando tem havido chuvas regulares: alguns annos acontece não havellas, o que é sempre uma calamidade: mesmo havendo-as, não são ellas nunca tão copiosas como nos paizes equatoriais, e mesmo na alta Guiné: são tambem nesta região raras as trovoadas, e grandes furacões, sendo os ventos ordinariamente fracos, qualquer que seja a sua direcção.

Fêo Cardoso na sua Memoria já citada assevera o seguinte — « O clima não pode chamar-se doentio para os naturaes; contudo « os Europêos precisam uzar de grandes cautellas, para evitar, ou « tornar menos perigosas as molestias de quadra, que apesar disso « quasi sempre os attacão: as desordens, e irregularidades de toda « a especie, a que se entregam alli os habitantes, e que a natureza « do clima parece promover, são a causa principal da mortalidade, « que se observa neste paiz. » — A mesma opinião emite um escriptor mais moderno — o coronel Fortunato de Mello — em uma Memoria, — concisa, mas interessante, — que anda estampada no *Periodico dos Pobres de Lisboa* n.º 193, de 17 d'Agosto de 1838, da qual citarei muitos trechos quando me vier a ponto; e tambem em logar conveniente farei vêr a maneira porque elle descreve e

«dade a este ramo de commercio: he indizivel o numero de pipas
«de agoardente, que se gastão annualmente em todas as possessões
«de Angola, e Benguella, e que exporta para os paizes gentios do
«continente. Os pretos podem mais depressa passar sem comer, do
«que sem agoardente. Hum tal Antonio José de Sousa conseguiu
«em 1826 (se bem me lembro) fazer trabalhar huma engenhoça
«junto ao Rio Bengo, e apezar de ser em ponto pequeno fez bons
«interesses. O assucar tem igualmente muita extracção. A eviden-
«cia da utilidade está de tal modo reconhecida, que não me pre-
«ciso estender mais sobre este objecto.

«3.^o *O Anil* — nasce e cresce por toda a parte. Em Loanda
«mesmo junto ao Convento de N. S. do Carmo, havia matto delle,
«que custava a romper. A extracção da sua parte colorante he
«uma operação muito simples. Ainda, na Maianga, a hum quarto
«de legua da Cidade existem dois tanques, de que para esse fim
«se servião os Jesuitas; porem depois dellés ninguem mais se appli-
«cou a tirar vantagem de semelhante ramo de commercio. O uso que
«o anil tem em todas as fabricas não he ignorado: quantas nações
«se darião por muito felizes se o possuissem com a facilidade, e
«pouco custo, com que nós o podemos obter em nossa propria caza!!

«4.^o *Arroz*. — Este artigo pode ser hum dos mais conside-
«raveis, exportando-se para este Reino, aonde aquelle que vem da
«da India, e que he inferior em qualidade ao que produz Ambaca,
«e Pungo-andongo, e que podem produzir todos os presidios, e dis-
«trictos, dá grandes vantagens (1), apezar de uma longa viagem por
«mares tempestuosos, e das avarias que em consequencia soffre.
«Mesmo na Cidade de Loanda a sua venda dará muito interesse, e
«em todos os logares do interior para onde dalli se manda ir; che-
«gando a desgraça a tal ponto, que podendo cultivar-se por toda
«a parte acontece muitas vezes custar na Cidade 300,000 reis
«huma sacca de seis arrobas do que vai do Brazil.

«5.^o *Café*. — Em S. José d'Encoge, e nas jurisdicções d'Am-
«baca, e Massangano ha matas de excellente café, cujo grão é pe-
«queno, achumbado, pesado, e muito oleoso: muitas pessoas o pre-
«ferem ao do Brazil, e de S. Thomé (2); porem os pretos não o

(1) Estas vantagens tem diminuido muito depois que os lavradores do continente do reino de Portugal se tem dado a cultivar um pessimo arroz, transformando pouco e pouco o nosso bello clima em brejos mephiticos como as terras d'África: e já em muitas partes a saude publica se resente desta cultura infeccionadora: e o commercio colonial tambem padece.

(2) É certamente preferivel (e muito) ao do Brazil; mas não ao de S. Thomé, quasi igual ao de Moka.

«colhem na estação propria, e por isso pelo menos huma quarta
«parte dos grãos do que se vende em Loanda são pôdres. Ninguém
«se tem applicado a tirar desta dadiua da natureza o proveito, que
«se pode tirar, e que com o pequeno trabalho de limpar das plan-
«tas parasitas os arvoredos delle, deve necessariamente ser um dos
«importantes ramos de exportação para este reino, e para outros
«paizes da Europa.

«6.^a *Os Coqueiros* — na India fazem toda a sua riqueza;
«delles se extrahê vinho, vinagre, e azeite: os cabos, chamados de
«cairo, são feitos dos fios da casca exterior dos côcos: da casca
«interior se faz excellente carvão, uzado pelos ourives; emfim tudo
«nestas arvores dá huma reconhecida utilidade: aquellas possessões
«da Africa abundam dellas; porque motivo não se emprehenderá
«tirar o mesmo proveito, que na Azia?

«7.^a *Cajueiros*. — Em toda a Azia se faz muito vinho de
«cajú. Angola e Benguella produzem milhares daquellas arvores (1),
«cujos fructos são superiores em qualidade a quasi todos os que comi
«na America; e em Gôa: porque motivo não se fará alli do mesmo
«modo o vinho, cujo producto será tanto mais interessante, quanto
«as despezas são de pequena monta?

«8.^a *Palmeiras de Dendém*. — Do fructo dellas se tira huma
«specie de manteiga vegetal, a que chamão azeite de palma, que
«tem muito consummo no paiz, e se exporta em grande quantidade
«para o Brazil. Aquella extrahê-se pizando o fructo, fazendo-o fer-
«ver, e separando para outra vazilha o oleo, que vai subindo á su-
«perficie da agoa.

«9.^a *Ginguba, ou Amendoim*. — Della se extrahê igualmente
«muito bom azeite. A operação he feita da mesma maneira, e
«precisa ser aperfeçoada. Exporta-se tambem muito, e he o que
«serve para luzes em todos aquelles dominios.

«10.^a *Trigo*. — Dá-se muito bem em Ambaca, Pungo-an-
«dongo, e Caconda; todos os mais presidios, e districtos o poderão
«produzir; mas tem sido tal a força da inercia, e o desmazelo por
«hum lado, e pelo outro a attenção empregada só no commercio
«da escravatura, que chegando por vezes a vender-se em Loanda
«por 40\$ reis e 50\$ reis uma barrica de seis arrobas de farinha
«de trigo vinda do Brazil, nem isso excitava os habitantes a culti-
«vallo para o mandar alli vender, visto que havia naquella cidade

(1) E distillam ellas (os cajueiros) uma resina assaz similhante á *gomma arábica*: o A. da Memoria parece ignorar-lhe este prestimo, por isso o mencionei.

«hum moinho, em que poderia moer-se. He escusado fazer obser-
«vações sobre o interesse que este objecto pôde produzir.

«11.^a *A Gomma Copal* — he muito usada para vernizes. O
«seu preço he de 400 até 800 réis a arroba, comprada aos ne-
«gros. Todas as matas principalmente as de Pungo-andongo, pro-
«duzem muita: e não dá senão o trabalho de a colher das arvores.
«Os Americanos dos Estados Unidos tem levado muita de Loanda,
«pagando cada arroba a 2\$000 reis, e mais; o que produzia aos
«habitantes hum lucro de 150 a 200 por cento pelo menos (1).

«12.^a *Tamarinheiros*. — Todo o paiz abunda delles; he pos-
«sivel augmentar consideravelmente a plantação destas arvores. A
«conserva do seu fructo em assucar pôde ficar a menos de 40 reis
«a libra. Ninguem ignora o uzo que della se faz em toda a Eu-
«ropa, não só como remedio propriamente tal, mas como refrige-
«rante em limonadas no Estio.

«13.^a *O Ricino* (vulgo carrapateiro) — produz admiravel-
«mente em todo aquelle paiz, e em grande abundancia; delle se
«extrahe o oleo reconhecido como hum dos mais efficazes remedios
«nas colicas, e que tanto se aprecia em todas as partes do mundo
«conhecido. Este objecto, apezar de o não parecer á primeira vista,
«deve ser hum dos que produzam maiores e mais promptas van-
«tagens (2).

«14.^a *A Nicociana* (3) — cultiva-se em quasi todo o paiz,
«dá-se muito bem, e he de excellente qualidade; porem cada hum
«só a cultiva para seu gasto. Em 1833 havia no Golungo huma
«fabrica de Xarutos excellentes, que muito interesse deu ao dono
«della. A folha era toda da planta cultivada alli.»

A estes 14 artigos de producção, proprios para alimentar o
«commerce, poderia o auctor da Memoria acrescentar um outro
«não menos interessante, se lá houvera residido em época mais mo-
«derna: suppirei esta lacuna.

15.^o A chamada *urzella de Angola* — descoberta ha cousa
«de dez annos (4), nos quaes tem adquirido successivamente tal im-

(1) Esta gomma (que no paiz se chama *mucocato*) tem baixado algum tanto
«deste preço que o A. indica; mas continua a ser um importante ramo de commercio;
«e a sua exportação annual chega já a muito mais de seis mil quintaes, como se verá
«no capitulo seguinte.

(2) Lêa-se no livro 1.^o — part. 1.^a — cap. III — pag. 13 — o que deixo escripto
«da *purgueira* de Cabo Verde, mui semelhante ao *carrapateiro* de Angola.

(3) É a planta do *tabaco*. . . Veja-se no capitulo seguinte o que a tal respeito se
«acha providenciado.

(4) Foi descoberta em 1835, e só em 1838 vieram a Lisboa as primeiras sacas
«— pelas reiteradas diligencias do negociante desta praça Francisco Rodrigues Bataha.

portancia mercantil, que a sua exportação no ultimo anno excedeu muito a oitô mil quintaes. Bem que lhe compita o nome de *urzella*, porque della tambem se extrahê a côr chamada *urchilla*, é esta de Angola mui differente em fôrma, côr, e origem, do *lichen rocella*, de que se vestem as pardacentas, e alcantiladas penedias das ilhas de Cabo Verde, e das Canarias (1): aquella cria-se nas cavidades dos rochedos, e a *urzella* de Angola é um musgo que se apega a certás arvores, e arbustos do sertão, — planta parasita, que deseca e destrôe os troncos de que se apossa; — a sua vegetação é mais robusta, e de maior viço que o *lichen* nascido nas pedras; mas a parte colorante muito menor, mais fraca, e a côr *urchilla* menos brilhante que a da *rocella*: serve porém igualmente para as tinturarias, e a sua abundancia e barateza (ainda mesmo attendendo á sua inferioridade), bem como a illimitada liberdade do seu tráfego, — que durou até 1844, — estabeleceram contra aquella uma perigosa rivalidade, donde nasceu, como era de esperar, um miseravel barateio, que se fosse em progresso prejudicaria igualmente as duas provincias (2).

Além destas produções exportaveis para os mercados estrangeiros poderiam as terras de Angola, — e ainda mais as de Benguella — abastecer seus habitantes daquellas que são necessarias á subsistencia do povo, se elles se dessem á sua tão facil cultura.

Nos districtos aonde se tem conseguido persuadir os indigenas a serem lavradores produz admiravelmente a *mandioca* — superior á do Brazil; — o *milho* — duas vezes no anno; — o *feijão* de muitas castas, e entre ellas uma chamada *maidona*, com que, além de se alimentarem os homens, se cevam os porcos, cuja carne adquire com tal alimento um sabor delicado: nos *arimos* (hortas dos moradores) se podem ter — a *abobora*, — o *agrião*, — o *aipo hortense*, — a *alface*, — a *alfazema*, — o *alho*, — a *artemisia*, — a *avena*, — a *azedo*, — a *batata*, — a *beldroega*, — a *beringela*, — a *betterrabo*, — os *bredos*, — o *cará*, — a *cenoura*, — os *coentros*, — as *covues*, — o *cebolinho*, — a *herva doce*, — o *espinafre*, — o *haipim*, — a *hortelã*, — o *inhame*, — o *lirio*, — a *malagueta*, — a *mangerona*, — a *mostarda*, — os *nabos*, — os *pepinos*, — os *rabãos*, — o *repollo*, — a *roza*, — a *salsa*, — os *tomates*, — a *tulipa*. . . e em geral

(1) Lêa-se no livro 1.º desta obra — part. 1.ª — cap. III — pag. 10 — a noticia da *urzella* de Cabo Verde.

(2) Lêa-se o que a tal respeito escrevi no 1.º livro desta obra — part. 1.ª — cap. III — pag. 11 — e a nota correspondente; e tambem no cap. IX — pag. 67 — e a nota competente.

quasi todas as hortaliças, plantas hortenses, e flôres da Europa, e da America, além de muitas plantas leguminosas peculiares do solo africano, e que brotam quasi espontaneas.

Nos bosques colhe-se o *aloes*, — o *sumagre*, — a *suma-uma*, — e tambem — o *benjoim*, — o *cardamomo*, — o *gengibre*, — o *incenso* (ou *almecega*), — e outras drogas, e uma grande quantidade de raizes e plantas medicinaes, das quaes dou em additamento no fim deste capitulo uma interessante relação, formulada em 1841 pelo fisico-mór daquella provincia, e remetida á secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar pelo governador Manoel Eleutherio Malheiro.

Os fructos do paiz são — o *ananas*, — a *anona*, — a *arossa*, — a *banana*, — o *cajú*, — o *cóco*, — a *cola*, — o *gego*, — o *gon-gano*, — a *guiaba*, — o *imbondo* (medicinal) (1), — o *mamão*, — a *melancia*, — o *melão*, — o *mendobi*, — o *mucimbo*, — a *papaya*, — a *pinha* (ou *ata*), — a *pitanga*, — o *tamarindo*, — o *zondo*, — e porventura outros de nomes ainda desconhecidos, — alóra os fructos de origem europêa, que alli se cultivam em varios districtos com grande vantagem, como são — a *cidra*, — os *figos*, — a *laranja*, — a *lima*, — o *limão*, — a *maça*, — o *pecego*, — a *romã*, — a *uva*, — etc.

Há muitas hervas, que brotam espigas de grãos nutrientes, como o *massango*, — o *milhinho*, — a *massambala*, — o *luco*, — o *ovando*, — a *cangula*, — e outros.

Possuem tambem as densas matas destes dois reinos madeiras preciosas tanto para construcção, como para marcineria, e outros misteres: taes são, seguindo a nomenclatura do paiz, as seguintes: — o *caceco*, — o *carcanjo*, — a *macamba*, — a *malanga*, — a *mubula*, — o *mutala-cambi*, — o *muci-aputo*, — o *páu d'oleo*, — e a *silveira*. — todas proprias para construcção de casas, e navios; — com o duradouro *espinheiro*, impenetravel á roedura dos thermes, e tão proprio para a construcção naval como para moveis: exclusivamente para marcineria, — o *jacarandá*, — a *missengua*, — o *páco* (lindissima madeira amarella, e compacta), — a *quitanga*, — a preciosa *tacula*, tão estimada na Europa pelos seus bellos veios de um brilhante carmesim, e usada pelos indigenas em tingir os seus pannos, — o *páu ferro*, de que o nome indica a rizeja, e delle constroem os negros as suas *quipacas* (trincheiras), por ser mui proprio para obras de fortificação, e outras do mesmo genero, — o *domno* (especie de canelleira brava), — a *mafuma*, arvore

(1) É o mesmo fructo da *calabaceira* das ilhas de Cabo Verde, e Guiné, de que dei noticia no liv. 1.º desta obra, a pag. 17 da 1.ª parte.

frondosa que produz a *suma-uma*, e que possui uma madeira branda e leve, da qual se fazem canoas, ou almadias, — o *quicongo*, de cuja cortiça triturada se fazem cordas, e a sua ciuza se aproveita para a confecção do sabão molle, — a *aliconda* cujo entrecasco produz uma especie de cairo, — o *imbondeiro*, que as abelhas preferem para colmeiar (1), — o *montonge*, de que se extrahе a *gomma copal*, — *palmeiras*, de muitas especies, — a *figueira sagrada da India* (2)... e quantas outras ainda não classificadas!.. As margens dos rios e lagoas se vêem forradas de impenetraveis muralhas de *mangues e bambús*: o mangue, de duas especies (branco e vermelho) serve para lenha, e para obras de torno; e quanto ás cannas de bambú, semelhantes ás da India, e da America, bem conhecido é o seu muito prestimo para varas, esteios, etc., e muito dellas se servem os indigenas para a construcção das suas *cutatas*, — ou palhoças, — não deixando de ser tambem mui utilmente empregadas nas habitações dos brancos. Ha ahi tambem em grande abundancia o arbusto chamado *matiba*, de cujas fibras se fazem cordas, e esteiras e cestos das suas folhas.

Nas hortas e arimos se cultivam quasi todas as arvores fructiferas do nosso Portugal — maiormente nos districtos do interior — Pungo an Dongo, — Ambaca, — Duque de Bragança, — Caconda, — e Bihé, — e ainda mesmo nas margens do Bengo, — Cuanza, — e Catumbella, e na cidade de Benguella, e seus arredores.

A *cidreira*, — a *figueira*, — a *larangeira*, — a *limeira*, — o *limoeiro*, — a *romeira*, — produzem fructos mais saborosos que na Europa: nas cercanias de Benguella ha muito boas *uvas*, além dos fructos do paiz, de que já atraz dei noticia: muitas arvores, e arbustos aziaticos, poderiam ainda aclimar-se nesses sólos tão pingues do sertão, se houvera quem o intentasse: bem succedidas experiencias se tem já feito da *pimenta*, do *cravo*, e da *noz moscada*. Em geral, com quanto as terras maritimas, ao norte de Cabo Ledo, sejam pela maior parte áridas, e improductivas, as do interior são ferteis em extremo, e premeiam bem o cultivador das suas fadigas:

(1) O imbondeiro (*adansonía*) é arvore mui grossa e frondosa, que em pouco tempo abre o seu tronco em fendas na parte superior, formando dentro grandes tocas, em que se depositam as agoas das chuvas, das quaes se servem como de agoas de cisterna os negros da *Quissama*, e de outros paizes desprovidos de fontes e ribeiras. Nessas mesmas tocas se aninham as abelhas, e ahi fazem a *cêra*. . . E' o *baobab* d' Africa.

(2) A *figueira sagrada* (a que chamam em Goa *arvore da galha*) depois de crescer despede ramos até o chão, que nelle prendem, e brotam novos troncos, e no decurso de annos cada uma destas arvores fórma em torno a si uma arcada de verdura. Tanto na Asia, como na Africa é ella um objecto de culto.

assim houvesse muito quem as cultivasse. De pastos naturaes abundam as margens do Dande, e Bengo; bem como as do Catumbella, e todas as terras maritimas ao sul de Benguella, de que os habitantes são quasi todos pastores.

O reino animal é não menos interessante a todas as considerações. Um dos mais pequenos insectos — os dois maiores quadrupedes — e um amphibio feroz daquella região — fornecem aos mercados da Europa e da America tres artigos preciosos. Fallo da — *abelha*, — do *elefante*, — da *abada*, — e do *cavallo marinho*.

Das pequenas *abelhas* de Angola o Benguella (iguaes em tudo ás da Guiné de Cabo Verde, de que já fallei no 1.º livro) é tal a fecundidade inextinguivel, e a assiduidade das suas colméas — que enxameam nas mattas e florestas povoadas de *imbondeiros*, — é tal a abundancia de substancias vegetaes, que a terra lhes proporciona, — que apesar de todos os annos, — todos os dias, — serem destruidas a milhares pelo barbaro methodo de recolher a cêra — queimando o enxame — perdendo o mel, — e deturpando a propria cêra, assim mesmo a exportação desta preciosa mercancia sobe já a muito perto de tres mil quintaes por anno.

Os *elefantes* são mui communs por aquellas brenhas; e por isso desde a abolição do monopolio do marfim, tem o commercio deste artigo tomado naquelles portos um incremento tão rapido, que já excede de duzentos mil arrateis a sua exportação annual, entrando neste numero o marfim dos dentes de *cavallos marinhos*, preferivel ao outro pela sua alvura e duração.

As *abadas* — especie de *rhinocerontes* — são mais difficeis de caçar por sua braveza; e não obstante essa difficuldade cada anno dalli se exportam para mais de um cento das suas pontas, vulgarmente chamadas de *unicornio*, tão estimadas para bengalas, e outras obras de torno, além das virtudes medicinaes que se lhe attribuem contra a peçonha, etc.

De gado cornigero ha uma grande abundancia por toda a parte, — e maiormente nas terras de Benguella, cujos pastos são mais pingues.

Os *bois* domesticos ordinarios são tão grandes como os de Portugal, e a carne não é menos saborosa. Ha tambem no sertão muitos *bois de corcova*: e uns bois pequenos mochos tambem da raça *bisonte*, a que chamam *bois cavallos*, porque servem effectivamente de cavalgaduras para homens e cargas, e são muito mansos, e faceis de guiar. Nos matos ha grandes manadas de *bufalos* feroçissimos, a que lá chamam *empacassas*, e *bois bravos*, chamados

céfos, cada um dos quaes depois de morto peza tanto como dois bois ordinarios. De todos estes animaes se extrahe uma boa porção de courama, — e muito mais se poderá exportar no futuro; e em ambos os portos se fazem muitas salgadas de carnes para matalotagem dos navios.

Os *carneiros* são os chamados de *cinco quartos*, que se encontram — mais, ou menos — em toda a Africa: no interior de Benguella é que se criam muitos: a sua carne é deliciosa, e mui saudavel: não tem lâ: a sua pelle é sedeúda; e os machos ostentam no pescoço uma especie de coma; ou juba, que lhes dá um certo garbo, que as ovelhas não tem: os cornos são mui pequenos e revoltos: a cauda é carúda e mui volumosa; ella constitue o *quinto quarto*, — mais delicado em sabor do que os outros.

As *cabras* são pequenas, e dão pouco leite: este gado não propaga alli tanto como nas ilhas ao norte do Equador.

De *caballos*, *burros*, e bestas muares, pderia haver mui grande criação em Angola, se a utilissima coudelaria do Dande, e a manada do Bengo não tivesse sido tão miseravelmente despresada nestes ultimos tempos (1): em 1819 contava ella apenas 54 cabeças; e desde então tem continuado em decadencia, a ponto de não restarem mais que 31 cabeças em 1844. O vice-almirante Noronha governando aquelle paiz em 1839 tentou mandar a Montevideu dous navios, que generosamente offerencia D. Anna Joaquina dos Santos, para de lá transportarem cavallos, e eguas; mas o máu fado habitual nas nossas possessões transtornou tambem este projecto. Na cidade o esquadrão de cavallaria conta uns quarenta e tantos cavallos, e alguns particulares os possuem tambem para seu uso, mas em pequena quantidade: nos presidios e districtos são extremamente raros, — e é lá que por ventura seriam mais necessarios, se por outra parte a escabrosidade dos caminhos os não tornasse por ora de pouco prestimo.

Com vistas de supprir a falta de meios de transporte no sertão, a não ser á cabeça de homens, se mandaram em 1839 comprar nas ilhas Canarias, e conduzir a Loanda seis *camellos* de carga, — sendo dois machos, e quatro fêmeas: em 1843 haviam morrido os dois machos, conservando-se as fêmeas, das quaes tres tendo ido grávidas de Teneriffe pariram, — e das tres crias havia morrido

(1) Esta coudelaria foi fundada no Dande pelo governador Antonio de Saldanha da Gama (depois conde de Porto Santo), e para ella era obrigado a levar uma ega cada navio que ia do Brazil: depois o governador Luiz da Motta Fêo separou as raças, e estabeleceu no Bengo uma manada de muares, que se perdeu.

uma, e duas sobreviveram. Consta-me que o governo encomendou nova remessa de quatro machos, e duas fêmeas, para vêr se conseguê a propagação destes animaes em Loanda, — e com effeito partiram de Teneriffe para Angola em Novembro de 1844 mais quatro camellos machos, e duas fêmeas.

De animaes domesticos acham-se em Angola e Benguella os mesmos que em Portugal. Criam-se muitos *porcos*, de que a carne é succulenta, e mui gostosa. Ha *cães*, e *gatos*, como em toda a parte; e tambem nas casas e armazens não faltam *ratos*.

Habitam naquelles matos, nos valles desertos, e nas serranias do sertão as alimarias communs a todo o continente africano, — e umas duas, ou tres especies peculiares áquella região: assim além da *abada*, o *bufalo*, o *elefante*, e o *touro bravo*, já mencionados, por lá discorrem — o *adibe*, — a *antilope*, — o *cabrito montez*, — a *corça*, — o *coite* (especie de coelho), — a *empalanca* (que é talvez a verdadeira anta), — o *gato bravo*, — o *gato d'algalia*, — a *gazella*, — a feroz *hyena* (a que no paiz chamam *chamalanca*), — a *girafa*, — o *javali*, — o *leão*, — a *lebre*, — o *leopardo*, — o *lince*, — o *lobo*, — a *lontra*, — *macacos* e *monos*, de muitas especies, — uma outra casta de *anta* mais pequena, a que dão o nome de *macéco*, — a *onça*, — a *paca*, — o *porco espin*, — a *raposa*, — o *seixe* (1), — o *tigre*, — o *veado*, — a *zebra*, — bem como o *rato de palmeira* (ou *eschilo*), — o *arganaz*, — a *toupeira*, — e outras viverras.

Criam os moradores muitas *gallinhas* ordinarias — das que ha em toda a costa firme de Africa — pequenas e de pouca substancia. Os *patos* e *adens*, são menos communs, e os *perús* extremamente raros; mas em compensação tem a saborosa *gallinha do mato*, ou (*gallinha d'Angola*), e a delicada e succulenta *tua*, — (especie de faisão).

Os bosques, e as praias se povoam de um sem numero de aves africanas maritimas, ou terrestres — e algumas europeas: as mais conhecidas são as seguintes: — o *abutre*, — a *aguia*, — o *alcatraz*, — a *andorinha*, — a *calhandra*, — a *cegonha*, — a *codorniz*, — a *colibri*, — a *coruja*, — o *corvo* (terrestre e marinho — o terrestre tem o peito branco), — a *cotovia*, — o *entenal* (2), — o *estorninho*, — o *flamengo*, — a *ganga*, — a *garça*, — o *gavião*, — o *garajão*, — a *gralha*, — o *grou*, — o *ibis*, — o *maçarico*, — a *manga de veludo* (3),

(1) O *seixe* é uma gazella tão pequena como um gato, com dois pequenos cornos, e pelle ciuzenta: esta pelle é boa para cõrtume.

(2) Aves mui grandes pretas com poucas pennas brancas nas pontas das azas: avistam-se a mais de 200 leguas ao mar desta costa.

(3) São do tamanho e feição de patos, de penna mui fina branca, e a cabeça preta; andam sempre junto á costa, e pousam na agoa e na terra.

— o *marabuto*, — a *marreca*, — o *martinete* (1), — o *mergulhão*, — o *milhafre*, — o *mochó*, — o *morcego*, — o *pavão*, — o *papagaio d'Angola* (2), — o *pardal*, — o *pelicano*, — a *perdiz*, — os *periquitos* (3), — o *pica-peixe*, — *pombas* (de muitas qualidades) — *pombos torcazes*, — *rabos de junco*, — *rólas*, — *secretarios*, — *songos* (4), e mil outras especies de nomes desconhecidos.

Além destes, Benguella se ensoberbece de possuir algumas especies de passarinhos mui estimados em toda a parte do mundo — ou pelo lindo matiz das suas côres, — ou pela melodia do seu canto; — e que constituem um ramo de exportação assaz proficuo (5): bem conhecidos são dos viajadores — a *benguelinha*, — o *bico de prata*, — o *bico de lacre*, — o *cardal*, — o *carramachom*, — o *monsenhor*, — o *palanque*, — a *viuva*... e muitos outros poderiam bem merecer a attenção de um sabio zoologista, que visitasse aquellas terras: e não só de bellos passaros, como de lindissimas *borboletas* poderia formar uma collecção copiosissima.

Não faltam tambem nas florestas — nos mangues parrados das ribeiras — nos brejos, e paúes, e até nas *banzas* e nas *libatas* (ou povoações) — quantidade de reptis e insectos — venenosos uns — outros damninhos, e todos incommodos ou asquerosos: muitas especies de perigosas serpentes desde a *vibora* até ás mais monstruosas cobras, como a *boa*, — a *coral*, — a *cascavel*, — a *saracuetá* (6), — e a *cobra negra*; differentes castas de *lagartos*, — *lagartixas*, — *raãs*, — *salamandras*, — *sapos*; e a par com estes o molle *camaleão*, — o *cupim* destruidor (de duas qualidades, uma das quaes se chama *salalé*) — a não menos destruidora *barata* — e todos os mais insectos, que innundam a Africa, — *aranhas*, — *bisouros*, — *centopéas*, — *escaravelhos*,

(1) Estes passaros tem na cauda tres ou mais pennas de preço das que na Europa se chamam *marinetes*: ha-os em Benguella: é o *gemé de Bissáo*.

(2) É cinzento com algumas pennas encarnadas: domestica-se bem, mas falla pouco.

(3) Ha-os de muitas côres, e diversos tamanhos: os mais lindos são as *escarlates*, de que ha muitos em Loanda, bem como dos todos verdes, — e dos verdes e amarellos.

(4) O *songo* é um passaro pequeno, que se alimenta do mel que furta das tocas onde as abelhas o fabricam.

(5) Ha na cidade de Benguella corretores, que não vivem de outra occupação, que de fornecer aos navios, que alli aportam, gaiolas destes passarinhos já domesticados, — mais ou menos sortidas conforme o preço — bem como o *massango* — especie de alpiste de que elles se sustentam: chegam ás vezes a encarecer muito por mui procuradas. Não ha comtudo alli nenhum passaro, que entoe o santo nome de *Jesus Christo*, como escreveram *Cavazzi*, e *Merolla*: nem tão pouco os *dragões* do tamanho de carneiros com azas verdes, de que Lopes escreveu ter vislo muitos na capital do Congo!!!

(6) Amphibio monstruoso e terrivel, conhecido no Brazil pelo nome de *sucuruyuba*, ou *sucuriá*.

— *escorpioens*, — *formigas* (de tres castas), — *gafanhotos*, — *grilos*, — *melgas*, — *moscas*, — *mosquitos*, — *perilampos*, — *sigarras*, — *vespas*, e outras muitas sevandijas.

No Dande, no Cuanza, no Catumbella, e outros rios caudalosos se encontram, além dos muitos *caballos-marinhos*, alguns *crocodilos*, ou *jacarés*, e o notavel e innoxio cetaceo amphibio chamado *peixe-mulher* (1) que pasce a relva das margens sem sahir d'agua: e ha ahi tambem algumas *cobras d'agua*.

Todos esses rios — maiores e menores — as grandes lagoas do sertão, e todos os mares que banham estas costas — são povoados de uma indizivel abundancia de pescados, cuja variedade de especies fôra impossivel enumerar: os mais conhecidos nos portos de mar são — a *alvacora*, — o *bagre*, — a *bonita*, — o *cação*, — o *caçonete*, — o *chernê*, — os *chócos*, — a *corvina* (a que lá chamam *pungo*, e de que ha grandissima abundancia) — a *dourada*, — o *enzarroco*, a *enzova*, — a *garoupa* (muitas), — o *linguado*, — o *méro* (especie de bacalhão) — a *moréa*, — a *palumbeta*, — o *pampano*, — o *pargo* (em grande quantidade), — *peixe-burro*, — *peixe-espada*, — *peixe gallo*, — *peixe-pedra*, — *peixe-porco*, — a *pescada* (algum tanto diferente da nossa), — a *raya*, — o *roncador*, — a *salema*, — o *salmonete*, — a *sarda*, — a *sardinha*, — a *serra* (muitas), a *solha*, — a *toninha*, — o *tubarão*, — o *voador*, etc. e muitissimos mariscos, — como *lagostas*, — *caranguejos*, — *camarões*, — *mexilhões*, — *ostras*, etc., e muita variedade de moluscos, — entre outros o *nautilus*: nos rios e lagoas (2) se colhem, — o *barbo*, — o *mugem*, — a *tainha* — uma casta de *saveis*, a que chamam *peixe-prata*, — e muito peixe miudo com muitas espinhas, a uns dos quaes chamam *cacussos*, a outros *ferreiros*, a outros dão o nome de *pellados*, etc.

Algumas *baleas* frequentam tambem estes mares; mas é muito superior em qualidade o azeite que se extrahê do cavallo marinho. Tambem não faltam tartarugas, e cágados, mas os seus cascos são de mui inferior qualidade, e para pouco prestam.

Outra producção do mar — o *sal marinho* — se topa em varias partes da costa; mas sómente se recolhe em duas partes — as salinas naturaes de *Cacuaco* na enseada do Bengo, — e as da *Bahia farta* ao Sul de Benguella, no logar da costa conhecido mesmo pelo nome

(1) É um monstro de dez palmos de comprido, algum tanto parecido á phoca, com duas pequenas patas entre as quaes se elevam duas grandes tetas: não faz mal: na cabeça tem um osso a que se attribuem virtudes medicinas, e da sua pelle se fazem agoutes semelhantes em tudo ao vergalho.

(2) A pescaria das lagoas é tão importante, que o seu dizimo rende ao estado para mais de um conto de réis por anno.

de *porto das salinas* (1). A conchiologia é mui variada, e de todas as conchas a mais util é o *zimbo*, que serve de moeda no interior, e se colhe na ilha de Loanda.

Passarei agora a tratar do reino mineral; e vasto campo offerceria elle nesta provincia aos cubicosos de ajuntar riqueza, se a attenção desses não houvera sido desviada por mais de dous seculos para outro meio menos trabalhoso (ainda que mais inhumano, e mais precario) de chegar ao mesmo fim.

Como não gosto de asseverar o que não está bem averiguado, pouco direi da existencia dos metaes preciosos, que com algum fundamento se attribuem a esta região: contentar-me-hei com indicar, que no tempo do governador M. Vieira Tovar se descobriram duas minas de ouro — uma no districto de Golungo, bem perto da Loanda, — e outra no de Bailundo, no sertão de Benguella: estas minas porém nunca foram exploradas: e no mesmo districto de Golungo fez o governador N. d'Abreu Castello-branco extrahir por meio da lavagem algum ouro de alluvião das margens do rio *Lambiji*, proximo á missão dos carmelitas: evidentes signaes consta toparem-se em outros logares da existencia desse metal, com cuja grangearia parece ter já alguém enriquecido (2), e oxalá que muitos outros assim enriquecessem! Tambem não farei menção das suppostas minas de prata de Cambambe, por cuja posse tivemos tamanhas guerras ao findar o seculo XVI, e de que os escriptores do seculo XVII, testemuñas presenciaes, como o padre Guerreiro, e muitos outros, affirmam ter-se extrahido amostras, que foram mandadas a Lisboa.

Segura e avultada seria porém com certeza a vantagem que resultaria da exploração methodica em grande escala das minas bem conhecidas — de *ferro*, — de *enzofre*, — de *sal*, — e mesmo das de *salitre*, — de *cobre*, — e de *carvão de pedra*, e *petroleo* —; de cuja existencia se não póde duvidar.

Acerca do *ferro* transcreverei as noticias de alguns escriptores nossos contemporaneos, bem dignos de fé por suas pessoas, e pelo conhecimento que adquiriram daquelle paiz.

(1) Perto da bahia de *Mossamedes* ha outra salina, que abastece de sal aquella nova povoação, e os navios que a frequentam.

(2) Diz F. de Mello na Memoria, a que mais vezes me refiro — a que desta maneira enriqueceram João Pedro Cotta em Benguella, Jose Agostinho d'Oliveira em Angola, &c. — Por um aviso da secretaria do ultramar de 22 de outubro de 1754 se vê que já naquella época se haviam descoberto *minas d'ouro junto ao rio Lambiji*: e mais se confirma este facto pelas provisões de 17 d'Agosto, e 6 de Setembro de 1755, e aviso de 24 de Dezembro de 1756: mas pelo aviso de 13 de Novembro de 1761 foram essas minas mandadas *pôr em perpetuo esquecimento, e que se não constina que pessoa alguma trabalhe nellas!!!*...

J. C. Fêo Cardoso de Castello-branco diz na sua Memoria o seguinte — « O ferro he tão frequente, que os Negros sem mais « quinas, usando de processos imperfeitos, o extrahem, preparão, e « trabalho com summa facilidade, enviando regularmente muitas « barras à Junta da Fazenda (1). »

Fortunato de Mello na Memoria de que já atraz dei um trecho, se expressa assim ácerca deste metal — « Ferro. — Nas jurisdicções « de Massangano, e do districto de Golungo, ha não só minas de ferro, « porem serras de ferro; isto he, serras, cujas pedras contém de ferro « mais de metade do seu volume. Os pretos sabem forja-lo: elle he « de boa qualidade, muito maleavel e macio. Delle poderia fazer-se « um objecto de exportação tanto ou mais extenso, do que na Sue- « cia, aonde se utilisão todos os meios, e nada se desperdiça. » — e acrescento logo em uma nota — « Ha no districto de Golungo « huma pequena fabrica, em que se apurão oito barras de ferro por « dia de mais de nove polegadas de comprimento cada huma. »

De outra fabrica mais antiga, mais sumptuosa, mas hoje deserta, dá circumstanciada noticia o coronel Fernando da Fonseca Mesquita e Solla em uma pequena Memoria, que publicou no Diario do Governo n.º 163 de 12 de Julho de 1838, quando veio de servir naquelle estado.

« Durante o Governo de D. Francisco Innocencio de Sousa « Coutinho, (diz a tal Memoria), que durou desde 1764 até 1772, « se levantou no mesmo local, e no sitio chamado Oeiras, hum « Edifício para servir de Fabrica de fundição de ferro, o qual pela « sua architectura e solidez faria honra ao Architecto que dirigiu « aquella Obra ainda quando fosse na Europa; quanto mais no meio « do Certão d' Africa! As paredes do dito edificio, e o aqueducto, « conservão-se em tão perfeito estado como se ainda hoje fossem « acabados de construir. Comtudo a Fabrica, e a Villa de Oeiras « que lhe dêo o nome, achão-se inteiramente desertas, e abando- « nadas desde que a exploração das minas preñhes dos referidos me- « taes foi despresada! (2). »

(1) A mina que até hoje tem sido explorada, e que fornecia material aos trabalhos da fabrica de Oeiras (hoje deserta) existe no sitio da *Trombeta*, provincia de Namba, districto de Golungo-alto, e alli se estabeleceu em 1800 uma pequena fabrica, da qual falla Fortunato de Mello: o povo deste sitio é dispensado de pagar dízimos em razão de fornecer trabalhadores e artífices, para explorar a dita mina, e manipular o ferro, do qual por vezes tem vindo para a metropole muitas centenas de arrobas. A primeira remessa de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho foi de 211 quintaes: a pequena fabrica do *Trombeta* forneceu maiores quantidades: o seu primeiro director foi um degradado por nome José Alvares Maciel.

(2) Para dar começo a esta fabrica foram em 1768 quatro mestres biscaínhos, que morreram no anno seguinte sem deixar discipulos.

Posteriormente á data desta Memoria novos esforços se fizeram para utilisar a construcção dessa fabrica: no relatório do ministerio do ultramar, apresentado ás côrtes em 1840 se diz que o vice-almirante Noronha apenas chegado em Janeiro de 1839, em que tomou posse do governo — «convocou logo depois os Capitalistas e «Negociantes para formarem uma Associação para a exploração das «minas de ferro; e estabelecendo o minimo do Capital em dez contos «de reis, foi depressa elevada ao duplo. A sociedade depositou «mesmo fundos para dar começo á exploração das minas, mas não «pôde colher o fructo dezejado, porque o Capitão de Engenheiros «Vicente Pires da Gama, e algumas das praças de Sapadores, que «o acompanhavam e iam nesta diligencia, atacadas das molestias «do Paiz, falleceram em Golungo Alto, e com elles as esperanças «que se nutriam sobre este objecto, ao menos por algum tempo.»

Pela morte pois de um engenheiro, e pela falta de outros que o substituam, tamanha riqueza jaz abandonada por aquellas serras, — e isto no continente d'África, em muitas partes do qual (como na alta Guiné, e tambem nos portos ao sul de Benguella) o ferro em barra é o primeiro dos artigos de permutação contra os generos do paiz!

O *sal mineral* — é outra grandissima riqueza local daquella região, que se conserva em poder de barbaros possuidores — no caminho que vae por terra de Angola a Novo Redondo — nas terras da Quissama, — podendo ser nossa, como já o foi; pois que a conquista desse paiz selvagem não seria hoje grandemente difficil; a posse das minas pagaria bem as despezas da expedição, — poria na dependencia dos portuguezes as nações do interior, que deste sal carecem, — e facilitaria o transitto terrestre do commercio entre Angola e Benguella, que hoje se faz com grandes riscos, por estar sempre á mal segura mercê dos feroces quissamas, que por pouco cordados do nosso ferro se mostram sempre arrogantes e malévolos. Darei aqui *ipsis verbis* uma exacta, bem que succinta, descripção destas celebres minas, que topei em uma carta de Balthasar Rebello d'Aragão, capitão das primeiras conquistas d'Angola (dos que alli fundaram o nosso dominio no fim do seculo XVI) — nome bem conhecido na historia daquellas guerras, depois capitão-mór de Cambambe, — grande conhecedor daquella região, sobre a qual escreveu varias Memorias, que existem autographas no codice da real bibliotheca da Ajuda, a que já por mais de uma vez me tenho referido: esta de que extrahi a passagem seguinte acha-se lançada naquella collecção de fl. 42 a fl. 45: diz assim:

Em a Provincia da Quissama da parte do Sul do Rio Coanza estão hũas minas de Sal aonde chamam *Adenda* (1), e se os Governadores quiseram pôr hũ presidio sobre ellas, como já esteve em tempo de Dom Iheronimo De Almeida, foram de muito proueito a fazenda de Sua Magestade, porq̃ sómente com os quintos do Sal que os naturaes da terra tiram se podem pagar todos os gastos da Conquista (2): é o melhor dinheiro daquelle Reino; val cada pedra de Sal dois tostões, o qual se tira debaixo do chão hum estado (3) em pedreiras que delle ha no ditto sitio que he mais de des legoas, e todo se loura ao picão, e corre por diuersos Reinos por moeda corrente: está afastado este lugar doze legoas da costa do mar, e otras tantas do Rio Coanza pelo qual se leua aos presídios.»

Já se vê de que utilidade seria para o dominio de Angola a posse desta *fabrica de moeda provincial*, que se extrahê ao picão das entranhas da terra. Nem se supponha que com o correr do tempo tenha uma tal moeda perdido o seu curso, ou diminuido na estimação: J. C. Fêo Cardoso, na sua Memoria impressa em Paris em 1825, fallando da viagem por terra de Angola a Novo Redondo, nos diz o seguinte: . . . «nesta viagem e direcção, se encontrão as celebres

(1) Demba (em vez de *Adenda*) lhe chama o coronel Paulô Martins Pinheiro de Lacerda, conquistador da Quissama em 1784, em uma Memoria que escreveu desta conquista, e que ainda ha pouco veio a meu poder, na qual se expressa deste modo. — «Nesta Provincia da Quissama ha a grande mina de sal mineral (*ramo de commercio de um muito interesse em todo este Cerião*). O Soa Dominante do Districto donde se fabrica, e extrahê o tal sal, se chamava no anno de 1783 *Calculo Caquimone*, e a sua terra e mina se chama *Demba*: não será fóra de proposito o explicar eu aqui o modo de extrahir o dito sal, e he o seguinte. Em huma grande planicie cercada de montes mais altos, e mas seca e sem agoa para beber, fazem os negros muitos buracos no cham de altura de dous e mais palmos, e do diametro de tres polegadas. Estes buracos se enchem per si logo de hum humor que da terra verte para elles, e fica aquelle liquido em consistencia de gelêa branda. Logo que assim está cavão os negros a terra em roda daquelles buracos, e o tal humor (que he o Sal) assim que se expoem ao ar petrifica, ficando huns de côr branca escura, e outros côr de chumbo claro: como estas formas sahem irregulares os negros com os seus podêes as aperfeição, raspando-as, e alimpando-lhe a terra que sahe pegada, e as poem em figura oclavada ao comando ficando da grossura de duas polegadas, e do comprimento de dous palmos, e menos. &c.» — Depois descreve o modo como o secam, — como cegam outra vez as covas com terra, que passado tempo torna a dar novo sal, — e como o levam por todo o Serião d' Angola, aonde he moeda corrente a tostão cada pedra.

(2) Balthasar R. d' Aragão fallava aqui da conquista de toda a provincia da Quissama; e fallava com pleno conhecimento da materia; pois foi elle mesmo que em 1598, no tempo do governador João Furtado de Mendonça, conquistou uma boa parte dessa provincia, e nella levantou o presidio de Muxima, — que hoje pôde mui bem servir para centro de operações a um exercito, que se propuzesse sujeitar os quissamas, e pôr um presidio em *Adenda*, ou *Demba*.

(3) Um estado na linguagem daquelles tempos significa a altura de um homem: pouco menos de uma braça.

«salinas de huma qualidade de sal cujas pedras passão como moeda em todas estas possessões.» —... e em outra parte a pag. 140, louvando a utilidade do presidio junto ás minas do sal, fundado por D. Jeronimo de Almeida com 100 homens de infantaria, e 8 de cavallaria, acrescenta o mesmo Fêo Cardoso. — «Destê plano resul-
«tão dois beneficios: 1.º Haver naquella Provincia hum ponto de apoio para facilitar a sua conquista: — 2.º Dominarem os nossos
«a extracção do Sal, — genero que em todo o paiz é moeda corrente, «valendo cada pedra uma macuta, ou 50 reis.» (1).

Estas citações — umas antigas, outras modernas, — todas de au-
thores assaz competentes — me dispensam de accrescentar conside-
ração alguma á idéa, que ellas suscitam, a qual tenho a esperança
de que não deixará de ser aproveitada (2).

As minas de enxofre, descobertas no *Dombe grande da Quin-
zamba*, — terras de Benguella — no governo de A. de Saldanha da
Gama (hoje conde de Porto Santo) — são tão copiosas, e a sua ex-
ploração tão facil, que, como diz Fêo Cardoso a pag. 303 da sua
Memoria — «podem abastar toda a Monarquia Luzitana» —; e o
mesmo author, a pag. 335 dessa mesma Memoria, dá de uma dessas
minas a seguinte noticia — «o pouco que ha sido examinada é suf-
«ficiente para provar ser uma das mais consideraveis e ricas que se
«conhecem, e de huma simplicidade tal de trabalho, que se achão
«veios de Enxofre puro, de grande extenção e largura, sem ganga,
«proprio para a maior parte dos usos ordinarios, sem preparação
«previa: a grande porção, que se tem dalli extrahido he por meio
«de excavações feitas á superficie.» —

(1) Este valor actual de uma macuta equivale com pouca differença ao de dois tostões, que B. R. d'Aragão assignava a cada pedra de sal nos principios do se-
culo XVII; porque nesse tempo a moeda munda que corria em Angola eram uns pani-
nhos de palha chamados *libongos* á feição de guardanapos, de que cada um valia
50 réis: a primeira moeda de cobre (macutas) foi para lá mandada em 1694 com
ordem de se pagarem 200 réis de moeda de cobre, em vez de 700 réis em moeda de
palha: os taes paninhos, que ainda tem curso no interior compram-se hoje em Angola
por uma *quipaca* — um quarto de macuta,

(2) Depois de escripto este capitulo topei com outra noticia mais moderna destas
minas em um Officio do Governador Nicolau d'Abreu Castello-branco — n.º 321 — de
16 de Maio de 1828 — de que um dos §§ diz assim... «Como simples objecto de no-
ticia, devo mencionar na classe dos productos mineiras a grande quantidade de sal,
«que se extrahê em pedra, no centro dos Povos Quissamas, que confinão com a mar-
«gem esquerda do Rio Quanza, pretos belicozos, e não avassalados, que conservão o
«maior ciume do nosso Poder a respeito da conservação das suas Minas. Este sal, util
«nos usos ordinarios, e da Medicina, gira em pedras de oilo a dez polegadas no seu
«comercio, e nosso, no valor de 50 réis cada huma.»

Neste mesmo officio aquelle governador elogiava a mina d'enxofre de Benguella,
e affiançava a existencia de uma mina de salitre no Golungo.

Esta noticia é mais modernamente confirmada por Fortunato de Mello na sua Memoria escripta em 29 de Julho de 1837, e publicada no *P. dos Pobres de Lisboa* n.º 193 de 1838 na qual se lê o seguinte:

« *Enxofre* — No Dombe grande de Benguella tira-se enxofre « puro em grande quantidade; he huma das mais ricas minas delle « conhecidas. Ainda quando se julgue preciso refina-lo, como elle « sabe quasi puro, o abatimento he muito insignificante. Sabe-se « quanto pode render este ramo de commercio, que por si só faria « um objecto remarcavel d'exportação para este reino. »

Deste enxofre foram algumas porções para o Rio de Janeiro, desde 1815 até 1820, por conta da fazenda; e agora tem vindo algum para a metropole por conta de particulares: muito mais porém viria, se uma companhia se desse á exploração de tão abundantes minas, cujo producto poderia figurar na tabella das exportações com uma cifra avultada.

O *cobre* é muito commum em toda esta região — principalmente nos sertões de Encoge, e Bailundo, e na costa ao norte de Benguella, — e parece ser facil a sua extracção; porque os negros fazem delle manilhas, collares e outros ornatos, e muita parte das armas de que usam; e até não é difficil o resgatar com elles este metal. Em 1808 o capitão ajudante d'ordens, Luiz Antonio d'Abreu Lima (hoje visconde da Carreira) enviado pelo governador A. de Saldanha da Gama (depois conde de Porto Santo) a cumprimentar S. A. R. pela sua feliz chegada á côrte do Rio de Janeiro, entre outros objectos, que foi encarregado de apresentar ao Soberano, levou 55 *barras de cobre* havidas do interior (1). Já no tempo da primeira conquista de Angola eram conhecidas as minas de cobre das montanhas de Pemba na margem direita do Ambriz. Estas minas haviam sido offerecidas por el-rei do Congo á corôa de Portugal nos fins do seculo xvi, como relata Balthazar Rebello de Aragão em uma informação authographa, que achei de fl. 15 a fl. 16 v. da collecção da R. Bibliotheca da Ajuda, de que tantas vezes tenho fallado: elle afirma serem ellas mui ricas em cobre finissimo, e se offerecia, como homem rico e poderoso que então era (em 1630), a tomar a si a despeza de as lavrar, e trazer o cobre a Loanda, mediante certas condições, que parecem razoaveis; e todavia não vingou tal plano; e nem se chegou a tomar a posse de tão rica offerta, tal-

(1) E tambem foi portador das primeiras amostras do *mococoto*, ou gomma copal, e do *cardamomo*.

vez porque a estulta cubiça dos monarcas castelhanos, que então governavam Portugal, despresava todas as minas que não fossem de ouro, e prata, e pedrarias, e por isso só tinha posto o fito em Cambambe, e mais que tudo no *Monomotapa*, aonde naquella época se sonhava um *novo Potosi*. Creio que pelas mesmas causas foram igualmente desconceituadas (ainda até hoje) as outras minas de cobre, que Manoel Cerveira Pereira descobriu em 1620 em territorio portuquez — umas trinta leguas ao norte de Benguella, — nas terras do *Sumbe Ambala*, — á margem do *rio Cubo*, — cinco leguas acima da sua foz. Os pormenores desta descoberta acham-se em uma relação inédita da conquista de Benguella, escripta em 1622 por um dos companheiros do conquistador Manoel Cerveira, e conservada na citada collecção da R. Bibliotheca da Ajuda de fl. 33 a 39 v. eu tenciono dar della um transumpto na 2.^a parte deste livro; e por isso nada mais direi por agora, senão *que as nossas possessões de Angola e Benguella possuem muito cobre.*

É tambem averiguado haver alli *salitre* em varios pontos. O primeiro escriptor que delle falla é Balthazar Rebello de Aragão na mesma já citada relação das cousas d'Angola, em que dá noticia das minas do sal da Quissama: logo no começa — na parte descriptiva — traz este periodo — « Pello meio deste Reino (de Angola) desce o « Rio Coanza, rio mui caudaloso e que todo o anno se navega té a « fortaleza de Cambambe que está no fim delle, não que tégora lhe « saibamos ter fim, mas porque daqui para sima não se pode passar « por respeito da grande cahida que aqui faz a agoa, a qual he tão « grande *que do fumo e vapor que aqui faz a agoa e de si lança « para o ar se faz nelle húa espessa nuve de nebrina a qual tornando « a descer, sendo a agoa do Rio mui excellente, esta se converte em « fino salitre pellos penhascos do dito Rio.* »

Não sei se é destas visinhanças das cataratas do Cuanzo em Cambambe, ou de outro logar no Golungo, que trata Fortunato de Mello, quando diz na sua Memória impressa, e por mim muitas vezes citada — o seguinte:

« *Salitre* — No districto de Golungo ha terra salitrosa, de que « pela simples lavagem, methodicamente feita, se tem tirado centos « de arrobas de muito bom salitre. Este ramo he de consideração, e « pode render muito com pouca despeza, na certeza de que não é « preciso mandar ir daqui as tinas de fundo falso de crivo: as de « que alli se usa são muito boas para o effeito, que se deseja que « produzam. » —

Com effeito Nicolau d'Abreu Castello-branco remetteu durante

o seu governo varias porções de salitre; e depois tem continuado a vir algum mesmo por conta de particulares; e consta-me que ultimamente se descobriu uma nitreira muito mais productiva em terreno proximo ao excellente porto de *Quicombo* — ao sul do presidio de Novo Redondo.

As fontes do *Petroleo* nos mórros de *Libongo* no Dande são ha muitos annos conhecidas: já deste mineral davam noticia os escriptores do tempo da conquista, chamando-lhe *breu*; e desde longo tempo que como tal se emprega nas querenas dos navios, e por vezes se tem delle enviado amostras para a metropole (1); e como a existencia de petroleo denuncia infallivelmente a de *carvão de pedra*, bém se deixa vêr de quanta importancia será para aquella possessão o lavar-se uma mina desse rico combustivel tão cubiçado em qualquer parte da costa d'Africa — e muito mais em um porto tão proprio para escalas como é o de Loanda — hoje que a navegação a vapór aspira a senhorear todos os mares: — e mais estando esta mina situada mesmo na foz do Dande, rio accessivel a pequenas embarcações, e a oito leguas da cidade de S. Paulo, que recebe daquella barra muitos fornecimentos. Estas fontes, e a mina de que ellas certamente derivam, foram mandadas observar pelo doutor João Conrado Lang (suisso) em Julho de 1839, — bem que a estação não fosse a mais propria, por ser na força do calor mais intenso que o petroleo se desprende, e corre em abundancia pelas fendas da *pedra lioz*, que fórma a ossada destes montes, e por debaixo da arêa e cascalho que lhe está visinha: todavia o doutor Lang reconheceu as fontes do petroleo nos sitios da *Cabengama*, e *Quitatua*, sendo facil de achar a situação mesmo daquellas que então não corriam por estarem as pedras e a arêa impreguadas do petroleo, o qual em algumas partes (diz o doutor Lang) — «era duro, e quebradiço de maneira que merecia mais o nome de asphalto, ou «Breu judaico, do que de petroleo.» — Quanto á segunda parte da exploração, o doutor Lang reconhece, e assegura a existencia de uma ou mais minas de *carvão de pedra*, ainda que (diz elle) — «em geral he raro o carvão de pedra apparecer á luz, e, se não me enganoo conhece-se um só lugar onde por qualquer movimento de «terra huma *camada de Giz* foi levantada para cima, e se apresenta

(1) As mais consideraveis de que tenho noticia são a de 49 barris desse então chamado *breu*, que em 1767 remietten para Lisboa D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho: e a que o governador Manoel Vieira d'Albuquerque Tovar enviou em 1820 para o Rio de Janeiro, consistindo em 34 *linas de petroleo*, além de outros objectos, — como 421 quintaes de *ferro de Golungo*, etc.

« á vista com o carvão que fica debaixo della. » — Mostra-se porém incerto aquelle chimico sobre a profundidade, e direcção das minas, e melhor modo de abrir as galerias, conhecendo-se pela hesitação com que escreve que lhe faltavam os conhecimentos praticos da mineração. Está pois mais que muito averiguada a existencia do carvão de pedra junto á foz do Dande: resta só mandar lá engenheiros mineiros (dous ou tres pelo menos para se substituirem mutuamente) conhecedores deste ramo especial, os quaes ajudando-se dos braços dos negros, que podem ter á vontade, extraham das entranhas da terra esse precioso combustivel, que não deixaria de attrahir ao porto de Loanda os vapôres inglezes da carreira das Indias etc.

Da citada memoria do doutor Lang se colhe, que elle achou alli mesmo no Dande, no curto espaço que percorreu — *pedra calcarea* pouco dura, mas propria para a calcinação (1) — *camadas de giz*, — *pedra lioz* mui fina em grandissima quantidade, — e *quartzo crystalisado*: tudo isto que elle alli observou é commum a muitos outros logares daquelle estado: da bahia de Mossamedes acabam de chegar a Lisboa amostras de *gesso superior* em finura e pureza a todo o que até aqui se conhece. Sabe-se tambem da existencia de minas de *estanho* — por aquelle que se topa nas mãos dos indigenas do sertão.

Muitas outras riquezas naturaes encerram por ventura esses bosques, e matas cerradas, — essas deleitosas varzeas, — esses rios, e lagoas, — essas ásperas serranias — do interior da *Baixa Guiné*, — tão pouco visto, e explorado, ou sómente visitado até hoje por mercadores de escravos. Aquellas porém que deixo enumeradas são já de si bastantes para chamar a attenção do povo portuguez — que nem todo dellas terá noticia; — e suscitar a bem entendida cubiça de homens laboriosos, que vivendo indigentes na patria por falta absoluta de emprego, ou escacez de salario, podem ir vér-se na Africa dentro em poucos annos ricos, e respeitados, como a tantos tem acontecido. Um governo protector lhes offerece passagem franca: qualquer fraca introdução lhes basta para serem lá bem acolhidos, — porque *são lá necessarios*; — e nenhum homem trabalhador, e probo, sobrio e bem regulado, deixou ainda de fazer fortuna naquella região. . . E não será melhor tentar este caminho para chegar até á opulencia do que consumir mezes e annos nus escadas das secretarias a sollicitar empregos, que ainda mesmo obtidos os não poderão tirar nunca de uma penosa mediocridade com o tristonho

(1) Desde 1761 que começou a fabricar-se em Angola cal mineral de pedra calcarea, tirada das terras visinhas ao Dande.

prospecto de deixarem por sua morte suas mulheres e filhos submersos na pobreza, ou quando muito vivendo a custo do tenuissimo recurso de um mesquinho monte-pio, comendo envolto em lagrimas o pão negro arrancado á usura de um avariato agiota?! . . .

Oxalá que estas palavras de verdade cheguem aos ouvidos do povo: o desengano hade ir callando em seus corações. A emigração para Angola, aonde o commercio portuguez está de anno para anno assumindo agora um espantoso incremento, offerece outras vantagens, outras garantias, outra independencia social, que não a *mosina* emigração para o Brazil, aonde o portuguez escravo mal pôde invocar a protecção de um governo estranho contra os duros tratamentos de seus barbaros senhores. As molestias de Africa nem a todes accommettem, e mesmo dos accommettidos, bem poucos são os que a ellas succumbem, se por seus excessos não derem logar a perigosas recabidas. . . Muito menos portuguezes tem nos ultimos annos morrido de doenças em Angola do que de fome, e máu trato no Brazil.

ADDITAMENTO

*Relação de varias plantas, raizes, resinas, e cascas do reino de
à secretaria d'estado dos negocios da mari
pelo governador Manoel*

N.º	NOMES QUE TEM	DONDE VINDAS
1	Raiz de dongolondo	Presidio d'Encoge
2	Raiz de mucula vumbi	»
3	Raiz de sallu	»
4	Raiz de uzamba	»
5	Raiz de mufilu	»
6	Raiz de muconque	»
7	Raiz de mucanda-huanga	»
8	Raiz de colla	»
9	Casca de mulongua	»
10	Casca de encaça	»

AO CAPITULO III.

Angola, com suas virtudes medicinaes, e chemicas — remettida
nha e ultramar em 30 de Julho de 1841
Eleutherio Malheiro.

MOLESTIAS A QUE SÃO APPLICADAS

Ralada dá-se a beber em agua tepida a quem tem dores no ventre, ou defluxo.

Ralada em agua fria applica-se de clistel a quem padece de dores de cadeiras.

Ralada em agua fria dá-se a beber em jejum ás crianças com inflamação de rosto, e pés, untando-se da mesma o corpo do enfermo. Tambem dá-se a beber em pequena porção em jejum ás pessoas de maior idade atacadas de dores no ventre.

Pisada, e posta de infusão, dá-se a beber fria em jejum, e em clistel, ás pessoas atacadas de dores no ventre.

Ralada dá-se a beber em agua fria ás pessoas com corrupção.

Ralada applica-se em clistel de agua morna ás pessoas que tem ictericia.

Ralada unta-se com ella qualquer parte do corpo inflammada, e obtem-se melhoras.

Ralada dá-se a beber em agua quente ás pessoas com fluxo de sangue.

Ralada dá-se a beber em agua fria em jejum aos que tem diarrhêa.

Ralada em quantidade de uma colher, ou menos, dá-se a beber em agua morna ás pessoas que tiverem tomado veneno, e tambem ás que tiverem empachamento de estomago. No sertão

N.º	NOMES QUE TEM	DONDE VINDAS
11	Casca de sacu	Presidio d'Encogo
12	Casca de mubambo	»
13	Casca de mubango-bango	»
14	Resina de mubafo	»
15	Raiz de abutua	Presidio de Pungo, an dongoi
16	Raiz de mutalamenha	»
17	Raiz de dondo	»
18	Raiz de mudianhoca (Fede- goso)	»
19	Raiz de quicalango (babosa)	»
20	Raiz de sacco	»

RAIZ DO MOLESTIAS A QUE SÃO APPLICADAS EM

ha crença de que esta casca junta a outras, ou raizes, tira-lhes a virtude.

Ralada dá-se a beber em agoa quente ás pessoas doentes do peito, untando-se-lhes da mesma o corpo todo.

Pisada e posta de infusão dá-se a beber em agua fria ás pessoas com diarrhea.

Ralada dá-se a beber em agua morna ás pessoas doentes do peito.

Derretida em azeite de palma, e molhando-se nella um pouco d'algodão, applica-se duas vezes ao dia por curativo a qualquer golpe seja de que natureza for, e sara em breve. Tambem serve de perfume, principalmente para facilitar o parto ás mulheres. Esta resina é extrahida de uma arvore silvestre do mesmo nome.

Tem a mesma applicação e processo como em Portugal; e ha grande abundancia.

Feita em cosimento serve para hochêchos ás pessoas atacadas de escorbuto na bôca: a agoa em que estiver algumas horas de infusão é muito fresca, e a empregam em lavagens de feridas; e o pó desta raiz faz sarar as mesmas feridas. Parece ser boa para tinturaria, porque deixa uma côr mui vermelha n'agoa.

Tem a mesma applicação e processo que em Portugal tem o alcaçuz, e ha grande abundancia.

Em cosimento applica-se da mesma maneira que o chá de macela, e produz igual effeito.

Em cosimento com malvas usam em gargarejos ás pessoas com dores ou inflamação na garganta.

O cosimento desta raiz, misturado com o pó da raiz de muria-

N.º	NOMES QUE TEM	A QUAL DONDE VINDAS
21	Raiz de musiabambe	Presidio de Pungo an dongo
22	Raiz de mucamba	»
23	Páu resinoso mutele	»
24	Páu resinoso gungo-lume	»
25	Raiz de catetebula	Districto de Golongo alto
26	Raiz de abutua	»
27	Raiz de muçumda	»
28	Raiz de mutungo	»
29	Raiz de catalango	»

REMEDIO MOLESTIAS A QUE SÃO APPLICADAS.

banbe, dá-se a beber a quem tem dores de cadeiras, e torna o ventre lubrico, e a primeira torrando-se e reduzida a pó estanca o sangue pelo nariz.

Ralada dá-se a beber em agoardente a quem tem dores no ventre.

Feita em pó tem a mesma applicação que a murta para as crianças recém-nascidas.

Esta resina dissolvida em agoa-ardente, dá-se a beber a quem tem hemorrhogia de sangue.

Não tem applicação alguma.

Posta de infusão em agoa fria, da mesma agoa dá-se a beber de vez em quando a quem está atacado de escorbuto, e no caso do doente ter manchas no corpo, ou deitar sangue pelos póros, põr-se-ha de molho em um banheiro para banhar-se frio o corpo todo; e ralada dissolve-se em vinagre e se unta todo o corpo. As folhas desta raiz, seccas ao ar e reduzidas a pó, applicam-se como chá ao mesmo doente, em porção que encha uma colherinha, cujo chá também é proveitoso a quem tem canção.

Feito em cosimento dá-se a beber quente com assucar a pessoa que padece de peito.

Ralada serve a quem tem dores de cabeça para untar o rosto, e da mesma maneira se applica a qualquer parte do corpo inflamada, e tambem feito em cosimento dá-se a beber quente um dia sim outro não em pequena quantidade a quem tem defluxo.

Tem a applicação da raiz acima, n.º 27, e para as mesmas enfermidades; e o seu cosimento tambem é contra as lombrigas.

Tem a mesma applicação, e produz os efeitos que as raizes n.º 27, e 28.

N.ºs	NOMES QUE TEM	ONDE VINDAS
30	Raiz de tuca	Districto de Golungo alto
31	Raiz de dongaluto	»
32	Raiz de muamua	Districto de Calumbo
33	Raiz de mussanda	»
34	Raiz de quibato	»
35	Raiz de vûa	»
36	Raiz de muondongolo	»
37	Raiz de dendo	»
38	Raiz de catalango	»
39	Raiz de muñxi	»

MOLESTIAS A QUE SÃO APPLICADAS

Feita em cosimento applica-se de banho morno ás mulheres que padecem do útero.

Ralada e destemperada em vinagre applica-se de gargarejo aos que tem ataque de esquinencia, untando-se della a parte inflamada; e feita em cosimento dá-se a beber ás pessoas atacadas de pontadas.

Feita em cosimento dá-se a beber tepido a quem tem diarrhea.

Ralada em agua fria serve para untar a testa e a cabeça toda (depois de rapada) de quem padece de dores de cabeça, abafando-se esta para não receber ar.

Ralada em agua fria serve para untar as cadeiras áquelles que tem dores nellas, untando-se tambem todas as juntas do corpo; e feita em cosimento toma-se morno.

Feita em cosimento dá-se a beber áquelle que estiver impedido.

Ralada em agua fria dá-se a beber em pequena porção ás crianças atacadas de lombrigas; e tambem pôde-se applicar em cosimento morno.

Ralada e dissolvida em agua tepida dá-se aos que tem ictericia.

Ralada serve para se untar morna a cabeça e a testa dos que tem escorbuto; e feita em cosimento serve para gargarejos a quem tem feridas na garganta. As folhas desta raiz seccas e feitas em pó dão-se a cheirar como tabaco aos mesmos doentes.

Feita em cosimento dá-se a beber a quem estiver rendido das verilhas, nas occasiões que sentir dores: A folha feita em pó, em porção que encha uma colher, applica-se da mesma maneira em

N.º	NOMES QUE TEM	DONDE VINDAS
40	Raiz de mufungambo	Districto de Calumbo
41	Raiz de musalngola	»
42	Raiz de quicununo	»
43	Páu de Catalango	Districto da Barra do Dande
44	Páu de paco	»
45	Raiz de xile	»
46	Raiz de muondongola	»
47	Raiz de vutula	»
48	Raiz de samba	»
49	Raiz de Santa Luzia	»
50	Raiz de mundondo	Districto de Ambaca
51	Resina de mubafo	»
52	Raiz de xille	»
53	Raiz de mube	»

MOLESTIAS A QUE SÃO APPLICADAS

agua quente, e produz o mesmo effeito. A raiz ralada serve para untar as juntas todas do corpo de taes doentes, e em clistel mata as lombrigas.

Feita em cosimento dá-se a beber a quem tem dores no ventre.

Tem a mesma applicação que a raiz n.º 34, e para a mesma enfermidade.

Ralada unta-se com ella qualquer ferida, e esta sara.

} Combinadas as cascas de ambos e feitas em pó toma-se como tabaco nos ataques de dores de cabeça, e faz-se tambem cosimento para banhar a mesma cabeça.

Dá-se a beber duas vezes ao dia, feita em cosimento, aos que padecem de molestia do peito.

Dá-se a beber em jejum feita em cosimento aos atacados de lombrigas.

} Combinadas estas tres raizes, e feitas em cosimento, dá-se a beber tres vezes ao dia ás mulheres que padecem do utero.

A casca desta dá-se a comer aos que padecem de lombrigas.

Serve para emplastos no estomago de quem estiver atacado de lombrigas.

Ralada e destemperada em vinagre applica-se em gargarejos aos atacados de esquinencia.

Serve para tingir pannos pretos misturando com tinta preta ou lodo.

N.º	NOMES QUE TEM	DÓNDE VINDAS
54	Raiz de caringo	Districto de Ambaca
55	Raiz de mubota	" "
56	Raiz de mucocolo ambuduca	" "
57	Raiz de mafuco-amuhogi	" "

N. B. Muito seria para desejar que tão uteis investigações se guella, de que a botanica é muito mais rica. Bom é começar.

MOLESTIAS A QUE SÃO APPLICADAS

Serve para tingir pannos amarelos independente de outra qualquer mistura.

Ralada e desfeita em azeite de mamona (por outro nome, azeite de carrapato) serve para untar sarnas.

Uma ou outra ralada serve para untar qualquer parte do corpo inflammada por motivo de escorbuto.

estendessem a todos os demais districtos de Angola, e aos de Ben-

CAPITULO IV.

Industria rural, fabril, e commercial.

QUEM tiver pela leitura do capitulo antecedente tomado conhecimento da força productiva do paiz de Angola e Benguella, mal poderá esperar que na cidade de S. Paulo de Loanda, cuja população permanente não chega a seis mil almas; — que tem por vizinhas as fertes lezirias do Bengo, do Dande, e do Cuanza, e as pingues varzeas da Ilamba, Icolo, Bengo, e Golungo; — e que mantém com estas suas cercanias communicações faceis (e mais faceis se tornariam ainda melhorando as estradas), — se veja a cada passo falta de viveres, ainda os mais necessarios á vida, e que na terra se produzem, como o milho, a mandioca, o feijão, os quaes mesmo no estado normal do mercado são sempre caros, bem como a carne de vacca, e as gallinhas etc. Em tempos não mui remotos chegou mesmo esta cidade a soffrer fome assoladoras; e foi para as evitar que o governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho fundou o terreiro publico em 1769: não tem esse terreiro sido exclusivamente provido com cereaes do paiz; mas tambem recebia *farinha de pau* (ou de mandioca), do Brazil, e das ilhas de S. Thomé e Principe, como talvez ainda hoje recebe: todavia depois dessa instituição começaram a tomar incremento as grangearias de milho, e feijão, — e mesmo a de farinha de mandioca, — e mais ainda desde 1819; porque o governador Manoel Vieira Tovar consagrou muita parte do seu governo a promover a agricultura, — sobretudo nos districtos de — Icolo e Bengo, — Dande, — Golungo (alto e baixo), — Calumbo, — e nos presidios de Muxima, e Massangano, aonde mandou que os soldados cultivassem para si terrenos adjacentes — providencia utilissima, porque além de formar soldados colonos, incitava os povos vizinhos a imitallos na lavoura.

Tenho á vista os mappas da producção daquelles districtos desde 1820 até 1833: darei aqui a somma resultante nestas duas épocas:

	Farinha de mandioca	Milho	Feijão
em 1820.....	11:367 <i>exeques</i> (ou fangas).....	7:187 <i>exeques</i>	3:605 <i>exeques</i>
em 1833.....	8:574 ditos	8:340 ditos	6:100 ditos

Comparando, vê-se que a producção do milho, e feijão, foi sempre em augmento naquelles 13 annos, — e ao contrario a da

mandioca, começada em maior escala sob as vistas do governador Tovar, foi depois d'elle diminuindo, — talvez por não poder competir em preço com a farinha de páu do Brazil. Ha ainda outras comparações a fazer: no fim deste capitulo apresento (em n.º 2) a cópia de um mappa do movimento do terreiro publico de Loanda nos annos de 1823, 24, e 25, remettido á secretaria do ultramar em 1828 pelo governador Nicoláu d'Abreu: por elle, além das entradas, se adquire uma idéa — do consumo annual, e do preço médio dos cereaes: — quanto ao consumo, colhe-se da comparação daquelle mappa com o que acabo de dar dos productos cereaes por aquella mesma época — 1.º — que já então os arredores de Loanda produziam milho, e feijão de sobra para o consumo dos moradores da cidade (pois os do campo mais se sustentam de inhames, e outras raizes, e plantas leguminosas como o *luco*, a *massambala*, e outros legumes indigenas, que de grãos destinados á venda) — 2.º — que a produção da farinha de mandioca pouco excedia — anno médio — a um terço do consumo; — por isso que este genero não é só consumido na cidade, mas tem tambem muito gasto nas matalotagens dos navios. Pelo que respeita a preços, vê-se daquelle mappa n.º 2, que os preços médios naquelles tres annos eram os seguintes:

Farinha de mandioca 3544 réis o exequê, ou 836 réis o *cazunguel* (medida um pouco maior que o alqueire de Lisbon).

Feijão 35601 réis o exequê, ou 900 réis o *cazunguel* (ou alqueire).

Milho 25346 réis o exequê, ou 586 réis o *cazunguel* (ou alqueire).

Estes preços (sujeitos sempre a grandes variações — o milho, e feijão por causa da incerteza das colheitas, — e a farinha de páu pela maior, ou menor affluencia dos navios do Brazil, que a trazem) podem reputar-se ainda hoje os mesmos; e bem pudéra Portugal repartir com Angola, que não tem moinhos — ou apenas tem um — (1) a sobra de suas farinhas de milho, e hatata. Quanto á farinha de trigo, ella lhe foi sempre de fóra, e dantes era mui cara, chegando ás vezes a vender-se a oito, e dez mil réis a arroba a que lhe ia do Brazil: hoje porém vae-lhe muita de Portugal, e o seu preço regular é de quinze a dezoito mil réis a barrica de seis arrobas, — e ás vezes menos.

Julguei dever começar por esta noticia, para por ella dar uma

(1) Havia dantes um moinho em Angola, que eu vi, e de que na sua Memória dá noticia Fortunato de Mello; mas creio que foi destruido, porque na resposta ao quesito 17 das indicações geraes diz o governador M. E. Malheiro em 1841 — *que não ha moinhos de qualidade alguma.*

idéa do estado da agricultura mais commum áquelle paiz. Allí cultivava-se o milho, o feijão, a mandioca, o inhame etc. como em toda a Africa, — banindo o arado, — preparando a terra com a queima dos restolhos, e quando muito com a enxada, — e semeando á mão no comêço das chuvas — a saber — em Março, e em Outubro, e assim, não faltando as aguas, se obtem duas colheitas no anno: nem eu aconselharia por ora a introduçãõ de methodos mais perfectos — em um paiz de gente çafara e rotineira, — e aonde pela feliz extincção do trafico da escravatura superabundam por ora os braços, que faltam em S. Thomé, e em outras partes. Parece-me que em taes circumstancias o que cumpre ás authoridades é persuadir aos moradores dos presidios de Massangano, e Muxima, e aos sóvas feudatarios dos districtos de Icolo e Bengo, Dande, e Golungo, que empreguem os seus escravos, de que já não podem fazer veniaga, na tão necessaria grangeria de mandioca — para assegurar primeiro que tudo a subsistencia do povo, e as virtualhas dos navios sem dependencia do Brazil; — nas do milho, e feijão, que muito conyirá que não diminuam; — e bem assim na cultura do algodão — facil a todos; — além do apanho da cêra a que estão afeitos (1); — tudo para virem vender em Loanda, em cujo porto, hoje tão cheio de navios, a tudo acharão sempre venda certa. As margens do Cuanza e do Bengo são na verdade inhospitas para europeus, e seria barbaridade projectar allí colonias de gente branca; mas os negros, que as habitam, — e os mesmos pardos de Massangano, — incitados ao trabalho podem tirar grande proveito da sua grande fertilidade — mesmo sem alterar a rotina da sua grosseira lavoura: o mesmo se pôde dizer da cidade de Benguella, e seus arredores — aonde os europeus se dão muito mal; mas aonde não ha falta de cereaes: o milho, e o feijão (e mesmo ordinariamente a farinha) allí são muito mais baratos do que em Loanda, porque as margens do Catumbella, e os riquissimos sertões de Bihé, Huila, Quilengues, e Caçõda (2) produzem tanto, que muito poderiam ainda exportar.

Abastecidos os mercados de S. Paulo de Loanda, e S. Filippe de Benguella pelo trabalho rural dos negros habitadores das terras

(1) Acerca deste bom seria aconselha-los por seu bem a não afugentar os enxames com o fogo, ensinando-os a usar de cortiços (ou antes de caixões) para mudar, e não destruir as colméas, aproveitar o mel, e não chamuscar a cêra.

(2) De Caçõda tenho eu á vista os mapps da produçõ de cereaes desde 1830 a 33: o termo medio desta produçõ era entãõ 60 mil alqueires de milho, — 40 mil de feijão — pouca mandioca; e já começava tambem a produzir algum trigo, ervilha, e outros legumes; cumpre porém advertir que aquella regiãõ, aonde aliãa ha bastantes cultivadores, é mui sujeita a fomes destruidoras por falta de chuvas.

paludosas e doentias da beira-mar, que lhes ficam visinhas, resta em seguida crear valiosos productos para a exportação, — daquelles que alli são já conhecidos, mas cuja delicada cultura só pôde ser confiada a cultivadores mais habéis que os indigenas do mato, apenas proprios para semear e colher toscamente o milho, os legumes, e as raizes farinaceas; extrahir mais toscamente ainda os oleos da palmeira e da ginguba; e as gomas de algumas arvôres, e arrancar o musgo *urechillo* que lhes veste os troncos; tirar a cêra dos inbondeiros queimando as abelhas; e caçar os dentes de marfim e cavallo-marinho, nas matas, e nos rios e lagoas. — Já se vê que fallo da cultivação do café, — da canna de assucar, — do anil, — do tabaco, — e mesmo do algodão, — cujo grangeio ha de sem duvida, na parte material, confiar-se a esses negros boçaes; mas o seu amanho muito carece da direcção de pessoas entendidas.

É nas saudaveis terras do interior, cortadas de bellos rios, abundantes em lenhas e em pastos, — nessas terras aonde os brancos vivem quasi tão bem como no Brazil (taes como Pungo-andongo, Ambaca, e Duque de Bragança — ao norte; Caconda, Huila, e Bihé — ao sul), — que taes culturas devem emprender-se em ponto grande, formando alli roças dirigidas por brancos, sub cujas ordens trabalhem os escravos. Para isto se conseguir parece-me que conviria = 1.º = guarnecer os bons presidios de Ambaca, Duque de Bragança, Pedras de Pungo-andongo, e Caconda, na sua maioria de soldados brancos, ou pardos, para lá transportados com toda a possivel commodidade no tempo do cacimbo (1); destinar-lhes algumas terras para as cultivarem em commum, e distribuir-se cada anno o producto por todos, como no tempo do governador M. Tovar. = 2.º = Crear presidios novos em Bihé e Huila (2), e guarnece-los do mesmo modo com gente branca, dando-lhes o character de colonias militares. = 3.º = Pôr quanto antes em vigor naquella provincia, como o está já nas ilhas de Cabo-Verde, o alvará com força de lei de 18 de Setembro de 1811, e offerecer, em conformidade com o dito alvará, terrenos de sesmaria não só aos moradores de Angola e Benguella e suas dependencias, como a todos os cidadãos de Portugal e seus domínios, e ainda mesmo aos estrangeiros que lá se quizessem naturalisar (3). = 4.º = Franquear de direitos de entrada os alambiques,

(1) E não como os vadios portuguezes que o nosso consul no Brazil remetteu para Angola em 1840, e foram mandados para o presidio Duque de Bragança em estação tão impropria, que morreram quasi todos no caminho.

(2) Consta-me que o governo actual tem já determinado fundar em Huila um novo presidio portuguez.

(3) Tambem me parece que os negros livres do interior consentiriam em vir for-

caldeiras, cilindros, e toda a especie de machinas ruraes e industriaes, e facilitar todos os transportes e commodidades aos empresarios das novas colonisações. = 5.º = Animar com mercês honoríficas, os lavradores perseverantes na exploração de novas culturas, como o governo actual praticou por decreto de 27 de Agosto deste anno de 1845, conferindo o habito de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa ao infatigavel lavrador, João Guilherme Pereira Barbosa por ter na sua fazenda de *Cazenga* elevado a produção do café a *seiscentas arrobas*. Oxalá que Sua Magestade tenha bem cedo a conferir por iguaes serviços muitas outras condecorações! Nos feracissimos sertões de Angola e Benguella não faltam leguas de um solo virgem mui superior em força productiva ás já cançadas terras da America, — banhado de ribeiras, fontes, e arroyos, — e alli mesmo sem difficuldade se podem obter escravos cultivadores pela decima parte do preço que custam no Brazil (e cada vez irão sendo mais baratos); e nem de madeiras e lenhas se experimenta falta... Que rival tão perigoso pôde tornar-se dentro em pouco este continente para o continente fronteiro!... O café de Angola, muito melhor que o do Brazil, e apenas inferior ao de Moka e S. Thomé, tem segura a venda em todos os mercados da Europa. A canna de asucar, tão geral e tão boa, como todos dizem have-la nesta regiões, aonde annualmente se consomem para mais de *duas mil pipas de aguardente de canna* (além de muito assucar), daria produções tão analogas ao gosto do paiz, que não careceriam por certo expor-se aos riscos da navegação para achar boa venda sem competencia estranha.

As amostras do seu tabaco acabam de ser methodicamente examinadas em Lisboa, e a Portaria do Ministerio do Ultramar de 6 de Feyerreiro deste anno, declarando-o — excellente para a confecção do rapé e charutos, ainda que de pouca força, — annuncia a disposição em que está a empreza do contracto do tabaco de comprar delle cada anno umas *oito mil arrobas*.

O algodão e o anil, são duas materias primas, a que o estado de progresso da nossa industria assegura indubitavelmente um consumo certo na metropole; — principalmente o algodão, que por mais que o cultivem em grande escala, ainda por muitos annos não chegará a supprir nem ametade do que emprega só a fabrica de

mar aldeas em redor dos nossos presidios, se ahi se lhes dessem terras maninhas da nossa jurisdicção, e se lhes garantissem as vantagens que foram concedidas aos indios do Brazil pela lei de 6 de Junho de 1755, fazendo vigorar outras anteriores. — Vidé o *Appendiz ás Leis Extravagantes* n.º 78.

fação, que já temos em Lisboa; mas o que é talvez indispensavel é assegurar *lá* esse consumo aos cultivadores, — o que me parece conseguir-se, adoptado o arbitrio de que deu parte o governador Manoel Vieira d'Albuquerque Tovar, no seu officio de 22 de Junho de 1820, de que passo a dar um extracto.

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. (escrevia elle ao Ministro, Conde dos Arcos).
« Tive a honra de participar a V. Ex.^a em Officio N.º 17 datado
« de 26 de Outubro do anno passado, que tinha animado a *plantação*
« do algodão (estando hoje cabalmente persuadido que he a principal
« riqueza deste Reino), e tendo-se plantado muitos centos de milhares
« de pés, me tem requerido alguns commandantes de Districtos, que
« os agricultores lhes representam o temerem a falta de compradores,
« pois ninguem até hoje exportou aquelle genero para fóra deste
« Reino, comprando só o preciso para o consummo de algum fio, ou
« para o tecido das *Tangas*; e que não tendo compradores ficava o
« seu trabalho infructifero: e julgando absolutamente preciso animar
« este ramo de agricultura e commercio, ordenei a todos os com-
« mandantes dos Presidios e Districtos o seguinte = *Que logo que*
« houvesse grande porção de algodão, e não apparecessem comprado-
« res a elle, neste cazo seria comprado por conta da Real Fazenda
« pela Feitoria do Presidio, sendo permutado a sal, *Polvora, Fa-*
« zenda, e *Agoardente*, ou comprado a dinheiro = tendo primeiro
« exposto na Junta da Real Fazenda este arbitrio, o qual foi appro-
« vado. . . &c. » — Não sei se esta disposição chegou a ser approvada
pela côrte do Rio de Janeiro naquella época — em que occorreram
grandes commoções: o que me parece é que ella deve ser renovada
hoje, — no caso de que não haja alguma casa de commercio, que
se offereça a tomar á sua conta esta especulação, aliás lucrativa:
o governo comprando a preço razoado o algodão em bruto no matto; —
mandando-o descascar e limpar em Loanda em engenhos, que lá mes-
mo se fazem; — fazendo-o depois enfiar, e imprimir em prensas
idas de cá, ou feitas lá; — transportando-o para Lisboa nos navios
do estado; — e vendendo-o em leilão na alfandega; — supponho que
obteria um lucro honesto; mas ainda quando nada ganhasse (ou mesmo
perdesse a principio) bem valeria a pena um tal esforço para animar
lá um tão rico grangeio — facil para toda a casta de cultivadores, ricos
ou pobres, e proprio para toda a casta de terrenos, bons ou máos; —
e pôr em voga cá a importação do algodão d'Angola, o qual logo que
comece a ser bem conhecido dos nossos fabricantes tenho para mim
que será estimado, e o commercio apoderando-se delle, serão desde
logo desnecessarios mais estimulos, para que essa materia prima ve-

nha a figurar nos mappas da exportação angolense com uma cifra ao menos igual á que hoje alli occupa a verba = Urzella = ha dez annos ainda desconhecida; mas que já não carece de impulso, — antes começa por ventura a temer-se a sua superabundancia.

Bom fôra tambem, a meu ver, assalariar no estado da India — e a ser possivel na mui populosa e agricola comarca de Bardez — algumas familias de colonos, para irem ensinar aos de Angola o amanho das varzeas do arroz, e mais ainda o dos palmares de coqueiros, — o modo de criar estas arvores preciosas, — e de extrahir de umas a *sura*, de outras o côco, — de reduzir este a *copra*, e desta tirar o azeite, — o de preparar o *cairo* para cabos, etc. Estes colonos intertropicaes, bem faceis de achimar em terra africana, depois de transportados á custa do estado, deveriam ser alojados tambem por conta da fazenda publica em alguma terra da beira-mar (proxima á cidade de Loanda) aonde hajam coqueiros, e visinha de um dos rios, cujas leziras paludosas se prestem bem á cultura do arroz; — nem será difficultoso de topar um terreno com estas condições nas margens do Dande, do Bengo, ou do Cuanza, para o dar em apanagio a estas familias com a unica condição de o terem cultivado ao modo aziatico dentro no praso de dous annos, durante os quaes o governo seria obrigado a fornecer a cada cazal — sementes, ferramentas, e uma consignação alimenticia estipulada d'antemão: dahi em diante cada um teria de subsistir pelo seu trabalho do producto do seu lote de terra, sendo-lhe tambem concedido o adquirir successivamente novas terras de sesmaria, se as podesse cultivar: penso que com estas condições não deixariam de acceitar a emigração para Angola alguns desses industriosos Goanos avezados a emigrar, não só para todas as partes d'Azia, mas ainda para a Africa oriental, — mais doentia que a occidental, — e aonde todavia vivem bem: quando porém tal expectativa se não realisasse, lá tem o arsenal de Gôa boa porção de condemnados ás galés, que estão fazendo despeza ao cofre da India, e melhor era que a fossem fazer ao cofre d'Angola, aonde podiam ir ensinar não só a plantação e aproveitamento do coqueiro, e do arroz, como tambem officios fabris, que alguns delles professam, e de que em Loanda ha bem mediocres artistas, — como por exemplo — os de marceneiro, corrieiro, etc. O tão estimado azeite de côco, extrahido por mãos indianas, entendo que pôde vir a ser um objecto importante de exportação; e uma vez ensinada a sua preparação, com ella se melhorará a do azeite de palma (ou dendem) de que ha grande abundancia, e que se vende regularmente a 200 réis a canada, — e do de amendoim (ou gin-

guba) optimo para luzes, e cujo preço regula por 250 réis a canada...

Do arroz não supponho que convenha generalisar tanto a culturação, que Angola chegue a exportar (1); mas póde deixar de importar para o seu consummo — o que já não será pouco vantajoso.

O trigo produz soffrivelmente em Caconda, e dizem que tambem em Ambaca, nas Pedras, e no districto Duque de Bragança: nos outros districtos não chega a criar espiga: parece-me pois que mais ganhará Loanda em continuar a receber da metropole, como actualmente recebe, farinha de trigo, bolaxa, e biscoute, em troco dos muitos generos coloniaes, que possui, e de que o nosso mercado sempre carece: a troca dos excedentes é que anima o commercio; e as produções exóticas são sempre mesquinhas.

Por certo que não carece já de incentivo o apanho da gomma copal (*mococoto*), especie de resina extrahida de uma arvore silvestre chamada *montonge*, que sendo descoberta em 1807, ainda em 1830 a sua exportação não excedia de 165 arrobas; mas tomou logo tal incremento que ha doze annos a esta parte não baixa de tres a quatro mil quintaes cada anno (2). O mesmo direi do apanho da *urzella de Angola*, musgo ha dez annos descoberto, e apenas ha sete annos conhecido nos mercados da Europa; mas que hoje constitue a maior parte das carregações de retorno dos navios, que lá vão de Lisboa.

A cêra — amarella, e branca — exporta-se hoje de Angola e Benguella em muito maior quantidade do que dantes, com quanto pareça que deveria ter diminuido a sua produção por effeito do barbaro processo de a colher queimando as abelhas, — o qual não extingue (graças á fecundidade intertropical), mas forçosamente diminue a raça productora de tão precioso artigo: refiro-me ao que já atraz levo dito a tal respeito; e todavia para prova da minha asserção tenho á vista diversos mappas de exportações de Loanda desde 1820 até 1833: na primeira destas épocas a salida da cêra de Angola montava a 8:500 arrobas: foi porém diminuindo a ponto

(1) O arroz tem baraleado tanto em Lisboa por se produzir muito já em Portugal, que por ventura será mais lucrativo, e mais saudavel para os colonos do interior de Angola e Benguella aproveitarem os seus bons terrenos em grangearias mais valiosas, — como as do café, canna de assucar, algodão, tabaco, etc.

(2) Bom fóra animar tambem pela compra a extracção da *resina do cajueiro*, que póde supprir em muitas applicações a gomma arabica: e por ventura que outras arvores haverá nas florestas, que poderiam fornecer gommias e resinas não menos preciosas... Da gomma copal já no anno de 1845 vieram para Lisboa mais de seis mil quintaes, como adiante se verá.

que nos annos de 1823 a 1825 pouco excedia de 5:000 arrobas; e nos de 1830 a 33 o termo médio das exportações orçava por *duzentos e quarenta mil arrateis* (160:000 da amarella, e 80:000 da branca); e desde 1840 para cá, segundo as noticias que tenho obtido, esta exportação annual não baixa de *dez mil arrobas* de cêra amarella, e mil arrobas de cêra branqueada (1).

O marfim, em quanto andou arrematado como contracto real, fugia quasi todo por contrabando para os portos de Ambriz, e Cabinda, aonde os mercadores estrangeiros (lá tolerados por abuso) o pagavam por muito maiores preços do que a infima taxa, e as vexatorias distincções no péso dos dentes, que o contracto inlligia aos vendedores, — perdendo-se até muitos abandonados nos matos só porque não tinham o *péso da lei*; e por isso esse contracto que ainda nos annos de 1820 a 1825 remetia annualmente para Lisboa 600 a 700 quintaes de marfim, já nos de 1830 a 33 não achava para comprar mais de 6:000 arrates: libertado porém do monopolio, desde 1830 tem acudido tão copiosamente ao mercado de Loanda, que dalli se tem exportado — anno médio — para mais de *cento e cincoenta mil arrates*; e talvez chegue a *duzentos mil* a exportação do ultimo anno.

A industria fabril não deve suppôr-se mui adiantada em um paiz africano: e todavia em nenhuma das outras nossas possessões d'África ha tantos artifices, como em Loanda. Comparando os mapps statisticos de varias épocas no seculo actual se conhece, que depois da separação do Brazil a industria fabril tem tido grande incremento naquella cidade: para tornar mais visivel esta differença darei aqui em resumo o pessoal das profissões nas duas épocas de

	1824 e 1832	
Alfaiates.....	58	137
Barbeiros.....	27	53
Calafates.....	17	26
Çapateiros.....	30	145
Carpinteiros.....	47	120
Cosinheiros, e padeiros.....	13	18
Ferradores.....	1	2
Ferreiros.....	5	53
Latoeiros, e funileiros.....	1	9
	<hr/>	<hr/>
	199	563

(1) Só para Lisboa vieram já este anno pouco menos de seis mil arrobas, e ainda virá mais, afóra a muita que vai para o Brazil, e ontros portos estranhos.

	<i>Transporte</i>	199	563
Marcineiros		2	6
Oleiros		10	32
Ourives		25	32
Pedreiros		45	138
Pescadores		30	143
Pintores		11	43
Tanoeiros		25	49
Torneiros		6	12
<hr/>			
Pessoal das profissões do sexo masculino		353	1:074
Mulheres	{		
Costureiras		219	438
Lavadeiras		117	369
<hr/>			
Total dos dous sexos		689	1:878

Não posso deixar de lamentar novamente ao traçar este capítulo a imperdoável negligencia que tem tido as authorities de Angola na remessa das statisticas modernas, que por tantas vezes, e ha tanto tempo se lhes tem pedido; se eu tivesse presentes mappaes de 1844 ao menos do modelo daquelles que encontro anteriores a 1834, poderia comprovar pela comparação aquillo que privado de taes documentos só posso vagamente afaçar, porque é constante — isto é — que a industria fabril de Loanda, com quanto tosca e antiquada em seus processos, tem ido sempre em augmento; e hoje poderá avaliar-se sem erro sensível em 2:500 a totalidade das pessoas de ambos os sexos, que se empregam em artes, e officios, e outras profissões mechanicas de trafego diario em terra, ou no mar; — entrando neste numero umas 1:500 pessoas livres, e ácerca de 1:000 escravos dos moradores da cidade, — da qual os solidos, e bons edificios publicos (alguns delles magestosos), e as muitas casas de particulares de construcção europêa e nobre attestam que as artes urbanas socias da architectura alli entraram com a conquista, e tem seguido ainda que de longe — retardadas talvez meio seculo, — o progresso da metropole. Não direi o mesmo dos artefactos: a lista dos operarios, que se acaba de ler, por si mesma indica não haver em Loanda outras profissões, que não sejam as absolutamente indispensaveis para suprir as necessidades mais urgentes dos cidadãos, — o que por certo não é já tão pouco em terras d'Africa; — mas as artes liberaes e de luxo, geradas no requinte da civilisação, nem as ha ahi, nem rasoavelmente poderiam esperar-se: as mesmas obras

de marfim, de ponta de abada, ou de madeira, que lá se fabricam — como bengalas, regoas, caixas de tabaco, cabos de facas etc. — são grosseiras, e de máu gosto, e a mão d'obra é extremamente cara: manufacturas, todas lhe vão de fóra, e a industria portugueza acha hoje alli um consumo nada inferior áquelle que havia no tempo do trafico da escravatura. Os indigenas sabem apenas fiar o algodão, e tecello em uns pannos chamados *tangas*, que amarram na cintura, e lhes cobrem os quadris descendo até o joelho: fazem tambem das fibras das folhas de certa casta de palmeiras de que o paiz abunda diversos tecidos, vulgarmente conhecidos pelo nome de *pannos de palma*, de que os mais triviaes são os chamados *libongos*, do tamanho e feição de guardanapos, que correm como moeda nos reinos do interior, e correram como tal mesmo em Loanda quasi até o fim do seculo xvii; fabricam-os porém de muitas outras dimensões, e qualidades, e alguns extremamente bellos: eu vi dous servindo de cobertura de mesas, que arremedavam veludo cortado: são tambem excellentes as esteiras que em toda esta costa se fazem da folha da mateba, e constituem um artigo de exportação: e nas terras do norte fabricam uns cestinhos tão delicados e de côres tão brilhantes, que vistos em distancia parecem obra de missanga fina: para dar essas diversas côres aos cestinhos, ás esteiras, e mesmo aos pannos servem-se com grande desperdicio do anil, da urzella, do extracto da tacula, e por ventura de outras séculas, de que só elles possuirão a receita: toscamente trabalham o ferro, e cobre, que tiram de suas montanhas mal depurado das materias estranhas com que se achava ligado: e no seu estado natural só sabem de carpinteiro quanto basta para cavar um tronco em fórmula de canôa; — levantar uma *cubata* (choupana) sobre bambús, que amarram com cordas por elles mesmos feitas das fibras do tal arbusto chamado *mateba* (1), e as forram com palha; — ou construir uma *quipaca* (trincheira) de páus cruzados e bem liados entre si: a isto se limita a industria que receberam da natureza; mas trazidos ao gremio da civilização são bons imitadores, e aprendem bem quanto se lhes ensina: pretos são pelo menos oito decimos dos operarios de Loanda (até lá conheci em 1824 um preto relojoeiro); e chegarão elles a ser perfeitos se lhes derem bons mestres: para esse fim foi sabiamente providenciada pelo governo actual a criação de uma companhia de sapadores, que deve ser exclusivamente composta de bons artífices de Portugal, convidados com vantagens a irem nella ter praça; e effectiva-

(1) Das folhas deste arbusto se fazem tambem esteiras, balaios, etc.

mente alguns tem ido; — muito menos porém do que lá se carecia; pois esta companhia, cujo estado completo deve ser de cem praças de pret — além dos seus tres officiaes — (e não é de mais, para derramar, e melhorar a instrucção fabril em toda a vasta extensão de Angola e Benguella) apenas contava no fim de Junho de 1844 — dois officiaes — cinco inferiores — e quarenta e nove cabos e soldados, — e destes se achavam vinte e cinco repartidos da maneira seguinte:

	Sargentos	Cabos	Soldados
No deposito dos libertos (1).....	1	—	2
No Trem.....	»	1	6
Nas obras publicas de Loanda.....	»	»	7
Na fortaleza do Penedo.....	»	»	1
No Golungo alto.....	»	»	2
Na corveta — Urania —.....	»	»	1
Em Benguella.....	»	»	3
Em Mossamedes.....	»	»	1

Sinto-lhe difficuldade em se chegar a preencher o quadro desta tão necessaria companhia de artífices com gente voluntaria ida de Portugal; porque ainda tem de correr annos antes que se dissipem os preconceitos contra a vivenda em Africa: as vagaturas hão de continuar, e mal se irão preenchendo as que occorrerem de novo com os *peores* artistas de Lisboa: nestas circumstancias novamente me cumpre recordar ao governo, que nos estados da India ha uma grande superabundancia de muito bons artífices, que cada anno emigram aos bandos para territorio inglez, por não acharem trabalho na patria: alli se poderia recrutar gente voluntaria (christa) quanta fosse mistér — até escolhida, — e dos officios que mais necessarios fossem em Angola, para preenchimento desta companhia; pois habituados aos mesquinhos salarios do Malabar, teriam por mui vantajosas as condições que foram offerecidas aos artistas de Portugal; e se a ellas se ajuntasse a concessão de terras de sesmaria aonde podessem plantar palmares de coqueiros, e semear arrozaes, e o transporte pago ás familias, —ahi teria Angola um viveiro de artífices e lavradores, de que os chefes de familia ensinariam aos afri-

(1) Este deposito dos libertos parece-me que se deveria unir ao Trem, — ampliando este a ponto de arremedar o *arsenal reunido de Goa*, — e distribuindo os libertos por as suas officinas regidas por bons mestres: seria mister porém pôr á testa delle um homem intelligente e activo: então não seria necessario comprar *lôra* por alto preço, ferragens, poliame, e outros objectos que alli se poderiam fabricar não só para os navios do estado mas ainda para vender á marinha mercante.

canos todas as profissões mechanicas, em quanto as mulheres e filhos lhes iriam mostrando como se cultiva o arroz, e quaes vantagens se podiam tirar do coqueiro; gente esta quasi aclimada, submissa, obediente, e afeita a viver com pouco, a tratar bem os negros, e a respeitar os brancos. Direi mais: se o governo quer ter em Angola alguns officiaes com estudos de mathematica — e bem os carecem tanto esta companhia de sapadores, como a de artilheria — á primeira proposta que mandasse fazer em Goa, acharia aspirantes com carta académica, e alguns annos de serviço — mesmo na arma de artilheria, — que de boamente acceptariam uma banda para ir servir em Loanda, aonde até com alguns delles se poderia restabelecer a antiga aula de mathematica alli creada nos fins do seculo passado pelo excellente governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Cada vez estou mais persuadido que só com colonias de asiaticos se poderá dar um impulso forte á civilisação africana.

Tornando ao estado da industria em Angola, além do que já deixò indicado, tenho a annunciar, — que alli se prepara a cera para embarque; extrahese (bem ou mal) o azeite de palma, de que se exporta muito para as saboarias da Europa, e o de amendoim, que se gasta no paiz para luzes, e de que tambem se exportam algumas pipas; e se sabe já descascar e limpar o algodão, e fazer a lavagem para apurar o salitre: o amanho das salinas fazse methodicamente nas de Benguella, e Cacucuo, posto que o sal de umas e outras seja de inferior qualidade: reparam-se soffrivelmente as avariás dos navios, e fabricam-se bem lanchas, e pequenas escunas; e já por vezes, apezar da falta de estaleiros, lá se construíram maiores navios (1): em Ambaca estabeleceu o governador Tovar uma fabrica de curtumes de pelles, que pouco tem prosperado (2): e finalmente tanto em Loanda, como em Massangano se fabrica muita telha, e tijolo, e muito boa louça de barro; e nas margens do Dande ha um engenho de serrar madeiras á moda antiga.

A industria commercial é sem duvida a mais interessante naquella possessão; mas o tráfeço que vae crescendo nos seus portos

(1) Lá foi feita a fragata — *Loanda* — começada em 1771 pelo governador D. Francisco I. de Sousa Coutinho, e concluida em 1780 pelo governador D. José Gonçalo da Camara. O governador Manoel Vieira Tovar começou a construir um brigue que deixou incompleto — e assim o vi eu lá em 1824: — supponho que depois o arrazaram em escuna para serviço do trem... No tempo de Salvador Corrêa de Sá Beneditos construíram-se galés em Massangano, e em todos os tempos escunas, patachos, sumacas, lanchas, barcos, etc.

(2) E muito fóra para desejar que prosperasse e que além das pelles de veado, e de seixe, que ainda lá ás vezes se curtem, tambem se curtissem as de anta — de lontra, — de gazella, — de onça, — etc., etc.

depende essencialmente do commercio interno; e é deste que tratarei primeiro, para sobre elle chamar a attenção do governo de Sua Magestade. Tres faltas experimenta Angola, com as quaes mal poderá prosperar o commercio do interior — falta de viaturas, — falta de transportes, — e falta de feiras: — tratarei de cada uma em separado. . . Os caminhos por onde transitam os çafaros habitadores desta barbara região não passam quando muito de trilhas de pé posto, quaes podem suppôr-se em um paiz virgem, atravez de valles e collinas, de cêrros e despenhadeiros, e obrigando muitas vezes a circuitar leguas para evitar o embaraço natural de um rio caudaloso, uma lagôa, um brejo de atolleiro, uma matta impene-travel, ou uma montanha inacessivel; e é isso o que tem tornado até hoje indispensavel que as cargas do interior venham á cabeça de homens, porque ainda quando houvesse animaes de carga (e alguns ha, mas poucos — os *bois cavallos*) em muitos logares seria impossivel fazê-los transitar carregados: contra este barbaro tributo dos negros carregadores se tem clamado muito na imprensa, e no parlamento; e com razão, porque sobre ser inhumano não pôde já hoje ser efficaz desde que não é permittido trazer aos portos essas antigas récuas de escravos, que de uma só vez transportavam grandes carregações: mas o declamar para pouco presta; e o melhor meio de destruir antigos abusos é torna-los desnecessarios; porque por mais que se grite, em quanto não houverem estradas, por onde transitem bestas, tem os homens de servir de bestas, ou hade parar de repente o movimento mercantil. Porém o abrir estradas soffri-veis, commodas, e sem luxo — entre S. Paulo de Loanda e os seus presidios — não me parece empreza de invencivel difficuldade em um paiz aonde não ha mingua de braços disponiveis — que já se não vendem para fóra, — e aonde as leis da vassalagem continuam em pleno vigor: nem os antigos governadores de Angola haviam inteiramente perdido de vista o systema de communicações internas: existia com effeito desde longo tempo uma tal ou qual estrada, que partindo da fortaleza do Penedo atravessava o Cacuaco desembo-cando proximo ao Bengo, e dalli seguindo as sinuosidades do pe-queno rio *Zenza* por terrenos alcantilados e irregulares, só no sitio de *Calucala* — no districto de Icolo e Bengo — começava a achar terreno plano até o sitio de *Calungumbo*, aonde se dividia em duas — uma que correndo quasi a Leste atravessava o Golungo alto, e as terras de Ambaca, seguindo depois ao Sul para Pungo-an-dongo, — e outra que se dirigia ao mesmo presidio de Pungo-an-dongo, cortando logo ao SE. pelas terras de Massangano, e Cambambe:

este caminho porém, mal traçado pelas suas muitas voltas, escabroso em muitas partes, apenas tinha em certas paragens largura bastante para passarem dous homens a par: o governador Noronha em 1839 de accordo com a camara municipal de Loanda deu principio a uma estrada de trinta pés de largura, abahulada, e com escadouros e vallas lateraes, a qual evitando as encostas do Zenza deve ir com pequeno declive desembocar no Bengo junto a *Calungumbo*, e dahi aproveitando a antiga estrada do SE, — e melhorando-a aonde fôr mister segundo o plano geral — seguir ás terras de Massangano, Cambambe, e Pungo-an-dongo: desta estrada principal deixou aquelle governador acabadas para mais de 800 braças, conhecendo-se logo que a despeza era diminuta; e por officios do governador Malheiro constou haverem-se suspendido as obras daquella estrada quando já tinha duas leguas de extensão: não sei se os governadores que lhe succederam deram a attenção devida a tão importante objecto: parece-me porém, que mais barata sahira esta estrada, e mais de prompto se concluiria, se o governo de Angola contractasse com os sovas feudatarios por onde ella tem de passar, commutalhes o antigo tributo dos carregadores (1) em certo numero de trabalhadores dos seus vassallos (ou *filhos*, como lá lhes chamam) que ajudassem a construir esta viatura, de que elles mesmos tirariam tamanha vantagem nas suas frequentes communições com a capital, que ainda mais frequentes então se tornariam; e não só esta estrada assim poderia fazer-se, mas ainda abrir novas linhas de communição com S. José d'Encoge, Duque de Bragança etc., destinando-se officiaes intelligentes para as traçar, e inspecionar; e provendo-se rasoadamente e sem mesquinhez ao sustento dos trabalhadores do sertão, — até mesmo para os afeiçoar ás nossas cousas, e inspirar-lhes o amor do trabalho.

A cidade communica-se por mar com as barras do Bengo e do Dande, donde lhe vem a maior parte dos generos do paiz que consomme, e tambem com a de Calumbo dentro no Cuanza; nesta navegação de cabotagem se emprega um crescido numero de canoas, e barcos, e lanchas de particulares, e tambem algumas pequenas embarcações do estado pertencentes ao Trem; mas da navegação interior do Cuanza, e do Bengo, não se tira actualmente a vantagem, que poderia tirar-se, e que já se tirou no tempo do governador Tovar, o qual comprou em 1820 canoas por conta da fazenda

(1) Do mesmo modo que o sabio governador Saldanha da Gama commutou esse mesmo onus dos carregadores aos sovas do alto Golungo no tributo annual de cem barrihas de ferro por elles extrahido das suas proprias minas, e toscamente afeiçoado.

publica, e as fez navegar a frete por conta da mesma fazenda com carga de particulares em periodos certos — de Calumbo — a Maxima — a Massangano — e a Cambambe; e da foz do Bengo até o districto de Zenza e Quilengues: e no relatorio que acompanhou o seu officio de 23 de Janeiro de 1821 annunciava que desta providencia *tinha utilisado a real fazenda algumas sommas pecuniarias, e o commercio grandes vantagens*: para melhor assegurar estas vantagens aquelle governador fez construir dous armazens de deposito de mercancias — um em Calumbo para o commercio interior do Cuanza — outro junto ao Zenza para o commercio interior do Bengo: estes armazens subsistem: não valeria a pena renovar-se a tentativa das canoas de fretes? . . . Tudo o que fica dito refere-se ás communicações do interior de Angola.

Quanto a Benguella, entendo que bastará melhorar as estradas que existem daquella cidade para Caconda pelo Dombe grande, e para Bihé — as quaes não darão grande despeza, porque já são transitaveis para bestas de carga —; e fazer uma boa estrada nova desde a bahia de Mossamedes por Huila até Caconda, visto que se me antolha mui provavel que no porto de Mossamedes se venha a formar em breve uma grande feitoria de brancos, atrahidos pelos seus bons ares, boas aguas, abundancia de viveres, mansidão dos povos visinhos, e vantagens mercantis da sua posição: com alguns presentes aos sovas do sertão levemente se conseguiria, que elles se encarregassem da feitura desta estrada, havendo quem a dirigisse com acerto.

Seria também de summa conveniencia para assegurar a communicação por terra entre os dois reinos de Angola e Benguella, e do sertão com os portos de mar de Novo Redondo e Quicombo, avassalar de uma vez os povos da Quissama, começando por lhes tomar as minas do sal, e fundar junto dellas um presidio em *Adenda*, aonde já o houve no tempo de D. Jeronymo de Almeida, e dalli impôr-lhes a paz com mão armada. . . Este logar de *Adenda* (ou *Demba*) dista pouco mais de dez leguas de Muxima, e umas quinze leguas de Novo Redondo. . . Tenho para mim, que duzentos ou trezentos soldados regulares com alguns cavallos e cinco mil empacasseiros escolhidos partidos de Muxima sob o commando d'um official habil, e experimentado nas guerras do mato, — em quanto a guarnição reforçada de Novo Redondo fizesse uma diversão ameaçando no Sudoeste da Quissama os sovas de *Sellas*, e *Quingollo* — desfariam toda a opposição daquelles barbaros tão gloriosamente, como o fizeram com esses mesmos inimigos muitos capitães portuguezes em muitos

encontros, e nomeadamente em 1595, — 1603, — 1606, — 1671, — 1689, — 1695, — 1710, — 1733, — 1740, — 1773, — 1819, e ainda mais modernamente; que em todas essas épocas este povo inquieto e máu provocou as iras dos portuguezes com roubos, insultos, e tropelias, e de todas as vezes foram destroçados, e bem escurmentados; sem que todavia os conquistadores depois de D. Jeronymo d'Almeida tenham querido refrear para sempre tão incommodos yisinbos com pôr-lhes um presidio nessas minas de sal de que depende a subsistencia delles. A maior objecção que se oppõe a este projecto, é ser o paiz alli tão falto d'aguas, que os naturaes no tempo sêcco bebem daquella que se conserva como em reservatorios nos troncos dos *imbondeiros* desde o tempo das chuvas; e quando sentem os nossos na terra furam esses troncos para que despejem a agua, e os nossos della se não aproveitem. Esta difficuldade porém tem-se sempre superado nas muitas guerras anteriores, em que os portuguezes tem penetrado no coração da Quissama, levando-se cargas d'agua do Cuanza; e melhor se poderá provêr a ella hoje com camellos de carga bem escoltados, em uma marcha de dez ou doze leguas desde Muxima até Adenda, levando o nosso exercito alguns sapadores, e uma companhia de trabalhadores com ferramentas proprias não só para abrir os caminhos, e trabalhar nas faxinas, mas para construir logo logo uma grande cisterna no local designado para assento do presidio, e forra-la com petroleo do Dande (1): esta expedição deveria fazer-se no comêço das chûvas, e depois de escolher para o presidio uma situação defensavel, alegre, eminente, e desafrontada de mattas, formar ahi um campo entriacheirado com sacoria de calhamaço, que lá se encheria de terra, e ao abrigo desta fortificação provisoria, guarnecida com alguma artilheria de campanha, levantar um reducto abaluartado com accomodações para uma guarnição de dozentas praças, paiol, e bons armazens para bastimentos, etc., e a cisterna no centro; assestar alli boa artilheria, e mandar-lhe por via de Muxima reforços mensaes para renderem os doentes. Quem nos seculos passados dava muita ousadia áquelles barbaros era o apoio do sóva de Bailundo, potentado guerreiro, chefe de jagas, que vive da guerra, e anda sempre no campo, e por isso temido de todos aquelles povos; e nem esse mesmo poderoso auxiliar foi parte para lhes evitar assignaladas derrotas: modernamente porém esse régulo se tem mostrado muito disposto a unir-se aos

(1) O dr. Lang. na sua Memoria indica que o melhor emprego que se pôde dar ao petroleo é applica-lo para forrar poços, e cisternas, onde depois de secco toma a consistencia do asphalto, e beneficia muito as aguas.

portuguezes, como se vê do officio n.º 146, com o qual o governador Manoel Vieira Tovar remettia em 9 de Fevereiro de 1821 ao ministro conde dos Arcos um outro officio de Antonio Nogueira da Rocha, capitão-mór da provincia de Bailundo datado em 10 de Novembro de 1820, em que assegurava estar aquelle sóva *pronto a avassalar-se* e ainda mais — *desejoso de baptizar-se*: pena foi não se aproveitar logo tão feliz ensejo; mas estou certo que ainda hoje não seria difficil persuadi-lo pelo menos a avassalar-se, e ajudar-nos a conquistar a Quissama (a guerra é o seu elemento), offerecendo-lhe a posse daquellas terras, e das minas do sal, com a condição de pagar á corôa portugueza o quinto do sal, e os dizimos das terras, e de abrir tres boas estradas — uma de Muxima até o novo presidio das minas, — outra dalli a Novo Redondo, — e outra até á margem do Rio Longa aonde finda a Quissama, no lugar que parecer mais conveniente para dalli continuar o transitio para Benguella, Bihé, e Caconda; juntando a isto a costumada obrigação de nos ajudar em todas as guerras com os seus empacasseiros; ganhando em troca a protecção, e soccorro das nossas armas para o manter na posse da conquista contra os seus inimigos.

Deste modo facilmente se estabeleceriam as communicações entre as diversas comarcas desta tão extensa região, e de anno para anno o commercio interno tomaria grandissimo desenvolvimento.

Este desenvolvimento porém só se poderá sentir com vantagem quando tiver sido possivel substituir nos transportes as bestas de carga, e os vehiculos ao antigo systema dos carregadores (1), — systema que d'ora em diante, dando-se cumprimento ás ordens regias vigentes, só poderá effectuar-se por meio de ajustes concertando-se os negociantes com os negros — o que lhes sabirá bem caro, — ou empregando cada um nesse serviço os escravos das suas roças, — que forçosamente hão de fazer falta ao amanho dellas.

Comtudo em um paiz tão abundante em pastos naturaes não parece difficil crear animaes de carga.

A primeira criação que com todo o cuidado se deveria fazer prosperar é a dos *bois-cavallos*, animaes indigenas, que sempre tem servido de cavalgadura aos naturaes do paiz, e de condução para as suas cargas, deixando-se guiar por uma corda passada atravez das ventas, que lhes furam desde pequenos: augmentar uma raça

(1) Este systema consistia em um onus odioso imposto aos sóvas vassallos de fornecerem aos *aidados* carregadores *forçados*, aos quaes se não pagava, nem se lhes dava o necessario para subsistir, e recebiam muito máu trato: e isto tem motivado muitas emigrações.

de animaes tão util deve ser um dos primeiros cuidados do governo, prometendo um premio determinado áquelles creadores, que apresentarem de certo numero para cima nos primeiros dez annos. A segunda providencia deve ser a introduccão de carros de transporte (do systema moderno) nas terras aonde forem havendo estradas, — com carreiros intelligentes (os quaes facilmente se acharão entre os degradados a principio, e depois entre os mesmos negros) que saibam acostumar ao jugo quando ainda novillos os bois communs, de que o paiz tanto abunda.

Já se vê pois que mesmo no seu gremio Angola tem muito com que fornecer transportes logo que haja estradas, e carros. A experiencia além disso tem mostrado que nas margens do Dande, e do Bengo propagam (e melhor propagariam talvez nos sertões de Benguella) os cavallos, e os burros, havendo com as manadas o trato devido; e alli se tem obtido mui boas muares: mas a coude-laria instituida no Dande pelo governador Saldanha, — que tem fornecido sempre cavallos para o esquadrão, e alguns a particulares, — de 54 cabeças que contava em 1819 só lhe restavam 31 em 1844; e a manada de burros e muares, que Luiz da Motta Feo separou para o Bengo, supponho achar-se extincta, porque nem della nos dão noticia. Se esta negligencia em deixar perder tudo continuar a ser a ordem do dia de Angola, para nada prestam alvitres; mas se ha com effeito nos que lá governam vontade de promover o seu melhoramento, nada ha mais facil do que mandar ás ilhas de Cabo Verde dous hiates carregar de casaes de burros, dirigindo-se um a Loanda, outro a Benguella (ou Mossamedes) para estabelecer uma manada de burros e muares nas terras de Icolo e Bengo, ou Gollungo, — e outra nas de Caconda ou Huila, de que se irão vendendo as crias a todos os particulares, que as quizerem comprar a preço rasoado: repetindo-se estas carregações poderja ainda distribuir-se um ou dois casaes de burros a cada um dos nossos presidios, incumbindo-se ao regente, ou commandante respectivo o vigiar sobre a propagação delles em seu proprio beneficio: as despezas que com esta introduccão se fizessem seriam no futuro grandemente compensadas com a utilidade que todos — ricos, e pobres — viriam a tirar de tão sobrios, robustos, e prestadios animaes.

Quanto á manada cavallar, — necessaria para as remontas da cavallaria, e para della se tirarem cavallos-paes, e eguas, para os cruzamentos da manada muar, — muito convirá incumbilla a quem entenda do delicado trato, que tão nobres animaes requerem; e querendo-a melhorar com certeza de bom resultado, e não grande

despeza, bastaria mandar um dos nossos navios no caminho para Angola tocar na colonia ingleza de Santa Maria de Gambia na alta Guiné, e comprar ali tres ou quatro cavallos-paes, e outras tantas eguas da excellente raça de cavallos arabios, que os jalosos criam, e vendem, os quaes não teriam que estranhar nem o clima, nem os pastos do solo africano; e se ao mesmo tempo fosse possível assalariar para ir com elles um negro jalolo dos que nelles tratam, seria esse um bem coudel para toda a manada.

Dos camellos, novamente introduzidos, ainda se não sabe se — sim — ou não — propagarão em Angola; grande fortuna será que lá se aclimem; mas ainda assim é mister, poupa-los muito a principio, e não os empregar se não no transitio de terras plainas, desprovidas d'agua, aonde quaesquer outros animaes se definhariam á sêde.

Direi agora alguma cousa sobre a falta de feiras, historiando em poucas palavras o que a tal respeito ha passado em Angola. Em 1620 tendo noticia o governador Luiz Mendes de Vasconcellos das violencias, e desatinos, que praticavam no sertão os brancos, pardos, e pretos calçados, *aviados* (1) dos negociantes de Loanda, com que além de comprometterem as fazendas dos seus commitentes muitas vezes pelos seus vexames chegaram a suscitar guerras perigosas com os sovas a quem maltratavam, prohibiu com graves penas a entrada no sertão a mercadejar a todos os brancos, pardos, e *negros calçados* (2), permittindo-a sómente aos *pumbeiros* (3). O seu successor João Corrêa de Sousa confirmou esta prohibição, mas para que o commercio não padecesse por ella creou a feira do *Dondo* entre Massangano, e Cambambe, na margem direita do Cuanza, para que a ella acudissem os moradores destes dous presidios, e os de Muxima; — a feira de *Beja* na mesma margem do Cuanza a seis leguas das Pedras de Pungo-an-dongo; — e a feira de *Lucamba* na margem direita do rio Lucala mui perto de Ambaca. Havia naquellas feiras mercado permanente, armazenando-se regularmente as fazendas dos *aviados* em armazens da fazenda nacional entregues á administração de um almoxarife com seu escrivão, o qual abria conta a cada um em livros mui bem escripturados, mediante um

(1) Os *aviados* são commissarios volantes sertanejos, a quem os moradores de Loanda costumam confiar grosso cabedal em fazendas, de que nem sempre dão boa conta; e ás vezes por lá morrem, e lá fica tudo; e outras vezes vivem, mas não voltam.

(2) Os pretos logo que lhes é permittido calçar chapatos são tidos em conta de brancos, e muito mais sendo *aviados*.

(3) Os *pumbeiros* são pretos descalfos, especie de bufariñeiros, agentes dos *aviados* para a venda a retalho, na qual se mostram mui habéis, e quasi sempre dão boas contas do pacotinho, que se lhes incumbê.

pequeno direito de armazenagem, que as mercadorias alli pagavam, ficando nelles seguras para seus donos ainda no caso de fallecimento dos aviados. Este almoxarife, e escrivão eram sujeitos ao director da feira, especie de magistrado, que mantinha a policia, e boa fé nas transacções, e decidia summariamente quaesquer duvidas.

Assim eram reguladas (e parece-me que muito bem) as feiras de Angola, e assim permaneceram por perto de dois seculos; porém como os escravos nestes mercados se vendessem um pouco mais caros do que no interior das terras, desde os principios do seculo XVIII (ou talvez antes) começaram alguns especuladores mais poderosos, e bem relacionados, a impetrar concessões para os seus aviados irem mercadejar ao sertão além das nossas fronteiras: em pouco tempo tornou-se geral a relaxação; e as feiras cahiram em desuso: novamente se derramaram os aviados por todo o sertão d'África, e alguns, imitando o corvo da arca, nunca mais voltaram, occasionando á praça de Loanda mui grossas perdas — para mais de cem contos de réis — em castigo da sua cubiça.

Hoje que os resgates são outros pela extinção da escravatura, é de absoluta necessidade renovar a prohibição de Luiz Mendes, e restabelecer as feiras no antigo pé, fazendo passar por ellas as novas estradas em projecto, e estabelecendo logo depois uma carreira certa de carros de transporte (por conta da fazenda publica, a não haver quem o emprehenda) entre as ditas feiras e a capital de Loanda, para fornecer aos negociantes a commodidade de mandar para a feira aos seus aviados as fazendas de resgate, e receber de lá o marfim, a cêra, e os demais generos resgatados, mediante um pequeno frete: para a feira do Dondo podem tambem estabelecer-se embarcações de carreira pelo Cuanza, tocando em Calumbo, Muxima, e Massangano; e bom seria outrosim communicar entre si as feiras do Dondo, e de Beja, navegando em canoas até ás cataractas do Cuanza pouco acima de Cambambe, e dahi por terra umas doze, ou quatorze leguas até Beja, aonde ha já estrada que poderia melhorar-se: para a feira de Lucamba conviria adiantar a estrada de Ambaca, ou aliás tirar partido da corrente do Lucala.

Outras feiras poderiam ainda instituir-se, como por exemplo — uma no districto de S. José de Encoge, — outra no districto Duque de Bragança, para ir chamando ao nosso trato os visinhos Molúas, — e outra junto a Caconda etc. (1). Adoptadas estas providencias,

(1) No tempo do governador Saldanha da Gama (conde de Porto Santo) houve tambem uma feira nas terras do *jaga Cassange*: e tambem proximo a S. José d'Encoge, á margem do rio Ambriz, houve a feira de *Oanda*, de ha muito tempo abandonada.

parece-me que indubitavelmente o commercio d'Angola assumiria aquella regularidade, que hoje lhe falta, e os resgates acudiriam ás feiras, e dellas viriam aos portos com muito mais facilidade, e conveniencia: não devo porém dissimular, que taes projectos tem de encontrar grandissimos embarços na execução da parte de muitos funcionarios, que ainda se illudem com a esperança de perpetuar naquellas costas o tão nocivo contrabando da escravatura, para o qual fornecem certo disfarce essas câfilas de carregadores, que se fazem marchar do interior para a capital, e entre os quaes vem, como dantes vinham, muitos escravos já destinados a uma clandestina exportação: e eis-aqui porque tanta gente se empenha em obstar ao progresso das estradas — á propagação dos camellos, — dos burros, — das muares, — e a tudo quanto possa tornar desnecessarios os taes carregadores, que elles se interessam em representar *indispensaveis*. . . Só com uma firmeza inflexivel se poderá levar ao cabo este triunfo da civilisação, que bem depressa estenderia os seus effeitos a muitas terras ainda para nós desconhecidas — ou mal exploradas — no coração d'Africa: é hoje *facillimo* attrahir ao nosso trato os *Molúas* agora visinhos do districto — Duque de Bragança, — e por via de alguns delles assalariados ao nosso serviço se pôde abrir communicação seguida com as terras do *Cazembe*, e com os *Muizas*, e com os *Maravés*, que traficam em Tete, e Rios de Senna na contra-costa oriental; e até com o tempo se poderia resolver o *Muata*, (1) e o *Cazembe* a abrirem por sua conta boas estradas por onde transite o commercio, pagando-se-lhes nellas um direito de passagem em fato, como é uso em toda Africa (na alta Guiné chamam-se *daxas* estes direitos de barreira).

Sabe-se que o *Cazembe* resgata muito marfim com os mouros do Zanzibar por via dos cafres *Mojãos*; e esse marfim pôde vir a

(1) O *Muata* é o rei, ou chefe dos *Molúas*; e o *Cazembe* um potentado que tem a sua corte a 270 leguas da nossa villa de Tete na Africa Oriental, e umas 800 milhas distante de Angola, segundo o calculo do capellão do dr. *Lacerda*, que se pôde ler a pag. 200 do n.º 5 da 5.ª serie dos *Annaes maritimos*, marcando a marcha dos negros em dois mezes de quatro a cinco leguas por dia: e cumpre advertir que a denominação de *Muene Puto* (ou *Mani Puto*) que aquelle capellão julgava competir a algum régulo visinho d'Angola, é a que os negros daquelle sertão conferem ao proprio governador d'Angola, ou ao rei de Portugal, cujos são aquelles estados. . . Vid. *Flo Cardoso*, *Bowditch*, etc. — As observações astronomicas do dr. *Lacerda* (*Annaes maritimos* n.º 3, 5.ª serie, pag. 121) dão uma distancia de 1:030 milhas de Loanda ao logar de *Mouro Achinto*, situado a uns 9 dias de marcha (ou 30 e tantas leguas) para além do *Cazembe*: e por isso a posição deste ultimo parece poder determinar-se approximadamente por aquellas observações a 900 milhas de Loanda na Costa Occidental, e a 700 milhas de Quillimane na Costa Oriental. . . Este calculo merece mais fé que o primeiro.

cf. Burton
Cazembe
16

Loanda, aonde achará melhor veniaga a troco das missangas, caurís, espelhos, gangas azues, tabaco, aguardente, e fazendas de lã e de algodão, e outras louçainhas e quinquilharias da Europa, que no Zanzibar são sempre muito mais caras.

As passagens dos rios é outro objecto intimamente ligado com as viaturas terrestres, que deve merecer uma constante attenção das auctoridades; e tanto mais que ellas fornecem rendimentos ao cofre da provincia: as que actualmente existem só no interior de Angola rendem mui perto de tres contos de réis: convém pois tornar essas mais commodas, e crear outras aonde por ventura ainda faltem; e sobre os rios de pouco cabedal, que intersectarem as estradas de maior passagem, e que não sejam sujeitos a entumecer-se muito no tempo das chuvas, melhor fôra construir pontes bem solidas, e largas, que dispensem as barcas tão incommodas — sobretudo para a passagem de bestas de carga, e dos carros de bois, quando venham a introduzir-se, como tanto se ha mister.

Para o movimento do commercio dos portos felizmente já não é necessario que se criem incentivos: elle por si mesmo augmenta de anno para anno; e actualmente apenas se passará um só mez sem que de Lisboa, ou do Porto partam — dous, — tres, — ou mais navios mercantes portuguezes, — carregados quasi exclusivamente de productos do nosso solo, ou da nossa industria, — e voltem outros tantos com preciosos retornos de marfim, cêra, urzella, tacula, e outros generos coloniaes: . . . e o que será quando aquellas terras produzirem em abundancia o algodão, e o café?! . . . Estão pois desmentidos pela experiencia os terriveis prognosticos dos defensores do trafico de escravos, que vaticinavam ainda ha bem poucos annos vêr com a cessação delle desertos aquelles portos. . . É certo que delles vão fugindo os navios brazileiros, que outr'ora alli affluim em tamanha cópia para roubar ás terras incultas de Angola os trabalhadores de que tanto carecem, e ir com elles fertilisar o Brazil; mas em compensação vinte e tantos navios mercantes da metropole para lá estão agora effectivamente encarreirados em vez de dous ou tres que dantes lá iam uma vez no anno: de Portugal lhe vão hoje, e por melhor preço as fazendas, os moveis, e as subsistencias, que dantes recebia do Rio de Janeiro, da Bahia, e de Pernambuco: está finalmente mui gasta, e quasi a quebrar de todo, a cadêa de interesses reciprocos — licitos, e illicitos — que nos tempos passados unia Angola (e ainda mais Beñguella) ao imperio do Brazil (e que chegaram a motivar serias apprehensões no tempo da guerra com aquelle imperio), ao passo que se vão cada dia estreitando mais e mais os

laços que as unem á mãe patria: e por outra parte os navios inglezes, francezes, e americanos do Norte irão acudindo a preencher de sobra o vacuo que lá deixam os *negreiros* da America do Sul: o tempo se aproxima, em que o continente de Angola — mais portuguez que ha trinta annos — de escravo que era do continente do Brazil, se mostrará seu rival nas exportações. A isto acodem os financeiros da velha escola gritando — que quanto mais se augmenta o commercio com a metropole em substituição daquelle que havia com o Brazil mais mingoados se tornam os rendimentos publicos; porque os navios que vão de Portugal ou levam manufacturas portuguezas, e productos do nosso sólo, ou mercadorias estrangeiras que já cá pagaram direitos de consummo; e então as alfandegas de lá nada tem a cobrar das importações: — isto é verdade; mas quem se não regosijará com um tal resultado?! — O augmento progressivo da nossa industria fabril com a certeza do consummo colonial; — a mais facil extracção dos nossos vinhos, e aguas-ardentes, dos nossos cereaes, e dos muitos comestiveis, que fornece a nossa terra; — o augmento na renda das nossas alfandegas pelo despacho a consummo daquellas mercadorias de outros paizes da Europa, que se reexportam para o ultramar; — o emprego dos nossos navios; — o augmento da nossa marinha mercante; — os lucros dos nossos commerciantes; — o preço dos trabalhos braçaes neste movimento mercantil, que a tanta gente dá pão em nossos portos; — serão vantagens de pouca monta, que se devam pospôr á cobrança precaria e fallaz de mais meia duzia de contos de réis em uma, ou outra alfandega ultramarina, para entregar aquelles portos á navegação d'estranhos?!... Os que sustentarem um tal paradoxo *provavam de mais*; porque o corollario das suas doutrinas é o seguinte — «*Queimem-se todos os navios portuguezes, e todas as fabricas portuguezas; nem se recebam em nossos portos senão mercadorias estrangeiras trazidas em navios estrangeiros; por isso que tanto essas mercadorias como esses navios pagam direitos mais avultados!!!*...» — Nenhum coração portuguez formará por certo um voto similhante, nem eu tenho em tão má conta os proprios traficantes d'escravos, — partidistas do Brazil, porque o Brazil lhes comprava *homens*, — isto é comprava-lhes *capitães productivos*, cuja falta empobrecia cada vez mais as nossas possessões, — e Portugal, e a Europa, não lhes compram se não *productos*, que todos os annos se renovam.

Todavia o governo portuguez já tratou de applicar o remedio a uma parte destas queixas com o decreto de 3 de Maio de 1844,

pelo qual se ordenou — que quaesquer generos estrangeiros admissiveis nas provincias ultramarinas possam ser tirados dos depositos das alfandegas de Lisboa, e Porto, para irem pagar os direitos de importação na provincia, em que houverem de ser consummidos. — Esta concessão tão favoravel ao especulador portuguez, não só pela vantagem, que em geral lhe offerecem as tarifas ultramarinas, e a differença da moeda provincial, como tambem pela móra no pagamento dos direitos, que só vem a effectuar-se no acto da venda, e quando o genero já está a salvo de todo o sinistro, dando novas facilidades ao commercio nacional, tende a animar a nossa navegação *de entreposto*, com a qual as alfandegas ultramarinas irão recuperando essas suppostas perdas, e se nellas houver mais austera fiscalisação do que até aqui tem havido (e nomeadamente nas de Angola, e Benguella) atrevo-me a affiançar *que aquella provincia não pôde ter deficit*, e que ainda poderá ter alguma sobra da despeza actual para applicar á construcção de estradas, e outras obras publicas de necessidade vital, e ao melhoramento da sua civilisação.

Ao diante em logar proprio direi mais sobre este objecto. Cabia aqui apresentar os quadros do movimento do commercio daquelles portos em diversas épocas: alguns se encontram, e assás explicitos, no archivo da secretaria do ultramar de annos anteriores a 1834; mas (com vergonha o confesso) depois dessa era — quando em Portugal se tem ido aperfeiçãoando todas as statisticas, e o systema de publicidade substituiu o antigo mysterio, — é quando tem sido baldadas com as auctoridades de Angola as terminantes ordens, quasi todos os mezes repetidas, para enviarem á secretaria respectiva mappas do movimento daquellas alfandegas como tem vindo das ilhas de Cabo-Verde, e das de S. Thomé e Principe ultimamente: apenas a muito custo de lá tem vindo magros orçamentos, e contas *em globo* dizendo em uma só verba quanto renderam (Deus sabe como) as alfandegas em tal, ou tal anno.

Faminto pois de esclarecimentos, por esta esterilidade official, tenho-me visto precisado a mendigar por fóra, de pessoas da classe mercantil as noticias commerciaes que possuem, porque a sua posição lh'as torna necessarias, e que essas pessoas não tem interesse em occultar, como parecem ter os empregados fiscaes, ainda que por outra parte estes calculos particulares apenas podem aproximar-se á exactidão em numeros redondos, faltando-lhes aquella escrupulosa minuciosidade, com que trabalhos desta natureza devem sempre ser elaborados, e escapando mesmo por ventura muitas parcelas de pouca monta, mas que reunidas podem chegar a influir nas sommas.

Posso comtudo affiançar que estas estimativas no que diz respeito aos generos de maior vulto, em que se estriba a riqueza daquelle trato, são assás aproximadas para constituir aquelle gráu de certeza que é bastante para a resolução dos problemas statisticos de economia commercial.

Começarei porém pela noticia do movimento das importações, e exportações de Loanda em duas épocas anteriores a 1834, de que tenho á vista mappas officiaes: mostram ellas a differença de dous periodos notaveis, a saber:— o termo medio dos tres annos de 1823 — 24 — e 25 — anteriores á abolição do trafico da escravatura em Angola; e o termo medio dos tres annos de 1830 — 31 — e 32 — posteriores á dita abolição (época essa que bem se póde chamar — *do contrabando d'escravatura*).

Destes dados officiaes se deduzem as seguintes observações — 1.^a — Que durante aquelle paroxysmo mercantil, que seguiu immediatamente a abolição do trafico da escravatura as importações baixaram a seis decimos do que dantes eram logo nos primeiros annos — e foram ainda diminuindo nos annos futuros até o de 1839 — 2.^a — Que a exportação *legal* se viu nesses primeiros annos reduzida a um oitavo do que antes era, com quanto ella fosse muito maior na realidade do que ahí apparece; porque o contrabando de escravos, que se fazia nesse tempo saldava pelo menos a differença de 500 contos de réis, que se observa entre a importação, e a exportação — 3.^a — Que desde então começaram a ser mais avultadas as exportações da cêra, e do azeite de amendoim, e encetaram-se algumas novas, como a da gomma copal (que sendo em 1830 de 165 arrobas já em 1832 subia a 11:040 arrobas); — a dos couros de boi, e dos despojos de animaes; — a das esteiras, — a do café, — a dos legumes, — a do peixe embarrilado etc., as quaes começando naquelles annos de experiencia por uma cifra mui pequena logo se verá a que importancia tem chegado já (e com o prospecto de se elevarem a muito mais): vê-se tambem claramente, que ainda em 1832 se não exportava urzella de Angola, sendo talvez no anno de 1835 que ella se começou a achar em Benguella; e no de 38 é que chegaram a Lisboa as primeiras saccas da *verdadeira*.

Importação annual de Loanda nos termos

Generos importados annualmente

Aguardente	{ de Portugal.....
	{ do Brazil.....
Arroz.....	
Assucar.....	
Azeite doce.....	
Charutos.....	
Farinha de trigo.....	
Fazendas para o negocio do sertão e das cidades, chamadas em geral — fazendas de lei.....	
Generos comestiveis, e de vestuario, moveis, e outras commodidades para uso dos moradores de Loanda.....	
Louça.....	
Manteiga.....	
Melaco.....	
Polvora.....	
Sabão.....	
Tabaco de fumo.....	
Vinagre.....	
Vinho.....	
Sommas.....	

medios dos dous periodos aqui indicados.

Anno medio entre os tres 1823, 24, 25		Anno medio entre os tres 1830, 31, 32	
Quantidades	Valores	Quantidades	Valores
5 pipas	991\$600	4 pipas	720\$000
2:064 ditas	200:356\$600	1:972 ditas	197:200\$000
320 saccas	5:116\$000	370 saccas	5:920\$000
1:927 arrobas	6:744\$500	1:684 arrobas	5:894\$000
480 almudes	5:779\$000	310 almudes	3:720\$000
14:400 milheiros	86:460\$000	360 milheiros	2:160\$009
763 barricas	15:260\$000	865 barricas	17:300\$000
} no valor de	415:036\$000	} no valor de	182:480\$000
} no valor de	139:078\$125	} no valor de	111:200\$000
24 gigas	1:680\$000	115 gigas	8:050\$000
74 barrís	1:438\$000	118 barrís	2:780\$000
100 ditos	1:000\$000	118 ditos	1:180\$000
2:036 ditos	81:440\$000	711 ditos	28:440\$000
571 caixas	1:027\$800	349 caixas	624\$200
1:117 arrobas	8:936\$000	872 arrobas	6:976\$000
12 pipas	720\$000	81 pipas	4:860\$000
1:005 pipas	116:896\$800	358 pipas	42:960\$000
1.º periodo	1.087:960\$425	2.º periodo	622:464\$200

medios dos dous periodos aqui indicados.

Anno medio entre os tres 1823, 24, 25		Anno medio entre os tres 1830, 31, 32	
Quantidades	Valores	Quantidades	Valores
462 b.°	6:930\$000	663 b.°	9:945\$000
	—\$—	96 @	384\$000
136:785 %	41:035\$000	158:479 %	47:543\$700
52:469 %	20:987\$600	76:096 %	30:438\$400
	—\$—	(em 1832) 925	23\$125
100	80\$000	832	665\$600
	—\$—	22:540	2:254\$000
(em 1825) 26 @	26\$000	4:329 @	8:658\$000
	—\$—	16 @	102\$400
	—\$—	937 alq.°	3:748\$000
78:257 %	16:113\$640	5:062 %	1:316\$120
	—\$—	25 b.°	250\$000
no valor de	102\$650	no valor de	300\$000
11:457	744:705\$000	(•)	—\$—
1.° periodo	829:979\$890	2.° periodo	105:628\$345

mas essa já a não conto para termo medio, porque não teve continuação.

Resta-me observar em seguimento a estes calculos, que nas importações de Loanda, depois da inteira separação do Brazil, Portugal figurava com *pouco mais de um quinto*, e os restantes *quatro quintos* lhe iam do Brazil, (1) para onde tambem enviava mais de quatro quintos das suas exportações, (2) de que Portugal recebia *ainda menos de um quinto*: e este calculo mais se confirma comparando a importação, e a exportação total desta época, que acima apresento, com a importação, e exportação entre Portugal e Angola em 1829, — que se topa a pag. 232 das *Considerações politicas e commerciaes* de J. Accursio das Neves, — as quaes pouco differem das dos tres annos subsequentes. Convém tambem observar, que nesses tres annos — 1830 — 31 — 32 — foram a Loanda *onze* navios de Portugal, e *noventa* do Brazil (3).

Eram pois Angola, e Benguella naquelle tempo verdadeiras colonias — não de Portugal — mas do Brazil; e ainda o continuaram a ser até ha bem pouco tempo; e não falta quem ainda hoje o deseje, e veja com saudade quebrarem-se aquellas ligações — « porque (dizem elles) o commercio de Portugal, e mesmo o commercio das nações da Europa (em outros termos — o commercio *licito* —) não pôde sustentar Angola. . . !! »

A falta de uma statistica *official* do movimento daquellas alfandegas, que já lamentei, me inhabilita de poder *officialmente* refutar essa asserção com algarismos: tenho porém á vista notas fidedignas (4), por meio das quaes espero chegar a provar que a importação, e a exportação da provincia d'Angola no seu todo não avulta hoje em menos do que no tempo do trafico da escravatura. Começarei pelo seguinte

(1) Já em 1823 vejo eu por um mappa official, que a importação procedente do Brazil era de — 686 contos, — e a de Portugal — 131 contos de réis.

(2) Não contando a dos escravos, que se fazia então em grande escala por contrabando.

(3) Destes noventa alguns traziam parte das suas carregações em dinheiro, ou em letras, e sahiam em lastro para ir tomar clandestinamente na costa cargas semoventes.

(4) Estas notas foram-me fornecidas pelo meu amigo, o sr. Francisco Rodrigues Batalha, negociante desta praça, que muito promove o commercio nacional em Angola, e a cujas diligencias se deve a descoberta da urzella naquella região, — genero que hoje constitue o principal das cargas para Lisboa: o calculo é feito em numeros redondos, mas é veridico, sendo as verbas na sua maior parte tiradas dos registos da alfandega de Lisboa.

*Mapa da importação nos portos de Angola e Benguella procedente
do porto de Lisboa feita em 9 navios desta praça
no anno civil de 1844.*

<i>Generos</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valores</i>
Aguardente de vinho.....	20 pipas	2:400\$000
Algodões em branco.....	100 volumes	24:000\$000
Ditos tecidos, e pintados de cores...	1:000 ditos	140:000\$000
Azeite doce.....	100 barrís	1:500\$000
Cal.....	50 moios	200\$000
Calçado feito.....	30 volumes	2:000\$000
Carnes ensacadas.....	300 barrís	5:000\$000
Dóce.....	200 frasq. ^s	1:500\$000
Drogas de botica.....	90 volumes	2:000\$000
Espingardas.....	60 caixas	4:000\$000
Facas.....	60 barricas	2:000\$000
Fazendas de lã.....	50 volumes	12:000\$000
Louça.....	20 gigas	1:000\$000
Papel.....	50 volumes	1:000\$000
Sal.....	150 moios	300\$000
Taboado.....		200\$000
Vinagre.....	15 pipas	300\$000
Vinho.....	1:500 ditas	90:000\$000
Varios outros generos (entrando can- taria e missangas.....)	1:300 volumes	90:000\$000
Somma a importação.....		379:400\$000

*Mapa da exportação dos portos de Angola e Benguella
para o porto de Lisboa, feita em 10 navios
no anno civil de 1844 (*).*

<i>Generos</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valores</i>
Café.....	200 @	400,000
Cêra.....	114:800 ℥	32:000,000
Chifres.....	2:000 pontas	40,000
Couros.....	800	800,000
Gomma copal.....	8:600 @	20:000,000
Marfim.....	105:600 ℥	76:000,000
Oleo de palma.....	1:480 @	2:000,000
Pelless diversas.....	100 pelless	200,000
Urzella.....	28:600 @	70:000,000
	Somma a exportação.....	201:440,000

N. B. A differença que se observa entre o valor da importação, e o da exportação foi pela maior parte saldada com remessas de Angola para o Brazil, sacando as casas de Angola sobre as praças do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco a favor da praça de Lisboa; e tambem com algumas, poucas, letras sobre Londres; bem como com algumas remessas, que tivessem de vir no anno corrente.

Se este movimento de commercio nacional com Angola se mostrava já satisfactorio (comparativamente ao que fôra em outras épocas) no anno de 44, — muito maior indicio de progresso nos apresentam as exportações de Lisboa para os portos de Angola no anno corrente de 45, e os seus retornos até hoje chegados.

Escrevo em fins de Novembro de 1845, e por isso não posso dar noticia do movimento deste commercio aqui em Lisboa mais que dos dez mezes decorridos de Janeiro até fim de Outubro deste anno: e todavia

(*) Nestes mapas de exportação não entram as importancias das matalotagens como legumes, carne, e peixe, salgados, etc., cuja cifra deve ser bastante importante, bem que não seja facil o dar della um calculo aproximado.

Nos dez mezes decorridos desde 1 de Janeiro até 31 d' Outubro de 1845 exportou a praça de Lisboa em 13 navios para os portos d'Angola

Generos	Valores
Em fazendas d'algodão, brancas, e de côres	304:380 \$000
Em fazendas de lã	15:120 \$000
Em drogas de botica	8:000 \$000
Em missangas, e contaria	20:000 \$000
Em cal.	500 \$000
Em espingardas	1:000 \$000
Em facas	1:440 \$000
Em carnes ensacadas	5:000 \$000
Em papel	1:500 \$000
Em azeite	1:400 \$000
Em calçado	4:000 \$000
Em doce	1:800 \$000
Em sal	1:000 \$000
Em louça	3:500 \$000
Em taboado	600 \$000
Em vinhos, aguas-ardentes, e vinagres	100:000 \$000
Em outros generos diversos	130:000 \$000
Somma a importação d'Angola	599:240 \$000

Nos ditos dez mezes deste anno vieram d'Angola 11 navios trazendo os seguintes retornos:

Generos	Quantidades	Valores
Em urzella	35:900 @	86:100 \$000
Em gomma copal	24:342 @	48:800 \$000
Em marfim	48:380 H	34:000 \$000
Em cera	179:000 H	49:000 \$000
Em café	380 @	800 \$000
Em azeite de palma	360 @	70 \$000
Em couros	234	230 \$000
Somma a exportação d'Angola		219:000 \$000

N. B. Esperam-se ainda este anno 2 navios de carregações importantes, que talvez elevem esta exportação d'Angola para Lisboa a 300:000 \$000 réis, além das remessas pelo Brazil, etc.

Estas demonstrações, cuja exactidão aproximada em numeros redondos posso garantir, bem claramente provam — 1.º — Que a exportação de Lisboa para os portos de Angola, que em 1829 (tempo em que ainda se fazia por contrabando muito trafico d'escravatura) era de cento e trinta e oito contos de réis (1), e que mesmo antes de 1825 nunca excedeu a duzentos contos, (2) — se eleva hoje a seiscentos contos de réis — 2.º — Que dos productos de Angola, quasi tudo *materias primas*, de que em 1829 Lisboa recebia apenas uns vinte contos, e de que a importação mesmo em tempos anteriores nunca chegou a cem contos, já hoje Lisboa importa perto de trezentos contos (3), e o resto em dinheiro e letras. . . *ac vires acquirit eundo* — 3.º — Que devendo calcular-se hoje, apesar de todo o incremento que tem tido o commercio da metropole com aquelles portos, que elle figura quando muito por *um terço* no movimento mercantil desses mesmos portos (4), não pôde avaliar-se em menos de 1:500 contos de réis a somma das importações annuaes de Angola, e em menos de 800 contos de réis a das suas exportações manifestas; sendo certo que os 700 contos restantes se devem saldar com outras exportações não sujeitas aos registos das alfandegas, e por ventura dentro em breve acabarão de todo essas especulações clandestinas, e então a cifra da exportação se aproximará á da importação. No entretanto pôde-se já affirmar que o movimento mercantil nos portos de Angola em 1845, é superior em valores áquelle que alli havia em 1825 (*idade d'ouro* do trafico dos escravos, e brilhante comêço da *Companhia de João Paulo Cordeiro*, munida dos exuberantes privilegios que lhe conferiu a carta de lei

(1) Vid. *Considerações politicas e commerciaes* de J. Accursio das Neves, a pag. 232, cap. xvi.

(2) Já atraz disse, á vista de documentos officiaes, que *Portugal* naquelle tempo figurava com um quinto nas importações de Angola, — o que nunca excederia (ou talvez nunca chegaria) a 200 contos de réis.

(3) Sinto não poder dar tambem noticia do movimento mercantil da praça do Porto com os portos de Angola, — o qual todavia sei que por ora é mui diminuto; pois que de um mappa da alfandega do Porto, que tenho á vista, vejo que a sua exportação em globo para todas as possessões d'*Africa* no anno economico de 1842—43 pouco excedeu de 23 contos de réis: e comtudo a cidade do Porto possui productos e manufacturas, que achariam boa veniaga em Loanda e Benguella, e ainda mesmo em toda a costa d'*Africa*.

(4) Para isto bastará considerar que o commercio de Lisboa com Angola empregou 10 navios no anno de 1844, e 13 navios no de 1845; e que o movimento annual da navegação no porto de Loanda, como consta dos mappas officiaes, excede sempre muito ao numero de 50 navios entrados, e sahidos, alguns delles de grande tonelagem, e cujas carregações não são de menos valor, que as dos navios portuguezes; e cada vez vão acudindo mais navios estrangeiros de todas as partes da Europa e America.

de 27 de Maio de 1825); e com toda a apparencia de ir em augmento; — e por tanto — *bem pôde o commercio licito sustentar Angola* (1), — máu grado aos fautores do contrabando. Obtido este resultado, resta-me offerecer aos especuladores portuguezes as seguintes

Instruções practicas para o commercio d' Angola e Benguella.

Fazendas e generos proprios para a importação na provincia d' Angola.

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> * Aguardente — de canna — e de vinho. Alcatrão. Alfazema. Alfinetes e agulhas. Algodão tecido, crú, e curado. * Arame — em bacias, — em varões, — ou em fio. * Armas de fogo, sobretudo espingardas belgas. Arroz (<i>que antes deveria exportar</i>). Assucar (<i>o mesmo</i>). Azeite doce. Azeitonas. Bacalháu. * Bactas — sortidas. * Baiés (fazenda da India). * Barretes — sortidos. Barretinas militares. Belbutinas. Biscouto, bolaxa, bolaxinha etc. * Borrachos (fazenda da India). Botões — sortidos. Bretanhas — ditos. Brins — ditos. Cabos de mareação — de linho, — ou de cairo. * Cadeás (fazenda da India). Cadeiras, commodas, e toda a casta de moveis. Cal em pedra. Calçado feito. Camizas feitas. Cazemiras — sortidas. | <ul style="list-style-type: none"> Cassas — sortidas. Cerveja. Chá — sortido. * Chapéus — de Braga — e finos. Charutos. * Chillas (fazenda da India). * Chitas portuguezas de ramagem. Chitas finas. Chocolate. Chumbo sortido — em barra, — e em pasta. Cobertas e cobertores sortidos. * Coral — sortido. * Coromandéis (fazenda da India). Cravo da India. Doce — sortido, — e conservas. Drogas de botica, e medicinaes. Enxadas — fouces etc. * Espadas — espadões, — e terçados. * Espelhos — sortidos. Estanho. * Faccas flamengas. Ditas de uso ordinario. Farinha de trigo. Fateixas — para lanchas, e para canoás. Ferramentas de officios mechanicos. Figos do Algarve. Fio de çapaleiro. Fitas — de linha, — e de sêda — sortidas. Folhas de Flandres. Fustões — sortidos. Galões de ouro, e prata (finos, e |
|---|---|

(1) Aqui só tracto dos interesses commerciaes: o que diz respeito aos rendimentos publicos do estado fica reservado para o cap. ix, aonde melhor cabe tractar essa materia, — o que por certo não deixarei de fazer como me cumpre.

- falsos) — e tambem de sêda, e de lâ — sortidos.
- Gangas — azues — e amarellas.
- * Garrazes (fazenda da India).
- Genebra.
- Graxa de lustro.
- Hollandas — sortidas.
- Irlandas — ditas.
- * Lenços azues de ramagem, e outros chamados *saturmales*, e outros *chandernagor*.
- Lenços de sêda, e de paninho — brancos e de côres — para uso ordinario.
- * Linhas (fazenda da India assim chamada).
- Linhas de cozer — sortidas.
- Liquores — sortidos.
- Livros elementares — como cartilhas — cathecismos — compendios — dictionarios — grammaticas — orthographias — etc. maiormente das linguas — portugueza e latina.
- Livros em branco para escriptorios etc.
- Louças de faiança, e pó de pedra etc.
- Lonas — sortidas.
- Macella.
- * Mamodins (fazenda da India).
- Maná.
- Manteiga.
- Meias de sêda, d'algodão, e de linha.
- Melaço. . . (quanto poderia exportar!)
- Metins.
- * Missangas — sortidas na grossura, e nas côres.
- Navalhas.
- Nozes.
- Oleo de linhaça.
- Orchata.
- Ourellos.
- Panno de linho.
- Pannos de lâ europeus — sortidos.
- * Pannos de gentio (fazenda da India).
- Paninho.
- Papel — sortido de todas as qualidades.
- Passas de uvas.
- * Pederneiras de ferir lume para espingardas etc.
- Pimenta redonda.
- Polvora (é exclusivo).
- Pós de çapatos.
- Prêgos — sortidos; e toda a casta de ferragens.
- Presuntos, paio, e toda a especie de carnes afumadas.
- Queijos.
- Quina.
- Rapé.
- Relogios — de algibeira, e de sala.
- Retroz — sortido.
- Riscados — dito.
- Roupa feita.
- Sabão de pedra, e molle de S. Thomé.
- Sabonetes.
- Sal (pouco — só os lastros).
- Serafinas — sortidas nas côres.
- Sola.
- * Tabaco de fumo em rôlo.
- Dito em pó, e em folha.
- Taboas de pinho.
- Tesouras.
- Vinagre.
- Vinho.
- Volts para clergios.
- * Zuartes (fazendas da India, que já se imitam em Lisboa).

N. B. Os generos que vão notados com este signal — * — são os que se empregam no grande commercio do sertão; e por isso delles se importam maiores quantidades.

Generos que constituem actualmente a principal exportação

d'Angola

* Azeite de palma — e de amendoim.
* Cera — amarella — e branqueada.
Chifres — de boi.
Couro — de boi, e de buffalo etc. e
pelles de seixe, de viado etc.
Esteiras de mateba, parecendo de
— junco.

* Gomma copal, ou mucocolo
* Madeira de tacula.
* Marfim de lei, — e meão.
Passarinhos de Benguella.
Pontas de cavallo marinho.
Ditas de abada, ou rinoceronte.
* Urzella — ou musgo d'Angola.

N. B. Os artigos que levam o signal — * — são os mais importantes, e constituem a maior grossura das carregações.

Além deste commercio com a metropole, e com as nações estrangeiras, e do commercio interno, de que já fallei, continúa a haver sempre em Angola um consideravel trafego de cabotagem não só com Benguella e portos do Sul, como tambem com Ambriz, Cabinda, Loango, e outros portos do Norte, e mesmo com as ilhas de S. Thomé e Principe: este commercio com os portos do Norte tem diminuido pela suppressão do trafego d'escravos, ao mesmo passo que o dos portos do Sul tem augmentado, ha alguns annos a esta parte: em um e outro se empregam constantemente quatro ou cinco pequenas escunas, e algumas lanchas.

Todas as medidas, e pêsos dos padrões de Lisboa são adoptadas no commercio das cidades de Loanda e Benguella: apenas na medição dos grãos são usadas, — sem exclusão do alqueire portuguez, — o *exeque* (medida do paiz pouco maior que a fanga portugueza), e o *cazunguel* — ou quarto do exeque — (pouco maior tambem que o alqueire de Lisboa) (1): os pêsos são — o quintal — a arroba, — e o arratel; as medidas de fluidos — o almude, — a canada, — e o quartilho — de Lisboa, e as fazendas medem-se ao covado, — e á vara: no sertão todos os pannos se medem á braça: lá nas terras do interior não corre moeda metalica: todas as grandes transacções mercantis se effectuam a troco das fazendas chamadas de *lei*, (que são aquellas que eu na lista dos generos importaveis marquei com o signal — * —), e com ellas se paga á tropa e empregados de todos os presidios: a moeda miuda para as compras

(1) Segundo os padrões ultimamente chegados de Angola o *cazunguel* excede em um quinto o alqueire de Lisboa.

diarias varia nos diversos reinos do sertão d'Angola, e paizes adjacentes: em umas partes é o *zimbo* (ou buzio miudo de que já atraz fallei); em outras são as *pedras de sal da Quissama* (de que tambem dei já noticia) — é esta moeda corre em toda a parte; e em outros logares ainda tem curso os *libongos*: (paninhos quadrados de um tecido de palha tão flexível como o panno de linho, e de cor amarella): estes libongos correram tambem em Loanda até o anno de 1694, em que foram substituidos a custo pela moeda de cobre, que hoje alli corre: tem esta meeda o nome de *macutas*: o seu valor é de 50 réis cada uma. — e tem as subdivisões de — meia-macuta, — e um quarto — a que no paiz chamam vulgarmente *quipaca*: ha tambem moeda de prata provincial de — duas, — quatro, — oito macutas etc.: toda esta moeda foi cunhada em Lisboa no correr do seculo XVIII. Correm tambem ao par no mercado de Loanda umas *cedulas*, ou notas da junta da fazenda pagaveis ao portador. As patacas brazilicas, e hespanholas, as peças de ouro portuguezas, as onças hespanholas, e a mesma moeda de ouro e prata ingleza, e franceza, giram naquellas praças com o agio correspondente ao seu valor intrinseco ou mercantil, em relação á moeda de prata provincial, a qual está para com a moeda de prata da metropole approximadamente na razão de 80 para 100. Concluirei este capitulo assegurando com prazer que a provincia d'Angola vae surgindo do paroxysmo em que a lançou a falta do seu trafico favorito; e que o seu novo movimento mercantil apresenta um futuro esperançoso, que desmentirá em poucos annos as lugubres profecias dos *laudatores temporis acti*.

(1) Segundo os historicos ninguem chegou de Angola o castanho escuro em um d'ouro e alguns de Lisboa.

*Mappa do Terreiro Publico da Cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda,
relativo aos mantimentos que tiveram entrada e sahida nos annos
de 1823, 1824, e 1825.*

ANNOS	FARINHA								FEIJÃO						MILHO						
	Entraram		Sahiram				Preços		Existem que pas- sam para balanço		Entraram		Sahiram				Preços		Existem que pas- sam para balanço		
	Saccos	Saccos	Renderam			Medio	Saccos	Saccos	Saccos	Saccos	Renderam			Medio	Saccos	Saccos	Renderam			Medio	Saccos
			Exequos	Quartas	Oitavas						Exequos	Quartas	Oitavas				Exequos	Quartas	Oitavas		
1823	19020	18564	27891	2		2746 $\frac{1}{2}$	456	4557 $\frac{1}{2}$	4192 $\frac{1}{2}$	5232	1		2369	365	4258	4148	5275	2		2215	110
1824	7234	6584 $\frac{1}{2}$	11135	2		4280	649 $\frac{1}{2}$	1405 $\frac{1}{2}$	1210 $\frac{1}{2}$	1900	2		4200	195	1743	1385	2303	3		2646	358
1825	15537	14690	25980			3005 $\frac{1}{2}$	847	3839 $\frac{1}{2}$	3375	4786	1		4235	464 $\frac{1}{2}$	5079	4907 $\frac{1}{2}$	7003	1	1	2177 $\frac{1}{2}$	171 $\frac{1}{2}$
Total...	41791	39838 $\frac{1}{2}$	65007					9802 $\frac{1}{2}$	8778	11919					11080	10440 $\frac{1}{2}$	14582	2	1		

N. B. O exequo corresponde á medida da fanga, ou quatro alqueires, denominando-se a quarta deste, que é igual ao alqueire, por cazunguel, e a oitava corresponde a meio alqueire, ou meio cazunguel.

CAPITULO V.

Legislação e governo.

A possessão portugueza de Angola e Benguella tem mui diversa origem, e deve considerar-se sob mui differente aspecto, que as ilhas de Cabo Verde, — as de S. Thomé e Príncipe, — e mesmo as nossas praças de Bissáu, e Cacheu, e seus presidios: estas ultimas nem foram nunca, nem são ainda hoje mais do que feitorias mercantis estabelecidas e mantidas com o unico fim de conservar ao commercio portuguez o seu antiquissimo exclusivo de resgatar nestes rios com povos indigenas dependentes do nosso dominio os productos das suas terras; as outras foram do seu começo *colonias* (na fôrça da palavra), fundadas em ilhas desertas por fidalgos, e cavalleiros portuguezes com seus acostados, criados, e escravos, mediante certas isenções e privilegios: em quanto que Angola e Benguella são paizes conquistados pelas armas portuguezas desde os fins do seculo XVI até os nossos dias em uma longa serie de guerras, com que se tem ido subjugando os ferozes potentados daquella região (sempre dispostos a rebelar-se): daqui nasce a necessidade de uma legislação militar; — e é por isso que, — afóra as duas cidades de S. Paulo de Loanda, e S. Philippe de Benguella, — todos os nossos presidios e districtos são governados por chefes militares (*capitães môres* ou *regentes* até 1834 (1) e agora *commandantes*), os quaes exercem simultaneamente funcções militares, administrativas, e municipaes, e até judiciaes em pequena alçada; — exceptuando apenas o presidio de Massangano, que desde o tempo da invasão dos holandezes tem fóros de villa com camara municipal, e juiz ordinario. A cidade de S. Paulo de Loanda tem sido sempre (menos nos sete annos da usurpação hollandeza) capital daquella capitania geral, e residencia dos governadores, dos quaes vae junto a este capitulo um catalogo chronologico, e nelle tratei de recolher as datas dos principaes successos, que constituem a historia daquelles dominios: junto ao governador havia no tempo da conquista um *capitão môr de campo* (e este titulo conservou-se até o seculo actual), que commandava os exercitos na ausencia do mesmo governador, e lhe suc-

(1) Estes antigos capitães môres dos districtos e presidios tinham 300,000 réis de ordenado, — e uma gratificação como juizes ordinarios, — menos o de Massangano.

cedia no governo em caso de fallecimento; bem como um *alferes mór*, — e um *sargento mór de batalhas*. A composição deste estado maior foi alterada em 1703, creando-se por ordem regia — um *mestre de campo* para supprir as faltas do governador, — um *tenente de mestre de campo*, — um *ajudante do tenente*, — e um *sargento mór d'infanteria*. Hoje, que a legislação de 7 de Dezembro de 1836, e 28 de Setembro de 1838 nivelou sem distincção todas as provincias ultramarinas, o governador geral de Angola tem as mesmas attribuições, deveres, e regalias, que lhe conferem aquelles dous decretos com força de lei, — em commum com os governadores de Cabo Verde, e outras possessões — taes como se acham indicadas no 1.º livro destes *Ensaios* na parte 1.ª a pag. 52 e 53, — e ordenado annual de *quatro contos de réis* em moeda forte de Portugal (1); e junto a elle um secretario geral com *um conto de réis* de ordenado; e bem assim o conselho do governo, cuja organização, e funções foram determinadas nos artigos — 6 — 7 — 8 — e 9 — da primeira daquellas leis, — e que tambem vão indicadas no 1.º livro desta obra loco citato.

A fazenda publica estava antes de 1796 a cargo de um *Vedor da fazenda*, que era sempre o ouvidor geral; foi porém naquella época creada a junta de fazenda; tal como ainda hoje se conserva, em tudo similhante á da provincia de Cabo Verde, de que dei noticia a pag. 54 — parte 1.ª — do 1.º livro destes *Ensaios*. Tem esta junta uma delegação em Benguella, da qual darei logo mais miuda noticia; e tanto nas duas cidades, como em todos os presidios, tem como seus delegados subalternos — em cada parte um almoxarife e seu escrivão.

Junta geral de provincia não me consta que em Angola se tenha instollado até hoje, nem sei que a sua falta se tenha sentido, nem supponho que possa vir a sentir-se.

Ha modernamente em Loanda por decreto de 14 de Setembro de 1844 um tribunal para sentenciar em primeira e ultima instancia todas as presas feitas no mar em conformidade do decreto de 10 de Dezembro de 1836. O presidente deste tribunal de presas é o governador geral: são vogaes o juiz de direito da comarca, e o

(1) Os primeiros governadores d'Angola tinham só *oitocentos mil réis* d'ordenado com ampla facultade de negociar, e de *extorquir*, com o que poucos de lá tinham sem fortunas colossaes nos seculos 16.º e 17.º... Em provisão de 17 de Setembro de 1721 lhes foi taxado o soldo de *quinze mil cruzados* (e não era elle excessivo em terra tão cara) com a absoluta prohibição de negociarem... Uns a cumpriram, outros não. Esta disposição ficou em vigor até 1836, em que lhes foi estipulado o ordenado de *dez mil cruzados*.

commissario, e arbitro portuguez da commissão mixta alli estabelecida, e secretario o secretario da dita commissão. Estas commissões mixtas, creadas em todas as nossas possessões africanas em 1843, são as que preparam os processos para o julgamento definitivo daquelle tribunal.

Não sei que haja ou tenha havido jámais em Loanda, — e bom fôra que a houvesse — uma *junta de melhoramentos da agricultura*, para alli fazer pôr em vigor as disposições do alvará com força de lei de 18 de Setembro de 1811, que tão beneficos resultados a prol da agricultura tem produzido nas ilhas de Cabe Verde, e não menos beneficos levariam provavelmente ao sertão de Angola, e ainda mais ao de Benguella, se lá fossem mandados applicar.

A administração superior da justiça em Loanda nos primeiros seculos da conquista estava a cargo tão sómente de um juiz letrado com o titulo de ouvidor geral, havendo naquella cidade, e na villa de Massangano, juizes ordinarios pela ordenação, e nos presidios, e districtos, os capitães môres, servindo tambem de juizes ordinarios. Em 1721 foi creado naquella capital o logar de juiz de fôra e de orfãos, para servir tambem de provedor dos defunctos e ausentes, continuando o ouvidor geral a servir de provedor da fazenda real, e auditor da gente de guerra. O decreto de 16 de Janeiro de 1837 constitue no art. 1.º uma só comarca de toda aquella vasta região de Angola e Benguella para a qual destina um só juiz de direito, e dous juizes ordinarios, especialisando — não sei porque — o pequeno presidio de *Novo Redondo*, no qual manda no art. 3.º crear um juiz ordinario, cousa que nunca houve nem naquella, nem em outros presidios de môr importancia, ao passo que se esqueceu de *Massangano*, aonde desde o meado do seculo xvii tem sempre havido juiz ordinario, porque é uma villa, e tem camara municipal. e não admira, porque em todo aquelle decreto se enxerga uma perigosa precipitação, e carencia de conhecimento local dos paizes, para os quaes se legislava á pressa.

Ha finalmente em Loanda, para julgar as causas crimes em ultima instancia, uma *junta de justiça*, que serviu de modelo á de Cabo Verde, como se pôde vêr no 1.º livro destes *Ensaios*, part. 1.ª, pag. 56: e a fôrma do processo judicial no civil, é tambem a mesma que naquella propria pag. vem descripta.

A cidade de S. Philippe de Benguella, depois da morte do seu governador, conquistador, e fundador, Manuel de Cerveira Pereira, foi governada por capitães môres, como os outros presidios, até o anno de 1779, em que foi nomeado o primeiro go-

vernador subalterno de Benguella, Antonio José Pimentel Castro de Mesquita; e por esse mesmo tempo se creou o logar de juiz de fóra de Benguella.

Hoje em virtude da legislação supracitada de 1836, 37, e 38, ha em Benguella um governador subalterno do governador geral d'Angola, e apenas para a justiça um juiz ordinario (1). Existe tambem naquella cidade uma delegação da junta da fazenda de Loanda, presidida pelo governador de Benguella, e tendo por vogaes o juiz ordinario, o escrivão, e o thesoureiro da fezenha, e o subdelegado do procurador regio; havendo além disso alli um almoxarife com seu escrivão como em todas as praças e presidios.

Não é esta provincia desprovida de estabelecimentos de beneficencia, nas grandes povoações. Na cidade de S. Paulo de Loanda existe desde o anno de 1626 a santa casa da misericordia, fundada (segundo parece) pelo venerando bispo D. Fr. Simão Mascarenhas, que durante algum tempo governou aquella capitania geral. Diversos governadores, e prelados, e mesmo um ou dous ouvidores, beneficiaram esta instituição, distinguindo-se entre todos o governador Luiz Cezar de Menezes, que não só com ella dispendeu muito da sua propria fazenda, mas alcançou-lhe em 1694 da regia municipalidade uma preferencia annual de 500 escravos, e com estes rendimentos, e outros posteriormente adquiridos, é hoje aquella irmandade rica em predios, e possui um excellent hospital, que serve simultaneamente de hospital militar, com botica bem fornecida de medicamentos, etc. A carta regia de 16 de Outubro de 1674 approvou fazer-se um hospital em Benguella, applicando-lhe para ordinaria os dizimos daquella capitania mór. Com effeito fez-se, e é na verdade o melhor edificio de pedra que possui aquella mesquinha cidade, com boa botica, e tratamento regular, servindo tambem de hospital militar, como o de Loanda.

A villa de Massangano tinha igualmente (talvez desde 1645) uma casa de misericordia com seu hospital; mas um incendio occorrido pelos annos de 1821, ou 22, aniquilou até hoje aquelle pio estabelecimento, cujas tenuous rendas se incorporaram nos bens da misericordia de Loanda.

Para se estabelecer nesta, e nas mais provincias ultramarinas, um systema sanitario, que tanto se havia mistér, providenciou ad-

(1) Bem conveniente me parecia, que de toda a jurisdição de Benguella se formasse uma outra comarca, com seu juiz de direito, o qual quando não quizesse residir em Benguella todo o tempo, poderia passar parte do anno em Caconda; ou em Mossamedes, aonde espero se virá a formar uma grande e commoda povoação.

quadamente o decreto de 14 de Setembro de 1844, e pela tabella a elle appensa se vê que cabem á provincia d'Angola, um physico mór (1), um cirurgião mór, um cirurgião de 1.^a classe, um outro de 2.^a classe, e um pharmaceutico; e que na capital de Loanda haverá uma junta de saude, e uma escola cirurgica, aonde se instruem officiaes de saude indigenas, que tão uteis podem ser nos nossos presidios, e em geral nas terras do sertão.

(1) A primeira criação do logar de physico mór de Angola com a obrigação de ensinar medicina data do anno de 1703.

CATALOGO DOS GOVERNADO

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
1	Paulo Dias de Novaes.....	1575
2	Luiz Serrão.....	1589
3	André Ferreira Pereira.....	1591

RES DA PROVINCIA D'ANGOLA.

SUCCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

Desembarca na ilha de Loanda com 700 portuguezes, em que entravam 350 homens d'armas: faz saber ao rei do Dongo a sua chegada, mandando-lhe presentes: pactua-se a alliança que durou tres annos, sendo o rei do Dongo (Angola) soccorrido pelos portuguezes contra o sova Quiloange Quiassama: — funda a villa de S. Paulo de Loanda em 1576: — propaga-se a fé christã pelo ministerio dos jesuitas, que começaram desde logo a offercerem-se aos sovas para serem *seus amos*, e a tomar grande influencia na administração governativa: — funda-se a povoação de *Calumbo* em 1577: — traição infame, e guerra do rei do Dongo, e batalha do *Anzelle*, na qual com 150 portuguezes e duas peças de campanha Paulo Dias repelliu um poderosissimo exercito angolense, 1578. — Soccorro de 150 soldados portuguezes mandados de Portugal pelo cardeal rei D. Henrique, 1580. — Conquista da Ilamba e parte da Quissama, 1581. — Celebre victoria junto ás minas de Cambambe, onde com 300 portuguezes e alguns negros frecheiros Paulo Dias destroçou completamente um exercito innumeravel do rei d'Angola, e seus alliados, 1583 (2 de Fevereiro). — Fundação do presidio de Massangano, 1583. — Novo soccorro de 200 homens de Portugal, 1584. — Conquista de Golungo, 1586. — Fundação de um presidio no môrro de Benguella (*a velha*), logo destruido por descuido dos nossos, e traição dos negros, 1587. — Morte de Paulo Dias de Novaes no meio dos preparativos de uma expedição ao Dongo, 1589.

(Nomeado successor de Paulo Dias no testamento deste)... Infeliz jornada contra o Dongo e derrota dos portuguezes junto ao rio *Lucala* pelos reis do Dongo, e Matamba (Angola, e Ginga), 28 de Dezembro de 1590. — Cêrco de Massangano, aonde se acolheram os nossos desbaratados. — Soccorro de Loanda que fez levantar o cêrco. — Morte de Luiz Serrão, 1591.

Fez varias entradas a forragear nas terras da Ilamba, com as
LIV. III. — PART. I.

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
4	D. Francisco d'Almeida.....	1592
5	D. Jeronymo d'Almeida.....	1593
6	João Furtado de Mendonça.....	1594
7	João Rodrigues Couteiro.....	1602

quaes amedrentou os sovas rebellados, e manteve respeitado o nome portuguez — até que entregou o governo a

Chegou com uma esquadra em que vinham 400 infantes e 50 cavallos, e com elle seu irmão D. Jeronymo de Almeida, L. Lopes de Sequeira, Balthazar Rebello de Aragão, e outros capitães de nome, com promessas de honras e mercês; e com este poder chegou a pôr-se em campo; mas por tirar os sovas vassallos aos padres jesuitas, estes o excommungaram, e taes intrigas moveram, que aterrado D. Francisco d'Almeida fugiu para o Brazil.

Obrigado a acceitar interinamente o governo, que seu irmão abandonára, compõe com muita prudencia as desordens internas: sujeita quasi toda a Quissama, e no centro della funda um presidio mui util (mas que durou pouco) em *Adenda*, junto ás minas do sal: foi derrotado o exercito portuguez em uma emboscada do sova Cafuxe na Quissamba em 22 d'Abril, 1594. — Entregou D. Jeronymo o governo a

Levou 400 infantes e 30 cavallos, e 12 mulheres brancas (convertidas da casa pia) para casar em Angola. Grande fome e epidemia em Loanda, e Massangano, 1595: — sujeita J. Furtado os sovas rebellados do Icolo e Bengo, 1596. — Os Quissamas cercam Massangano, 1597: — vae em soccorro do presidio B. Rebello d'Aragão, — descerca-o, castiga os sovas rebellados, 1598, — e funda o presidio de *Mucima*, 1599. — Roubam quatro piratas francezes o nosso porto de *Pinda* na foz do Zaire, 1600. — Por alvará de 20 d'Agosto de 1600 se mandam considerar os serviços militares prestados em Angola iguaes aos da India, e Mauritania.

Foi com grandes poderes, e prerogativas, e era mui bem acceito dos padres jesuitas: sahio com exercito luzido contra o sova Cafuxe; ao entrar nas terras d'elle falleceu em seis dias de uma febre do paiz. Nomeou para lhe succeder, — por poderes que tinha d'el-rei — em testamento que deixou fechado.

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
8	Manuel Cerveira Pereira	1603
9	D. Manuel Pereira Forjaz	1606
10	Bento Banha Cardoso	1611
<p><i>N. B.</i> Por carta regia de 18 d'Abril de 1613 foi nomeado governador d'Angola D. Gonçalo Coutinho, que não chegou a ir.</p>		

Marchou logo contra o sova Cafuxe, a quem destruiu completamente em tres encontros, nos quaes perdeu só um soldado fazendo grande mortandade no inimigo: avassalado este, marchou contra o sova Cambambe, a quem rendeu depois de porfiada campanha, e naquellas serras construiu o tão desejado presidio de Cambambe, 1604. — Chegam a Loanda os primeiros religiosos da ordem terceira da penitencia, 1604. — O alvará de 18 de Março de 1605 prohibe a entrada de navios estrangeiros nas colonias portuguezas. Rebelião, castigo, e vassallagem do sova *Azilambanza*, 1605. — Grande melhoramento na villa de Loanda que tomou fôro de cidade.

Estreou-se com procedimentos violentos contra o seu antecessor, que remetteu preso a Lisboa, e contra Paio d'Araujo, capitão mór de Cambambe, na ausencia do qual os sovas visinhos cercaram aquelle presidio, e o puzeram em grande aperto até ser soccorrido pelo alferes mór Roque de S. Miguel, e Balthazar Rebello d'Aragão, o qual voltou á pressa da expedição a que ia mandado — de descobrir communicação entre Angola, e Moçambique — a qual abortou por esse motivo, 1607. — Impoz um tributo aos sovas vassallos de doze mil cruzados em beneficio dos governadores. — Mudou o presidio de Muxima, para o lugar aonde hoje se acha. — Repelliu do porto de Pinda (no Zaire) os corsarios hollandezes, que alli queriam fortificar-se, mandando contra elles uma esquadra em 1609. . . Morreu de repente a 12 d'Abril de 1611.

Eleito pela camara, bispo, e nobreza para o governo, fez-se mui temido dos negros por seu valor, e por sua dureza. Venceu o rei d'Angola, e o seu valente alliado *Quilonga*, que aprisionou e fez degolar, bem como o sova traidor *Bamba Tungo*, e mandou enforçar tres mocótas, 1611. — Para vingar taes mortes conspiraram juntos todos os sovas do Dongo, e Matamba, e deram de repente sobre o presidio de Cambambe, que resistiu a este impeto, e em breve foi soccorrido, 1612. — Destruição, e sujeição dos sovas confederados, 1613. — Captiveiro do sova *Nabo augungo*, e outros da Quissama, 1614. — Fundação do presidio de *Ambaca* junto ao rio Lucala, 1614.

SERIE	SUCESSOS NOTAVES E NOMES HISTORICOS	ÉPOCAS
11	Manuel Cerqueira Pereira (2.ª vez)	1615
12	Luiz Mendes de Vasconcellos	1617
13	João Corrêa de Sousa	1621

Triunfante das passadas calumnias, ia elle nomeado *conquistador e povoador do reino de Benguella* com ordem de governar Angola o tempo que alli se demorasse: governou anno e meio; sujeitou muitos sovas levantados, e avassallou Caculo Cahenda, que nunca antes fôra nosso vassallo: posto este reino em socego aprestou quatro navios e um patacho com 150 homens d'armas, e com elles partiu para a conquista de Benguella em 11 d'Abril de 1617, deixando a governar interinamente Angola *Antonio Gonçalves Pita* — ex-capitão mór do reino do Congo, que só governou seis mezes, e entregou a

Mudança do presidio de Ambaca do primeiro local para o lugar onde hoje está, 1616. — Guerra de Luiz Mendes com o tyranno rei de Matamba *Gola Ginga Bandy*, que foi interinamente derrotado, ficando prisioneira a mulher do rei, e muitos fidalgos, 1618. — Funda Manuel Cerveira Pereira a fortaleza de S. Philippe de Benguella, 1617 — repelle em cinco batalhas os negros do sertão, 1617 — 18 — rebellam-se contra elle cinco capitães, um frade, e um clerigo, e o mandam preso em um batel pôdre para Loanda, 1618. — Nova guerra, e nova derrota do falsario *Ginga Bandy*, 1619. — Guerra ao rei do Dongo, em resultado da qual Luiz Mendes o forçou a avassallar-se á corôa de Portugal com tributo annual de 100 escravos, 1620. — Proibição de entrarem no sertão a mercadejar brancos, mulatos, e negros calçados, 1620. — Nova expedição de Manuel Cerveira Pereira a Benguella por ordem da côrte de Madrid — e descobrimento das minas do cobre nas terras do Sumbe amballa junto ao rio *Cubo*, 1620.

Celebre embaixada da famosa rainha *Ginga* — irmã de *Gola Bandy* — a Loanda a pedir a paz em nome do irmão, 1621. — Baptismo da dita rainha com o nome de D. Anna de Sousa, 1622. — Novos insultos de *Gola Bandy* aos portuguezes, e á religião christã, — seu castigo, destruição, perda do reino, e morte (envenenado pela propria irmã, a quem elle assassinára um filho), 1623. — Guerra com o *Jaga Cassange*, e sua destruição por o capitão *Roque* de S. Miguel, 1624. — Instituição das feiras do

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
14	Pedro de Sousa Coelho	1626
15	Bispo D. Fr. Simão Mascarenhas	1626
16	Fernam de Sousa	1627
17	D. Manuel Pereira Coutinho	1630
18	Francisco de Vasconcellos da Cunha	1635

Dondo, Beja, e Lucamba, 1625. — Desavenças de João Corrêa com os jesuitas, de que remetteu presos para Lisboa o reitor e mais tres padres, 1626. — Sua vinda precipitada para Lisboa, aonde morreu na prisão, em que o fizeram metter os jesuitas, 1626.

Tomou o governo por ser capitão mór do campo, e dahi a cinco mezes o entregou ao

Fixa a sua residencia em Loanda, e encarrega-se interinamente do governo — fortifica a cidade pelo lado do mar contra as hostilidades dos hollandezes, 1626. — Victorias sobre os Jagas de Zenze, e sova Cafuxe, 1626. — Trasladação da sé do Congo para Loanda, 1626. — Melhoramento na santa casa da misericordia, 1625. — Entregou a governança a

Guerra com a apostata rainha Ginga, D. Anna, por opprimir os nossos feudatarios: memoravel batalha em que ella perdeu a maior parte dos seus, e foram prisioneiras suas duas irmãs, Cambe, e Funge, e muitos macotas, 1627. — Baptismo das duas infantas de Matamba com os nomes de D. Barbara, e D. Engracia, e sua volta para Matamba, 1628. — Uma grossa esquadra hollandeza cruza por tres mezes na costa de Angola, ameaçando desembarques, 1629. — Organisa-se um systema da administração da fazenda real nos presidios, 1629.

Guerras no mato sempre felizes sob o commando do capitão *Antonio Bruto*. — Sugeição do sova *Ambuiladua*, que vivia independente em matos impenetraveis, 1631. — Hostilidades de duas náus hollandezas contra o nosso commercio na costa de Benguella, 1633. — Armam-se em Loanda cinco navios em guerra: combate destes com as duas náus hollandezas, a quem renderam no fim de brava peleja, 15 de Novembro, 1633.

Com justiça e prudencia evitou guerras, e aquietou o sertão; assentou paz com a Ginga; e reconciliou os sovas desunidos, 1636. — Para evitar as piratarias dos hollandezes trazia na costa

uma esquadra, commandada por seu irmão Bartholomeu de Vasconcellos, a qual pelejou muitas vezes com os piratas, e em 1637 lhes tomou um navio de vinte e quatro peças. — Fortificou a marinha, e construiu de taipa e adobes a primeira fortaleza de S. Miguel no morro de S. Paulo, onde ainda se acha, 1638. — Creou a primeira junta de fazenda, e lhe deu regimento, para a cobrança dos dizimos, e dos tributos que pagavam os sovas, 1638.

Novas hostilidades dos hollandezes, e alguns encontros com a nossa esquadilha, 1639 — 40. — O almirante hollandez *Pedro Houtben* é mandado contra Angola com uma grossa armada de vinte e uma náus, e dous mil homens de peleja, alóra novecentos marujos; chegada desta força á vista de Loanda; panico dos habitantes, que abandonam a cidade, e obrigam o governador a retirar-se para o Bembem, 24 d'Agosto, 1641: — e no dia seguinte entraram os hollandezes, e se apossaram da cidade, e seu despojo. — Retirada dos nossos de *Bembem* para o *Bengo*, e do *Bengo* para a villa de *Massangano*; revolta-se a Ginga, e muitos sovas, e unem-se aos hollandezes, 1641 — 42. — Commoções no Congo, e o tyranno D. Garcia II liga-se aos hollandezes, 1642. — Noticias da paz com os Estados Geraes; suspensão de hostilidades, ajustada entre o director de Loanda e o governador Luiz Cezar, 1643: — transporta este o seu arrayal para o Bengo, 1643: — sua boa fé e descuido e vil traição dos hollandezes, que o surprehenderam d'improviso, quebrando a tregoa ajustada, matando-lhe os melhores capitães, e ficando feridos, e prisioneiros o mesmo governador Luiz Cezar, e o capitão do mar Bartholomeu de Vasconcellos na madrugada de 26 de Maio, 1643. — Governo interino em Massangano do capitão mór *Antonio d'Abreu Miranda*. — Estipula-se nova tregoa, e consegue Luiz Cezar evadir-se da prisão de Loanda, 1644. — Guerra aos jagas do *Libolo*, e *Baitundo*, a que foi Diogo Gomes de Moraes, que lhes arrasou os quilombos, e avassallou mais de trinta sovas, 1645. — Tomam os hollandezes Benguella (infringindo a paz jurada), 1645.

Governando o Rio de Janeiro, foi mandado com uma esquadra em soccorro de Angola: fundeou na bahia de *Quicombo* em 26

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
21	Os tres capitães mōres Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, Antonio Teixeira de Mendonça, e João Zuzarte de Andrade (eleitos pelo povo).	1646
22	Salvador Corrêa de Sá Benevides	1648

de Julho, 1645: — encontrou-se com Antonio Gomes de Gouvêa, que com Antonio Teixeira de Mendonça, capitão mór de Benguella, se recolhia a Massangano com a tropa e munições que poderam salvar: como bom pratico da costa, e do sertão, levou Gouvêa a esquadra a fundear na enseada do rio *Suto*, junto a *Cabo Ledo*, e daqui os guiou a Massangano por veredas occultas, e por tres vezes: no mez de Setembro tomou Francisco de Soutomaior posse do governo; e Luiz Cezar regressou ao Rio de Janeiro nos mesmos navios. — Marchou a rainha Ginga contra os nossos com um poderoso exercito: — sahe-lhe ao encontro Gaspar Borges de Mardureira com a pequena hoste portugueza, e a pôe em vergonhosa fuga, deixando mortos no campo dous mil dos seus, e cinco hollandezes, e novamente prisioneira sua irmã D. Barbara — Janeiro, 1646. — Poucos dias depois desta victoria quebraram os hollandezes novamente a tregua, tomando á viva força um patacho portuguez, cujo capitão — Gaspar Gonçalves — morreu no combate: Francisco de Soutomaior apregôa guerra aos hollandezes de Loanda, denunciando as suas perfidias — Março, 1646. — Fallecimento do governador no meio dos preparativos para a guerra, — Maio, 1646.

Tomando cargo da governança tiveram estes governadores de mandar Diogo Gomes de Moraes com 260 mosqueteiros, e 3 peças a soccorrer o presidio de Muxima, que os hollandezes tinham cercado, e apertavam com repetidos assaltos: foram elles obrigados a levantar o cerco com perda de cincoenta mortos, 1646. — Reforçado o exercito hollandez, veio novamente sobre os nossos, aos quaes causou grande perda, e os obrigou a acolher-se a Massangano, 1647. — Restauram-se as fortificações dos presidios, para os pôr ao abrigo de qualquer ataque.

Este heroe partiu do Rio de Janeiro em 12 de Maio de 1648 com uma frota de quinze navios (quatro comprados á sua custa) com 900 homens d'armas: fundeou no porto de Quicombo nos primeiros dias de Agosto; — e appareceu á barra de Loanda em 12 de Agosto: nesse mesmo dia mandou intimar os hollandezes para que se rendessem por capitulação dentro em 48 horas: no

SÉRIE	EVENIMENTOS NOTÁVEIS E CRONOLÓGICOS	ÉPOCAS
	<p>do Jullio de 1813: — encontrou-se com Antonio Gomes de Godoy, que com Antonio Teixeira de Mendonça, capitão mor de Bengalla, se recolheu a Massangano com a tropa e famílias que podiam salvar: como bom pratico da costa, e do sertão, levou Godoy a espedir a buscar na enseada do rio Zumbo, junto a Cabo Ledo, e aqui se guiou a Massangano por veredas occultas, e por tres vezes de mais de Setembro tomou Francisco de Soutomaior, governador, e Luiz César restressou no Rio de Janeiro nos mezes de novembro. — Marchou a terra de Guayra contra os negros com um poderoso exercito: — sahelle no encontro Gaspar Borges de Matos, de quem tomou a pequena fozte portugueza, e a poz em vergonhosa foga, de quando mortos no campo deos mil dos seus, e cinco indios deos, e novamente prisioneira sua filha D. Barbara — Logo no dia 10 de dezembro desta victoria duzentos e noventa e deos negros no momento a foga, tomado a vida foga um patado portuguez, logo capitão — Gaspar Gonçalves — morreu no combate, Francisco de Soutomaior apregoa guerra aos holandezes da Leodade, denunciando as suas fortalezas — Março, 1816. — Tallement de Gouverneur no meio dos preparativos para a guerra. — Maio, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Junho, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Julho, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Agosto, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Setembro, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Outubro, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Novembro, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro. — Dezembro, 1816. — Tallement de Gouverneur se desloca de mais para o sul, e se estabelece no Rio de Janeiro.</p>	
23	<p>Rodrigo de Mirandarigues.....</p>	1651

dia 14 de Agosto, sendo a resposta negativa, desembarcou toda a tropa sem que os inimigos lhes fizessem rosto, antes correram a encerrar-se na fortaleza de S. Miguel, contra a qual Salvador Corrêa nessa mesma noite abriu trincheira, e na manhã do dia 15 a fez assaltar com perda de parte a parte: então os hollandezes capitularam, e sahiram da fortaleza desarmados 1:100 homens d'armas, e outros tantos negros, e foram logo embarcar nos navios, corridos de pejo ao vêr a pouca gente que os vencera: deste dia 15 d'Agosto tomou a cidade o nome de S. Paulo da *Assumpção* de Loanda. — Foram duas náus retomar Benguella, e quatro expulsar os hollandezes do Zaire, Cabinda, e Loango: 300 delles, que estavam com a rainha Ginga, entraram na capitulação, e embarcaram com os demais, 1648. — Bartholomeu de Vasconcellos vae contra o rei do Congo, o qual pede a paz, cedendo a posse da ilha de Loanda, e a de umas suppostas minas de ouro. 1648... — e contra a rainha Ginga, que obtem a paz com humilhações, 1649. — Destruição dos sovas rebeldes da Ilamba pelo capitão mór Antonio Teixeira de Moraes — e dos da Quissama, e Libolo por Diogo Mendes de Moraes, 1649. — Repararam-se as ruínas da cidade, e concedem-se chãos de sesmaria aos moradores para casas, e arimos, 1649. — Soccorre Alvaro d'Aguiar o presidio de Benguella, e enxota da costa cinco corsarios hollandezes, 1650. — Offerece a camara de Loanda a Salvador Corrêa um chão de doze braças no centro da cidade, para elle e seus successores. 6 d'Agosto de 1650. — Construcção de quatro galés em Massangano, 1650... — Passam os capuchinos italianos do Congo para Angola, e começa a missão de *Cahenda*, — e o hospicio para elles na ermida de Santo Antonio, reedificada á custa do governador, 1651.

Curou muito em reparar as fortificações maritimas, e as da cidade, a qual tinha crescido em opulencia. — Pelo alvará de 14 de Março de 1651 foi concedida moratoria aos moradores de Angola para não poderem durante dous annos ser demandados por dividas contrahidas antes da invasão dos hollandezes... — João de Araujo em um navio afugenta do Zaire um corsario hollandez, 1652. — Morre o governador, 1653.

SÉRIE	NOMES	ÉPOCAS
24	Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha	1653
25	Luiz Martins de Sousa Chichorro	1655
26	João Fernandes Vieira	1658
27	André Vidal de Negreiros	1662

3 Reprimiu alguns sovas levantados, e com o respeito do seu nome manteve em socego o Estado, que governou por via de successão, e entregou a

51 Com o exercito commandado por Diogo Gomes Mrales refreou o inquieto D. Garcia rei do Congo, e obrigou o rei do Dongo a continuar a pagar o tributo dos cem escravos a que queria subtrahir-se, e castigou varias rebelliões de sovas da Quissama, 1656. — A rainha Ginga (D. Anna de Sousa) recebe em Matamba os capuchinhos italianos, e por elles persuadida de novo se reconcilia com a igreja catholica, abjurando seus erros, 1657. — Restitue-lhe o governador sua irmã D. Barbara, prisioneira dos nossos havia já onze annos, 1657... — Este governador, recolhendo-se ao Brazil em 1658, foi morto em um combate com um corsario hollandez.

81 Maada Bartholomeu de Vasconcellos a sujeitar os sovas levantados do Golungo alto, 1658. — Aprésa João d'Araujo um negreiro inglez na costa de Benguella, 1658. — Estabelecem-se em Angola os religiosos carmelitas descalços, e começa a missão de *Bango-aquitamba*, 1659. — Provisão para não serem obrigados os moradores de Loanda a ir ás guerras do mato, 23 de Outubro, 1660. — Os nossos guarda costas afugentam da costa de Benguella dous piratas inglezes, 1660. — Os mesmos guarda costas ás ordens do capitão João Cardoso aprésam na costa do Congo um corsario hollandez, pondo outro em fuga, 1661. — Prescreve o governador medidas de policia urbana, do cumprimento das quaes resultou serem presos alguns escravos dos jesuitas, pelo que aquelles padres tiveram a insolencia de o excommungar, 1661. — Reedifica-se a fortaleza de Benguella, 1661.

2 Trabalhou incançavelmente por tres annos nas fortificações de Loanda. — Provisão real mandando construir um convento para os religiosos carmelitas descalços, 17 de Janeiro de 1663. — O feroz rei do Congo D. Antonio invade os nossos dominios com um exercito de cem mil homens em Dezembro de 1665 — sabe-lhe ao encontro o famoso Luiz Lopes de Sequeira com 400 portuguezes

SÉRIE	NOMES	ÉPOCAS
	<p>28 Tristão da Cunha</p>	<p>1666</p>
	<p>29 Francisco de Tavora</p>	<p>1669</p>
	<p>Pedro Cezar de Menezes (o desditoso) 2.º vez nomeado governador d'Angola, naufragou e pereceu em Cabo Negro em 1674, quando ia para o governo.</p>	

6:000 empacasseiros e duas peças: memoravel batalha nas terras d'Ambuilla, em que esta multidão foi dispersa com morte de muitos — entre elles o rei D. Antonio, seu filho D. Alvaro, e muitos fidalgos seus parentes, 1.º de Janeiro, 1666. — Erige o governador a ermida de Nossa Senhora da Nazareth, onde esta victoria se vê pintada em azulejo... — Carta regia d'el-rei D. Affonso vi mandando reprehender os padres jesuitas pela insolencia praticada contra o governador João Fernandes Vieira, ameaçando-os de que *se outra vez tal excesso praticassem seriam privados dos bens da corôa que possuam, e se procederia contra elles com as penas da ordenação*; e mandando tirar devassa daquelle caso... 9 de Dezembro, 1666.

Chegou a Angola em Agosto de 1666, e em Janeiro de 1667 todo o povo de Loanda tumultuando contra elle o fez embarcar para o Brazil no mesmo navio em que viera...

O senado da camara tomou logo posse do governo, e por carta regia de 9 de Julho do mesmo anno foi auctorisado a continuar a exercer taes funcções até á vinda de novo governador... — Ajusta-se a paz com o novo rei do Congo D. Alvaro. — Exploração das suppostas minas de ouro do Congo — tão frustrada como a das de prata de Cambambe, 1668. — Conspiração para novo tumulto, que o senado e o ouvidor conseguiram acalmar, 1669. — A provisão de 20 de Janeiro de 1668 fez mercê aos capuchinos italianos da ermida de Santo Antonio.

Desastre. acontecido ao exercito portuguez, commandado por João Soares d'Almeida contra o conde do Sonho cahindo em uma embuscada, que aquelle lhe preparou, da qual poucos dos nossos escaparam com vida, ficando o inimigo senhor da nossa artilheria, bandeiras, armas, e bagagens, 1670. — Rebella-se o rei do Dongo D. João Hary, e invade com um grande exercito o districto de Ambaca: sahê-lhe ao encontro com uma pequena columna o intrepido e prudente capitão Luiz Lopes de Sequeira: duas vezes o barbaro accommette o nosso arraial junto ao rio Luxillo, e de ambos sahe destroçado, Agosto de 1671. — Luiz Lopes de Se-

SÉRIE	NOMES	ÉPOCAS
30	Ayres de Saldanha Menezes e Sousa	1676
31	João da Silva e Sousa	1680
32	Luiz Lobo da Silva	1684

queira investe por quatro partes as *Pedras de Pungo an dongo* — tidas por inexpugnaveis — e se apossa dellas apesar da mais viva resistencia, morrendo o rei D. João Hary, e ficando seus irmãos prisioneiros, 18 de Novembro de 1671. — Funda-se o *presidio das Pedras*, e ficam os estados do rei do Dongo incorporados nos bens da corôa de Portugal, 1671. — Soccorre o capitão Manuel Nunes o presidio de Muxima, e castiga os sovas da Quissama, que o tinham sitiado, 1672. — Levantam-se os mulatos em Massangano, e recebem exemplar castigo, 1672. — Levanta-se em Angola por ordem regia uma companhia de cavallos, 1672. — Começa-se a reconstruir de pedra e cal a fortaleza de S. Miguel, 1673. — Funda-se hospital em Benguella, 1674. — Regimento para os officiaes da fazenda e justiça, 1675.

Sujeitou alguns sovas levantados do *Libollo*, 1677. — Emprehe de (mas não consegue) o sertanejo José da Roza ir por terra a Benguella, e de lá aos *Rios de Senna*, 1678.

Morte da rainha Ginga, D. Anna de Sousa, no gremio da christandade, 1680. — D. Francisco Guterres Ginga, eleito rei de Matamba, guerrêa os nossos alliados, e saquea os nossos pumbeiros, 1681: vae contra elle o invicto Luiz Lopes de Sequeira com 600 portuguezes e 10:000 empacasseiros: renhida batalha em que o exercito de Matamba foi derrotado, e morto o proprio rei D. Francisco, morrendo tambem (mas vencendo) o grande Luiz Lopes de Sequeira, e Vasco de Mello da Cunha, commandante da cavallaria, 4 de Setembro de 1681. — Succede a D. Francisco sua irmã D. Victoria, que sollicita, e obtem a paz, 1681. — Fundação do primeiro *presidio de Caconda* (a velha) para assegurar o commercio do sertão de Benguella, 1682.

O jaga de Caconda surprehe de aleivosamente o novo presidio portuguez que deixára construir nas suas terras, mata os officiaes e soldados, arraza a fortaleza, e a igreja, e apossa-se de quanto ellas continham, 1684. — A carta regia de 30 de Março de 1684 mandou fundar em Loanda um collegio, aonde se ensinassem doze moços negros para o estado ecclesiastico. — João Braz de Goes,

SÉRIE	NOMES	ÉPOCAS
	<p>33 D. João de Lencastre</p>	<p>1688</p>
<p>34</p>	<p>Gonçalo da Costa de Alcaçova Carneiro de Menezes</p>	<p>1691</p>
<p>35</p>	<p>Henrique Jaques de Magalhães</p>	<p>1694</p>

capitão mór de Benguella vae atacar o jaga Caconda, a quem os seus abandonam, e se entregam aos nossos, e voluntariamente se constituem vassallos da corôa de Portugal, 1685. — Foge o jaga banido para a banza do sova Gimba, que o acouta, e ameaça os nossos: João Braz o accommette e destroe, e o jaga vem entre-gar-se, e é remettido prêso para Loanda, 1685. — Os quissamas cercam o presidio de Muxima, e são derrotados por João de Figueiredo e Sousa, que corre a soccorrer a guarnição, 1686. — Construiu-se um pequen oforte de seis peças no Penedo, aonde depois se elevou a bella fortaleza de S. Francisco, 1687.

Continua-se de taipa a fortaleza de S. Miguel, e fecha-se todo o seu recinto com parapeitos de terra batida, e fazem-se dentro nella quarteis tambem de taipa, 1689. — Reedificaram-se todas as fortificações dos presidios, 1689. — Castiga João de Figueiredo os quissamas rebellados, 1689. — Construiu-se na praia um armazem de arrecadação, e junto delle um corpo de guarda, 1690. — Rebellou-se o dembo *Ambuila*, 1691.

O nosso exercito commandado pelo valente cabo Pascoal Rodrigues accommette e derrota completamente o exercito do dembo *Ambuila*, e destroe-lhe a banza, com grande matança e despojo, 1692; — e continúa João Baptista da Maia a destruição dos dembos de *Quibuca*, e *Cabanda*, alliados do *Ambuila*, 1692 — 93. — Revolta-se a guarnição de Massangano, e seu castigo, 1693. — Foram ordens da côrte para se fortificar o porto de Loanda; — e para se crear uma junta de missões dotada; — e para que nunca mais se passassem a cutello os prisioneiros, como se fez na guerra do dembo *Ambuila*, 1693.

Remessa da primeira moeda de cobre para correr em Angola: — revolta-se por causa della a tropa paga de Loanda; — o governador com o auxilio da camara e dos moradores suffoca o motim, e pune os culpados, arcabuzando cinco dos cabeças de motim, 1694. — Concessão de varios privilegios á companhia de Cacheu e Cabo Verde para o trato d'escravaria, 1694. — Manda-se reconstruir a fortaleza de Benguella, 1694. — Nova guerra com os

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
36	Luiz Cezar de Menezes.....	1697
37	Bernardo de Tavora Sousa Tavares.....	1700
38	D. Lourenço d'Almada.....	1705
39	Antonio de Saldanha d'Albuquerque Castro Ribafria	1709

Quissamas, que receberam pesado castigo do capitão mór Manuel de Magalhães Leitão, 1695. — Fez-se na ilha de Loanda um forte, que o mar depois comeu, 1696.

Faz um armazem á prova de bomba dentro na fortaleza de S. Miguel, 1697. — Destruição do sova *Hiamba*, que nos quiz disputar o presidio de Caconda, 1698. — Concessão á santa Casa da Misericórdia de Loanda de uma preferença de 500 escravos, 1698. — Ordem regia para se abrir em Loanda uma aula de fortificação, 1699.

Nada consta ter feito, senão tornar-se aborrecido até fallecer de doença em 1702, tendo antes de morrer cumprido a ordem da côrte que mandava incumbir ao padre Fr. Francisco de Pavia a coroação do rei do Congo, eleito pelos tres senhores conde do Sonho, — duque de Bamba, — e marquez de Pêmba. Por morte de Bernardo de Tavora governou a camara. — Por carta regia de 28 de Abril de 1702 se mandou acabar de todo a fortaleza de S. Miguel, — alargar a do Penedo, — e fazer a bateria da *Cassandama*. — Creação do logar de physico-mór d'Angola com obrigação d'ensinar medicina, 1703. — Ordem regia para se fazer com brevidade o hospicio de Golungo para os capuchinhos italianos, 1703. — Quatro corsarios francezes roubam, e queimam a povoação de Benguella, 1704. — Creação dos logares de — mestre de campo (destinado a supprir as faltas do governador) — tenente do mestre de campo, — ajudante do tenente, — e sargento mór d'infanteria, 1704.

Socego em toda a provincia. — Adiantam-se as obras de alvenaria da fortaleza de S. Miguel, e da *Cassandama*. — Accrescenta-se o palacio da residencia dos governadores. — Carta regia para que os ouvidores presidam ao senado da camara, 14 de Março, 1706. — Outra para que os ouvidores sirvam de juizes da corôa, 7 de Fevereiro, 1707.

Reedifica-se a fortaleza e cidade de Benguella destruida pelos francezes, 1710. — São soccorridos os sovas nossos alliados da

SÉRIE	NOMES	ÉPOCAS
40	D. João Manuel de Noronha	1713
42	Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho	1722

SUCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

Quissama contra outros inimigos delles e nossos, os quaes soffreram grande estrago, 1711. — Fortifica-se a cidade de Loanda para poder resistir á esquadra de *Du Guet Trouin*, se ella voltasse por lá do Rio de Janeiro, 1712.

Occupou-se na construcção de uma cidadella de taipa para defeza da cidade alta, que lhe não foi approvada pela côrte, e que o tempo em breve destruiu, 1714 — 15. — Rebellam-se os sovas *Quitata*, e *Canhacuto*, e são castigados por Luiz Ferreira, capitão mór de Caconda, 1716. — Motim na guarnição de Muxima, durante o qual os Quissamas intentam surprehender o presidio: corre a soccorrello Pedro Moreira de Carvalho, castiga os amotinados, e os invasores, 1716. — Graves desavenças do governador com os cubiçosos e altivos jesuitas, 1716.

Grande conjuração de todos os sovas visinhos de Caconda, e alguns de Benguella contra o presidio de Caconda — bem defendido pelo seu capitão mór José da Nobrega e Vasconcellos: marcha contra os conjurados Manuel Simões, capitão mór de Benguella, que os destroe inteiramente, voltando com o seu exercito carregado de gloria e de despojos em 1718 — (e foi louvado por Sua Magestade em provisão de 24 de Novembro de 1719). — Quadrilhas de salteadores na Ilamba, 1720. — Lei que prohibe o commercio aos governadores e empregados fiscaes, judiciaes, e militares, 29 d'Agosto, 1720.

Provisão conferindo aos governadores d'Angola o soldo de quinze mil cruzados com prohibição de negociar, 17 de Setembro, 1721. — Nova tentativa dos sovas conjurados do sertão de Benguella, e novas victorias do valente capitão mór Manuel Simões, com que os rebeldes ficaram de todo aniquilados, e seguro o nosso dominio naquella região, 1722. — Prosperidade e socego em Loanda. — Creação do logar de juiz de fóra, para servir tambem de Provedor dos defuntos e ausentes, ficando o Ouvidor com os cargos de Provedor da fazenda real, e Auditor da gente de guerra, 1721. — Tenta o governador restabelecer um presidio em *Qui-combo*, 1723. — Provisão para o juiz de fóra servir tambem do

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
43	Paulo Caetano d'Albuquerque.....	1726
44	Rodrigo Cezar de Menezes.....	1733
45	João Jaques de Magalhães.....	1738
46	O conde de Lavradio.....	1749
47	D. Antonio Alvares da Cunha.....	1753

SUCCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

juiz dos orfãos, 1725. — Morre o governador, e succede-lhe o mestre de campo José de Carvalho da Costa, 1725.

Construiu um novo forte na ilha para cruzar com o do Penedo; e fez o quartel de cavallaria na praia: falleceu no fim do anno de 1732, — e por alguns dias ficou governando o senado da camara.

Teve uma pequena guerra com os Quissamas — e fez o segundo baluarte de pedra da fortaleza de S. Miguel, e começou um lanço da cortina — e sendo rendido em 1738 falleceu na viagem.

Continuou e acabou exteriormente de pedra a fortaleza de S. Miguel, e alargou mais o palacio da residencia, 1740. — Declarou guerra á rainha Ginga por ter ella mandado matar um negociante branco, e roubado os Pumbeiros, 1744. — Marchou contra ella o capitão mór de campo Bartholomeu Duarte de Sequeira com grosso exercito, — tomou-lhe logo as ilhas do Cuanza com grande destruição de seus habitantes — e penetrando com uma serie de victorias até a banza de Matamba, obrigou a Ginga a implorar a paz, cedendo á corda portugueza as ilhas de *Quinalonga*, 1745. — Dalli passou o capitão mór a castigar os sovas da Quissama, e mais que todos o rebelde *Quizuá*, que houve de comprar a paz com ceder-nos a posse de uma lagôa, cuja pescaria andou arrematada por bom rendimento, 1746. — Falleceu o governador em 1748; e por sua morte, depois de grandes alterações, governou uma junta composta do bispo, ouvidor, e sargento mór, os quaes viveram em perpetua desunião durante os seis mezes, que governaram.

Construiu-se o novo edificio do Trem, que actualmente existe; reparou, e embellesou a Cathedral, 1750. — Creou os regimentos de milicias, 1752. — Destruiu as quadrilhas de saltadores, que infestavam o paiz, 1752.

Remetteu amostras de ouro e cristaes das minas do Rio Lom-bije, 1754 — (mandou-se prohibir a sua exploração em 1761). —

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
48	Antonio de Vasconcellos.	1758
49	D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho.	1764
<p align="center">Em 1771 esteve nomeado governador d'Angola D. José Francisco da Costa, Armeiro Mór, que não chegou a ir para aquelle governo.</p>		

SUCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

Fez construir o grande quartel da infantaria, e o soberbo quartel da cavallaria, 1754 — e 55. — Concluiu tambem a fortaleza de S. Pedro do Mórro da Cassandama, 1756. — Castigou os sovas de Benguella das tropelias commettidas contra os nossos Pumbeiros, 1756. — Quiz construir uma fortaleza no meio da barra, mas como não pôde levalla ao cabo, ficaram os alicerces formando um baixo de pedra, 1757. — Tentou encanar para Angola a agua do Bengo; mas conheceu-lhe impossibilidade, 1758.

Fundação do presidio de S. José d'Encoge na famosa Pedra d'Encoge, 1759. — Expulsão dos jesuitas de Angola, 1760. — Guerras com alguns sovas do Libolo, e do sertão de Benguella, 1760. — Demolição da antiga casa dos governadores, e construcção do novo palacio, 1761. — Descobre-se em Angola a pedra calcarea, e começa a fabricar-se cal, 1761. — Descobre-se uma conspiração dos degradados capitaneados por um José Alves, para matar o governador, e officiaes, e saquear a cidade: — supplicio dos réos no patibulo, 1763.

Fez novos regulamentos para todas as repartições fiscaes, e para as feiras, e aboliu os *reviros* do commercio: organisou tambem de novo a força militar: fomentou a boa fé nos negocios: fundou o Terreiro Publico de Loanda, 1765: — no local do pequeno forte do Penedo construiu a importante fortaleza de S. Francisco, 1766. — Guerras gloriosas com o Dembo Ambuela ao Norte, e os sovas de Caconda ao Sul, 1766. — Novo regimento dos capitães môres para cohibir as prepotencias, 1766. — Fundação da magnifica fabrica de ferro da villa de Oeiras no Golungo, 1767: — remessa de quatro mestres biscainhos para ella, 1768. — Exploração das minas de petroleo do Dande, e d' enxofre de Benguella, 1768. — Creação de uma aula de fortificação em Loanda, 1768. — Fundação effectiva do hospital de Benguella, reconstrucção da sua fortaleza, e reformas importantes no serviço militar, e fiscal daquelle cidade, 1769. — Fundação do presidio de *Novo Redondo* na foz do Rio Gunza, 1769. — Reparos em todos os presidios, e reforma nos regimentos, e disciplina das suas guarnições, 1769. — Construcção do cavalleiro, cisterna, e armazens á prova de

bomba na fortaleza de S. Miguel, 1770. — Construcção da nova alfandega de Loanda junto ao trem, 1770. — Construcção da casa dos contos pegada ao palacio do governo, — melhoramento deste — reedificação do hospital de Loanda, — e estabelecimento de um passeio publico na Nazareth, 1771. — Fundem-se em Angola peças de artilheria, 1771. — Começa-se a construir a fragata *Loanda*, 1772. — Desde 1770 começaram-se a cobrar por conta da fazenda publica os direitos dos escravos, ficando abolido o antigo contracto.

Guerra com os sovas de *Selles* (visinho de Novo Redondo), o de *Bailundo*, e outros do sertão de Benguella, os quaes foram todos vencidos, alguns delles mortos, e prisioneiro o guerreiro *Bailundo* com dous sobrinhos, 1773. — Fez-se a estrada da Nazareth para o Penedo, 1774. — Organizou-se o parque da artilheria, 1778. — Começou-se a dar melhor fórma á bateria do mar da fortaleza de S. Pedro.

Começou o novo caes da alfandega; — e concluiu a fragata *Loanda* começada por D. Francisco Innocencio: falleceu de uma apoplexia em Dezembro de 1782. — Succedeu-lhe um governo interino composto do bispo, do ouvidor J. M. Garcia, e do coronel d'infanteria J. Monteiro de Moraes: — este governo acabou de armar a fragata *Loanda*: foi substituido por outro governo interino composto do mesmo bispo, o novo ouvidor F. Xavier Lobão, e o novo coronel P. Alvares de Andrade, que alli chegaram em Maio de 1783 na fragata *Graça*, a qual seguiu em 15 de Julho para Cabinda com uma expedição (tão mal concertada como podia esperar-se de um governo colectivo) a fundar uma fortaleza. Nesse mesmo anno de 83 foi mandado para Angola com o cargo de secretario o naturalista *Joaquim José da Silva*, e sob a inspecção delle *Angelo Donati*, naturalista e riscador, e *José Antonio* riscador. — Fome em Loanda, 1783. — Guerra com os *Quisamas* mal succedida por mal dirigida, 1784. — A guarnição da fortaleza de Cabinda, tendo perdido 300 homens pela doença do paiz, capitula com uma esquadra franceza que arraza a dita fortaleza sem outro direito que o da força, 1784.

SÉRIE	NOMES	ÉPOCAS
52	O Barão de Mossamedes	1784
53	Manuel d'Almeida Vasconcellos	1790
54	D. Miguel Antonio de Mello	1795
55	D. Fernando Antonio Soares de Noronha	1800

Levou um aviso para serem mandados seis ou oito rapazes a educar em Portugal para o sacerdocio, 26 de Março de 1784. — Foi o tenente coronel d'engenheiros L. C. C. Pinheiro Furtado na fragata Loanda fazer uma exploração até Cabo Negro, em quanto Gregorio José Mendes, rico sertanejo com um corpo de tropa explorava o interior: existem a memoria do dito Mendes, e a carta de Pinheiro Furtado dessa exploração, e as plantas por este ultimo levantadas — da Angra do Negro, que elle denominou *Bahia de Mossamedes* — e da *Enseada da Lapa*, 1785. — Desavenças entre o governador e o bispo de Malaca que governava a diocese, 1787. — Retira-se o bispo, 1788. — Começa a guerra com o *marquez de Mossul* que invadiu de repente o nosso territorio até o Bengo, aonde o suspendeu a resistencia dos padres capuchinhos italianos e seus escravos até acudirem tropas de Loanda, 1790.

Levou 200 recrutas dos Açores, e 100 degradados do Rio de Janeiro, com os quaes reforçou o exercito, e concluiu a guerra do marquez de Mossul, o qual se avassallou á corda de Portugal em 1792. — Terraplenou-se e arborizou-se a explanada da fortaleza de S. Miguel, e fizeram-se mais plantações d'arvores, 1793. — Reformou-se de cantaria o caes da alfandega, e fizeram-se duas calçadas novas, e outros melhoramentos na cidade, 1784. — Reparou-se, e aformoseou-se a fortaleza do Penedo, 1795.

Tratou de aformosear o palacio. — Mandou-se em 1798 construir em Calumbo um forno de experiencia para o ferro do Gulongo sob a direcção do degradado José Alvares Maciel.

Fundou-se sob a direcção de José Alvares Maciel a pequena fabrica de ferro do trombeta na Ilamba, 1800. — Nesse mesmo anno se remetteram a Angola as memorias do doutor *Lacerda*, e se ordenou o tentar-se alguma expedição para a costa oriental, e vêr-se se era possível ir prolongando presidios pelas margens mais distantes do *Cuanza*: — e tambem se mandaram explorar as riquissimas minas de cobre de Angola, 1800. — Prohibiu-se o enterramento nos templos, e mandaram-se construir cemiterios em

SERIE	AUTORIDADES E NOMES	ÉPOCAS
56	Antonio de Saldanha da Gama..... (depois Conde de Porto Santo).	1807
57	José de Oliveira Barboza.....	1810
58	Luiz da Motta Fêo e Torres.....	1816

SUCCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

Angola, 1801. — Fez este governador o tilheiro da Ribeirinha onde se guardam as embarcações do arsenal de Loanda, 1804. — Retirou-se para Lisboa em 1806, e deixou um governo interino até á chegada do seu successor composto do bispo, do coronel, e do ouvidor.

Consegue o tenente coronel de milicias *Francisco Honorato da Costa* abrir comunicação directa com a nação dos *molúas*, 1807. — Manda o *Muata* (rei dos molúas) uma embaixada solemne ao governador d'Angola, 1808. — Nesse mesmo anno partiram os pretos feirantes Pedro João Baptista, e Amaro José — para Moçambique pelas terras dos ditos molúas. — Em Abril de 1808 partiu o capitão Luiz Antonio d'Abreu Lima (hoje visconde da Carreira) para o Rio de Janeiro a cumprimentar sua alteza real, levando amostras de ferro, cobre, gomma copal, petroleo, cardamomo etc. — Isenção aos sovas do Golungo de darem carregadores aos aviados, obrigando-se a fornecer 100 harrinhas de ferro por anno, 1809. — Exploração das minas d' enxofre de Benguella, 1809. — Estabelecimento de uma coudelaria no Dande, 1809. — Estabelecimento do cemiterio de Loanda, 1809. — Regula-mentos ruraes para fomento da agricultura; e creação de uma aula de mathematica, 1810.

Construiu no trem a casa de residencia do inspector, e armazens, 1811. — Tentou sem plano fixado ao que parece encanar o Cuanza para Angola, e para isso 500 negros trabalharam com grande despeza nos annos de 1813, — 1814, — e 1815; — mas sem proveito visivel. — Chegaram em 1815 os pretos Pedro João Baptista e Antonio José com cartas do governador de Moçambique datadas em 1811, deixando assim comprovada a possibilidade do transitio de uma á outra costa atravez do continente africano, 1815.

Fome em Loanda 1816 — 17. — Taxas para evitar o monopolio dos cereaes, 1817. — Creação de uma linha de guardas barreiras em torno da cidade de Loanda, 1817. — Embellezamento do palacio do governo e da praça fronteira com um

obelisco destinado a perpetuar a memoria da aclamação do senhor rei D. João VI, 1817. — Reparos no terreiro publico e seu caes, na cadêa, nos quarteis, nas casas da misericordia etc., e aformoseamento da cidade, 1817. — Guerra no sertão de Benguella, 1817. — Dita no Dongo, 1818. — Construção do bello mercado da *Quitanda*, 1818. — Construção do novo passeio publico na *Ponta da Izabel* com casa de recreio para os governadores, 1819. — Expedição a Novo Redondo, 1819.

Promoveu muito a agricultura, e em especial a plantação do algodão, e para a animar affiançou aos plantadores a venda certa, obrigando-se a fazenda real a comprallo quando faltassem outros compradores, 1820. — Estabeleceu por conta da fazenda publica canôas de carreira para a navegação mercantil nos rios Dande, e Bengo, e para o mesmo fim fez construir dous armazens de deposito um em Calumbo, outro no Zenza, 1820. — Começou a construir um brigue de guerra; — e creou uma casa de fiação, e officinas de alfaiates, e çapateiros, 1820. — Creou uma fabrica de curtumes em Ambaca; — e uma fabrica de cal, tijolo, e telha em Massangano, 1820. — Estabeleceu correio regular para os presidios, 1820. — Creou uma companhia de artifices, e outra de pescadores, 1820. — Reedificou, ou reparou os edificios publicos, e caes, e fez plantar muito arvoredos nos largos e passeio, 1821. — Tomou strictas contas ás repartições fiscaes, e operou diversas economias, 1821. — Teve graves desavenças com o bispo, 1821.

Poucos mezes chegou a governar; porque em 6 de Fevereiro de 1822 o povo installo alli uma junta provisoria de sete membros presidida pelo bispo D. Fr. João, e nessa mesma occasião se amotinou o regimento de infantaria, e a companhia de cavallaria, por cujo motivo a junta pediu ás côrtes tropa de Portugal, e um commandante de força armada, — o que tudo foi promptamente providenciado. — Em 1823 tentou-se em Benguella uma sublevação para se unir ao Brazil; mas não foi a effeito.

Foi nomeado commandante da força armada, e presidente do governo constitucional, e levou consigo um batalhão expedicio-

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
62	Nicoláu d'Abreu Castello-branco	1824
63	O Barão de Santa Comba Dão	1829

nario: — em Outubro de 1823 chegando a Loanda as noticias da queda da constituição de 1821, dissolveu-se o governo provisorio, e ficou sendo governador: d'ahi a poucos dias revoltou-se o batalhão expedicionario com o pretexto de querer regressar a Portugal, e praticou muitos desatinos: o governador houve-se com energia: mandou recolher a tropa dos presidios; sitiou os revoltosos na fortaleza de S. Miguel até os obrigar a depôr as armas, e depois os distribuiu pelos presidios, e restabeleceu o socego publico até que foi rendido por

Teve de reparar os estragos provenientes do abandono em que tudo havia cahido durante quatro annos de revoltas continuas. — Reparou as calçadas, e muitos edificios publicos da cidade; principalmente os quartéis, a misericordia e seus predios, os conventos, o passeio publico, a cathedral (cuja reedificação emprehenheu); os presidios do sertão etc., 1824. — Fez alguns melhoramentos na administração de fazenda, 1825. — Constando que *Lord Cockrane* tentava accommetter Loanda, reparou as fortificações maritimas (e por esta occasião reconstruiu o forte da Conceição), reuniu tropas, e fez outros preparativos bellicos para obstar a um assalto, que não chegou a effectuar-se, 1825. — Estabelecimento de uma feitoria mercantil de João Paulo Cordeiro, 1825. — Fizeram-se concessões importantes ao commercio d'Angola, 1825. — Tentou-se promover a cultura do algodão, e a do assucar, para cuja manipulação se construiu uma engenhoca na margem do Bengo, 1826. — Fez varias remessas para Lisboa de ferro, — salitre, — enxofre, — petroleo, — ouro de lavagem do Rio Lombige, — e outros productos, e são do seu tempo as melhores statisticas d'Angola que se topam no archivo do ultramar. — Por ultimo proclamou a usurpação de D. Miguel em 1828, — e depois foi rendido por

Representante de um tyranno feroz, todavia o seu governo foi moderado á vista dos horrores dessa época na metropole: proseguiu em completar alguns dos trabalhos do seu antecessor, e procurou generalisar a cultura do café. . . O commercio d'Angola, e as suas finanças chegaram nesse tempo ao mais miseravel es-

SUCCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

tado de penuria. Em 25 de Junho de 1834 sendo acclamada em Angola a Carta Constitucional da Monarchia Portugueza, e a Rainha a Senhora D. Maria II, foi deposto o governador, e eleita uma junta provisoria de governo composta do governador do bispado, ouvidor interino *Leonardo José Villela*, e dos cidadãos *Candido Francisco da Silva*, e *Innocencio Matoso de Andrade Camara*: este governo fez varias propostas, entre ellas a da abolição do exclusivo do marfim; e poz em vigor a legislação de 1832, menos o julgamento por jurados sobre cuja impossibilidade representou; — e tambem organisou um esquadrão de cavallaria nacional, 1835.

Tomou posse em Fevereiro, e logo começou com grande ardor e zelo a cumprir as suas instrucções; organisou um batalhão d'infanteria nacional, e enetou muitas providencias utilissimas (entre ellas a organização de uma *companhia de agricultura e industria* d'Angola e Benguella), as quaes não pôde levar ao cabo, porque indo visitar o sertão falleceu de uma febre ataxica no presidio das Pedras de Pungo au dongo em 21 d'Agosto do mesmo anno de 1836. Por sua morte se installou uma junta governativa das tres auctoridades — o governador do bispado *Leonardo José Villela*, o juiz *Antonio Carlos Coutinho*, e o tenente coronel *Fernando da Fonseca Mesquita e Solla*. — Parece que a esta nomeação tentou oppôr-se o tenente coronel commandante militar Lourenço José d'Andrade, e para isso municiou a tropa com polvora e balla, do que resultou insurreccionarem-se os soldados, assassinaem o dito tenente coronel, ferirem dous officiaes, pôrem o paiz em anarchia, e o governo provisorio em constante coacção até á chegada do novo governador. . . Lei da abolição do trafico d'escravatura, 10 de Dezembro 1836.

Chegou a Loanda em Agosto: disciplinou a tropa da cidade e presidios, creou a *companhia de segurança*, cuidou muito na limpeza da cidade e seu aformoseamento, e fez entrar muitos dinheiros no cofre da fazenda publica, 1837. — Tendo o sova *Qui-luange Quiassama* (vassallo de Ginga) invadido as nossas terras de Ambaeo; mandou contra elle um exercito de 4:000 homens com-

SERIE	NOME	ÉPOCAS
66	Antonio Manuel de Neronha.....	1839
67	Manoel Eleutherio Malheiro.....	1839

mandado pelo tenente coronel *Joaquim Filippe de Andrade*, o qual derrotou, e aprisionou aquelle chefe, tomou-lhe o sovado, que se incorporou nos dominios portuguezes (e é hoje o districto *Duque de Bragança*), construiu alli uma fortaleza guarnecida com 12 bôcas de fogo, e capacidade para 400 praças, e reedificou a fortaleza de Ambaca, 1838. — Deu varias outras providencias, mas não cumpriu o decreto de 10 de Dezembro de 1836, e por isso foi demittido em 1838.

Chegou em Janeiro, e logo declarou em pleno vigor o decreto de 10 de Dezembro de 1836, e providenciou para que elle fosse da realidade: — creou uma *associação para a exploração das minas* (cujas operações pararam pela morte do engenheiro). — Mandou o suizo *Dr. Lang* explorar as minas de petroleo no Dande, a serra do Libongo, e o sertão de Mossamedes (de que tudo foi infructifero). — Mandou fazer explorações maritimas, que vieram a effectuar-se no tempo do seu successor. — Começou uma bella estrada a partir do *alto das Cruzes* para o Bengo — tentou restabelecer as feiras, — e ordenou novas culturas. — No seu tempo foram para Angola os primeiros camellos — a camara estabeleceu a illuminação da cidade, e providencias para atalhar os incendios, e encommendou uma machina arthesiana. O governador de Benguella *Chateaufeuf* fez uma guerra feliz no Dombe grande da Quinsamba — e creou a *companhia de commercio, agricultura, e pescarias de Benguella*, 1839. — Neste tempo o governador assustado da irritação manifestada pela repressão do trafico, começou por suspender, e remetter para Lisboa o juiz de direito com um processo, e acabou por embarcar elle mesmo em um hyate de guerra para Lisboa em 23 de Novembro de 1839. — Succedeu-lhe em via de successão o commandante da força armada.

O capitão tenente *Pedro Alexandrino da Cunha* explorou a costa ao Sul de Benguella, e verificou as posições de *Cabo Negro* e *Porto de Pinda* (*Enseada das aréas*), — da *Bahia dos Tigres*, — e por ultimo da *Bahia de Mossamedes* (*Angra do Negro*), aonde se reuniu com o tenente *Garcia*, que ia explorar os sertões de *Huila*, e *Caconda*, 1839. — Fundou-se o presidio de Mossa-

SERIE	NOMES	ÉPOCAS
68	José Xavier Bressane Leite.....	1842
69	Lourenço Germack Possolo.....	1844
70	Pedro Alexandrino da Cunha.....	1845

SUCCESSOS NOTAVEIS POR ORDEM CHRONOLOGICA

mêdes em 1840. — Explorações do dito *Garcia*, 1840 e 1841. — Deram-se algumas terras de sesmaria, 1841 — 1842. — Anima-se a cultura do café, 1842. — Começa a affluir a Loanda o commercio da metropole, 1842.

Deu grande impulso ao novo estabelecimento de Mossamedes... Tentou mudar a cidade de Benguella para a enseada do *Lobito* (*Catumbella das Ostras*): começou-se a fundação mas veio a conhecer-se em breve a sua inconveniencia... Creou-se uma companhia de sapadores com muitas vantagens para os que nella se alistassem. — Deu cuidados a continuação da estrada nova; — e quando dispunha outras providencias para o fomento interno falleceu de doença em 10 de Julho de 1843... Ficou governando o concelho até chegar

Tomou terreno apropriado, e começou a ajuntar materiaes para um novo trem mais capaz do fim a que se destina. — Foi demittido por decreto de 31 de Maio de 1845... O decreto de 5 de Junho de 1844 abriu os portos de Loanda e Benguella ao commercio estrangeiro, que logo alli acudiu, e o de Portugal tomou tambem grande incremento; — o decreto de 14 de Setembro de 1844 instituiu em Loanda um tribunal de julgamento de presas de contrabando d'escravos.

Estava commandando a estação naval d'Angola quando foi nomeado governador d'Angola, por decreto de 31 de Maio de 1845. — Empregou logo medidas terminantes para acabar com o contrabando d'escravatura, — publicou providencias efficazes para promover a cultura do algodão, do tabaco, e do café. — Aboliu-se por ordem regia o monopolio do estanco do sal, 1845. — Decretou-se a fundação do novo presidio de *Huila*, 1845.

CAPITULO VI.

Força Publica.

COM capitães e homens d'armas fundou Paulo Dias de Novaes as primeiras povoações de Loanda, e Massangano, e provavelmente a de Calumbo: e com quanto a sombra de suas armas fossem tambem mercadores, chatins, e mecanicos, não eram esses primeiros emprehedores de trafico mais do que criados, e gente da obrigação dos capitães conquistadores e povoadores, com cujo arrimo medravam em seus tratos, quiçã repartindo com os protectores boa parte dos lucros; e não poucas vezes se via o mesmo que fôra na pejeira valente arcabuzeiro pôr tenda de mercador depois da victoria, como dava bem a entender em 1592 Domingos d'Abreu de Brito no seu mass. atraz citado dizendo *ser costume no dito Reyno (d'Angola) andarem as fazendas dos mercadores de Loanda com a guerra para se com ella fazerem os taes resgates.* Já se vê pois que a força militar foi desde o comêço da conquista o primeiro e mais essencial elemento da nossa colonisação, e do nosso dominio naquella região; — e tal tem continuado a ser necessariamente em todos os tempos, e continuará sem duvida até que a civilisação, — tão vagarosa em seus passos por entre aquellas brenhas, — e o amor do trabalho — tão repugnante a genios africanos, — cheguem a transformar em sedentarios agricultores, e laboriosos artifices, nações inteiras de povos quasi nômades afeitos a viver da guerra, da caça, e da rapina, e a passar o resto do tempo em um ocio brutal meditando novas incursões, contra as quaes nos é indispensavel estar sempre precatados em attitude bellica, e sobranceira.

Amiudados soccorros de homens, e de cavallos partiam de Portugal e do Brazil durante os seculos XVI e XVII a reforçar o nosso exercito angolense, o qual andava de continuo em campo sob o commando de capitães experimentados e valerosos, que souberam com milagres de ousadia e boa tatica militar vencer quasi sempre as multidões africanas; manter-se firmes no sertão contra o impeto irresistivel de tresdobradas forças das melhores tropas de Hollanda; depois com poucos soldados expellir os invasores, daquellas praias; até infundir naquella indômita negraria temor e respeito ás quinas portuguezas. Tal era porém a malignidade do clima, — ou antes o máu viver da soldadesca, e a falta de policia hygienica, — que cada um dos soccorros, que de novo chegava, apenas bastava a preencher

as vagas que as doenças diariamente causavam nas fileiras desse exercito de aguerridos portuguezes, cujo numero nunca chegou por ventura a contar-se por milhares. Conhecendo desde logo a invencivel influencia desta força maior, que tendia de continuo a contrariar seus bem concertados planos, Paulo Dias de Novaes, tão habil general, como experto homem d'estado, ligando ao terror de suas victorias as boas manhas de uma politica conciliadora, tratou desde logo de ir avassallando os sovas que conquistava, os quaes — vencidos ainda menos do seu ferro que dos bons tratos, e franca protecção, que nelle achavam — se lhe iam unindo com numerosas hostes de dextros frecheiros bem cursados nas guerras daquelles matos, e na perigosa caça das *empacassas* (bufalos bravos), donde lhes vem o nome de *empacasseiros*, os quaes engrössavam os nossos exercitos conquistadores com muitos milhares de fieis combatentes ao que então lá chamavam *guerra preta*. Este systema agradou pela sua utilidade a todos os successores de Paulo Dias, e como as continuas desavenças entre aquelles regulos os forçam a recorrer amiudadas vezes á nossa justiça, e não poucas á protecção de nossas armas, nunca faltaram sovas vassallos, — ainda mesmo quando grandes guerras se nos moviam, — que comprovassem a sua lealdade e apêgo aos portuguezes, pondo á disposição dos governadores toda a sua guerra preta. Este costume ainda dura: ainda em 1838 á guerra contra Quiluanje Quiassama acudiram os empacasseiros do Golungo e da Ilamba. Sempre pois que necessaria venha a ser em Angola a reunião de grande força para accommetter qualquer empreza, não será difficil levantar de vinte a trinta mil soldados dessa boa milicia de empacasseiros, que já hoje não são frêcheiros, mas sim mosqueteiros, armados de boas espingardas, e muito bons atiradores, servindo simultaneamente de tropas ligeiras, de esculcas, de pioneiros, de bagageiros, e de prestar todos os mais serviços necessarios a um exercito, — e em taes terras. Em tempos de paz os sovas vassallos mantêm com elles o socego, e a segurança nos seus sovados, e apenas se conserva em effectivo serviço a nosso soldo uma companhia com seu capitão em cada um dos nossos districtos para servirem como correios, e em outras commissões de serviço publico; tendo estes por unico vestuario a *tanga* africana (de panno ou pelle) cingida em roda do corpo, e na cabeça um cocar de pennas mostruado na frente um rotulo de papelão, em que se vê pintado um R.

Tendo dado a noticia que me pareceu indispensavel desta milicia auxiliar, que não pequena parte tem tido no bom exito das nossas conquistas, — sem contudo reclamar para si nenhum quinhão

na gloria dos triumphos, — continuarei a fallar da força regular e disciplinada, que alli temos conservado em diversas épocas. Não consta que esta força tivesse um quadro determinado até á invasão dos Hollandezes em 1641: compunha-se de companhias pagas de arcabuzeiros sem numero determinado, e de alguns ginetes mantidos pelos capitães e senhores mais ricos, por quem se repartiam em parte os despojos, e a cuja sombra se fazia o negocio do sertão, de cujos presidios, feiras, e districtos eram elles es capitães môres: e quando as guerras do matto assim o exigiam eram obrigados os moradores de Loanda a ir a ellas em pessoa, ou a dar em seu logar um arcabuzeiro, ou um ginete, conforme lhes tocava em razão dos seus haveres: desta obrigação foram elles dispensados pela provisão de 23 d'Outubro de 1660, e por esse mesmo tempo se creou em Loanda *um terço de infantaria*; — uma companhia em Benguella, e uma companhia em cada presidio; — tudo de tropa paga, e regular, afóra os empacasseiros; e a carta regia de 18 de Março de 1672 approvou levantar-se em Angola *uma companhia de cavallos*. Uma nova provisão real de 29 de Janeiro de 1695, restringindo em parte a isenção absoluta de qualquer serviço militar conferida aos moradores de Loanda em 1660, mandou organizar naquella cidade *um terço de ordenanças*, e mais dezeseito companhias das ditas nos districtos, e presidios, como adiante se verá; e esta organização militar assim continuou até o anno de 1752, em que o governador conde de Lavradio creou as milicias do reino d'Angola. Foi finalmente o grande reformador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, que no seu governo de 1764 até 1772 organizou de novo toda a força militar do modo que se conservou até 1820, cujo quadro aqui dou no mappa n.º 2, copiado da Memoria de J. C. Fêo Cardoso Castello-branco e Torres, impressa em Paris em 1825.

Os mappaes officiaes mais explicitos, que vão em seguida sob os numeros 3 — 4 — 5 — mandados á secretaria do ultramar pelo governador N. d'Abreu Castello-branco, — mostram o estado do pessoal daquella força no anno de 1827 — (conservando-se ainda alli áquelle tempo o casco de um batalhão expedicionario, que para lá fôra em 1823 com Christovão Avelino Dias, contra quem se rebellára, — o qual depois se dissolveu inteiramente), e contém algumas observações importantes, maiormente no que respeita á pouca utilidade das ordenanças, e de parte das milicias, comparada com aquella que a pratica tem provado achar-se em todo o tempo no serviço dos empacasseiros.

Desde 1834 tem variado algum tanto a organização da pri-

meira linha, que era em 1845 aquella que consta do mappa n.º 6. Foram abolidas as milicias, e as ordenanças como em toda a parte; porém desde logo o governador Domingos de Saldanha, e seus successores em Loanda, e em Benguella o governador Chateaneuf trataram de crear *batalhões nacionaes* nas duas cidades; e o governador M. B. Vidal creou as *companhias moveis* nos presídios e districtos d'Angola. Do *batalhão de voluntarios de Loanda* tenho á vista o mappa official; mas nenhum mappa ou informação tem vindo de um outro denominado — *Batalhão de caçadores da rainha* — desde a sua criação, — o que dá logar a crer que pouco cuidado tem havido na sua organização, — talvez por se lhe não sentir a falta desde que o governador Manuel Bernardo Vidal instaurou em Loanda a *companhia de segurança publica*, composta de empacasseiros, que fazem excellente serviço de policia. Quanto porém ás companhias moveis dos presídios e districtos estão ellas soffrivelmente organisadas quanto ao pessoal, como se pôde vêr do mappa n.º 7, — ainda que com escaço e hem máu armamento, o qual geralmente consiste em espingardas arruinadas, que não chegariam para armar nem uma quinta parte das praças de pret da segunda linha, — apesar das repetidas remessas de armamento, que nos ultimos annos para lá tem ido, apenas sufficientes para armar regularmente a tropa de primeira linha. Do mesmo mappa se vê que ainda não ha companhias moveis no sertão de Benguella.

Da comparação destes mappas e dos respectivos orçamentos resulta em resumo o seguinte:

*Quadro comparativo da força publica d'Angola e Benguella,
e sua despeza, nas tres épocas abaixo apontadas.*

ÉPOCAS	1.ª LINHA	2.ª LINHA	TOTAL	DESPEZA MILITAR	
Em 1819	1991	3003	} (a)	4994	130:500\$000
Em 1827	1492	2140		3632	136:200\$000
Em 1845	1606	1558		3164	162:050\$000

N. B. A estas forças da primeira e segunda linha se deve addicionar sempre a *companhia de segurança publica de Loanda*

(a) Sobre a inutilidade destas antigas milicias lêa-se no mappa n.º 4 o que escrevia N. d'Abreu Castello-branco em 1828.

(de 31 praças) e nos casos de guerra o soccorro de vinte mil empacasseiros, que os sovas feudatarios são obrigados a prestar como acima fica dito. Só as tropas de Loanda são pagas em moeda: todas as outras recebem o pagamento, a que lá chamam *diario* em fazendas de lei proprias para o trafico do interior: este fornecimento é feito pelo almoxarifado sob a auctorisação da junta da fazenda; e a ser verdade o que se diz, é este um dos ramos em que se poderiam effectuar notaveis economias, fiscalizando bem de perto a gestão dos almoxarifes, — emprego com que alguns tem em pouco tempo engrossado em cabedaes.

Não foi sómente do pessoal militar que curaram desde o principio da conquista os governadores d'Angola, como tambem de construir fortificações sobre as quaes fluctuasse respeitada a bandeira portugueza, — incitados muitas vezes a isso por ordens expressas da cõrte de Portugal (1). Apenas se conquistava um territorio, e se avassallavam os seus sovas, para logo alli se levantava um forte, que se guarnecia com alguma artilheria, e se deixava presidado por soldados aguerridos, ainda que poucos, sob o commando de algum capitão valente, já bem cursado nas guerras do mato, a quem se conferia o titulo e vantagens de capitão mór: e não esqueceu tam pouco fortificar as cidades de Loanda, e Benguella, e mais pontos maritimos, sempre que a occasião o pedia. Muitas dessas primeiras fortificações com o progresso da conquista ou se foram abandonando por inuteis, ou tiveram de mudar de posição: taes foram por exemplo, do tempo de Paulo Dias — os fortes de *Anzelle*, — de *Santa Cruz*, — de *Macunde*, — de *Bamba Antungo*; — o forte de *Adenda* (ou *Demba*) fundado por D. Jeronymo d'Almeida junto ás minas do sal da *Quissama* (2); e outros de que mal se enxergam hoje os vestigios: e os mesmos presidios de *Muxima*, e *Ambaca*, bem como os de *Benguella* e *Caconda* occupam diferente localidade da que tiveram ao fundar-se: tudo isto se verá melhor lendo a introdução a este livro; e a parte chronologica do catalogo dos governadores que acompanha o capitulo antecedente: ahí mesmo se verá que a cidade de Loanda começou a fortificar-se pelo lado do mar pelo

(1) Veja-se na introdução a este livro as instruções que levava Paulo Dias de Novaea, para fazer mercê áquelles que levantassem castellos de quinze braças em quadra, trinta palmos de alto, e cinco de grosso. A successiva fortificação de Loanda nos seculos XVII e XVIII foi tambem determinada por ordens da cõrte de Portugal.

(2) Este presidio, abandonado infelizmente pouco depois de construido, seria sempre importantissimo, e é muito para deusjar, como atraz deixo dito, e ainda repellirei, que se empregue a força para o reconstruir, a fim de subjugar os feroces e traiçoeiros *Quissamas*, e abrir a communicação entre os nossos dominios do norte e do sul.

anno de 1624 contra as piratarias dos Hollandezes, que por fim a tomaram no anno de 1641, e sendo reconquistada por Salvador Corrêa de Sã Benevides em 1648, foi no restante desse seculo, e no decurso do seculo 18.º que se foram successivamente construindo as tres grandes fortalezas, e os dous fortins, que ha muitos annos protegem aquella cidade tão rica, e magestosa. Estas tres fortalezas são todas de excellente alvenaria regularmente construidas pelo systema de *Vauban*.

A fortaleza de S. Miguel (cidadella de Loanda) situada em uma posição eminente e desafogada, dõnde domina o mar e a terra em redor, e até a ilha de Loanda (1),— tendo sido primeiramente feita de adobes e taipa em 1638 pelo governador F. de Vasconcellos da Cunha, e seus successores até D. João de Lencastre, que a acabou em 1689,— começou a ser reconstruida de alvenaria em 1705 por D. Lourenço de Almada, continuando seus successores neste empenho até que em 1740 ficou exteriormente revestida toda de pedra em tempo do governador João Jacques de Magalhães; e finalmente o governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho a deixou inteiramente acabada em 1770, addicionando-lhe a bateria do cavalleiro, uma boa cisterna, e armazens á prova de bomba. Esta fortaleza consiste em um polygono irregular seguindo com as suas sinuosidades a feição do morro de S. Miguel (outr'ora chamado *mórro de S. Paulo*), que por todos os lados defende: para o lado da terra dous bons baluartes, sobre cada um dos quaes se podem assestar dez canhões, cruzam os seus fogos com o do cavalleiro, capaz para receber dezeseis peças: para a parte do mar apresenta uma grande hateria superior de quatorze faces, nas quaes poderiam laborar 78 bocas de fogo, e outra pequena bateria razante de 6 peças: já se vê que esta fortificação é susceptivel de ser guarnecida com 120 canhões, com quanto nunca talvez chegasse a ter ametade; e os que tem são sufficientes, e proporcionados ao pessoal da guarnição: tem dentro boa casa para o governador, quartéis para um regimento d'infanteria, e uma companhia d'artilheria, com as competentes dependencias, capella, calabouço, tres armazens, e paiol de polvora á prova de bombo, e uma cisterna que leva 1:320 pipas d'agua: a entrada é defendida por um forte revelim com fosso talhado na rocca e ponte levadiça: tem uma grande esplanada plantada de arvoredos.

A fortaleza de S. Pedro do *mórro da Cassandama*, erecta na

(1) Veja-se a planta e prospectiva de Loanda nas estampas.

chapada daquelle môro — meia legua ao Sul do môro das Lagostas á entrada da barra — correndo E. O. com a ponta do cabo da ilha de Loanda (na qual houve já um forte, que o mar comeu) — foi principiada por ordem da côrte em 1703, e acabada de alvenaria em 1756 pelo governador D. Antonio Alvares da Cunha. Tem para a parte da terra dous baluartes — de 9 peças cada um — e para o lado do mar jogam duas baterias, — uma superior, que admite 10 canhões, — e outra de 8 peças, baixa e razante, acasamatada — e aberta na rocha: tem casa para commandante, quartéis, armazens, e uma cisterna pequena de 30 pipas d'agua.

Aquella porém que se pôde chamar a chave do porto de Loanda é a fortaleza de *S. Francisco do Penedo*. Toma ella o nome de um penedo proximo á praia, sobre o qual começou a sua fundação, por um pequeno forte de 6 peças construido em 1687 por o governador Luiz Lobo da Silva: foi porém o incançavel governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, que em 1765 empreheudeu ligar este penedo com a terra firme, e allí sobre estacadas conseguiu dentro de 17 mezes vêr como que surgir das aguas a mais regular das fortalezas de Angola: tem esta a fôrma de um pentagono irregular com duas baterias, que a circundam — a superior de 24 peças, — e a inferior, perfeitamente ao lume d'agua, que admite 37 canhões. É fortaleza de registo do mar, e da terra; porque assim como fecha a entrada do porto, e varre com seu fogo o fundeadouro, tambem domina e fecha naquelle ponto a principal avenida da cidade de Loanda, que vem a ser a estrada desde a Nazareth até o Cacucaco, pela qual vem á cidade quasi todos os mantimentos e commercio do interior: é tambem nesta fortaleza, que vem findar a linha de barreiras, que circunda a cidade pelo lado da terra, e que dalli segue para o Sul em torno da mesma cidade: é ainda a mesma fortaleza deposito de toda a polvora que entra no porto de Loanda, da qual os negociantes pagam de armazenagem 320 réis por cada barril ao commandante da fortaleza: para isso tem um paiol á prova de bomba, aonde bem cabem dous mil barris, ou quatro mil arrobas de polvora, — casa para o governador dentro na praça (e outra fóra contigua á estrada), quartel para a guarnição, cosinha e mais dependencias, calabouço e cinco segredos (hoje inúteis) e uma cisterna, que recebe 42 pipas d'agua: a entrada é defendida por um obuz, tendo uma ponte levadiça sobre o fosso natural em que entra o mar.

A estrada de que acima fallei vinda da Nazareth depois de passar pela porta desta fortaleza do Penedo segue ao longo da costa

até perto da fortaleza de S. Pedro, e dahi volta para Léste na direcção do Zenza; mas quasi a meio caminho — uma pequena legua ao Sul do Penedo passa por baixo do fogo do *Fortim da Conceição* — de 4 peças; — e dahi segue até o Cacucaco, aonde outro fortim de 2 peças situado na enseada do Bengo vigia a foz daquelle rio: na foz do Dande existe outro fortim de 4 peças: e outro havia da mesma força na foz do Cuanza, construido pelos Hollandezes no tempo da usurpação, e chamado *Forte do Norte*, o qual já em 1827 estava abandonado: parece-me porém que o não deve estar agora; e que será conveniente reparar todos estes fortins, que fecham as barras dos rios de mais grosso trato, e pôr nelles guarnições pouco numerosas, mas seguras, para vigiar e impedir os contrabandos.

Quanto ás fortificações dos presidios de Angola, direi em resumo o seguinte, reservando quaesquer outras observações para a parte topografica.

Ha em *Muxima* — um forte — de pedra e cal — com canhoneiras para — 8 peças.

Em *Massangano* — um forte — de pedra e cal — com canhoneiras para — 12 peças.

Em *Cambambe* — um forte — de pedra e cal — com canhoneiras para — 4 peças.

Em *Pungo an dongo* — um forte — de taipa e adobes — com canhoneiras para — 2 peças.

Em *Ambaca* — um forte — de taipa e adobes — com canhoneiras para — 8 peças.

Em *Duque de Bragança* — um forte — de taipa e adobes — com canhoneiras para — 12 peças.

Em *S. José d'Encoge* — um forte — de pedra e cal — com canhoneiras para — 9 peças.

A fortaleza de *S. Filippe de Benguella* construida em 1694, e por tres vezes destruida, e reedificada — é uma má fortificação quadrangular de taipa e adobes, com duas baterias — uma superior, — outra razante, — flanqueada por dous baluartes do mesmo: tudo com capacidade para 40 peças: tem uma pessima casa de commandante, quartéis, capella, calabouço, armazem etc. — tudo de pedra miuda e barro, ou de taipa e adobes: e situada na praia em frente da cidade a um tiro de mosquete do desembarcadouro, e E. O. com o môro do *Sombreiro*, entre o qual e a dita fortaleza é o surgidouro dos navios.

Ha em *Novo Redondo* — um forte — de taipa e adobes — com capacidade para — 12 peças.

Em *Caconda* — um forte — de taipa e adobes — com capacidade para — 8 peças.

Em *Mossamedes* — um forte — de taipa e adobes — com capacidade para — 8 peças.

São estas as fortificações, que hoje possuímos naquelles vastos dominios: o mappa n.º 8 — representa o estado em que estavam no anno de 1827 aquelles que então havia: é elle fielmente copiado de um mappa official remetido em 1828 á secretaria dos negocios do ultramar pelo governador Nicoláu d'Abreu Castello-branco: depois dessa época fundaram-se os dous presidios do — *Duque de Bragança*, e de *Mossamedes*; mas nem destes novos, nem dos outros antigos tem vindo modernamente mappas como aquelle: apenas tenho á vista os mappas officiaes do estado das fortalezas de Loanda em 1845 pelos quaes formalisei o mappa n.º 9.

Muito cuidado cumpre haver (e assim o espero) em que todas estas fortificações se conservem no melhor estado possível mediante os reparos necessarios, que não são aliás mui dispendiosos: tudo está em terem bons commandantes. De cada um dos presidios do interior (sobretudo dos de *Caconda*, *Duque de Bragança*, *Pungo an dongo*, e *Ambaca*) me parece poderem-se vir a formar no futuro outras tantas villas por meio de colonisação militar, e da colonisação indigena bem dirigida: e pelo que pertence ao de *Mossamedes*, eu conto que esse porto em poucos annos venha ser o emporio do commercio dos ricos sertões do *Bumbo*, *Huila*, *Enjau*, *Quilengues*, *Caconda*, *Hambo*, *Galengue*, *Sambos*, e *Bihé*. Na segunda parte deste livro, tratando de cada um dos presidios, me explicarei melhor sobre este assumpto.

Por ultimo ha em Loanda um bom parque de campanha, o qual conta hoje 32 bôcas de fogo, entrando neste numero 7 obuzes, e 8 pedreiros: e em *Benguella* ha um outro parque ligeiro de 10 peças de campanha. Ha tambem em Loanda um trem militar — até hoje de mais despeza que proveito por mal dirigido, — do qual terei occasião de fallar no capitulo 8.º deste livro.

Já se vê pois que a provincia de Angola e *Benguella* tem força mais do que sufficiente para fazer respeitar os seus limites, — arredondar-se, — e tornar-se compacta no interior; — podendo contar em terra com uma força de quasi tres mil homens de tropas regulares de 1.ª e 2.ª linha, — vinte mil empacasseiros, — e 40 bôcas de fogo em campanha; e no mar com uma luzida estação naval, susceptível de augmentar em força a cada momento, com excellentes officiaes e galhardas guarnições, aclimadas, e aguerridas.

Duas importantes expedições ousaria eu aconselhar para tal fim — 1.^a — Ao Norte do Dande para obrigar o marquez de Mossul — por vontade ou por força — a ratificar o juramento de vassalagem á corôa de Portugal, que prestou em 1790 nas mãos do governador Manoel de Almeida e Vasconcellos, de que existem instrumentos no archivo de Loanda, e no da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar; e restabelecendo a nossa antiga posse naquelle territorio, reconstruir a fortaleza que já tivemos no porto de Ambriz — *nosso por direito de descobrimento, por direito de doação, e por direito de conquista*; — guarnecer com um forte a bahia de *Quitungo*; e postar um registo fortificado na bôca do rio *Onzo*: tudo para obstar ao contrabando, que entra e sahe clandestinamente por esses portos, — couto favorito dos navios negreiros, que alli acham boa acolheita sob a protecção do *Mossul*, e do *Mani-Quitungo* seu vassallo. — 2.^a — Ao Sul do Cuanza, para avassallar de uma vez os incommodos e vagabundos *Quissamas*; tomar-lhes as minas do sal, e construir ao pé dellas um bom presidio, como já em outra parte deixo aconselhado; e abrir uma comunicação segura e permanente por terra entre os nossos dominios do Norte e do Sul do Cuanza. A despeza que se fizesse com estas duas expedições bem depressa se forraria em dobro pelos avantajados lucros do commercio portuguez, e o augmento dos rendimentos da alfandega de Loanda; pela mais rapida suppressão do trafico da escravatura (1), tão necessario ao fomento da agricultura africana; pelo novo rendimento das minas do sal, cujas pedras correm como moeda em toda aquella região; e pela barateza das carnes em Loanda (2) logo que para aquella capital possam transitar sem estorvo as boiadas d'além do rio *Longa*, e do presidio de Novo Redondo (3).

O estado actual da disciplina militar em Angola parece-me ser soffivel em comparação do de outras possessões africanas; e melhor será quando para lá forem alguns officiaes com estudos de

(1) Quem espera que o trafico da escravatura para as colonias da America só acabe quando acabar a escravidão na Africa concede-lhe por certo uma duração de seculos; porque nem os Estados independentes d' Africa, cujo regimen normal é o feudalismo da escravidão, obedecem á voz dos civilisadores; nem na Africa, que nós queremos fazer agricultora, poderá tão cedo haver cultura sem escravos; a escravidão interna hade pois alli permanecer máu grado á philantropia; mas a exportação de escravos hade ir acabando á proporção que se lhe forem vedando as sahidas, e que os braços que se exportavam dantes para irem cultivar terras da America se forem applicando a extrahir das terras d' Africa o mesmo que a America produz.

(2) Em muitas occasiões a carne de vacca em Loanda é quatro vezes mais cara que em Benguella, e nunca deixava de o ser em dobro.

(3) Este presidio de Novo Redondo deveria, a meu vêr, transferir-se para o porto de *Quiconbo*, como farei em logar competente.

que bem carecem sobretudo as companhias de artilheria, e sapadores; e muito conveniente seria que naquella provincia se organisasse um pequeno corpo de engenheiros — militares, — civis, — e mineiros (1). A segunda linha tem precisão de bom armamento, e de alguns instructores (que podem ser tirados da classe dos inferiores veteranos da primeira linha), para poder preencher cabalmente o fim a que é destinada — de manter constantemente o socego e a segurança nos seus respectivos districtos, e em caso de guerra cooperar com a tropa paga, servindo principalmente de defender os presidios, e posições, que aquella houver de largar para tomar o campo. Nada direi dos valentes Empacasseiros, que por ventura será mais conveniente conservar no mesmo pé em que se acham, deixando-lhes não só o seu traje africano, mas ainda mesmo o seu modo de combater impetuoso, e irregular por entre as matas, e os bosques, na frente e nos flancos do exercito disciplinado, cujas evoluções assegura essa chusma helicosa, e ligeira de dextros atiradores: reduzillos a disciplina occasionaria o desgostallos da guerra, a que são afeicoados por natureza, e enervar-lhes o valor, que se aprazem em ostentar individualmente.

Além dos presidios existentes, consta-me que o governo de Sua Magestade mandou já estabelecer um outro de novo nas risinhas terras da *Huila*. . . Mui util será elle por certo para ligar Mossamedes a Caconda, e se vier a fundar-se outro em *Bihé*, esta linha de fortes abraçará completamente o districto de *Quilengues*, *Sambos*, *Huila*, e *Bihé*, cujo aprazível territorio excede em fertilidade todo o reino de Angola. Fundados ao Norte, e ao Sul os novos presidios, que deixo indicados, e subjugada no centro a inquieta Quissama, as nossas possessões africanas entre o Ambriz e o Cabo Negro serão um novo Brazil, e a cultura e civilisação europêa penetrarão lenta mas progressivamente no coração d' Africa, e talvez irão adiantando a sua conquista desde as praias do Atlantico até ás bôcas do *Zambeze*.

(1) Para a artilheria e engenharia militar Goa poderia fornecer á Africa bons officiaes, com excellentes estudos, e aclimados á Zona torrida; — engenheiros civis poder-se-hão ir tirando do viveiro da companhia das obras publicas por em quanto; — e é mistér mandar alguns mancebos a França estudar a theoria e pratica da exploração das minas.

CAPITULO VII.

Religião, e Regimen Ecclesiastico.

SEGUNDO as proprias palavras do padre Fernam Guerreiro (1) entrou em Angola a companhia (de Jesus) com Paulo Dias de Novaes, primeiro governador; e com quanto este levasse tambem consigo alguns clerigos, com os quaes fundou no môro de S. Paulo (hoje chamado de S. Miguel) a parochia de Nossa Senhora da Guia (que depois se transferiu para a de Nossa Senhora dos Remedios no centro da cidade baixa), não pôde comtudo negar-se terem sido os padres jesuitas os primeiros missionarios do reino d'Angola, cujo povo acharam bem disposto a ouvir a palavra de Deus pela muita communicacão que tinha com o povo do Congo, aonde 84 annos antes a propagação do evangelho havia sido bem começada, e proseguida com fructo pelos padres dominicos. Bem cathequistas eram por certo os jesuitas, e numerosissimas conversões opperaram elles logo em Loanda, e seus arredores; porém mais attentos sempre a cathequisar *para si* do que para o Céu, empregaram sem reserva a sua influencia espiritual em desviar os sovas conquistados da obediencia devida aos reis de Portugal para se submeterem á dos padres da companhia, a quem chamavam *amos* (2). A cõrte de Madrid, instruida destes manejos, aboliu essa theocracia nascente; mas D. Francisco d'Almeida, chegando para governar Angola com essas ordens da cõrte, viu-se logo excommungado e esteve a ponto de ser victima de uma rebelião geral promovida por aquelles santos varões, que só evitou fugindo, e deixando a seu irmão D. Jeronymo a difficil tarefa de applacar a tempestade, — o que elle conseguiu compondo-se com os padres, — os quaes continuaram ainda por muitos annos a exercer grande influencia nos negocios do Estado, bem que se vissem constringidos a *abdicar a soberania dos sovas*.

No anno de 1604, sendo já numerozo o clero secular em Angola, se foram lá estabelecer os religiosos da ordem terceira da penitencia, e alli fundaram logo convento no extremo meridional da cidade alta junto á ermida da irmandade de S. José, que a cedeu de bom grado áquelles padres incorporando-se no convento, o qual

(1) *Relaçam annual das cousas que fezeram os padres da Companhia de Jesus — 1603.*

(2) Veja-se na introduçção deste livro a passagem, que alli copiei, da *Relaçam annual*, do padre Guerreiro, citada na nota antecedente.

tomou a mesma invocação de S. José: estes religiosos foram bons missionarios no seculo XVII, e sempre sujeitos ao ordinario, e não altivos e prepotentes como os jesuitas, a quem todavia encurtou muito a auctoridade espiritual o bispo D. Fr. Simão Mascarenhas, que em 1626 transferiu para Loanda a Sé de *Santa Cruz* do Congo (1), construiu a Cathedral, proveu as parochias existentes em presbyteros, e creou outras de novo, todas dependentes do poder episcopal: desde então os padres da companhia desistiram de resgatar almas do captivo da idolatria, a não ser as dos escravos que resgatavam para o seu proprio trafico, no qual empregavam um navio, e dous patachos, que por serem da companhia de Jesus eram em toda a parte isentos de direitos: assim viveram *para si* negociando, e intrigando, e não poucas vezes desacatando a auctoridade civil, e provocando odiosos conflictos, de que faz menção a historia, até que em 1760 foram expulsos, sendo a sua igreja e collegio doadas á mitra. Anticipei estes successos, para não ter de fallar mais em jesuitas neste capitulo.

Para dar calor ás missões do sertão foram mandados de Lisboa em 1659 para Angola os padres carmelitas descalços para os quaes por carta regia de 17 de Janeiro de 1663 se mandou fazer casa em Loanda *pelos bens do concelho*, e elles fundaram no Golungo a missão de Santo Hilarião do *Bango-aquitamba*, na qual tinham escola de doutrina christã.

Já no anno de 1651 haviam passado do reino do Congo para Angola alguns missionarios capuchos italianos — entre os quaes figuram com distincção os nomes dos padres *Antonio Laudati de Gaëta*, a quem se deveu a segunda conversão da rainha *Ginga D. Anna de Sousa*, — e *Antonio de Montecuculi*, primeiro missionario de *Cahenda*, depois de uma missão infructifera ás terras dos *Casanges*, e *Ganguellas*.

Estes missionarios haviam sido agalhados á sua chegada pelo grande Salvador Corrêa de Sá, o qual os hospedou na Santa Casa da Misericórdia, cuja irmandade se esmerou em os obsequiar; e logo com esmollas do governador, clero, nobreza, e povo, se lhes construiu um Hospicio na cidade junto á ermida arruinada de Santo Antonio, da qual o sr. D. Pedro II (então regente do reino) lhes fez mercê por provisão de 20 de Janeiro de 1668, mandando-lhes ao mesmo tempo uma esmolla grossa, com a qual transformaram a

(1) O quadro desta Sé de Angola e Congo ficou sendo de — 5 dignidades, — 10 conegos, — 6 capellães (entrando nesse numero o sub-chantre, e o thesoureiro mór), — e 2 meninos do côro.

dita ermida na bonita igreja, que ainda hoje existe; e elles depois com esmollas de particulares fundaram dous Hospícios — um em *Cahenda*, — outro no *Bengo*. Com tantos obreiros evangelicos disseminados por aquelles sertões, e com a boa diligencia dos prelados de Angola, cresceu e se dilatou alli a seara do evangelho no correr do seculo XVII; para o fim do qual todavia já parecia começarem a escacear os pastores do rebanho de Christo; porque a carta regia de 30 de Março de 1684 mandava crear um collegio pegado ao dos jesuitas em que se ensinasse doze moços negros para o estado ecclesiastico; e esta ordem regia foi repetida em 23 de Março de 1686, — 23 de Março de 1688, — e 26 d'Abri! de 1691; — mas infelizmente nunca foi devidamente executada; porque o zelo apostolico havia esfriado cá e lá nos ministros do culto: de balde para o avivar mandou ainda o sr. rei D. Pedro II por carta regia de 18 de Março de 1693 crear em Loanda uma *junta das missões d'Angola* assignando-lhe de renda uma *preferencia de 700 escravos* para as despezas da propaganda evangelica; pouco fructo se viu resultar desta instituição (1), que effectivamente se installou em 1694; mas que a principio se contentou de promulgar *pró formulá* algumas providencias pouco efficazes; — em seguida nada fez; — e quarenta annos depois da sua criação se dissolveu por si mesma não se tornando mais a reunir (2). Assim a religião christã, que com tão bons auspícios entrára naquelle vasto territorio africano, foi em progressiva e sensível decadencia em todo o seculo XVIII, contribuindo para esta — 1.º — a falta de sacerdotes — 2.º — a corrupção do clero, e sobretudo o clero regular (carmelitas, e franciscanos) cujos prelados em Portugal para lá mandavam como em degredo religiosos devassos, e incorrigiveis — 3.º — o inhumano trafico da escravatura (3).

(1) E não era certamente por falta de meios pecuniarios; pois de documentos officiaes consta, que em 1709 existia em poder do thesoureiro da junta uma quantia superior a sete contos de réis.

(2) O que se comprova com a provisão de 25 de Março de 1750, em que se estranha muito este facto.

(3) Tenho á vista o interessantissimo officio n.º 127 do governador D. Miguel Antonio de Mello, datado em 3 de Fevereiro de 1800, acompanhando documentos relativos ao estado ecclesiastico daquelle reino, nos quaes diante terci de referir-me delle notarei aqui a seguinte passagem: — « Além disto (dizia aquelle digno fidalgo), *apertendermos reduzir ao Gremio da Santa Madre Igreja todos os Negros de Angola, e e ao mesmo tempo entreter e conservar o Commercio da Escravatura, são duas fins que entre si repugnão*. O primeiro he impossivel conseguillo porque não chegam as nossas forças a poder acudir com Ministros Evangelicos a hum tão vasto territorio; e e conseguindo elle tornar-se-hia impraticavel o segundo, porque a fecunda e principal origem dos captiveiros nasce dos costumes barbaros dos negros, os quaes elles aban- donarão logo que conhecessem as verdades catholicas, e ás maximas do Evangelho

Copiarei aqui um periodo do relatorio official do estado da igreja de Angola dirigido em 27 de Setembro de 1799 ao bispo d'Angola D. Luiz de Brito Homem pelo vigario geral Manoel Dantas Lima, bacharel em canoas, para vir, como veio, á presença de sua magestade por via do governador D. Miguel Antonio de Mello. Por elle se conhece de um só lanço de vista — qual fôra o numero de parochias instituidas no seculo XVII, — e quão poucas dessas conservavam ainda pastor ao findar o seculo XVIII.

« Nesta Cidade (*Loanda*) ha duas Parochias (diz o Relatorio) « que são — a *Sé*, — e (*N. Snr.^a* dos) *Remedios*: ambas estam ser- « vidas.

« Na ilha de *Cazeange* está a Freguezia de *S. João* (Baptista), « sem Parocho.

« A Missão de *Calumbo* (*S. José*), que he servida pelos Reli- « giosos *Terceiros* (de *S. Francisco*), sem Parocho.

« Sem Parocho está tambem a Igreja (de *N. Snr.^a*) da Con- « ceição do Presidio de *Muxima*.

« Na Villa de *Massangano* e seu districto só ha o Parocho da « Igreja (de *N. Snr.^a*) da *Victoria*, que he a Matriz; havendo alli « noutro tempo as Parochias seguintes — *Sam Benedicto*, — *Santo* « *Antonio de Lainha*, — *N. Snr.^a* da *Conceição de Gongu andalla*, — « *Santa Anna de Loabo*, — *Santo Antonio de Quibanzo*, — *Sam Bar-* « *tholomeu da Tamba*, — *N. Snr.^a* do *Desterro de Quexoto*, — e « *Sam Joam de Cacuzo*.

« Na Igreja (de *N. Snr.^a*) do *Rozario de Cambambe* ha Pa- « rocho.

« conformassem suas acções. Mas nem tanto seria necessario, porque logo que os Negros « se civilisarem conhecerão ser um grande absurdo vender um Pai a seu Filho em « troco de Geribita, Fumo, ou Zuarte; hum Marido sua Mulher; hum Tio seu so- « brinho; um devedor insolavel o seu visinho menos poderoso, por iguaes cousas; ou « aliás um homem reduzir a captivo outro, porque se veio aquentar á sua fogueira; « porque da sua Lavra lhe furtou huma raiz de Mandioca, ou Maçaroca de Milho; « porque passanlo por sua casa, ou pelas terras de seu senhorio, foi naquella ou nestas « atacado de alguma enfermidade natural, que por acaso tambem a outros sobrevoa « igual ou semelhante; ou por causas tão frivolas, ridiculas, e barbaras, como as que « acabo de referir, das quaes pela maior parte procedem os captivos dos Negros. « que outros nos vem vender, e que nós compramos para os transportarmos para o « Brazil.» — Este trecho na sua singelza diz mais do que longas paginas de declamação « esteril. E neste mesmo officio, e neste mesmo estylo, que aquelle siusudo governador « retratava os vicios, o máo exemplo, e a absoluta inutilidade dos carmelitas e francís- « canos de Angola no fim do seculo 18.^o (elogiando apenas os capuchos italianos, de « que já não havia mais que dous padres, e um leigo), — a falta de clerigos, — a po- « breza de beneficios, etc.; e propunha a criação de um seminario episcopal, cujos mes- « tres fossem os capitulares da *Sé*, — idéa que eu adopto inteiramente, e adiante terei « occasião de a desenvolver no texto deste capitulo.

« Ha tambem Parocho na Igreja de *N. Sr.ª do Rozario* das Pedras de pungo andongo.

« Da parte do Norte estaõ servidas de Parocho:

« A Missaõ de *S.º Antonio do Bengo* (de Capuchos Italianos).

« A de *S.º Hlariaõ de Bengo* aguitamba (de Carmelitas).

« A Parochia de *N. S.ª da Assumpção de Ambaca*.

« A de *S. Jose d'Encoge*.

« E estaõ faltas de Parocho — a de *Santa Anna do Dande* — de *Sam*

Jose do Libongo, — e a de *Sam Jose do Icolo* no Districto de

Gollungo; — a de *Sam Joam de Talamatumbo*, — a de *N. Sr.ª*

do Desterro de Combe, — a de *N. Sr.ª do Livramento de Cho-*

colo, — e a de *Sam Joam Evangelista* no Quilombo, ou banza do

Sova Quiaacubia. Nos *Quilengues* nem tem Parocho a Igreja de

S.ª Anna, nem a da *Senhora dos Remedios*. Nos contornos de

Ambaca não tem Parocho a Igreja de *S. Joaquim da Lucamba*.

« Nas suas visinhanças falta Missionario á Igreja de *Cahenda*, que he

« servida pelos Padres Capuchinhos. No mesmo estado se acha a

« Missaõ de *Ambuela* nas visinhanças de *Encoge*, que servião os ditos

« Religiosos, e por isso os povos desta Missaõ recorrem ao Presidio

« de *Encoge*, onde ha presentemente Vigario.

« Passo a *Benguella*. Já disse que nesta Capitania só ha pre-

« sentemente dous Parochos, que são — o da Cidade, — e o de *Ca-*

« *conda*: esta Parochia (de *Caconda*) tem por titulo a *Conceição*, e

« aquella (a da Cidade) he dedicada a *N. Sr.ª do Populo*.

« Estão por tanto vagas — a da *Conceição de Novo Redondo*, —

« a de *S. Joã Nepomoceno de Gallangue*, — e a de *S.ª Anna de*

« *Quillengues*.

« Acham-se pois vagas, e faltas de pastor, vinte e cinco Paro-

« chias. Ora é de notar que estas Igrejas do Sertão, sendo pela

« maior parte fabricadas de taypa, se arruinãõ em lhes faltando o

« Parocho que cura em conservallas; e que por isso muitas das que

« nomeei já não existem, e os Parochos que para ellas forem no

« principio terãõ de celebrar no campo abrigados de algum telheiro,

« a que chamaõ *ramadas*, as quaes suprem a falta de Templos.»

Sendo irrecusavel o testemunho official de auctoridade competente que acabo de transcrever, vê-se claramente que a decadencia do culto christão naquellas terras data do seculo XVIII, quando ainda existiam em todo o seu poder as ordens religiosas, que lá tinham (para seu proveito, e não dos povos) nada menos de tres conventos, e tres hospicios: não ha pois para que attribuir tal decadencia nem á suppressão dessas ordens, nem ás reformas politicas do seculo XIX,

durante o qual tem ella na verdade progredido, mas em muito menor escala, como se prova ainda por documentos officiaes.

1.º — Das explicações que vieram juntas á demonstração da despeza de Angola nos annos de 1823, 1824, e 1825, enviada á Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar pelo governador N. d'Abreu Castello-branco — consta que naquella época se achavam providas de parochos as igrejas seguintes: — em Angola — as duas freguezias da cidade de *Loanda*, — e as de *N. Senhora da Victoria de Massangano*, — *Santo Hilarião de Bango aquitamba* — *N. Senhora da Assumpção de Ambaca*, — e *S. João de Tallamatumbo* em *Zenza* no *Golungo*; — e em *Benguella* — a de *N. Senhora do Populo* na cidade, — e a de *Caconda*. — E todas as outras vagas. . . E note-se que ainda então existiam os conventos em Portugal.

2.º — Dos esclarecimentos que vieram juntos ao orçamento de Angola de 1845 a 46, e ao de *Benguella* de 1844 a 45 se conhece que no anno de 1845 se achavam providas de parochos — em Angola — as duas freguezias da cidade de *S. Paulo* de *Loanda*, e no *Sertão* — a de *S. José do Libongo* no districto do *Dande* — a de *N. Senhora da Victoria* na villa de *Massangano*, — e a de *S. João de Tallamatumbo* em *Zenza* no districto de *Golungo* — e em *Benguella* — a da cidade (*N. Senhora do Populo*), e a de *N. Senhora da Conceição de Caconda*. . . E todas as demais vagas.

Sobre o estado actual destas igrejas consignarei aqui a seguinte noticia, de que sou devedor á obsequiosa condescendencia e zelo do reverendo conego da Sé d'Angola Antonio Francisco das Necessidades, que tendo sido vigario de algumas parochias daquello *Sertão*, e depois missionario do Congo, se acha hoje em Lisboa como capellão-mór do principe D. Nicoláu Agua Rozada: começa do Sul.

1.º — « A Freguezia de N. Sr.ª do Populo na Cidade de *Benguella* tem Imagens, paramento, e alguma prataria para ornato « della: a Igreja é de pedra e cal.

2.º — « A de *Santo Antonio* (1) do Presidio de *Caconda*, jurisdicção de *Benguella*, tem Ermida, Imagens, e paramentos: creio « ter tambem alguma prataria para o seu ornato.

3.º — « A de *Santo Antonio* (2) do Presidio de *Novo Redondo*

(1) A igreja de *Caconda* tem a invocação de *Nossa Senhora da Conceição*, com quanto nella se festeje o thumalurgo portuguez *Santo Antonio*.

(2) O mesmo exactamente que fica dito da de *Caconda* na nota antecedente.

«tem uma Ermida, Imagens, paramentos, e alguma prataria para o seu ornato.

4.º — «A de N. S^{ra} da Conceição do Presidio de Muxima «tem Igreja de pedra e cal com telhado ao tecto: tem boas Imagens, e paramentos, e quantidade de escravos para o serviço da mesma: tambem tem bastante prataria para o ornato della.

5.º — «N. S^{ra} da Victoria da Villa de Massangano tem «Igreja de pedra e cal coberta com telha: tem boas Imagens, e «paramento soffrível, e prataria para decencia della: tem arimos, «e escravos para o serviço della.

6.º — «A de N. S^{ra} do Rozario do Presidio de Cambambe «tem Igreja de pedra e barro, Imagens, paramentos, prataria para «sua decencia, e alguns escravos para serviço della.

7.º — «A de N. S^{ra} do Rozario do Presidio de Pungo an- «dongo tem Igreja de adobes arruinada do telhado: tem riquissimas «Imagens, muita prataria para ornato, e paramento, bem como al- «guns escravos para o serviço.

8.º — «A de N. S^{ra} da Assumpção do Districto de Ambaca «tem Igreja de pedra e barro quasi arruinada, muito boas Imagens, «prataria, e algum paramento decente para o seu ornato, bem «como alguns escravos para o serviço della.

9.º — «A de S. Joaquim de Mahia no mesmo Districto de «Ambaca (junto ao Lucalla) não tem Igreja, por estar cahida a «que em outro tempo havia de adobes: tem boas imagens.

10.º — «A de S. Jose d'Encoge tem Igreja ou Ramada na- «quelle Presidio, e algumas Imagens, e paramentos.

11.º — «S. João Evangelista do Districto do Golungo alto no «Quilombo-Quiacatubia não tem Igreja nem Ermida, nem Imagens, «e paramentos; e só uma caza aonde os Missionarios diziam missa «em altar portatil, aonde concorria o Sova e o seu povo, e alli «aprendiam a doutrina christã.

12.º — «A de S.^{to} Hilarião no sovado de Bango aquitamba «do sobredito Districto, — Hospicio do extincto Convento dos Car- «melitas descalços: tem neste sovado uma Igreja principal, e varias «Capellas construidas de pedra e barro, com boas Imagens na Igreja «do Hospicio, e riquissimo ornamento, mas não tem prataria, nem «escravos.

13.º — «S. João Baptista de Fala-matumbo do Districto do «Zenca do Golungo baixo, tem uma Ramada de madeira estragada: «tem uma Imagem nova titular, e outras m.^{to} estragadas, assim «como o paramento.

14.º — «A do *Icolo* e *Bengo* não tem Igreja Parochial, que «ha muitos annos está demolida; e por conseguinte nem Imagens e «paramentos: apenas duas Ermidas de pedra e cal, que existem «nas Fazendas do extinto Convento de S.^o Antonio dos Italianos, «hoje pertencente á Fazenda Publica, e que está em arrenda- «mento. Huma Ermida está no Icolo do arimo do *Catete*, e outra «no *Bengo* na mesma jurisdicção: tinham algumas Imagens, e pa- «ramentos.

15.º — «A de N. *Snr.^a da Piedade* (1) da Barra do Dande, «tem unicamente as paredes de pedra e cal aproveitaveis, e sem «telhado: julga-se não existirem as Imagens e paramento, por se «ter arruinado ha muitos annos.

16.º — «A de S. *Jose* do Districto do *Libongo* (no Dande), não «tem Igreja, Imagens, nem paramentos: apenas uma pedra Baptis- «mal, que alli existe á discrição do tempo.

17.º — «O Hospicio de N. *Snr.^a da Conceição* dos Frades «Italianos em *Cahenda*, jurisdicção de *Ambaca*, está annexa á Fre- «guezia de S. *Joaquim de Mahua* daquelle Districto.

18.º — «No Presidio *Duque de Bragança*, modernamente «conquistado, não tem por ora Freguezia.»

Comparando esta interessante noticia com a resenha das antigas parochias do estado de Angola e Benguella, dada em 1799 pelo vi- gario geral, e com as notas do ultimo orçamento, resulta — 1.º — que das 33 freguezias que no seculo xvii havia naquelles sertões só 4 estão hoje providas de pastor; — 9 estão apenas em estado de servir com pequeno concerto; — 7 totalmente arruinadas, restando só vestigios do que foram, — e das restantes nem vestigios já existem; e por ventura que já de algumas dellas se tenha até apagado a me- moria, — sobretudo no Districto de *Massangano*.

Tão grande abandono, tamanha orfandade, terá por certo em grande parte o seu remedio logo que chegue a *Loanda* o novo pre- lado, de cujo zelo apostolico todo o bem se espera: não lhe será por certo difficil com alguma prestação do thesouro, e mesmo com as esmollas dos fieis, reconstruir as igrejas parochiaes do sertão, quasi todas ellas de adobes — material baratissimo: ser-lhe-ha mesmo facil levar de Portugal paramentos, calicis, missues etc., para dotar as mais pobres igrejas, hoje desprovidas de tudo; o que porém mais difficuldade apresenta é a aquisição do pessoal para o seu regimen: de Portugal poucos lá irão (a não serem alguns que

(1) Esta freguezia era conhecida pela denominação de *Santa Anna do Dande*.

á custa do governo se estão educando); mas alguns poderão pedir-se a Goa — do viveiro de sacerdotes que alli vae formando o illustrado zelo, e actividade evangelica do venerando primaz do oriente: torno a repetir, que a Africa só pôde começar a civilisar-se com filhos da Azia, que nella vivem bem; — contentam-se com menos; e sabem melhor tratar com aquelles povos (1).

Tudo isto porém é para já acudir de prompto ao abandono espiritual dos christãos — ou semi-christãos — de Angola; mas é mister tambem precaver o futuro, e acabar com as contingencias, creando em Loanda um seminario episcopal, cujos alumnos se habilitem em poucos annos não só para reger as igrejas d'Angola, mas ainda as de S. Thomé, e Principe, e Ajudá, e as missões do reino do Congo; e por ventura adiantar ainda mais no coração d' Africa a conquista do evangelho.

Acêrca da fundação deste seminario seguirei em grande parte as idéas do sabio governador D. Miguel Antonio de Mello no officio (já atraz citado em uma nota) de 3 de Fevereiro de 1800, — accomodando porém aquella opinião ao nosso modo de ser actual. Pôde aquelle seminario instituir-se em um dos conventos da cidade de Loanda, applicando-lhe como ordinaria o rendimento dos arimos que ficaram de todos os extinctos conventos, e a ser necessario mais uma pensão do cofre da fazenda publica, — tudo para a sustentação de doze moços negros pensionistas do estado (2), sob a inspecção do prelado diocesano, — admittindo-se ahi tambem alumnos particulares, cujos paes pagassem a prestação mensal que fosse arbitrada para a sua educação. O corpo cathedratico deste seminario poderia compôr-se de um vice-reitor (pois que reitor nato deve considerar-se o prelado diocesano), e tres professores proprietarios, e dous substitutos: o vice-reitor deveria ser uma dignidade da sé de Loanda, — e os tres lentes outros tantos conegos capitulares (provenndo-se com esta condição *siné qua non* uma parte das cadeiras vagas daquelle cabido), percebendo todos estes funcionarios uma gratificação além das respectivas congruas (3), a qual poderia taxar-se de 120,000

(1) Já não insisto na idéa por mim emitida no liv. 1.º desta obra — de enviar os egressos para as igrejas d' Africa, porque sei ser empenho baldado: os bons tem-se já accomodado, e vão-se accomodando nas igrejas do continente do reino; e os outros preferem viver a soldo das sociedades jesuiticas, cujos agentes são para a propaganda das idéas ultramontanas.

(2) Era já esta a idéa d'el-rei o sr. D. Pedro 2.º, logo que assumiu o governo do reino: e se ella então não pôde ir ávante por ser incumbida aos *colipso* jesuítas, tenho esperança de que o novo bispo de Angola e Congo saberá realis-la.

(3) As congruas são de 150,000 réis ás dignidades, e 100,000 réis aos conegos.

réis para o vice-reitor, — 100\$000 réis para os lentes proprietarios, — e 60\$000 réis para os substitutos. Tanto os cathedraticos, como os pensionistas do Estado deveriam ser obrigados a residir dentro no seminario, cujo systema de estudos deve ser proposto pelo bispo diocesano, e approvedo pelo governo: este systema convém que se simplifique quanto fôr possível para os presbyteros, cujo curso não deve exceder a tres annos; havendo porém um outro curso de cinco a seis annos para aquellos que se quizerem oppôr ás cadeiras do seminario, e da Sé.

Todos os semestres deverão fazer-se exames, e os pensionistas do governo que em dous semestres successivos ficarem reprovados serão desde logo expulsos: os ditos pensionistas que completarem satisfactoriamente o curso triennial serão logo ordenados pelo bispo, e obrigados a acceitar as igrejas que por elle lhe forem distribuidas: se porém houver entre elles algum de grande talento e applicação, que o bispo com o voto unanime do corpo cathedratico o julgue digno de vir a occupar uma cadeira de ensino, poderá esse seguir por diante o curso doutoral: os alumnos particulares-internos, ou externos (que os deverá haver de uns e outros) concorrerão tambem aos exames semestres, sem serem contudo sujeitos á pena de expulsão em quanto quizerem continuar a pagar o seu ensino; poderão concorrer com os outros tanto ás igrejas, como ás cadeiras vagas logo que tenham as habilitações legaes, mas não serão forçados a acceitar missões, ou beneficios, que não sejam da sua escolha. Os regulamentos de policia interna do seminario serão estatuidos pelo bispo, ouvido o corpo cathedratico, e approvedos pelo governo, e a esses serão todos igualmente sujeitos sem distincção.

Poderia ainda haver no patee do seminario uma escola de primeiras letras dirigida por algum capellão da Sé, que além da sua congrua percebesse por este trabalho uma gratificação de 120\$000 réis.

Parece-me que adoptado este plano, e seguido com fervor dentro em poucos annos Angola possuiria um clero instruido e respeitavel capaz de pastorear aquella christandade quasi abandonada ha perto de dous seculos, — resuscitar em seus corações embrutecidos a santa religião de Jesus Christo — ensinar-lhes tambem as letras humanas; pois (como adiante direi, seguindo o meu plano favorito) cada parochio pôde ser o melhor dos preceptores no seu presbyterio: — e tambem inspirar-lhes pouco e pouco o amor do trabalho, e horror á vadiçce, a que são tão propensos, com todos os

vícios que della se nutrem. E além de rebustecer na fé os christãos tibios, ou dèsmoralizados, em breve novos missionarios indigenas irão sem temer as febres desbravar nessas *terras viciosas* do interior os espinhas cerrados da idolatria *fetichista*, em cujas erronias toda a Africa vive atollada torpemente. Desta idolatria pouco terei a dizer, por ser ella commum com ligeiras differenças a quasi todos os povos do continente africano aonde não chegou a seita de Mahomet.

Todos os povos *an Bundos* (designação geral dos que habitam entre o Zaire e Cabo Negro) parecem crer na existencia de dous Deuses, ou principios oppostos: — o Deus do bem, — e o Deus do mal: pouco curam de acatar o primeiro, porque contam com a sua benignidade; mas tremem do segundo, por ser máu, e poderoso, e não só lhe dedicam offrendas para lhe applicar as iras, mas consultam-no, e põem grande cuidado em propiciallo tanto nas occasiões mais importantes da vida, e da morte, como ainda mesmo nos actos ordinarios das lidas domesticas. Representam-no em idolos de páu de figura humana, a que chamam *Iteque*, revestidos de ornamentos grotescos armados de alguma arma offensiva, e inculcando gesto ameaçador; e perante elles celebram as ceremonias lascivas do *lombamento* (ou noivado), e as do *mutambe* (ou funeral), de que adiante darei noticia quando tratar de descrever os costumes deste povo; offerecem-lhes as primicias das colheitas, — alguma parte dos despojos da guerra etc. etc.; e tambem cada familia os tem na sua *cabata* (choupana) esculpidos em miniatura, e alli lhes fazem libações ás horas da comida. Os feiticeiros que se intitulam interpretes desta divindade terrivel são em todo o paiz conhecidos pelo nome de *Gangas*: presam-se de advinhar o futuro; fazem conjuros com horribes contorsões para interpellar o seu Deus; cujas offertas se encarregam de receber; e quando o caso o pede empregam feitiços, a que chamam *milongos*, que al não são de ordinario que peçonha de diversas castas extrahida de simplices, cujas propriedades lhes são conhecidas; outras hervas e raizes conhecem tambem, cujas virtudes medicinaes os habilitam a exercer a profissão de curandeiros: estes entes privilegiados se intromettem, como é de suppór, em todos os negocios publicos, e particulares, e lisongeando sagazmente a preguiça, e as propensões libidinosas deste povo indolente, o conservam voluntariamente submisso ao captiveiro do inferno.

Tal é em geral o typo religioso dos povos do sertão de Angola e Benguella, que aliàs variam em praticas secundarias: ao diante terei occasião de fallar das barbaras leis dos Jagas denominadas

Quizillas, ás quaes aquelles povos nómades attribuem um certo caracter religioso, com quanto ellas sejam antes regulamentos da extravagante policia dos seus Quilombos. Acha-se em muitas destas nações puramente idolatras sem a menor sombra de islamismo introduzida a pratica da circumcissão, á qual todavia não unem idéa alguma religiosa.

Em geral pôde dizer-se que as praticas supresticiosas desta negraria são habitos machinaes, que seguem sem fervor, e largam sem saudade, até que alguma excitação momentanea lh'os venha recordar novamente: um septicismo brutal constitue a essencia do seu caracter tão indolente como irascivel conforme nelles opera a logica das sensações — unica propria para gerar nelles o convencimento. Não é pois difficil na generalidade resolvellos a baptisarem-se; antes muitas vezes se tem visto ao apparecer um missionario, ou um ecclesiastico qualquer em terras do sertão, correrem a elle povoações inteiras a pedir o *sal bento* (baptismo) para as creanças, e para os adultos, e ás vezes com tamanha obstinação que corre o risco de ser maltratado o sacerdote que não annuir a suas rogativas conferindo-lhes aquelle *sal*, que elles supõem ser *um feitiço do Deus bom*, que os pôde bem preservar de algumas tropelias do *Deus máu*: obtido este *desideratum* intitulam-se desde logo christãos, mas não se sujeitam a aprender as doutrinas da igreja catholica, — porque esse estudo lhes daria trabalho; e muito menos a praticallas corrigindo a soltura de vida que constitue o seu estado normal; ninguém procure sobre tudo afastallos da concubinação; porque a polygamia, além de necessaria á satisfação dos seus appetites carnaes, é indispensavel para a sua propria subsistencia; por isso que (como terei occasião de explicar no capitulo 10.^o) os homens em toda esta região vivem do trabalho das suas mulheres, e tanto mais abastados vivem quanto mais mulheres possuem... Citarei ainda aqui um trecho do atraz citado officio do governador D. Miguel Antonio de Mello fallando destes *baptismos de carregação* — « Sobre semelhantes Baptismos (diz elle) administrados em Missão « a pessoas que ficão Neophitos vivendo entre infieis, e sem outras « que os continuem a doutrinar na Fé catholica; se offerecerão em « varios tempos a diversos Prelados desta Igreja ponderozas duvidas. « O Bispo de Malaca — Dom Fr. Alexandre da Sagrada Familia — « consta-me que governando como Vigario Capitular este Bispado « consultara sobre esta materia a Universidade de Coimbra (donde « lhe não veio reposta talvez porque a consulta lá não chégou), e o « Arcebispo actual da Bahia Dom Fr. Antonio Corrêa como Metro-

«politano da Provincia a que esta Igreja pertence. Este Prelado, «que he tão irreprehensivel e tão douto como Sua Magestade perfeitamente conhece, ou por comprehender a importancia e difficuldade da materia, ou por não julgar opportuno declarar sobre ella claramente o seu voto, respondeo à Consulta enviando um parecer do seu Provisor como Theologo particular, no qual, apoiado em huma Decisão da Congregação de *Propaganda Fide* dada aos Missionarios do Brazil que similhantemente a consultaraõ, seguia, «*que pelo unico perigo de voltarem à Idolatria os Neophitos por falta de Mestres se não devia denegar aos Pagaons o Baptismo; porque denegando-lhe ficariaõ fóra da salvação muitas almas que se poderiaõ ganhar para o Céu, e que talvez o Senhor tivesse para elle predestinado, e daqui resultou não se inovar cousa alguma nos estillos que antes se seguiaõ.*» — Respeitando eu como devo as opiniões de tão sabios theologos, e sem me envolver de modo algum nas interminaveis disputas sobre a doutrina da *predestinação*, não posso todavia deixar de lamentar que á custa de tantas despezas e risco de vidas as missões d'Africa não chegassem a obter mais que uma vã e mentirosa apparencia de christandade, a qual se satisfaz os fins da *sociedade de propagandã fide*, não satisfaz por certo os da civilisação da especie humana, base social sobre a qual indubitavelmente assentam os santos dogmas da religião de Jesus Christo.

O que deixo dito basta ao meu proposito.

Aqui ajunto um catalogo dos bispos do Congo e Angola, começando por D. Fr. Gaspar Cam, bispo de S. Thomé e Congo, em cujo tempo (e a cuja instancia por ventura) se enviou a Loanda a primeira expedição exploradora. Alli mesmo se verá — 1.º — que a igreja do Congo e Angola se separou da de S. Thomé e Príncipe por bulla do papa Clemente VIII de 13 de Julho de 1597 — 2.º — que em 1626 foi transferida para a cidade de S. Paulo de Loanda a Sé de Santa Cruz do Congo erecta na cidade de S. Salvador de Ambasse — 3.º — que em 1677 por bulla do papa Innocencio XI passou este bispado com o de S. Thomé a ser suffraganeo do arcebisepado de S. Salvador na Bahia de todos os Santos, — desligando-se do arcebisepado de Lisboa, de que até então dependiam — 4.º — que por outra bulla do santo padre Gregorio XVI de 15 de Fevereiro de 1845 volveram as cousas ao antigo estado, ficando as igrejas de S. Thomé, e de Angola e Congo isentas da jurisdicção metropolitana da Sé archiepiscopal de S. Salvador no Brazil, e novamente suffraganeas da patriarchal igreja metropolitana de Lisboa; sendo por tanto de esperar que as precisões espirituaes serão agora

devidamente attendidas, como o não eram ha longos annos por motivos bem obvios; podendo mesmo notar-se, que a decadencia do christianismo em Angola data exactamente da época da sua annexação espirital ao Brazil.

CATALOGO DOS BISPOS D'ANGOLA E CONGO DESDE 1560.

SECCOES	NOME	ANOS	SUCCESSOES NATURAES
	DIOCESSE DE S. THOMÉ E CONGO.		
1	D. Fr. Gaspar Cam, eleito em	1554	{ Foi no tempo deste prelado (em 1560) que Paulo Dias de Novaes foi com a primeira expedição a explorar as terras d'Angola; e quando depois voltou com a segunda (em 1574) a dar combêto aquella conquista já o achou fallecido... Vid. liv. 2.º desta obra.
2	D. Martinho de Ulhoa	1577	{ No Synodo Diocesano que celebrou na cidade de S. Salvador do Congo em 1585 fez estatutos para todo o bispado, cuja jurisdicção ficou comprehendendo o reino d'Angola... Vid. liv. 2.º
3	D. Francisco de Villanova	1590	Nunca passou da Ilha de S. Thomé... Vid. liv. 2.º
	DIOCESSE DO CONGO E ANGOLA.		
4	D. Fr. Miguel Rangel	1597	{ Por bolla do papa Clemente VIII, de 13 de Julho de 1597, separou-se a igreja do Congo da de S. Thomé, ficando ambas suffraganeas do archiepiscopado de Lisboa.
5	D. Fr. Antonio de Santo Estevão	1604	Residiu sempre no Congo, onde se finou em 1602.
6	D. Fr. João Soares	1605	Não chegou a ir ao bispado: morreu em 1605.
7	D. Fr. Manoel Bautista	1606	Não accellou este bispado, e ficou sendo bispo de Madrauro.
8	D. Francisco de Soveral (a)	1625	{ Residiu em Loanda, onde assignou em 1611 o auto da eleição do governador interino Bento Banha Cardoso: falleceu em 1634, tendo instituido diversas parochias.
9	D. Fr. Simão Mascaranhas	1626	{ Estava eleito bispo de S. Thomé, quando foi transferido para o bispado do Congo: chegou lá, e morreu logo com cheiro de santidade.
	DIOCESSE D'ANGOLA E CONGO.		
10	D. Fr. Christovão de Lisboa	1651	{ Logo que chegou a Loanda foi-lhe entregue o governo temporal da capitania, que habilmente exerceu, até o entregar em 1637 ao governador Fernão de Sousa. Transferiu a Sé do Congo para Loanda, onde construiu a cathedral. Creou a Santa Casa da Misericordia de Loanda, á qual fez grandes beneficios. Instituiu muitas parochias. Falleceu em 1642.
11	D. Fr. Matheus de S. Francisco	1655	Morreu em Lisboa em 1652, sem ter ainda bolla de confirmação.
12	D. Fr. Pedro Sanches Farinha	1671	{ Era capellão-mór d'armada, quando foi eleito bispo, mas nunca chegou a obter bolla de confirmação, até que morreu em 1663.
13	D. Fr. Antonio do Espirito Santo	1673	Foi confirmado, mas falleceu antes de partir para o bispado, em 1672.
14	D. Jorge da Guerra	1676	Chegou a Loanda em Dezembro de 1673, e finou-se em Janeiro de 1674.
	DIOCESSE DE S. THOMÉ E CONGO.		
15	D. Fr. Manoel da Natividade	1680	Nada se sabe do tempo deste prelado.
16	D. João Franco d'Oliveira	1688	Por bolla do papa Innocencio XI, do anno de 1677, passou este bispado a ser suffraganeo do archiepiscopado de S. Salvador na Bahia de Todos os Santos, creado em 1676.
17	D. Fr. José d'Oliveira	1694	{ Serviu de medianteiro da paz entre o governador João da Silva e Sousa, e a rainha Ginga D. Victoria Guiterres: falleceu em 1686.
18	D. Luiz Simões Brandão	1701	Foi transferido para archiepispo da Bahia em 1692.
19	D. Fr. José da Conceição	1719	Não se sabe ao certo quando falleceu.
20	D. Fr. Manoel de Santa Calbarina	1720	Tumou posse, e residiu no bispado, o qual depois renunciou, recolhendo a Portugal.
21	D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro	1738	Não chegou a ser confirmado.
22	D. Fr. Manoel de Santa Ignéz	1745	Beneficou a Santa Casa da Misericordia, e morreu no bispado em 1737.
23	D. Fr. Francisco de S. Thomaz	1762	{ No tempo do seu governo espirital impoz a cada um dos capitulares da Sé d'Angola a obrigação de 24 missas por anno, por tenção de Sua Magestade Fidelissima (como padroeira). Passou a bispo do Rio de Janeiro em 1745.
24	D. Fr. Luiz d'Annuniação d'Azevedo	1772	{ No seu tempo se fixaram as congruas dos parochos em 80,000 réis. Foi presidente do governo provisório em 1748, por morte do governador João Jacques de Magalhães. Foi eleito e confirmado archiepispo da Bahia em 1761.
25	D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia (bispo de Malaca)	1784	Morreu no bispado.
26	D. Luiz de Brito Homem	1795	{ Foi presidente dos governos provisórios, por morte do governador D. José Gonçalo da Camara, desde Dezembro de 1782 até Setembro de 1784, e nesse anno se retirou, e renunciou a jurisdicção espirital em
27	D. Joaquim Maria de Mascaranhas	1805	{ Governou o bispado com muita severidade, até que por desintelligencia com o governador barão de Mossamedes, se retirou tambem em 1788.
28	D. Fr. João Damasceno Povoa	1818	Foi muito amado dos Angolenses. Em 1803 passou a bispo do Maranhão.
29	D. Leonardo José Vitella	1840	{ Em 1806 prestou ao governo interino, que deixou em sua ausencia o governador D. Fernando Antonio Soares de Noronha. Falleceu em Loanda em 1807.
30	O Presbitero D. João Baptista de Castro, eleito em	1843	{ Teve grandes desavenças com o governador M. Tovar d'Albuquerque. Em 1821 foi presidente da Junta do Governo Constitucional. Falleceu em 1836.
31	D. Sebastião d'Annuniação Gomes e Lemos	1845	{ Sendo ha muitos annos vigario geral daquela Diocese, foi eleito bispo em 27 de Novembro de 1840, e morreu em 1842 antes de ser confirmado.

(a) D. Caetano de Sousa evidentemente se equivocou quando no seu Catalogo, publicado no 2.º liv. das Memórias da Academia d'Historia, pospor D. Francisco do Soveral a D. Fr. Simão Mascaranhas; pois que pelo Catalogo dos Governadores se vê que este ultimo prelado chegou a Loanda em 1696 — assumiu logo o governo temporal da Capitania, que entregou em 1697 — e continuou no espirital por largos annos, como atestam a Cathedral, a Misericordia, e muitos outros monumentos e documentos lá existentes.

C. B. LAZARONI CATALOGO

NOME	NUMERO
D. Fr. Gaspar Cam. clero em	1
D. Martinho de Lippol	2
D. Francisco de Villanova	3
D. Fr. Miguel Haugel	4
D. Fr. Antonio de Santo Antonio	5
D. Fr. Joao Soares	6
D. Fr. Manoel Paolista	7
D. Francisco de Soveral	8
D. Fr. Simao Mascarenhas	9

es
D.
au
A.
pu
me
lat
me
12
me
me
vil
tro
den
dad
pri
ren
de
que
ran
por
doc
pon
nec
que
par
pos
mis
acc
aba

CAPITULO VIII.

Instrução Publica.

A provincia de Angola, em cuja capital existiram algumas escolas nos tempos dos jesuitas, — e que no tempo do governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coulinho chegou a ter uma boa aula de mathematica, — renovada depois no tempo do governador A. de Saldanha da Gama, — está hoje no que toca a instrução publica peor ainda que as ilhas de Cabo Verde. Vê-se do orçamento haver actualmente em Loanda um professor de grammatica latina com 200\$000 réis de ordenado (1), — um professor de primeiras letras com 240\$000 réis, — e uma mestra de meninas com 120\$000 réis; e em Benguella está vaga a unica cadeira de primeiras letras alli creada por lei, bem como o logar de mestra de meninas: nenhum estabelecimento d'instrução existia até agora na villa de Massangano, nas Pedras de Pungo an dongo, nem nos outros presidios aonde além dos indigenas ha mais ou menos descendencia de brancos. A esse mal vae provêr de certo (graças aos cuidados do governo) o decreto de 14. d'Agosto de 1845. As *escolas principaes* são bem dotadas, e por isso não me parece difficil acharrem-se para ellas professores idoneos: estas vão a ser uma especie de escolas normaes, donde sahirão no futuro mancebos instruidos, que sem deixar o solo africano se habilitarão alli mesmo para derramar a instrução primaria entre os seus conterraneos: em quanto porém as plantas desses viveiros — de que deverá pelo menos haver dous — um em Loanda — outro em Benguella, — não crescem a ponto de poderem ser transplantadas, é urgente não adiar o tão necessario ensino do povo; e para isso repito ainda a mesma opinião que em outras partes deixo emitida (2) — que se criem escolas parochiaes nos presbyterios de todas as parochias, cujos parochos possam, e queiram, incumbir-se de uma tarefa tão analoga á sua missão civilisadora e santa, mediante uma gratificação honesta, que accumulem ás suas congruas.

Pelo que diz respeito á educação ecclesiastica, até hoje em abandono, já eu expendi as minhas idéas no capitulo antecedente, e

(1) Esta cadeira de grammatica latina em virtude do disposto na carta regia de 4 de Novembro de 1799 deve ser provida em um conego da Sé; e talvez por isso tem menor ordenado que a de primeiras letras.

(2) Lêa-se o que escrevi no 1.º livro desta obra — parte 1.ª — a pag. 80.

consta-me com prazer que ellas concordam em grande parte com uma proposta do governo, que se acha affecta ao parlamento sobre a creação de seminarios no ultramar: ha porém na dita proposta do governo mais uma condição de transcendente utilidade, que vem a ser — annexar ao seminario uma especie de lyceu de humanidades, aonde possam completar os estudos preparatorios os jovens angolenses, que se destinarem a qualquer das carreiras da vida publica (1). Já se vê pois que o governo tem a peito lançar os alicerces á civilisação africana: e tambem lhe não esqueceu promover o ensino da mais util das profissões — maiormente em terras doentias. — Pelo decreto de 2 de Abril de 1845 lá se organisou a escola pratica de medicina, cirurgia, e pharmacia na qual em breve se formarão officiaes de saude, e boticarios, que á luz da sciencia exercendo a clynica em um paiz que conhecem reúnem esforços para melhorar o estado sanitario dessa região ardente, que por ventura com o volver dos annos virá a tornar-se tão habitavel como o Brazil — que ha dous seculos era insalubre.

Mui grato deve ser o ultramar a estas providencias salutaris, que se vão seguindo umas apóz outras, e denunciam pela sua concatenação as tendencias beneficas de uma época de uteis reformas. Convirá porém ainda ampliar a esfera dos estudos em Angola áquelle ramo da instrucção superior, que já possuiu por duas vezes, posto hoje a par com o estado da sciencia: uma escola mathematica e militar, com cursos adaptados ás armas de infantaria, e artilheria, e ao menos uma parte do que ha mister saber o engenheiro, com uma aula de desenho de architectura militar e civil, daria uma nova força ao exercito angolense. Sei que será difficil arrancar de Portugal para aquelle clima inhospito officiaes militares com estudos sufficientes para bem organizar em Angola uma tal escola; mas repetirei o que já disse em outra parte — Goa póde fornecellos; e o plano da escola mathematica e militar da Nova Goa deve com ligeiras alterações servir de modelo á escola mathematica e militar de Loanda: ha na Azia portugueza muitos militares bons mathematicos, que tendo mui pouco a recear da malignidade do clima africano, não duvido que acceitem de boamente aquellas cadeiras com as vantagens de que ellas deverão ser acompanhadas; e dahi poderá vir muito incremento á civilisação d'Angola, e melhoramento ás praticas ruraes da sua cultura. Muito seria para desejar a creação de uma cadeira de mineralogia theorica, e pratica em um paiz onde

(1) Espero que neste lyceu não deixará de comprehender-se o indispensavel estudo das linguas franceza, e ingleza.

ha tão importantes minas a explorar; mas de homens praticos nesse ramo está o nosso reino tão baldio por agora, que a não ser com algum estrangeiro (que não seja um impostor como o Dr. Lang) não vejo modo de satisfazer este desejo.

Passarei agora a fallar do ensino fabril, que é certamente o mais necessario a todas as nossas possessões d'Africa. — É certo que em Loanda ha maior numero de mecanicos, que em qualquer outra dessas possessões: mas os processos da sua industria pouco mais são ainda hoje que as toscas rotinas do seculo XVII. Para os melhorar creou o illustrado D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho um Trem com algumas officinas; mas este estabelecimento — acanhado desde logo nas suas dimensões — passou com o tempo a ser tão mal dirigido, que motivando uma grossa despeza com o seu custeio, quasi nada prestava para os fornecimentos do exercito, e marinha, e era menos um estabelecimento de utilidade publica, que uma mina de proveitos particulares. . . Consta-me que no tempo do governador L. G. Possollo se tomou na ilha de Loanda um terreno mais espaçoso, e capaz de nelle se fundar um arsenal reunido de marinha e exercito — fundação tanto mais necessaria em presença de uma estação naval permanente: não basta porém tomar um terreno: é mister crear officinas, e dirigillas bem, para que a sua despeza se torne productiva para o Estado, e que do seu gremio como de um conservatorio se derrame por todo o paiz a industria fabril a que aquelle povo se accomoda, mais perfeita do que até agora o tem sido. Poderia talvez tomar-se para modelo deste novo arsenal na parte administrativa o regulamento do arsenal reunido de Goa de 27 d'Abril de 1841: para as officinas porém entendo que devem ser mandados os mestres, e contramestres, e mandadores do arsenal da marinha de Lisboa, — para servirem lá por seis annos, vencendo o dobro do vencimento que cá tinham em quanto lá estiverem, e quando voltarem a Portugal findo esse prazo perceberem o antigo salario e mais um terço: para officiaes poderão aproveitar-se os degradados artífices com preferencia, e na falta desses alguns officiaes mecanicos do paiz: e para aprendizes escravos libertos das presas escolhidos dentre os que mais aptidão mostrarem para as diversas profissões, e sujeitos a uma aprendizagem de seis annos, durante a qual o governo deve provêr ao seu sustento, e vestuario; e no fim dos seis annos poderão, segundo o seu merecimento ou ficar empregados na mesma officina como officiaes vencendo salario, ou serem despedidos para irem livremente exercer o seu officio, dando-se-lhes para isso uma ferramenta completa.

Este arsenal, que se pôde bem montar com um pessoal de 150 operarios, poderá vir a custar, comprehendendo o almoxarifado, a gallé, e o deposito de libertos, e os estabelecimentos das margens do Bengo (mas tudo reduzido á economia que não tem havido até hoje) — entre trinta e trinta e cinco contos de réis quando muito.

O Trem nacional, com o pessoal do almoxarifado, e estabelecimentos do Bengo, custa hoje para mais de vinte contos, e seis contos pouco mais ou menos o deposito dos libertos; mas por outra parte apparece nas despezas do almoxarifado a enorme verba de trinta e cinco contos de réis para fornecimento do Trem, embarcações nacionaes, e outras repartições do Estado; e estou persuadido que nesta se poderão economisar dez contos, fabricando-se no arsenal o que hoje se compra nas lojas por alto preço, e evitando os abusivos desperdícios proverbiaes naquella repartição. Creio pois que sem augmento de despeza se pôde dotar Loanda com essa escola de officiaes mecanicos tão util ao serviço publico, como ao progresso da sua industria: tudo está em escolher para pôr á testa desse novo estabelecimento um homem tão intelligente, activo, e zeloso, como desinteressado, e justiceiro; e centralisar sob as ordens delle as diversas repartições, que até aqui corriam avulsas, e como que independentes. Não será tão pouco impossivel em havendo na terra sufficientes carpinteiros, calafates, ferreiros, etc. estabelecer alli um estaleiro nacional, aonde se construam navios de guerra com as excellentes madeiras de que o paiz tanto abunda, não lhe faltando mesmo ferro e cobre para as ferragens, e gomma para os calafetos: e a maior prova desta possibilidade é o facto de se haver lá construido a fragata *Loanda* dentro no espaço de oito annos (de 1772 a 1780), com quanto nesse tempo não houvesse ali arsenal nem grande numero de bons artifices. . . . Marinha e ultramar ligam-se em interesses: á marinha compete proteger o ultramar, e facilitar-lhe as communicações com a metropole, e com os outros dominios portuguezes; e cabe ao ultramar applicar os seus recursos ao incremento da marinha.

Eis-aqui o que me parece dever indicar relativamente á instrucção publica de Angola, que no estado actual torna quasi impossiveis quaesquer outros melhoramentos sociaes, que por ventura se emprehendessem no meio de um povo embrutecido pelo diuturno abandono em que tem jazido ha mais de dous seculos. Contribuiria tambem muito para excitar ao estudo a mocidade angolense a criação de uma pequena bibliotheca publica (além de outra que

deve haver no seminario episcopal), tal como a pedi para as ilhas de Cabo Verde a pag. 84 da 1.^a parte do 1.^o livro desta obra, — adicionando-lhe as muitas publicações historicas, e scientificas, que modernamente tem apparecido entre nós, — e as que para o diante forem apparecendo; — e mais que tudo as obras elementares.

CAPITULO IX.

Rendimento e Despeza Publica.

Muitos imperfeitos são ainda os orçamentos d'Angola e Benguella; além de virem pouco desenvolvidos, é abusiva a pratica de separar duas partes da provincia, que sob o aspecto financeiro são, a meu vêr, inseparaveis: tenho presentes — um orçamento d'Angola — outro orçamento de Benguella; e com quanto o primeiro seja relativo ao anno de 1844 a 45 — e o segundo, pelo atrazo usual nas contas daquella delegação, seja apenas de 1843 a 44, como se vê dos balanços (letras **A** e **B**), todavia suppondo que este pudesse servir sem alteração notavel para o anno seguinte, tomei a liberdade de organisar destes dous o orçamento reunido (letra **C**), sobre o qual passarei a fazer as seguintes observações.

Ao encarar este orçamento fere desagradavelmente a vista um *deficit* *apparente* de mais de cento e vinte e quatro contos de réis: apparente lhe chamarei, porque delle devesi deduzir-se as duas verbas — *despezas de marinha*, — e *despeza extraordinaria*, — cuja somma de cento e dez contos não deve contar-se senão *por encontro* na despeza da provincia, sendo toda ella motivada ou pelos navios de guerra — e então cá está comprehendida no orçamento do ministerio da marinha e ultramar — ou pela commissão mixta, — que cá tem a sua verba no orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros; e por isso o *deficit* real de toda a provincia vinha a ser em 1845 cerca de quatorze contos de réis. Espero porém que esse *deficit* já hoje não exista, e tenho mesmo por seguro, que dentro em breve a provincia d'Angola e Benguella virá a ter uma sobra sufficiente para fazer face ás despesas de muitos melhoramentos por mim reclamados em varias partes deste livro. Facilmente farei vêr o em que se funda a minha esperança, por meio d'uma breve analyse das verbas da receita, que vem nos desenvolvimentos — (letras **D**, **E**, e **F**).

Nada direi dos proprios nacionaes, que na verdade são em Angola objecto de pequena monta, com quanto o seu rendimento seja susceptível d'algum augmento.

Dos impostos directos fallarei a médio; porque não tenho dados certos para julgar se andam bem, ou mal arrematados: parece-me porém não poder dar-se muita regularidade no lançamento deste imposto, principalmente nas terras dos sovas vassallos aonde os dizimos se cobram a um tanto por cada fogo, pela falta absoluta de statisticas, que mereçam fé, em todo aquelle Estado: não duvido que mediante a arrematação os rendeiros suppram esta falta com sua natural sagacidade, por ser do seu interesse cobrar punctualmente de todos os contribuintes; mas o que duvido é que elles sejam tão sinceros que descubram segredos que lhes são tão interessantes: uma statistica, pelo menos soffrível, é por tanto a primeira necessidade administrativa d'Angola.

É porém na exacta fiscalisação das alfandegas, — na boa cobrança dos impostos indirectos, — que eu fundo toda a minha esperança de incremento na receita desta provincia. . . E na verdade quem tiver lido o que eu deixo dito, e provado, no capitulo 4.^o deste mesmo livro — *« que o movimento do commercio de Angola e Benguella não pode avaliar-se annualmente em menos de mil e quinhentos contos de réis d'importações, e outro tanto proximamente d'exportações (até hoje menos por causa das exportações clandestinas) »* — ficará maravilhado de que os rendimentos daquellas duas alfandegas não subissem a mais de cento e noventa e um contos de réis (cento e dezenove contos de réis da de Angola, e setenta e dous contos de réis da de Benguella), sendo de vinte e quatro e quinze por cento os direitos que pagam as mercadorias estrangeiras. Se tomarmos por termo de comparação o movimento das alfandegas das ilhas de Cabo Verde, e a sua renda (1), teremos que as alfandegas do ultramar devem render, termo médio, dezoito por cento da somma das suas cifras — a da importação com a da exportação: — e como pelo que fica dito, — mesmo dando desconto aos contrabandos — esta somma não pôde ser menor de dous mil e quatrocentos contos de réis nos dous portos d'Angola e Benguella (2), segue-se que os

(1) Vidè o 1.^o livro desta obra — parte 1.^a — a pag. 40, e pag. 100 —ahi se verá que sommada a importação das ilhas de Cabo Verde com a sua exportação dava (em 1843) a expressão de cento e cincoenta contos de reis; — e que as alfandegas rendiam vinte e sete contos, — exactamente dezoito por cento. . . E estas podem bem ser modelo para as das outras possessões africanas.

(2) Contando com mil e quinhentos contos de réis de importação, e sómente novecentos contos de exportação legal em generos, dando já o desconto indicado, que é mister aliás fazer acabar quanto antes.

rendimentos reunidos dessas duas alfandegas não devem nunca baixar de quatrocentos e trinta e dous contos de réis (em vez dos taes cento e noventa e um) — antes sim ir augmentando no futuro, porque o commercio europeu vae affluindo cada vez mais áquelles portos novamente abertos. Para se conseguir esta regularidade fiscal é necessario, no meu entender, — 1.º — duplicar os ordenados dos empregados fiscaes das alfandegas em Angola e Benguella, e escolher para elles homens honrados, e intelligentes, que não levem a mira em interesses illicitos e fraudulentos, assegurando-lhes uma posição decente e lucrativa em alguma das repartições publicas da metropole no fim de seis annos de bom serviço comprovado por factos; e por outra parte uma punição severa no caso de comprovada prevaricação — 2.º — organizar pautas regulares para as alfandegas de Angola e Benguella — pelo menos tão bem especificadas *mutatis mutandis* como as de Cabo Verde — 3.º — nomear para lá governadores austeros, que não temam *comprometter-se com os potentados contrabandistas* d'Angola, e do Brazil. Nem se diga que o augmento mui sensivel do commercio com a metropole tende a diminuir muito os rendimentos das alfandegas, porque as fazendas nacionaes, e as estrangeiras já despachadas em Portugal para consumo, nada, ou quasi nada pagam de direitos d'entrada quando lá chegam; porque essa mesma condição se dá, e em maior escala, nas ilhas de Cabo Verde, aonde Portugal figura com quatro setimos da importação (1), sendo certo que no commercio d'Angola e Benguella apenas chegará a figurar com um terço, como já em outra parte fica dito: a comparação é por tanto favoravel ás alfandegas de Loanda e Benguella, por onde aliás dão sabida productos de muito maior valor intrinseco que os das ilhas de Cabo Verde, como o marfim, a gomma copal, a cera etc., os quaes fazem muito mais ricas as carregações, e muito mais avultados os direitos que por ellas se pagam (2).

Sei bem que os máus habitos custam muito a desareigar; e que por isso nos primeiros dous ou tres annos não poderá levar-se á perfeição o novo systema fiscal: não pôde porém duvidar-se de que as duas alfandegas d'Angola e Benguella podem desde já render, bem administradas, trezentos e cincoenta contos de réis, que com os outros rendimentos da provincia elevarão a cifra da sua receita a muito mais de quatrocentos contos de réis, — receita mui sufficiente

(1) Lêa-se o 1.º livro desta obra — parte 1.ª — pag. 38.

(2) Por uma conta official que tenho á vista do rendimento da alfandega de Loanda desde 1835 até 1840, se vê que o termo médio era então — cento e cincoenta e quatro contos de réis: desde então é inegavel que o commercio d'Angola tem crescido muito: ... e a receita d'alfandega diminui? ... Não entendo.

não só para cubrir toda a despeza actual, mas ainda os augmentos de despeza, que eu me não pejarei de propôr, porque as tenho em conta de *despezas productivas* — receita maior do que jámais houve nos tempos passados (1), nas quaes, apesar da grande prosperidade que delles nos referem os *saudosos do antigo trafico*, quasi sempre a provincia rendeu menos ainda do que hoje rende, porque quasi sempre as rendas publicas foram alli tão mal fiscalizadas como nos tempos modernos, ou peor ainda; e sempre se viram de lá voltar requissimos os empregados publicos, — mesmo os de segunda ordem (2).

Passarei agora a fallar da despeza, indicada nos desenvolvimentos (letras **G** e **II**) que se é hoje um pouco mais crescida em Angola e muito mais em Benguella, do que em épocas anteriores, provém essa differença — 1.º — da abolição definitiva do trafico da escravatura, do qual todos comiam (até os bispos), e por isso podiam passar com menores ordenados — 2.º — do augmento dos soldos e vencimentos militares, que tem tido lugar em todas as partes da monarchia — 3.º — de muitas creações uteis, e fundações necessarias que alli se tem já feito, e ainda se vão fazendo. Tão longe estou de a suppôr excessiva, que pedirei alguns augmentos, porque os tenho por indispensaveis ao melhoramento daquelle paiz.

(1) Darei aqui um mappa das receitas e despezas só de Angola em diversas épocas pelas contas officias que pude colher:

<i>Epocas</i>	<i>Recetta</i>	<i>Despeza</i>
1819	175:202\$419	141:836\$000
1823	152:067\$395	183:397\$096
1824	163:706\$682	201:628\$581
1825	164:851\$505	157:635\$463
1829	161:274\$622	144:527\$263
1830	204:170\$520	173:193\$835
1831	127:340\$085	137:715\$508
1832	101:701\$040	117:818\$689

N. B. A receita de Benguella de que não apparecem contas, orçava-se em cêrca de quarenta contos de réis (afóra algum marfim que remettia para a F. R.); e cubria apenas a despeza, que então era alli muito menor que a de hoje.

(2) E como não hade ser assim, se o empregado que fór servir em Africa, e lá fór honrado, corre o risco de vir morrer de fome em Portugal no seu regresso, visto que a lei lhe não garante em premio do seu bom serviço uma collocação que lhe assegure a subsistencia?... Era talvez por tal motivo que el-rei D. João II recommendava a um capitão, que mandava servir na Mina — «*não sejaes tão péco que venhaes de lá pobre*:» — não sei se o conselho aproveitou áquelle; mas sei que temi aproveitado a muitos: melhor fóra porém recommendar-lhes — «*vide, servi bem, e sêde honrado; que na volta sercis premiado*.»

FORÇA MILITAR QUE GUARNECE ANGOLA E BENGUELLA.

CORPOS	PLAÇAS	ARMAS	LINHAS
INFANTERIA.			
1 Regimento na cidade de Loanda.....	936		
1 Companhia em Benguella.....	415		
3 Companhias em Pungo an dongo, Ambaca, e S. José d'Encoge, a 100 praças.....	300		
4 Companhias em Muxima, Massangano, Cambambe, e Novo Redondo, a 60 praças....	240	1:591	
CAVALLARIA.			
1 Esquadrão em Loanda.....	85	85	1.ª
ARTILHERIA.			
1 Companhia em Loanda.....	100		
1 Companhia em Benguella.....	415		
1 Companhia em Caconda.....	100	315	1:901
INFANTERIA.			
1 Regimento em Loanda.....	802		
8 Companhias em Ambaca, formando um corpo com commandante, e dous ajudantes, a 78 praças.....	627		
1 Companhia em Dombe grande da Quinzamba.....	100		2.ª
17 Companhias em Muxima; Massangano, 2; Pungo an dongo, Cambambe, Encoge, Novo Redondo, Calumbo, Icolo e Bengo, Dande, Golungo, Zenza e Quilengues, Dembos, cidade de Benguella, Bailundo, e no Bibé, 2; a 78 praças.....	1:326		
1 Companhia em Caconda.....	69		
1 Companhia na cidade de Benguella, de negros, Henriques.....	79	3:003	3:003
INFANTERIA.			
Officinas do terço de ordenanças em Loanda.....	33		
17 Companhias em Muxima, Massangano, Cambambe, Pungo an dongo, Ambaca, Encoge, Novo Redondo, Calumbo, Icolo e Bengo, Golungo, Zenza e Quilengues, Dembos, cidade de Benguella, Caconda, Bailundo, e 2 no Bibé; a 78 praças.....	1:326	1:359	1:359
Negros empacaseiros, que os sóvas são obrigados a dar para a guerra.....			
		20:000	20:000
Total — Homens.....			26:353

MAPPA DAS GUARNIÇÕES DE LOANDA, BENGUELLA, E PRESIDIOS, NO ANNO DE 1827.

ESTADO MAIOR E MENOR		OFFICIAES																	OFFICIAES INFERIORES									
		Coroneis	Tenentes coronéis	Majores	Ajudantes	Quarteis Meſtres	Cirurgiões-moſres	Ajudantes dos ditos	Secretarios	Portas Bandeiras e Es-tandartes	Sergentos de Brigada	Ditos Quarteis Meſtres	Sellheiros	Coronheiro	Tambor-mór	Mestre de musica	Musicos	Tobos	Capitães	Tenentes	Alfereſ	Sergentos	Fuzileis	Pifares e tambores	Trombetas	Ferradores	Cabos, anpaçadas, e Soldados	TODAS AS PRAÇAS
GUARNIÇÃO DA CIDADE DE LOANDA	Regimento d'Infanteria de Linha	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8	22	10	7	10	18	5	19			408	499	
	Batalhão expedicionario de Portugal.				1					1	1						3	1	1	4	12	2	7			145	175	
	Esquadrão de Cavallaria									1		1					2	2	2	2		2			1	55	66	25
	Companhia d'Artilberia			1													1		1	1	2	1	2			75	83	
	Total	1	1	2	3	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	8	28	13	11	17	32	10	28		1	683	823
GUARNIÇÃO DE BENGUELLA	Companhia d'Infanteria		1					1									2			1	2	1	1			49	54	
	Dita d'Artilberia																			1	1	1	1			48	52	
	Total		1					1									2			2	3	2	2			97	106	
GUARNIÇÕES DOS PRESIDIOS DE	Caconda																1		1	2	1	2				83	90	
	Novo Redondo																		1	1	2	1	1			45	51	
	Muxima																		1	1	1	1	2			45	51	
	Massangano																		1	2	1	1	2			46	53	
	Cambambe																		1	1	2	1	2			49	56	
	Pungo an dongo																		1	1	1	1	2			88	94	
	Ambaca																		1	1	2	1	2			72	79	
	S. José d'Encoge																		1	1	2	1	2			82	89	
	Total																	1	7	9	13	8	15			510	563	

NA IMPRENSA NACIONAL.

PART. 1.



N. 3

GNDB RIAIAPPA DAS GUAR

COMPANHIA DE CAVALARIA		COMPANHIA DE INFANTARIA	
Quantidade	Qualidade	Quantidade	Qualidade
1	Regimento d'Infantaria de Lisboa	1	Companhia d'Infantaria
1	Batalhão expedicionario de Portugal	1	Companhia d'Artilheria
1	Esquadrao de Cavalaria	1	Total
1	Companhia d'Artilheria	1	Total
1	Total	1	Total

Quantidade total de tropas de guerra de cavalaria e infantaria

Qualidade

MAPPA GERAL DAS MILÍCIAS DO REINO D'ANGOLA.

	ESTADO MAIOR E MENOR										OFFICIAES			OFFICIAES INFERIORES		Tombos	Cebos, ansepeçadas, e soldados	TONAS AS PRAGAS
	Coronel	Tenente coronel	Majores	Ajudantes	Quartil Meatre	Secretario	Portas Bandeiras	Sargento de Brigadas	Tambores-móres	Tombos	Capitães	Tenentes	Alfres	Sargentos	Fuzileiros			
GOVERNO DE LOANDA	Regimento da cidade.....	1	1	2		1	2	1	8	4	8	8	18	9	5	277	377	
	Companhia de Novo Redondo.....									1	1	1	2	1	1	54	61	
	Companhia do Presidio de Muxima.....									1	1	1	2	1	1	39	46	
	Companhia do Presidio de Cambambe.....									1		1	2	1	2	45	52	
	Tres companhias do Presidio de Massangano.....									3	2	2	6	3	4	203	233	
	Companhia do Presidio de Pungo an doogo.....									1		1	1			70	73	
	Oito companhias do Presidio de Ambaca.....																	
	Companhia do Presidio d'Encoge.....									1	1		2	1	1	65	71	
	Companhia do Districto do Dande.....												1	1	1		54	57
	Companhia do Districto do Icolo e Bengo.....												1	1	1	62	69	
	Companhia do Districto de Zenza e Quilengues.....										1	1	1	2	1	2	85	93
	Companhia da Provincia dos Dembos.....										1	1	1	2	1	1	70	76
Companhia do Districto do Golungo.....											1	1	2	1				
Companhia do Districto de Calumbo.....											1	1	1	1		56	60	
GOVERNO DE BENGUELLA	Companhia da Cidade.....										1	1	2	1		36	41	
	Companhia de Henriques.....	1								1		1	2	1		52	58	
	Companhia do Dombe Grande.....									1		1	2	1		5	10	
	Primeira companhia do Presidio de Caconda.....									1		1	2	1		105	110	
	Segunda companhia do dito Presidio.....									1	1		2	1		68	73	
	Companhia do Districto de Quilengues de Benguella.....										1	1	2	1		52	57	
Total.....	2	1	4		1	2		1	11	24	29	33	70	36	25	1919	2140	

N. B. O armamento do Regimento de Milicias acha-se hoje em bom estado, tendo eu feito substituir o que possuia quando entrei no meu governo, no qual em uma occasião de precisão se não poderam encontrar senão vinte e cinco armas em estado de dar fogo. O armamento das companhias não existe absolutamente, com pequenas excepções, motivadas das pequenas remessas d'armas, que tenho mandado fazer para algumas regencias (aonde não ha companhias de tropa paga), por se terem feito necessarias para diligencias de policia.

Existe a denominação de mais algumas companhias de Milicias, taes como as de Bailundo, Bibé, etc., as quaes com tudo nenhuma realidade tem, por serem titulos dados, a bello praxeir d'alguns capitães generaes intepassados, para obsequiar os sujeitos que dellas nomeavam officiaes, os quaes jáms iam áquelles districtos, e muito mais por serem elles de paizes não avassalados, aonde apenas vão alguns portuguezes negociantes d'escravos.

SAIDIM SAG MAPPA

Coronel	Tenente coronel	Regimento de cidade.....
		Companhia de Novo Fochacho.....
		Companhia do Presidio de Mazima.....
		Companhia do Presidio de Campande.....
		Três companhias do Presidio de Massangano.....
		Companhia do Presidio de Pango an Gongo.....
		Oito companhias do Presidio de Ambaca.....
		Companhia do Presidio d'Encoço.....
		Companhia do Distrito de Bande.....
		Companhia do Distrito de Icolo e Bengo.....
		Companhia do Distrito de Xansa e Quiçanga.....
		Companhia da Provincia dos Namor.....
		Companhia do Distrito de Gelongo.....

DEPARTAMENTO DE GUERRA

1827.

Mapa dos officiaes, sargentos, e cabos, das seis companhias do Terço d'Ordenanças na cidade de Loanda, e officiaes a elle addidos.

ESTADO EFFECTIVO	ESTADO MAIOR			COMPANHIAS				OFFICIAES ADDIDOS			
	Capitão-mór	Sargento-mór	Ajudantes	Capitães	Alfres	Sargentos	Cabos	Todos	Coronel	Capitães	Alfres
	1	1	2	4	6	4	13	31	1	6	9

N. B. Existe a denominação de diferentes Companhias d'Ordenanças nos Presídios e Districtos de todo este Reino: a saber: em Muxima, Massangano, Cambambe, Pungo an dongo, Ambaca, Encoge, Novo Redondo, Calumbo, Icolo e Bengo, Golungo, Zenza e Quilengues, Dembos, Cidade de Benguella, Caconda, Bailundo, e duas no Bibé; cumpre pôrém notar que além de não terem alguma realidade aquellas que são pertencentes a paizes não avassallados, taes como as do Bibé, e de Bailundo, por serem meros títulos, bem como acontece ás Milícias dos mesmos logares, que vem ainda a ser como não existentes todas as outras Companhias d'Ordenanças mencionadas nos Presídios e Districtos do Paiz avassallado; por quanto, á excepção das Ordenanças de Loanda, e de Benguella, nenhuma outra Companhia tem organização ou armamento; sendo os títulos dos officiaes dellas dados puramente como graças honorificas por arbitrio dos capitães generaes antecedentes, sem a menor attenção a effectividade do serviço; por quanto acontece, que a maior parte dos officiaes são pessoas existentes nesta cidade, ou em diferentes logares daquelles de suas companhias. Deve contudo advertir-se, que existe uma classe de pretos, que se denominam Empacassaios, derivado este titulo do amigo emprego, que tiveram seus ascendentes, da caça das empacassas, e outros animaes ferozes, os quaes tendo seus officiaes nomeados dentre si proprios, prestam ordinariamente serviços de policia, e mesmo de guerra, quando as circumstancias o exigem, tendo em remuneração o privilegio de serem izentos dos serviços de carregadores, e outros mais. Esta classe é verdadeiramente util; e por isso devendo subsistir, deverão anniquilar-se as denominadas Ordenanças, visto que os títulos dados d'officiaes dellas no interior do paiz, além de imaginarios só podem servir d'authorisar alguma oppressão aos desgraçados pretos, e de tornar em desprezo as distincções militares. O que em breve mais detalhadamente se deslina a propôr ao governo de Sua Alteza Serenissima, o governador e capitão general.

MAPPA DA FORÇA DE PRIMEIRA LINHA NOS REINOS D'ANGOLA E BENGUELLA NO ANNO DE 1845.

	ESTADO MAIOR														OFFICIAES				OFFICIAES INFERIORES				Cavallos										
	Coroneis	Tenentes coronéis	Majores	Ajudantes	Quarteis Meeres	Cirurgiões-moires	Ajudantes dos ditos	Secretarios	Porti-bandeiras e Es-tandartes	Sargentos de Brigada	Ditos Quarteis Meeres	Selleiros	Coronheiros	Tambor-mór	Mestre de musica	Musicos	Tonos	Capitães	Tenentes	Segundos Tenentes	Alferes	Sargentos		Segundos Sargentos	Furteis	Tambores	Trombetas	Ferreiros	Calos	Arripçães	Soldados	TODAS AS PRAÇAS	
GUARNIÇÃO DE LONDA	Batalhão d'Infanteria de Linha.....	»	»	1	1	1	1	»	»	1	1	1	»	»	1	»	6	14	5	0	»	20	7	8	3	14	»	»	124	15	444	563	»
	Companhia de Sapadores.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	2	»	»	2	»	»	1	»	»	5	»	67	78	»
	Esquadrão de Cavallaria.....	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	»	»	»	»	»	»	1	»	»	4	2	1	2	»	1	1	5	5	56	78	39	»
	Companhia d'Artilheria.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	2	3	»	1	2	2	»	2	»	8	5	66	92	»	»
	Somma.....	»	»	1	1	1	1	»	»	2	1	1	»	»	1	»	6	15	6	12	5	24	10	13	7	14	4	1	42	25	633	811	39
GUARNIÇÃO DE BENGUELLA	Companhia d'Infanteria.....	»	»	»	»	1	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	»	»	1	1	1	1	2	»	»	2	»	32	42	»	»
	Dita d'Artilheria.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	3	»	3	»	1	1	»	»	3	»	33	45	»	»	
	Somma.....	»	»	»	»	1	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	2	»	3	1	4	1	2	3	»	»	5	»	65	87	»	»	
GUARNIÇÃO DOS PRESIDIOS DE	Caconda.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	2	1	1	1	2	»	»	5	»	60	73	»	»	
	Novo Redondo (a).....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	50	»	»
	Muxima.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	2	1	2	»	»	»	6	5	89	107	»	»	
	Massangano.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	1	2	»	»	»	4	»	50	58	»	»
	Cambambe.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	1	1	1	2	»	»	»	3	»	95	104	»	»	
	Pungo an dongo.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	1	1	1	1	2	»	»	5	»	87	99	»	»	
	Duque de Bragança.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	»	1	2	1	2	»	»	4	»	111	122	»	»	
	S. José d'Encoge.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	1	1	1	1	2	»	»	5	»	83	95	»	»
	Ambaca (b).....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»
Somma.....	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	5	»	6	7	7	7	14	»	»	32	5	575	708	»	»	

(a) Faltam os mappas deste presidio cuja força vae orçada no total de cincoenta praças por ser aproximadamente aquella que costuma ter a sua guarnição; e por isso na casa da totalidade se observa um excesso de cincoenta sobre a somma das outras casas pelas quaes este total deveria repartir-se.

(b) A companhia de primeira linha que dantes guarnecia o presidio d'Ambaca passou em 1838, por ordem do governador Vidal, a guarnecer o novo presidio — Duque de Bragança, — ficando Ambaca considerada como districto para ser guarnecido pelas companhias moveis do Golungo.

N.º 7.

MAPPA DA FORÇA DE SEGUNDA LINHA DOS REINOS D'ANGOLA E BENGUELLA NO ANNO DE 1843.

	ESTADO MAIOR										OFFICIAES			OFFICIAES INFERIORES			Tambores	Cabos	Anpçegadas	Soldados	Tonos	
	Coroneis	Tenentes coroneis	Majores	Ajudantes	Cirurgião-mór	Quartil Metro	Porta Bandeira	Sargento Quartel Me- lre	Sargento de Brigada	Tambor-mór	Toiros	Capitães	Tenentes	Alfereis	Primeiros Sargentos	Segundos Sargentos						Furriéis
Batalhão nacional da cidade	1	»	»	1	1	»	1	1	1	1	7	8	8	13	8	13	»	12	23	»	146	245
Companhia movel de Novo Redondo (a)	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»
Companhia do Presidio de Muxima	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	2	1	3	»	1	6	6	46	67	
Companhia do Presidio de Cambambe	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	2	2	6	»	1	4	4	91	119	
Companhia do Presidio de Massangano	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	2	1	2	»	1	4	4	74	90	
Companhia do Presidio de Pungo andongo	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	2	1	2	1	3	1	»	7	7	87	111	
Quatro companhias do Districto de Ambaca	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	3	5	8	2	8	»	4	11	13	206	260	
Doas companhias do Presidio Duque de Bragança	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	2	1	4	2	4	»	2	6	5	63	89	
Uma companhia do Presidio S. José d'Encoge	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	2	1	2	»	1	5	3	52	67	
Companhia do Districto Dande	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	1	1	2	»	1	4	3	77	88	
Companhia do Districto Icollo e Bengo	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	3	1	4	»	1	4	4	121	139	
Companhia do Districto Zenza e Quilengues	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	2	1	2	»	1	4	4	104	120	
Companhia do Districto Dembos	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	1	2	1	2	»	1	4	4	74	90	
Companhia do Districto Golungo (b)	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
Companhia do Districto Calumbo (c)	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
Batalhão nacional da cidade	»	1	1	1	4	»	»	»	»	»	4	2	4	4	2	7	»	»	5	»	52	80
Companhia movel de Bihé	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
Companhia movel de Dombe grande	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
Companhia movel de Caconda	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
Companhia movel de Quilengues de Benguella	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	
Total	1	1	1	2	2	»	1	1	1	1	11	25	25	47	24	58	1	26	87	57	1190	1598

(a) Neste Presidio nunca se tem chegado a organizar a companhia movel, por ser mui limitada a população do seu Districto.

(b) As companhias moveis deste Districto são comprehendidas nas quatro acima indicadas como pertencentes ao Presidio d'Ambaca.

(c) Comprehende-se hoje no Districto do Presidio de Muxima; e por isso não tem companhia movel, ainda que antigamente tivesse uma de Milicias.

(d) Nas quatro localidades indicadas foram abolidas as antigas Milicias, e não se tratou de as substituir até agora com a criação de companhias moveis em conformidade com o que se praticou nos Districtos do Sertão d'Angola... e não são ellas por certo menos necessarias no Sertão de Benguella.

MAPPA DAS PRAÇAS DE GUERRA, PEQUENAS FORTIFICAÇÕES, PARQUES VOLANTES, BATERIAS, ARTILHERIA, E PROJECTIS DO REINO D'ANGOLA.

Praças de Guerra, pequenas Fortificações, e Parques		Calibres das peças de cada Fortificação ou Parque																Mort. ^o	Obuzes	Pedr. ^o	Projectis																									
		1		2		3		4		6		8		9		12					16		18		24		TOTAL	De bronze	De ferro	De 6 polegadas	De 5 1/2 diâs	De bronze	De ferro	Bombas de 9 polegadas	Lanternetas		Granadas		Ballas							
		De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro				De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro									De folha de Flandres	De coiro crú	D'Obuz	De mão	De differença calibres	Firmes a tacho	De tati	Para metralha				
GOVERNO DE LOANDA	Fortaleza de S. Miguel	13				1		2						10		4		11	12	4	1	12		9			46	2								24	236		78	268	3626	208	6400			
	Fortaleza de S. Francisco do Penedo	7										12	12					13	1	9							22	39		1							51						90			
	Fortaleza de S. Pedro da Barra	6		1											5		12		5		7				7			27									194				399	814		22840		
	Forte da Conceição	1																										4																50		
	Forte do Cacaco, e Barra do Dande	2																										6																30		
	Presidio de Novo Redondo	3			1			2	1					1														8										179			69	610	133			
	Presidio de Maxima	1			1					2																		6										97			89	310	125	3800		
	Presidio de Massangano	1			1					2																		7										221			201	130	40		8000	
	Presidio de Cambambe	1			1					1		1																3										42					78		197	
	Presidio de Pungo an dongo	1			1					1																		2										58						112		
	Presidio de Ambaca	1				3		4	1																			8										70			228					
Presidio de S. José d'Encoge	1			1	2					6																	9										74			57	267	51	13131			
GOVERNO DE BENGUELLA	Uma Fortificação e dois Reductos	11			1													10		6							32	2															4450			
	Presidio de Caconda	1			1	3			1	3																		8										82			328	384	279	25000	1105	
PARQUES VOLANTES	Parque de Loanda				3				8					5														20		4	3					166	3231	218	469	2627	2635		4400	8300		
	Parque de Benguella				7			2																				9									1145			295		660	20760			
	Parque de Quilengues de Benguella									1	1																	2										83			9	99	47	231		
Somma		51		2	17	8	3	4	15	16	1	1	8	31		6	4	54	3	26	1	2		32		2	236	4		5	3		2	190	5763	218	547	4570	13483	1748	136365	17305				

Uma das Baterias da Fortaleza do Penedo se acha em má estado, pela ruína que o mar tem feito na muralha, escavando-a pelo alicerce, a duas braças de profundidade do nivel da agua, fazendo-a abrir com algumas fendas. As outras Baterias desta, e das Fortalezas de S. Miguel, e S. Pedro, se acham em bom estado. As Baterias das Fortificações de Benguella, e de todos os mais Presidios, pela maior parte, se devem considerar em má estado, pela antiga ruína em que se achavam todas estas Fortificações: das Baterias, por não haver todas as peças precisas para este conhecimento, e por ser variavel a collocação das peças conforme as circumstancias. As peças d'Artilheria estão, com pequenas excepções, em bom estado, excepto tres da Fortaleza do Penedo, e duas arruinadas; tractando-se actualmente de sua renovação, o que já tem lido logar no meu governo para alguns dos Presidios; fazendo substituir alguns reparos aonde maior urgencia o tem exigido. A Artilheria dos tres Parques volantes e seus reparos acha-se toda em bom estado. Dos petrechos e munições de guerra alguma parte se acha arruinada, principalmente nos Presidios.

N.º 8
1781
Linda em 1812

MAPA DAS PRAÇAS DE TIERRAS E ALDEIAS

N.º	Lugar	Linha																			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10										
1	Aldeia de S. Miguel																				
2	Aldeia de S. Francisco do Bonito																				
3	Aldeia de S. Pedro da Forca																				
4	Aldeia de S. Antonio																				
5	Aldeia de S. João																				
6	Aldeia de S. Paulo																				
7	Aldeia de S. Maria																				
8	Aldeia de S. Joana																				
9	Aldeia de S. Rita																				
10	Aldeia de S. Ivo																				
11	Aldeia de S. Vicente																				
12	Aldeia de S. Estevão																				
13	Aldeia de S. Sebastião																				
14	Aldeia de S. Pedro																				
15	Aldeia de S. Antonio																				
16	Aldeia de S. João																				
17	Aldeia de S. Paulo																				
18	Aldeia de S. Maria																				
19	Aldeia de S. Joana																				
20	Aldeia de S. Rita																				
21	Aldeia de S. Ivo																				
22	Aldeia de S. Vicente																				
23	Aldeia de S. Estevão																				
24	Aldeia de S. Sebastião																				
25	Aldeia de S. Pedro																				
26	Aldeia de S. Antonio																				
27	Aldeia de S. João																				
28	Aldeia de S. Paulo																				
29	Aldeia de S. Maria																				
30	Aldeia de S. Joana																				
31	Aldeia de S. Rita																				
32	Aldeia de S. Ivo																				
33	Aldeia de S. Vicente																				
34	Aldeia de S. Estevão																				
35	Aldeia de S. Sebastião																				
36	Aldeia de S. Pedro																				
37	Aldeia de S. Antonio																				
38	Aldeia de S. João																				
39	Aldeia de S. Paulo																				
40	Aldeia de S. Maria																				
41	Aldeia de S. Joana																				
42	Aldeia de S. Rita																				
43	Aldeia de S. Ivo																				
44	Aldeia de S. Vicente																				
45	Aldeia de S. Estevão																				
46	Aldeia de S. Sebastião																				
47	Aldeia de S. Pedro																				
48	Aldeia de S. Antonio																				
49	Aldeia de S. João																				
50	Aldeia de S. Paulo																				

COMANDO DE TORO

ALDEIAS MORTUAS

N.º 9.

Mappa do material de guerra da Cidade de S. Paulo de Loanda em 1845.

	Calibres das peças														De dif-feren-tes ca-libres	Em máu estado	Total dos canhões	Obuzes	Pedreiros	Total das bocas de fogo	Projectis												
	1	1	2	3	4	6	8	9	10	12	16	18	24	Bombas							Lanternetas — diferentes calibres	Granadas		Ballas									
	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze	De ferro	De bronze									De ferro	D'Obuz	De mão	De diferentes cir-libres	Firmes e co							
Parque de Loanda	2	4	»	4	»	»	3	»	»	4	»	»	»	»	»	»	»	17	8	8	33	166	3613	17	32	3003	2903						
Fortaleza de S. Miguel	»	»	»	2	»	»	»	»	15	»	»	15	»	1	1	4	»	1	6	»	2	10	57	»	»	57	24	8	60	196	4235	»	
Fortaleza de S. Francisco do Penedo	»	»	»	»	»	»	2	2	»	»	13	»	1	10	»	»	12	»	6	»	»	46	1	»	47	»	43	»	100	1583	»		
Fortaleza de S. Pedro da Barra	»	»	»	»	»	»	5	2	»	5	»	»	7	»	»	7	»	»	»	»	»	26	»	»	26	»	»	»	195	976	»		
Somma	2	4	»	2	4	»	»	5	22	»	2	4	33	»	1	2	21	»	1	25	»	8	10	146	9	8	163	190	3664	77	523	9797	2903

N. B. Este mappa foi feito á vista dos mappas parciaes vindos de Loanda; e delles consta haverem áquelle tempo na Fortaleza de S. Miguel 18 peças desmontadas — sendo — 3 de calibre 18, — 1 de calibre 12, — 7 de calibre 9, — e 7 de calibre 6; — e bem assim 2 canhões de calibre 24, tambem desmontados na Fortaleza de S. Francisco do Penedo.

Na folha civil figura em primeiro logar o ordenado do Governador Geral — de cinco contos de réis moeda provincial (equivalente dos quatro contos de réis em moeda de Portugal, que lhe marca a tabella do decreto de 7 de Dezembro de 1836); — e logo depois o do Secretario Geral — de um conto duzentos e cincoenta mil réis, moeda fraca (equivalente de um conto de réis moeda forte, que lhe attribue a dita tabella): nenhum destes ordenados é certamente excessivo: a composição porém do pessoal da Secretaria parece-me um pouco extravagante: vejo alli — um official maior com trezentos mil réis — um dito *menor* com cento e cincoenta mil réis — cinco amanuenses, cada um com cento e oitenta mil réis (mais do que o official menor!) — mais dous ditos, um com cento e vinte e dous mil e quatrocentos réis, outro com trinta e seis mil réis, — e um porteiro com sessenta mil réis; — além de um official da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar em commissão com quinhentos mil réis (1). . . Não seria melhor organização — um primeiro official com quatrocentos mil réis; — um segundo dito com trezentos mil réis; — dous primeiros amanuenses, cada um com duzentos mil réis; — dous segundos ditos, cada um com cento e cincoenta mil réis; — um porteiro com sessenta mil réis; — e um continuo com sessenta mil réis? . . . — A cifra seria a mesma (não fallando na verba extraordinaria do official em commissão), e a gradação mais regular, affiançando uma serie de promoções aos bons empregados, que assim remunerados e cheios d'esperanças farão melhor serviço, podendo tambem admitir-se alguns praticantes com a expectativa de entrarem nas vagas dos amanuenses conforme o seu mérito e habilitações: e tambem me parece não poder dispensar-se em uma repartição daquellas um continuo para o serviço interno, além do porteiro, cujas obrigações são todas externas.

As duas verbas que constituem no orçamento a despeza da junta da fazenda, são o ordenado de oitocentos mil réis ao thesoureiro geral, — e o de um conto e seiscentos mil réis ao escrivão: quanto a este ultimo direi francamente, que o acho excessivo, por não estar em proporção nem com os dos outros empregados d'Angola, nem com os dos escrivães de todas as outras juntas de fazenda das demais possessões ultramarinas: parece-me que o escrivão da junta não deve exceder em vencimento ao secretario geral. A contadoria daquella junta compõe-se de — um contador com oitocentos mil réis — um primeiro escripturario com quinhentos mil réis, e

(1) Este empregado já recolheu a Portugal.

mais dous escripturarios (tambem *primeiros*) cada um com quatrocentos mil réis; — tres segundos ditos, cada um com trezentos mil réis; — dous terceiros ditos, cada um com duzentos mil réis; — dous amanuenses com cento e cincoenta mil réis cada um; — cinco aspirantes cada um com cem mil réis; — um *official ordinario* com duzentos mil réis; — um porteiro com trezentos mil réis, — e um continuo e correio com cem mil réis. — Acho este pessoal de 19 pessoas excessivo, e algum tanto anómalo: e parece-me que bastaria haver — um contador com oitocentos mil réis, — quatro escripturarios, cada um com quatrocentos mil réis; — quatro amanuenses de primeira classe, cada um com duzentos e quarenta mil réis; — quatro ditos de segunda classe, cada um com cento e cincoenta mil réis; — um guarda livros com trezentos mil réis; — um porteiro com cento e cincoenta mil réis; — e um continuo com cem mil réis — além de quatro praticantes (ou mais) sem outro vencimento, que a expectativa do accesso; e tambem julgo poder eliminar-se a verba de duzentos mil réis para gratificações; a de *um conto de réis para material e expediente* será, a meu vêr, superior aos gastos de uma tal repartição: inutil me parece tambem a *secção da fazenda dos defuntos e ausentes* (tribuneca que não sei que exista em nenhuma outra provincia) com — um inspector, — um thesoureiro, — um chefe de secção, — e um segundo escripturario, — dependendo ao todo um conto e cem mil réis: é forçoso acabar com uma tal antigualha: o inspector natural da fazenda dos defuntos e ausentes é o escripturario da junta; o seu thesoureiro o thesoureiro geral da provincia; (embora entre o dinheiro em cofre separado); e a sua escripturação, ainda que separada e distincta, pertence á contadoria geral da fazenda. Tenho pois para mim que nas despezas da junta da fazenda, e sua contadoria, pôde bem effectuar-se uma economia de mais de tres contos de réis, que em outra parte acharão applicação: talvez mesmo no artigo seguinte. É o da *alfandega*, cujos ordenados me parecem mui diminutos, ainda mesmo que alguns dos empregados percebam avultados emolumentos *licitos*; porque desejo que os empregados fiscaes vivam abastadamente cumprindo honradamente com as obrigações do seu cargo: entendo pois que o director d'alfandega de Loanda, que hoje com o titulo de *administrador* tem de ordenado só quatrocentos e oitenta mil réis, deveria vencer oitocentos mil réis, — e seiscentos mil réis o escripturario da mesa grande, que só tem quatrocentos mil réis; e bem assim quatrocentos mil réis — tanto o escripturario da abertura, como o guarda mór (ambos os quaes não vencem actualmente mais que duzentos e oitenta mil réis cada

um), — e ainda mesmo que o verificador passasse dos trezentos mil réis que tem a quatrocentos mil réis: o porteiro deve ganhar trezentos e sessenta mil réis d'ordenado; e os seis guardas de numero pelo menos cento e vinte mil réis cada um, em vez de setenta mil réis, que é mui pouco: nada direi do thesoureiro, para o qual me parece razoavel o vencimento que tem de trezentos mil réis (dando-se-lhe alguma quantia para quebras); — nem do fiel e feitor, que percebe duzentos e trinta mil réis; — mas ao fiel dos armazães da estiva, bem poderiam dar-se em vez de cem mil réis ao menos cento e vinte mil réis: honesta me parece a gratificação (de quatrocentos réis no mar, e duzentos réis em terra) aos guardas extraordinarios; mas *para material e expediente*, julgo demasiado grossa a verba de seiscentos e quarenta mil réis, e tambem a de quatrocentos e dous mil réis para o escaller da visita, que bem pôde ser tripulado com escravos libertos. Com as alterações que proponho a alfandega de Loanda, que custava cinco contos duzentos e sessenta mil réis, poderá vir a despender até seis contos e quinhentos mil réis; porém se mediante o augmento dos vencimentos se conseguir obter para aquelles cargos homens incorruptiveis, e zelosos pelo interesse da fazenda publica vêr-se-ha crescer o seu rendimento para mais de cem contos de réis em cada anno: quem paga mal não deve esperar ser bem servido.

O artigo 5.º importa em um conto cento e um mil e seiscentos réis — sendo quinhentos e cincoenta mil réis para o almoxarife da cidade de Loanda — trezentos e cincoenta mil réis para os sete almoxarifes dos presidios, a cincoenta mil réis cada um, — e para os sete escrivães duzentos e um mil e seiscentos réis, a vinte e oito mil e oitocentos réis cada um. Quanto ao primeiro só tenho a repetir o que já disse — que o almoxarifado de Loanda deve ser, como o de Goa, uma repartição do arsenal; e pelo que respeita aos outros ainda mesmo considerando a barateza dos generos nos presidios do interior, acho extremamente mesquinhos taes ordenados.

Aonde eu porém reclamo um grande augmento de despeza é no ultimo artigo, que apenas confere ao *ensino publico* uma verba de seiscentos e quarenta mil réis: logo que possa levar-se a effecto o que propuz no capitulo antecedente, já se vê que esta cifra deverá talvez quadruplicar; e abençoado será um tal excesso de despeza por todos quantos sabem avaliar quanto é productiva a instrucção do povo.

Na folha ecclesiastica e judicial a primeira verba é a mesquinha congrua de um conto de réis para o bispo de Angola e

Congo (1): a segunda é de um conto e duzentos mil réis para o governador do bispado (2), e log; a de quarenta mil réis para o promotor do juizo. Segue-se a despeza com o pessoal da Sé, que deveria ser de oito contos e sessenta e seis mil réis, com quatro dignidades (3), dez conegos, seis capellães, e dous meninos do côro, um fabricante, e um cura; porém deduz-se deste toda a quantia de quatro contos e oitocentos mil réis, — ou mais propriamente de quatro contos e trezentos mil réis (4) correspondente ás vagaturas de uma dignidade, e nove cadeiras de conegos: bem poderá esta economia ser vantajosamente applicada á instauração do seminario episcopal, que tão necessario está sendo áquelle paiz, e de que já fallei largamente no capitulo 7.º deste mesmo livro. . . E quando a não bastasse, ainda se poderia *infelizmente* destinar para a primeira fundação do seminario a *desgraçada* economia de quatro contos e quatrocentos mil réis na verba de cinco contos e duzentos mil réis correspondentes ás congruas de um cura da parochia urbana de N. Senhora da Conceição, e das vinte e cinco parochias do sertão (5) de que apenas tres estão providas de parochos, e só de nove existem em pé as igrejas, as quaes não poderão certamente ser todas desde logo pastoreadas por falta de sacerdotes em quanto o seminario episcopal os não habilitar. . . *Dê-se a Deos o que é de Deos* para que as maximas civilisadoras do evangelho dissipem naquella região agreste as trévas da ignorancia, e da torpe idolatria! . . . E mais completo será o triumpho da illustração se cada um dos parochos accumulando á sua congrua de duzentos mil réis o ordenado de cem mil réis como professor de primeiras letras, se obrigar a manter uma escola publica e gratuita a todos os meninos da sua freguezia, a quem ensine conjunctamente com as divinas as letras humanas. . . É pois o meu desejo vêr os nove contos de réis, — que no estado actual se abatem dos treze contos duzentos e sessenta e

(1) A congrua do bispo neaba de ser elevada por lei a um conto e seiscentos mil réis — o que ainda é bem pouco. Os antigos bispos d'Angola percebiam uma propina de cento e cincoenta réis da certidão de baptismo por cada escravo que embarcava, e isto lhes dava um reddito de dous a tres contos de réis cada anno: além d'isso pelo Trem se lhes fornecia agua, lenha, e carvão; e hoje nada disso tem.

(2) Esta gratificação deve acabar com a chegada do bispo.

(3) Aquella Sé foi creada com cinco dignidades, mas no orçamento não se faz menção do *maestre de ceremonias*, e só se trata do deão — chantre — arcediogo e thesoureiro mór.

(4) Quinhentos mil réis é a congrua do arcediogo, que está servindo de governador do bispado.

(5) De algumas dellas nem vestigios restam, como atraz deixo dito no capitulo 7.º, outras muitas carecem de reedificação de novo logo que para ellas se ache parochos.

seis mil réis destinados á igreja d'Angola — applicados á restauração do culto catholico naquella provincia.

A justiça apenas despense em Angola — um conto e quinhentos mil réis (diz o orçamento) com o juiz de direito (1) — e duzentos mil réis ao delegado, — que tem na verdade um vencimento bem tenue.

Passo á folha militar, aonde ha pouco talvez a alterar. O estado maior do governador compõem-se de tres ajudantes de ordens (2) — que custam — um conto duzentos e trinta e tres mil novecentos e setenta e cinco réis; e ha ahi de mais uma verba de oitenta e um mil e seiscentos réis para um *official inferior com a denominação de capitão da guarda, e exercicio de reposteiro da sala do docel nos cortejos*: é uma antigualha, que bem podia supprir-se: naquellê mister poderá sem duvida empregar o governador qualquer inferior dos corpos de primeira linha. Os commandos das fortalezas de — S. Miguel — S. Francisco, — e S. Pedro — devem importar — um conto cento e cincoenta e dous mil réis; porém hoje custam menos por estarem as duas de S. Miguel, e S. Pedro commandadas por capitães de primeira linha dos corpos do paiz em commissão.

Segue-se a companhia de sapadores, a qual tendo devidamente preenchida (como é muito para desejar) o seu quadro de cento e cinco praças — custará sete contos novecentos setenta e sete mil e duzentos réis (3).

A companhia d'artilleria consta de cento e quarenta e tres praças (4) — além de seis praças addidas, e importa em nove contos trezentos e oitenta e oito mil seiscentos e setenta réis. É para lamentar que os officiaes desta companhia, como da de sapadores, não tenham os estudos proprios das suas armas. O costeio do esquadrão de cavallaria de setenta homens ao todo, e sessenta cavallos deveria importar em sete contos novecentos e setenta e seis mil duzentos e vinte réis (5).

(1) O juiz de direito d'Angola tem por lei um conto de réis, moeda forte, que equivale a um conto duzentos e cincoenta mil réis em moeda provincial: os outros duzentos e cincoenta mil réis não sei de que provenham.

(2) Aos governadores geraes só competem por lei dous ajudantes d'ordens.

(3) Hoje deduz-se desta quantia a de quatro contos seiscentos oitenta e cinco mil oitocentos e trinta réis — correspondentes a cincoenta e nove praças, que lhe faltam ainda.

(4) Dessas cento e quarenta e tres faltam-lhe actualmente quarenta e quatro praças; e por isso a sua verba tem o abatimento de dous contos quatrocentos e quarenta e cinco mil quinhentos e vinte réis.

(5) Faltam-lhe porém nove homens, e vinte e um cavallos, a que corresponde uma deducção na despeza de um conto quinhentos e noventa e dous mil quinhentos réis.

O batalhão de infantaria de setecentas e vinte praças — entrando a musica, — e regularmente dividido em oito companhias exige no estado completo uma despeza de cincoenta contos quatrocentos e setenta e oito mil cento e noventa e cinco réis (1). É esta força de primeira linha da cidade de Loanda. Os sete presidios são guarnecidos por outras tantas companhias, as quaes são indicadas no orçamento com o total de quatrocentas e noventa e sete praças, que fazem a despeza de vinte e tres contos seiscentos e quarenta e um mil setecentos e sessenta réis (2). Depois destes corpos regulares segue-se a companhia de segurança publica de Loanda composta de trinta e uma praças, que fazem excellente serviço de policia, e apenas despendem um conto quatrocentos e oitenta e cinco mil réis.

Vem em seguida os corpos de segunda linha, sendo o primeiro — o batalhão de voluntarios de Loanda — cuja despeza com um major, um ajudante, e oito tambores das oito companhias (que contam duzentas e trinta e oito praças) é de réis oitocentos e vinte e dous mil seiscentos e dez: apoz elle vem no orçamento um chamado — batalhão de caçadores da rainha (3) com uma verba de quatrocentos setenta e quatro mil quinhentos e trinta e cinco réis para um ajudante e seis corneteiros: esta despeza porém parece superflua, visto não ter até hoje apparecido um só mappa da organização de tal corpo. As companhias moveis dos presidios apenas despendem seiscentos setenta e um mil seiscentos e oitenta réis, com o pret e fardamento de dezeseis tambores.

Sob o titulo de — *officiaes avulsos* — vem a verba de oitocentos sessenta e quatro mil réis aos tres capitães das barras do Dande, Bengo, e Calumbo (4); cento quarenta e quatro mil réis da gratificação ao inspector da manada cavallar (que muito maior a mereceria se fosse um bom coude); duzentos oitenta e oito mil réis ao auditor; e cento trinta e dous mil réis (soldo antigo d'alferes) ao Santissimo Sacramento.

Os reformados vem logo depois: são elles — um coronel, um tenente, e um major, para os quaes se applica a verba de um conto

(1) Abate-se deste total a quantia de quatorze contos oitocentos e setenta e sete mil seiscentos e trinta e cinco réis, correspondente a duzentas e dez praças que he faltam.

(2) Nestas companhias apenas faltam tres tenentes, e um cabo, o que dá uma economia de oitocentos e setenta e tres mil quatrocentos e cincoenta réis.

(3) Veja-se o que ácerca deste batalhão deixo escripto no capitulo 6.º deste livro.

(4) Deduzem-se quinhentos e setenta e seis mil réis, por estarem vagas as capitánias das Barras do Bengo e Calumbo.

quatrocentos setenta e seis mil réis: e em seguida o monte-pio de cento e cinquenta mil réis a uma unica pensionista.

A despeza do hospital militar, que se figura de doze contos cento e setenta mil réis (1), parece-me demasiado crescida, não pelos ordenados, aliás vantajosos, dos seus seis empregados; mas pela desproporcionada prestação de nove contos seiscentos mil réis á sua junta administrativa: . . . desproporcionada digo porque não está em proporção com o movimento da enfermaria militar; e muito mais porque não acho na receita verba alguma dos descontos, que devem soffrer as praças que nelle se curam, os quaes talvez bastariam para o seu tratamento: se aquella quantia se dá ao hospital como esmolla, por ser tambem hospital da misericordia, não cabia então na folha militar.

Por ultimo a folha militar conclue com a despeza do Trem nacional — de dezenove contos duzentos e quarenta e dous mil réis (2), e a do almoxarifado — de trinta e sete contos e duzentos mil réis. Estas duas repartições, hoje separadas, desejo eu vêr reunidas em um só arsenal de marinha e guerra, modelado pelo de Goa, como deixo indicado no capitulo 8.º deste livro; e tenho para mim que estas duas verbas reunidas á de cinco contos e seiscentos mil réis que se gastam com os libertos, serão sufficientes para manter o estabelecimento proposto, e satisfazer aos fornecimentos, nos quaes por ventura não terá havido até hoje a mais rigorosa economia.

Nestas tres folhas se comprehende toda a despeza d'Angola propriamente dita. Segue-se a — despeza extraordinaria — quasi toda ella alheia áquella provincia, como se vae vêr. A primeira verba, e a mais avultada, que nella apparece, é a chamada despeza da marinha, e vem a ser — a importancia dos soldos e comedorias ás guarnições dos navios da estação naval, a qual monta a cincoenta e quatro contos seiscentos e trinta mil réis: a segunda e terceira verbas são a quantia de oito contos de réis para soldos e comedorias das guarnições dos navios de viagem, — e a de quatro contos de réis para as guarnições dos paquetes. — Todas estas quantias devem ser debitadas ao cofre do ministerio da marinha e ultramar, aonde tem os seus creditos no respectivo orçamento. Não está nesse caso a verba seguinte de cinco contos e seiscentos mil réis para rancho e vestuario dos libertos em deposito (que eu entendo deverem comprehen-

(1) As vacaturas do segundo e terceiro boticarios occasionam a esta cifra o abatimento de quatrocentos e oitenta mil réis.

(2) De que apenas se deduzem cento e cincoenta e seis mil réis, pela vaga de um amanuense.

der-se, como no capitulo 8.º indiquei — no novo plano do arsenal); e menos ainda a de quatro contos de réis para correios do interior (que eu réputo até *despeza ordinaria*, sendo este um objecto interessantissimo para o qual conviria fazer quanto antes acertados regulamentos). — Estas duas verbas pois na importancia de nove contos e seiscentos mil réis pertencem de direito ao orçamento da provincia (1). Deve porém excluir-se daquelle orçamento a quantia de tres contos de réis, que custa a commissão mixta, a qual cá está incluída no orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros: e tambem não pertence ao orçamento d'Angola a prestação de cento e oitenta mil réis a um egresso, que para lá foi cumprir sentença.

Para ser irregular em tudo este orçamento d'Angola, apparece no fim um *addicionamento* com verbas que deveriam ter entrado na folha militar, aonde tinham o seu lugar competente. A primeira é de — trezentos e dezoito mil quatrocentos e noventa réis, procedentes do accrescimo de um ferrador, e quatro soldados no esquadrão de cavallaria; — a segunda mostra o accrescimo de um tenente e quinze alferes (dous delles graduados) no batalhão d'infanteria (2), occasionando a despeza de réis dous contos novecentos e um mil e seiscentos: a terceira verba finalmente é de oito contos quarenta e nove mil e trezentos réis, proveniente de pret e fardamento de duzentos e dez soldados, que mui convenientemente se iam augmentar nas companhias dos presidios (que ficarão tendo a força de cento e uma praças cada uma). Tudo isto porém vem mal arrumado; e com tudo eu julguei dever seguir nesta analyse passo a passo a ordem, boa, ou má, do orçamento que tenho á vista; lamentando não achar nelle nem a mais pequena verba para *obras publicas!* . . . Considerando pois as quantias que será indispensavel applicar a *esta necessidade*, e a outras que atraz deixo notadas, creio que a despeza d'Angola por si só deverá subir á cifra de duzentos contos de réis; porém o rendimento da sua alfandega deverá elevar-se a perto de trezentos contos, se fôr bem administrada, não fallando nas outras receitas publicas.

(1) Com quanto assim seja, eu não duvido eliminar do Orçamento d'Angola toda a *despeza extraordinaria*; pois para encontro com estes nove contos seiscentos mil réis temos a abater na verba do almoxarifado os fornecimentos de mantimentos e sobre-celentes, etc., aos navios de guerra, que eu avalio em muito mais de dez contos de réis. — e que devem ser pagos pela verba do armamento naval no Orçamento do Ministerio dos Negocios da Marinha.

(2) Isto prova a conveniencia de não se despacharem mais alferes para Angola em quanto os que lá estão de sobra não forem devidamente empregados naquella Provincia, ou na de S. Thomé e Príncipe. Excepção teve ser feita de algum que se offereça com estudos mathematicos, de que lá ha tamanha falta.

Da receita de Benguella já tratei conjuntamente com a de Angola: no seu porto ha grande movimento mercantil, ainda que muito menor do que em Loanda; e a sua alfandega deve render muito mais de cem contos de réis, em vez dos setenta e dous contos de réis que hoje rende: sinto-lhe porém difficuldade em achar empregados idoneos e incorruptiveis para terra tão doentia (a par da qual Loanda é um paraizo); e por tal motivo julgo que conviria antes arrematar a dita alfandega a quem offerecesse o lanço de cem contos de réis, — e por ventura que haverá lá mesmo quem a queira por tal preço.

Entrarei na analyse da despeza, começando pela folha civil — o governador subalterno tem de ordenado dous contos de réis (moeda provincial) — trezentos mil réis o secretario, — cento e cincoenta mil réis o official ordinario, — sessenta mil réis o porteiro, — e um copista, a quem se paga quinhentos réis diarios nos dias uteis. . . Tudo isto é bem modico.

Não o é menos a despeza da delegação da junta da fazenda, que consiste em novecentos mil réis (seiscentos mil réis para o escriptivo e trezentos mil réis para o thesoureiro). A da contadoria não excede de réis dous contos novecentos e vinte mil réis (1) — a saber — trezentos mil réis ao escripturario ordinario, — e outros trezentos mil réis ao extraordinario; — trezentos mil réis a dous amanuenses (de que um logar está vago, deixando a economia de cento e cincoenta mil réis): vagos estão tambem os dous logares de praticantes, cada um com cem mil réis: tem mais um porteiro, que vence cento e vinte mil réis; — e dous copistas, cada um dos quaes ganha quinhentos réis nos dias uteis: a despeza do material vem orçada em quinhentos mil réis, o que lá parece muito de mais.

Na alfandega o director (que lá chamam administrador) tem só quatrocentos mil réis de ordenado, o que me parece mui pouco, devendo na minha opinião ganhar seiscentos mil réis, como ganha o escriptivo da fazenda, que o é tambem da mesa grande da alfandega sem nenhuma gratificação por isso: o thesoureiro tem trezentos mil réis: o escriptivo da abertura não vence ordenado por ser o escripturario da contadoria: o guarda-mór vence duzentos e oitenta mil réis; o porteiro cento e vinte mil réis; — quatro guardas de numero a setenta mil réis cada um; e uma verba de seiscentos mil réis para material, despezas miudas, e mantimentos aos guardas quando

(1) E todavia se devermos ajuizar pela escripturação dos dous Orçamentos a contadoria de Benguella tem melhores copistas que a de Angola, cujo Orçamento é vergonhoso até na fórma. O de Benguella tem defeitos essenciaes; mas no menos a apparencia é decente.

estão embarcados. A despeza total é de um conto novecentos e oitenta mil réis: na verdade é bem barata; mas eu quizera que fosse mais cára; — que os empregados pagos tenham vencimentos mais avultados; e que não haja ahí empregados gratuitos: desconfio de tal abnegação; e parece-me improprio que seja escrivão da alfandega, o escrivão da fazenda, a quem como tal compete fiscalisar a gerencia dos empregados fiscaes. Melhor fôra que a folha da alfandega importasse em tres, ou quatro contos de réis, e a alfandega rendesse o que deve render. Impropriamente vem mencionados nesta folha civil o juiz ordinario e sub-delegado, — menção aliás desnecessaria, porque nenhum delles vence ordenado. Segue-se a verba de duzentos setenta e oito mil e oitocentos réis para os almoxarifados, — sendo duzentos mil réis para o almoxarife da cidade — cincoenta mil réis para o de Caconda, e vinte e oito mil e oitocentos réis para o escrivão. Conclue emfim a folha civil com dar-nos a hêm triste noticia de que em Benguella não havia (em 1844) ensino publico, estando vagos os dous logares — de professor de primeiras letras, — e de mestra de meninas, — cada um dos quaes tinha de ordenado cento e vinte mil réis.

A folha ecclesiastica importa em quatrocentos mil réis — das congruas dos dous vigarios das parochias — da cidade, — e do presidio de Caconda, — cada um dos quaes vence duzentos mil réis. Ha tanto tempo jaz abandonada a igreja de Quilengues, que nem já della se falla nos orçamentos. Na folha militar a despeza do estado maior consiste em trezentos mil réis — soldo e gratificação de um alferes *ajudante d'ordens* (diz o orçamento, mas supponho ser *alferes ás ordens* que é o que compete aos governadores subalternos, e mesmo por não ter abono de forragens). Aparece depois a companhia d'artilheria de cento e quinze praças, que deveria custar sete contos setecentos e quarenta e tres mil seiscentos e cincoenta réis; porém feita a deducção de tres contos de réis para *praças não existentes, e postos vagos* (que não diz quaes sejam) fica em quatro contos setecentos e quarenta e tres mil seiscentos e cincoenta réis. Segue-se a companhia de infantaria de cento e dezoito praças, que deveria despende — oito contos quatrocentos e onze mil seiscentos e cincoenta réis; mas soffre uma deducção de quatro contos de réis para *praças licencçadas não existentes, e postos vagos* (que se não apontam) ficando por isso em quatro contos quatrocentos onze mil seiscentos e cincoenta réis (1).

(1) Já se vê que em Benguella se fazem os Orçamentos em globo pelo systema de — pouco mais ou menos.

Havia em Benguella (segundo o orçamento) — um destacamento de Loanda de trinta e uma praças, que despende oitocentos e cincoenta e quatro mil e seiscentos réis; — e um contingente de Loanda de oitenta e uma praças, importando em seis contos novecentos e setenta e quatro mil trezentos e setenta e cinco réis: — e no novo presidio da bahia de Mossamedes havia um destacamento de Loanda de trinta e quatro praças de diferentes armas, ao qual estavam additos dezeseite libertos — quinze deportados, — e tres prêsos das galés, — vindo a custar a guarnição desse novo presidio — tres contos cento e vinte e sete mil e setecentos réis (1).

Segue-se o presidio de Caconda cuja guarnição de cento e uma praças despende — tres contos trezentos e quarenta e nove mil e cem réis, e mais cincoenta e oito mil e quatrocentos réis de soldos por esmolla que o Estado paga a Nossa Senhora da Conceição, e a Santo Antonio, e de que se sustenta a fabrica daquella parochia.

Depois a verba de duzentos e quarenta mil réis para os dous regentes (commandantes) dos districtos de Catumbella, e Dombe Grande, — cada um dos quaes percebe — cento e vinte mil réis de gratificação (2). Sob a epigraphie de hospital militar vem as verbas — de trezentos mil réis para o cirurgião mór — duzentos e quarenta mil réis para o boticario, e uma dotação de um conto de réis para custeio etc.

Parece-me que sendo este hospital militar o mesmo da misericordia, o qual percebe os dizimos de todas as terras de Benguella, se podia bem poupar esse conto de réis de dotação a um hospital rico, deixando-se-lhe unicamente os descontos dos soldos e prêsos dos militares que lá se curam, — descontos que ao ler os orçamentos pareceria não estarem em uso nem em Angola, nem em Benguella. . . Fora mister aclarar este ponto.

Segue-se a verba de tres contos oitocentos e sessenta e cinco mil réis da despeza que se faz com — um director — um porteiro — um conductor — e um guarda de um telheiro de salgar carnes pomposamente decorado com o nome de *Trem nacional*; e com dous ferreiros, dous pedreiros, e oito serventes, e mais vinte e dous marinheiros cabindas, os quaes só á sua parte devoram dous contos cento

(1) Não seria melhor acabar com esse systema anti-militar de destacamentos e contingentes, e mandar mais uma companhia de Linha para Benguella, e outra para Mossamedes, tirando-se desta o destacamento para a Huila? . . .

(2) Vê-se por aqui que os commandantes dos dous districtos — Quilengues e Bihé — não percebem gratificação.

e vinte e tres mil réis. Estou persuadido de que com dous terços desta despeza se poderia ter alli um patrão mór com duas lanchas bem equipadas (tendo para ellas seis marinheiros cabindas para patrões e proeiros, e vinte e quatro a trinta libertos para remadores); e de mais um ferreiro, — um pedreiro, — um carpinteiro — um calafate, e um tanceiro — cada um com seu aprendiz; — e ainda se poderia poupar pelo menos um conto de réis.

Muito maior deve ser a economia, mediante uma fiscalisação rigida, na enormissima quantia de réis trinta e tres contos duzentos sessenta e seis mil quinhentos e trinta e sete — que apparece com a epigraphie de *almozarifado da cidade*: começa por espantar a todos uma verba de quinhentos e sessenta e um mil réis de azeite de amendoim para luzes dos quartéis e guardas, que não passam de quatro ou cinco!... Mas ainda cresce o espanto ao vér que se despende em Benguella trinta e dous contos setecentos e cinco mil quinhentos e trinta e sete réis em *generos fornecidos ao Trem, embarcações de guerra, e repartições de serviço publico* — só quatro contos menos que a verba (que eu já reputo excessiva) applicada para os mesmos fins em Loanda, aonde o Trem, e as outras repartições são de outra magnitude que não as de Benguella; — o movimento do serviço publico muito mais consideravel; — e os navios de guerra devem fazer muito menor despeza em Benguella, aonde tocam de passagem, do que em Loanda aonde ha uma estação permanentemente (1): apenas esta quantia poderia admittir-se, se nella se incluem alguns fornecimentos extraordinarios mandados para o novo estabelecimento de Mossamedes, — o que aliás não vem indicado.

Tambem é pena que naquelle tempo se applicasse a avultada somma de doze contos novecentos e setenta e cinco mil e cem réis cada anno ás construcções na bahia do Lobito, cuja localidade parece não ter correspondido á vantajada idéa que della se formava: e entendo que tanto essa quantia, como as economias, que deixo acima apontadas, terão melhor applicação — 1.º — em dar rapido incremento á começada feitoria na bahia de Mossamedes — 2.º — á fundação do novo presidio na Huila, que vae assegurar-nos o dominio util das fertes terras do Bumbo, e a communicação directa de Mossamedes com Caconda.

Aqui termina a despeza de Benguella; pois a que vem com o titulo de *extraordinaria* na importancia de — réis trinta e um contos cento e sessenta e dous mil oitocentos e dezeseis provém de paga-

(1) Deve tambem advertir-se que os viveres são em Benguella muito mais baratos que em Angola, e por isso custam muito menos as matalagens.

mentos de soldos e comedorias feitas ás guarnições dos navios do Estado, e por isso está comprehendida no orçamento do Ministerio da Marinha e Ultramar.

Deduzindo porém esta quantia de trinta e um contos do total de cento e quinze contos, a que monta toda a despeza, teremos que a despeza real de Benguella — ordinaria e extraordinaria — é de oitenta e quatro contos de réis (comprehendendo as novas fundações), feitas as restricções necessarias nas despezas excessivas, mas por outro lado já fiz vêr, que só o rendimento da alfandega de Benguella, sendo bem administrado, deve ir a muito além de cem contos, — o que dá uma avultada sobra. Além disso parece-me que conviria estabelecer desde já uma alfandega na bahia de Mossamedes, e abrir aquelle porto ao commercio portuguez, — e por ventura ao das nações mais favorecidas. Dalli se pôde carregar para Portugal muito marfim e muita urzella (que ha immensa nas visinhanças), — e para toda a parte do mundo muita courama, cera, gomma etc.; e os navios inglezes de Santa Helena bem podem ir lá provêr-se de gados, como por vezes tem ido a Benguella; porque lhes fica mais perto, — são mais baratas as rezes, — e vão achar um bom porto, bom clima, e boa aguada: estou persuadido de que uma alfandega em Mossamedes dentro em poucos annos renderia para o custeio do estabelecimento.

Concluo pois de toda esta analyse — 1.º — que as receitas de Angola e Benguella não são hoje menores (como se quer fazer crer, mas as contas officiaes provam o contrario) do que o eram no tempo do trafico da escravatura, e no tempo do contrabando — 2.º — que nem então, nem até agora hão sido o que devem ser; porque esta provincia ultramarina tem sido quasi sempre uma cevadeira para enriquecer alguns homens, sem aproveitar á nação; mas que se começar a ser bem administrada pôde desde logo duplicar, e em breve triplicar as suas rendas — 3.º — que para chegar a este desideratum é mister, por um lado tolher os desperdicios, mas por outro não ser mesquinho em pagar bem aos que bem servirem, e em despendor o necessario para melhorar o paiz, e a nossa posse, e abrir as fontes da riqueza publica.

1112-3100	1112-3100	1112-3100	1112-3100	1112-3100	1112-3100
-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

Resumo do Orçamento da receita e despesa da Provincia d'Angola para o anno economico de 1845—1846.

Letra A.

RECEITA EFFECTIVA		DESPESA EFFECTIVA	
1	Rendimentos proprios.....	1	Despesa Civil.....
2	Impostos directos.....	2	Dia Ecclesiastica e de Justica...
3	Impostos indirectos.....	3	Dia Militar.....
4	Diversos rendimentos.....	"	Dia de Marcha.....
		"	Dia extraordinaria.....
	Deficit.....		
	267:711,8348		267:711,8348
	183:449,8033		20:485,8148
	84:202,8315		5:766,8000
			162:049,8000
			54:630,8000
			24:780,8000

Letra C.

Resumo dos Orçamentos reunidos d'Angola e Benguella nos ultimos annos.

RECEITA EFFECTIVA		DESESA EFFECTIVA	
Rend. 2.º proprios. Angola	4.606 \$860	Folha Civil. { Angola Beng. }	20.485 \$448
Impostos directos. { Angola Beng. }	34.602 \$507 748 \$470	D.º Eccl. e Jud. al. { Angola Beng. }	5.706 \$000 400 \$000
Impostos indir. os { Angola Beng. }	126.424 \$666 72.025 \$813	D.º Militar. { Angola Beng. }	162.049 \$900 75.706 \$012
Diversos rend. os { Angola Beng. }	17.815 \$000 2.823 \$041	D.º de Marinha . . . Angola	24.780 \$000 31.162 \$816
	Deficit reunido.	D.º extraordinaria. { Angola Beng. }	55.942 \$816
			383.398 \$976

1481

Letra D.

Recetta d'Angola.

DESIGNAÇÃO DA RECEITA	SOMMA POR ARTIGOS
ARTIGO 1.º	
<i>Proprios.</i>	
Rendas de propios e arimos dos extinctos conventos (1).....	1:306\$516
Passagens de rios (2).....	3:300\$344
	4:606\$860
ARTIGO 2.º	
<i>Impostos directos.</i>	
Decimas (3).....	4:308\$747
Dizimos (4).....	17:313\$615
Direitos de mercè (5).....	603\$640
Sizas de bens de raiz (6).....	1:470\$116
Papel sellado (7).....	1:770\$000
Sello de verba (8).....	4:500\$000
Decima de legados e heranças (9)....	1:315\$770
Subsidio litterario (10).....	433\$333
Licenças de pescaria, decima do pescado e lagoas (11).....	2:563\$286
Armazem de Calumbo (12).....	150\$000
Correio (13).....	174\$000
	34:602\$507
	4:606\$860

DESIGNAÇÃO DA RECEITA	SOMMA POR ARTIGOS
<i>Transporte</i>	34:602\$507
Fabricas de cal, telha, e tijolo, no sitio do Penedo (14).....	—\$—
ARTIGO 3.º	34:602\$507
<i>Impostos indirectos.</i>	
Alfandega (15).....	119:458\$000
Novo imposto de cinco réis em arratel de carne verde (16).....	1:866\$666
Estanco do sal desta cidade e Benguella (17).....	5:000\$000
Um por cento para obras pias de rendas contractadas (18).....	100\$000
ARTIGO 4.º	126:424\$666
<i>Diversos rendimentos.</i>	
Por todos os eventuaes e extraordinarios (19).....	17:815\$000
	183:449\$033

Letra E.

Receita d'Angola.

OBSERVAÇÕES.

- (1) Esta verba deve diminuir, logo que sejam vendidos estes bens.
- (2) Esta verba é fallivel, porque nem sempre se arrematam todas as passagens, ficando algumas em administração.
- (3) É o termo medio da importancia dos lançamentos nos tres ultimos annos.
- (4) Idem — idem.
- (5) Comprehende o termo medio deste rendimento nos tres ultimos annos.
- (6) } Idem — idem.
- (7) }
- (8) }
- (9) }
- (10) É o preço porque anda arrematado este rendimento.
- (11) É calculado este rendimento pelo producto da sua administração nos tres ultimos annos.
- (12) Procede do deposito de generos, que baixam o Rio Quanza.
- (13) Foi contractado este rendimento com a administração do Correio, ficando obrigada a fazenda pela terça parte do mesmo.
- (14) Vai em cifrao cortado, porque a cal, telha, e tijolo, que se fabrica, mal chega para o concerto dos edificios publicos.
- (15) Este rendimento é calculado pelo dos tres ultimos annos.
- (16) É o preço porque anda arrematado este rendimento.
- (17) Idem — idem.
- (18) É o producto que pagam os arrematantes de rendas da fazenda, calculado pelo dos tres ultimos annos.
- (19) Procede de toda a receita eventual, menos sizas, e sellos, segundo o calculo dos tres ultimos annos.

Letra F.

Rendimentos de Benguella.

<i>Impostos directos.</i>	
Decima de predios	218\$940
Direitos de mercê	202\$000
Sizas de bens de raiz	112\$750
Subsidios litterarios	214\$780
	748\$470
<i>Impostos indirectos.</i>	
Alfandega, por todos os rendimentos a seu cargo	72.025\$813
<i>Rendimentos diversos.</i>	
Rendimento extraordinario	2.823\$041
	75.597\$324

Letra G.

Orçamento geral da despesa de Loanda e seu Districto no anno economico de 1844 a 1845.

<i>Folha civil.</i>		
Governador geral	5:000	§000
Secretaria do Governo geral.....	3:318	§400
Junta da fazenda, e Contadoria.....	9:550	§000
Alfandega.....	5:260	§000
Almoxarifados	1:101	§600
Ensino publico.....	640	§000
		24:870 §000
<i>Despesa ecclesiastica e de justiça.</i>		
Bispo, Cabido, e Sé.....	8:066	§000
Parochias da Cidade e Sertão.....	5:200	§000
Justiça.....	1:700	§000
		14:966 §000
<i>Despesa militar.</i>		
Estado maior.....	1:315	§575
Fortalezas	1:152	§000
Companhia de Sapadores.....	7:977	§200
Companhia d'Artilheria.....	9:388	§670
Esquadrão de Cavallaria.....	7:976	§220
Batalhão d'Infanteria de Linha.....	50:472	§195
Companhias d'Infanteria dos Presidios	23:641	§760
Companhia de Segurança publica ...	1:485	§000
Batalhão de Voluntarios de Loanda...	822	§610
Batalhão de Caçadores da Rainha ...	474	§535
Companhias moveis dos Presidios e Dis-		
trictos.....	671	§680
Officiaes avulsos	1:428	§000
Officiaes reformados	1:476	§000
Monte-pio	150	§000
Hospital militar.....	12:170	§000
Trem nacional.....	19:242	§000
Armazens nacionaes.....	37:200	§000
		177:043 §445
<i>Despesa extraordinaria.</i>		
Soldos, e comedorias aos navios da Es-		
tação	54:630	§000
	54:630	§000
		216:879 §445

Transporte	54:630\$000	816:879\$445
Soldos e comedorias aos navios de viagem	8:000\$000	
Soldos e comedorias aos paquetes	4:000\$000	
Deposito dos Libertos	5:600\$000	
Commissão mixta	3:000\$000	
Egressos	180\$000	
Correios do interior, praticos, e despesas miudas	4:000\$000	
		79:410\$000
<i>Adicionamento.</i>		
Accrescimos — no Esquadrão de Cavallaria, Batalhão d'Infanteria, e companhias dos Presidios		11:269\$390
	Estado completo	307:558\$835
Descontos provenientes de vagaturas		39:847\$487
	Estado effectivo	267:711\$348

Letra H.

*Orçamento geral da despesa publica do Districto de Benguella
no anno economico — 1843 a 1844.*

<i>Despesa civil.</i>		
Governador	2:000\$000	
Secretaria do Governo	660\$000	
Delegação de fazenda	2:920\$000	
Alfandega	1:980\$000	
Almoxarifado da Cidade e Presidio	278\$800	
Ensino publico	240\$000	
		8:078\$800
<i>Despesa ecclesiastica.</i>		
Freguezia da Cidade	200\$000	
Freguezia do Presidio de Caconda	200\$000	
		400\$000
<i>Despesa militar.</i>		
Estado maior	300\$000	
Companhia d'Artilheria	4:743\$650	
Companhia d'Infanteria	4:441\$650	
Destacamento de Loanda	854\$500	
Contingente	6:974\$375	
Destacamento em Mossamedes	3:127\$700	
Companhia de Linha do Presidio de Ca- conda	3:407\$500	
	29:819\$375	8:478\$800

Transporte	23:819,375	8:478,800
Regencias dos Districtos	240,000	
Hospital militar	1:540,000	
Trem nacional	3:865,000	
Almoxarifado da Cidade, pelos fornecimentos a seu cargo	33:266,537	
Estabelecimento do Lobito	12:975,100	75:706,012
<i>Despezas diversas e extraordinarias.</i>		
Embarcações de guerra (soldos e comedorias) despesas eventuaes e meudas		31:162,818
		115:347,628

CAPITULO X.

Noticia geral do Paiz, e de seus habitantes.

UMA região, que se estende desde a foz do Ambriz até os desertos areas de Cabo Negro, e desde as costas do Atlantico até ás fronteiras do Molúta, do Cassange, do Ganguella, e do Hume, deve necessariamente apresentar uma grande variedade de aspectos na sua construção geologica: e assim é: o mesmo littoral maritimo não offerece em toda a parte uma apparencia uniforme: depois de um mato verde, que borda a ponta meridional da bahia do Ambriz seguem-se para o Sul rochas escavadas batidas das ondas, avistando-se no interior as *montanhas de Bamba*, e logo em seguida as *Sete Serras*, — montes redondos, que vistos do Norte parecem outras tantas ilhas: dalli corre a costa em barreiras vermelhas e brancas talhadas a pique até ás bôcas do Dande, e do Bengo, — rios que ao entrar no Oceano encobrem com a apparente aridez das terras do seu contorno maritimo os thesouros de rica cultura que encerra o sertão risonho por onde as suas aguas se tem deslizado: termina a enseada do Bengo no escuro promontorio denominado *Mórro das Lagostas*, dobrado o qual vae correndo até á cidade de S. Paulo uma muralha natural de barreiras brancas, e vermelhas, e ao sopé dellas se estendem a entrar no mar extensas praias de arêa branca: alvejam ao Sudoeste os areas da ilha de Loanda — tão raza que dos topes dos navios se vê por de cima della o braço de mar que a separa da terra firme; e nesta vão correndo para o Sul desde a barra de Corimba montes cobertos de arvoredos até á *Ponta da Palmeirinha*, povoada de palmeiras, e bordada de recifes, aonde o mar arrebenta de continuo: assomam logo depois dous montes unidos com a apparencia, e o nome de *Mamas*, que são a conhecida da enseada do Cuanza, aonde as aguas amarellentas que cortam o mar inculcam o desaguamento desse grande rio na bôca do qual se enxerga um arvoredos parrado, e logo em seguida os montes *Naobios* e a enseada onde só no inverno se desagua o pequeno rio *Suto*, e que termina muito ao mar no mui conhecido *Cabo Ledo*: apóz este promontorio saliente a costa meridional se vae recurvando para Léste, e toma um aspecto mais viçoso, verdejando ao longo das quebradas do littoral os copados arvoredos que guarnecem a enseada do *Cabo de S. Braz*, e os terrenos apaulados que recortam em seus giros os grandes rios — *Longa* — *Cubo* — e *Gunza* — e os

pequenos riachos — *Quicombo*, — *Quitumbo*, — *Egito*, — *Quinza*, — *Morombo*, — *Urcula*, — *Hoanha*, — e por ultimo o caudaloso *Catum-bella*: desde a foz deste ultimo corre a costa novamente para o Sudoeste, e se reveste de um caracter melancolico e agreste, que só começa a modificar-se além da *Angra de Santa Maria*: a *bahia de Benguella*, — a *Bahia-farta*, — e as *Salinas* — não deixam vér ao longo do mar senão areas ardentes, rochas descarnadas, e barreiras áridas, divisando-se apenas por detraz das áreas, ou nos cumes dos seus picos arvores dispersas, em pequenos grupos que denotam ao longe a arborisação do interior: do *Ilheo de Pina* para o Sul lá começa a dividir-se mais algum arvoredo nas terras baixas, que regam só no tempo das chuvas os pequenos rios — de *S. João*, — *Bengueamoxito*, — *Cangala*, — *Senebari*, — *Monaiá Cangando*, — e outros de nomes desconhecidos: nas *Mezas* augmenta o aspecto de fertilidade até perto do Cabo Negro, aonde se extinguem até os symptomas da mais insignificante vegetação.

Tal é a prespectiva de Angola e Benguella pela parte do Oceano. Darei agora — sobre a fé de algumas memorias — impressas, ou inéditas, — que tenho consultado, — uma succinta noticia da estrutura geologica das terras do interior.

As terras do *Mossul*, bem como aquellas que se comprehendem nos districtos de *S. José d'Encoge*, — *Dembos*, — *Ambaca*, — *Duque de Bragança*, — e *Golungo*, — a terminar nas *Pedras de Pungo* an *dongo*, e *Cambambe*, — comprehendem uma grande successão de montes de granito, quartzo, ardozia, e tufo, muitos delles prenches de ferro (e por ventura de mineraes mais preciosos), e cortados por valles, e aberteiras, sobre os quaes se despejam muitissimos regatos — origem remota de rios mais caudalosos: estes terrenos agrestes, pela maior parte desaproveitados, apesar da sua reconhecida salubridade, ostentam todo o luxo da sua força productiva ainda mais nas matas e florestas — couto usual de alimarias feroces, e reptis peçonhentos, — do que nas mesquinhas sementeiras de grãos, legumes, e raizes, que rodeam as libaltas de seus indolentes habitadores: mais baixas e amenas — e tambem muito mais cultivadas — se mostram as varzeas do *Icolo* e *Bengo*, regadas pelo *Dande*, *Bengo*, e *Zenza*, — e que bem podem chamar-se o *celleiro de Loanda*, que dalli recebe alimentos de toda a especie (até agua potavel) para subsistencia dos seus moradores, e bem assim lenha, carvão, mádeira para casas, capim para os cavallos; e tambem a pedra calcarea, e o petroleo que se extrahе das serras do *Libongo*: pena é porém que uma comarca tão util, e tão fertil, seja por des-

graça uma das mais doentias pelas exalações, que se evaporam do seu solo em grande parte alagadiço: este mal é commum ás terras razas da Ilamba, e em geral ás duas margens do rio Cuanza, e ás do seu confluente — Lucala, — e a todo o districto de Massangano; mas allí está a lavoura ainda mui longe de imitar no seu desenvolvimento a do Icolo e Bengo: o interior da Quissama é uma vasta charneca, aonde planicies áridas e colinas pelladas annunciam á vista a ausencia de fontes e ribeiras que dêem substancia a um terreno resequido pelos raios abrazadores do sol dos tropicos em uma região aonde as chuvas não são abundantes; e por isso aquelle povo de um paiz maldito ou vive da guerra, e do latrocinio, ou se occupa em extrahir pedras de sal das suas minas de *Addenda* (ou *Demba*) — de que já atraz falei largamente, — para as escambar pelas subsistencias, que sobram ás nações visinhas, possuidoras de solos tão férteis e abençoados: taes podem reputar-se todos quantos jazem ao Sul da corrente do rio Longa, e que constituem o feracissimo sertão de Benguella: allí em verdes prados a perder de vista, regados por um sem numero de ribeiras, pascem numerosissimos rebanhos de gado vaccum, e ovelhum (1), em que consiste a principal riqueza daquelles povos pastores; ou se cultivam (posto que ainda em pequena escala) todos os grãos, e fructos da Africa, da America, e até da Europa; e no meio de tão opulentas campinas se erguem ás nuvens os soberbos *Nannos* magestosas montanhas — madres dos rios que as fertilizam, — em cujas entranhas mal se occulta o ferro — o cobre — o enxofre — e talvez maiores riquezas; — em quanto que nas densas florestas colmeam as abelhas, abrigam-se os elephantes, as abadas, as empacassas, as antas, e mil outras bestas feras de que as caçadas podem fornecer uma riqueza immensa aos mercados de Benguella (2) e Mossamedes: esta fertilidade estende-se, sempre augmentando, pelas fertilissimas planuras cultivadas de — *Bilé*, — *Quilengues*, — *Bumbo*, — *Huala*, — *Enjau* — *Caconda*, — *Galengue*,

(1) Abstenho-me de lhe chamar lanigero; porque as ovelhas e carneiros nesta região não tem lã, como fica dito.

(2) É para lamentar que um districto tão rico em produções de toda a especie, e cujo Sertão sempre tem gosado e gosa do credito de mui saudavel e benigno para temperamentos europeus, tenha por capital e principal emporio do seu trafego a epidemica Benguella, que assentada em um charco aonde desaguam as enchurradas das pedregosas montanhas adjacentes — em um areal empapado nas aguas extravasadas de um dos braços do rio Marimbondo, que allí anda sumido na terra, — rodada de pantanos mephiticos, — é menos uma cidade que um cemiterio que afugentando de si os homens pela malignidade do seu clima nunca tem deixado crescer a sua população como o requeria o grosso trato do seu porto. Assim não será Mossamedes, cuja salubridade convida os europeus.

— e *Sambos*, — e termina no paiz dos *Mocoandos*, servindo-lhe de barreira pelo lado do Meio-dia um interminavel deserto de arêas, o qual constitue o *nec plus ultrâ* dos nossos dominios.

A ethnographia destes povos não apresenta tamanha variedade de caracteres como a sua geologia. Desde o Congo até Cabo Negro estes pretos indigenas fallam todos a mesma lingua (*bunda*) com pequenas alterações no dialecto; tem todos as mesmas superstições, e as mesmas crenças; as mesmas leis sociaes (exceptuando as quigillas, que são peculiares dos povos nomades denominados *Jagas*) e em geral os mesmos costumes. Darei pois de cada um destes pontos uma noticia succinta, qual convém a uma obra desta natureza.

Qualquer que fosse a origem da lingua *bunda*, é certo que ella se falla em todo o territorio habitado até Cabo Negro (e não sómente entre o Lifune e o Cuanza, como erradamente asseverou *Bowdich*) com a simples alteração de alguns termos usuaes e domésticos, e a differença de pronuncia que costuma dar-se nas diversas provincias de um mesmo imperio (1): este idioma é suave e cadenciado, excluindo quasi totalmente as terminações nasaes; mas contém um grande numero de artigos, preposições, adverbios, e conjunções, muitos dos quaes se pronunciam com som guttural, taes como a particula *n* ou *an*, que equivale ao nosso artigo *o* ou *a*, e outras: a preposição *ca* é um augmentativo (e não diminutivo como diz *Bowdich*) — como *ca-banza*, que significa *grande povoação*, ou capital (2); — *ca-Congo*, o *grande-Congo*; *ca conda*, grande familia; etc. . . . *muene*, ou *mani* significa *senhor*: os numeros, e os casos dos nomes substantivos tambem se distinguem pelos diferentes artigos que os precedem: os verbos tem tres conjugações, cada uma das quaes se divide em *activa* e *passiva*, e cada uma destas tem dous modos — *indicativo*, e *subjunctivo*, — e ha em cada um destes tres tempos — *presente*, *preterito*, e *futuro*, com um *gerundio*, e um *participio declinavel*. Quem desejar uma mais ampla instrucção a este respeito (o que não vem ao meu proposito) pôde consultar o — *Diccionario da lingua bunda, ou angolense pelo padre Canneca-tim prefeito das missões de Angola e Congo* impresso em Lisboa

(1) Encontra-se mesmo certa afinidade entre muitos vocabulos da lingua *bunda*, e outros correspondentes nos dialectos caezes da costa oriental: os pumbeiros de Angola que tem penetrado no interior d'África, faziam-se entender por onde passavam sem grande difficuldade; o que confirma as observações de *M. Marsden*.

(2) Já em outra parte fiz vêr como da má intelligencia desta palavra, que os antigos escriptores — particularmente os missionarios — corromperam nas de *Cabaça*, ou *Cabaço*, nasceu uma notavel confusão ácerca da situação topographica de varias capitães de diversos reinos.

em 1804; — e as — *observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense* do mesmo auctor, impressas em Lisboa em 1805, — que, com quanto contenham alguns erros, e *quiproquos*, é todavia o que ha de mais completo até hoje.

Já no capitulo VII deixo indicado qual seja o typo das crenças brutae destes selvagens; dellas porém poderá formar-se uma idéa mais clara com ler a descripção dos seus *lembamentos*, e *mutambes*, tal como se encontra na Memoria de *Féo Cardoso*.

«Lembamento, ou lemba (diz a dita Memoria em uma nota « a pag 274) he huma cerimonia, que equivale ao casamento dos « Negros (1): consiste em ajustar-se huma donzella por certa porção « de dinheiro, que recebem os Pais, Maës, ou Senhores: antes della « passar para o poder do Barregaõ vai estar oito dias em uma caza « separada, chamada *casa de uso*: alli diariamente e a horas deter- « minadas, hum Negro que se diz *feiticeiro*, pondo-a inteiramente « nua, lhe dá unturas por todo o corpo *et cetera*, ajuntando certas « imprecações e formulas, com que a entrega ao *Ieque* (Idolo) para « que lhe dê bom successo com o amante, que nunca a deixe, já- « mais queira outra, e della tenha muitos filhos. Acabado o oitava- « rio, muda-se para outra caza, onde a vestem com os pannos mais « ricos, que possuem, ornando-lhe o pescoço cabeça e braços com « jóias: se os Pais, ou Senhores, não tem os apparatus necessarios, « pedem-os emprestados, e seria irreligião negarem-se estas couzas « para obra tão piedosa. Neste apozeno levantaõ hum estrado, e « sobre elle collocaõ a *Madama*, depois com torpes cantigas, e des- « honestos gestos e bailes, a festejaõ, pintando-lhe scenas que a es- « peraõ, segurando-lhe mil felicidades, e ajoelhando ante ella lhe « dão o titulo de *Quicambe*, que quer dizer Rainha.

«Trez dias duraõ estas festas, a que concorrem muitas pes- « soas, havendo continuados debochos com as suas conseqüencias, « entregando-se depois a donzella ao barregaõ.»

A esta copia litteral da informação de um escriptor veridico, testemunha ocular dos actos que descreve, só tenho a accrescentar, que esta festa se repete durante a vida destes negros tantas vezes quantas são as mulheres que cada um toma, e nenhum ha que se accomode só com uma, antes segundo as suas possibilidades para as ir dotando recebem cinco — dez — e até ciuocenta, e mais, — o que constitue a sua opulencia, e bem estar: e a razão é a seguinte: nesta barbara região só as mulheres, e os escravos, é que cultivam

(1) E o peor é que ha por lá muitos christãos, e até brancos, que se não de- dignam de contrahir tão torpes vodas.

a terra, e fazem todos os trabalhos ruraes, e domesticos: taes occupações reputam-se indignas para qualquer homem livre; e como os escravos são objecto de veniaga é sobre as mulheres que taes tarefas recahem, e são ellas que tem obrigação de sustentar a seus maridos (ou' antes senhores) e os filhos; e como uma só não pôde trabalhar tanto que o mantanha abastadamente todo o anno, repartem este em prazos iguaes conforme o sey numero, e cada uma dellas se obriga a sustentar o senhor no tempo que lhe cabe, e durante esse prazo é elle obrigado a cohabitar com ella: quanto maior é pois o numero destas contribuintes, tanto mais meios tem cada uma dellas, e mais se esmera em tratar bem no curto espaço da sua posse o esposo commum; e então corre para elle avida alegremente no meio da abastança, dos prazeres, e do ocio: e no caso de alguma das taes concubinas não cumprir pontualmente os deveres da sua condição, mostrando-se preguiçosa, ou revel, o bargão tem ainda o recurso de a restituir a seus paes, cobrando o dote que deu por ella: já se vê que tudo isto é commodo; e é por isso que eu já deixei dito no capitulo VII ser a polygamia quasi indispensavel ao modo de viver destes povos: os paes tambem não gostam de casar as filhas segundo os ritos da igreja catholica, porque em tal caso tem de lhes dar dote (e dote avultado, que tal é o uso do paiz), e contractando-as por lembamento em vez de dar recebem. Entre as suas mulheres e os seus idolos, seguindo cegamente — sem fervor, mas só por habito — as praticas condemnaveis, e ridiculas, que lhes impõem os seus feiticeiros, vegetam esses barbaros, sabindo apenas do seu torpôr habitual para ir á caça, ou acudir á guerra, (a que são afeiçoados pelo estímulo da rapina) até que a morte os surprehende, e os que lhes sobrevivem celebram o seu *mutambe*, ou funeral, de que copiarei tambem a descripção dada por Fêo Cardoso em uma nota na sua Memoria a pag. 277.

« *Tambe*, ou *Mutambe*, são os nomes que se dão ás ceremonias dos enterros dos Negros, Mulatos & *Tambe*, he hum ajuntamento de ambos os sexos, no qual, com ritos supersticiosos, ceremonias ridiculas, cantigas lascivas, e danças deshonestas, celebrão os Negros as suas exequias, elogiando todas as torpezas que sabem do morto, quantas concubinas teve, e isto em ambos os sexos: « ajuntando tambem a circumstancia de adorarem o idolo (*Itique*), « dizendo se eraõ circuncisados ou não, acompanhando com acçoês « indignas todo o referido, irritando aquelles feios quadro as muitas « bebidas, que os embriagaõ. Para este funeral armaõ huma pequena cabana no quintal das cazas, ou no campo, nella está dei-

«tado o enojado, tendo ao pé de si hum prato, huma cabaça, e
«hum cachimbo, tudo quebrado: em roda desta cabana se fazem
«aquelles devotos exercicios durante oito dias, e no espaço delles
«comem um porco, sem o que não valem as exequias; no fim do
«oitavario vão com o enojado em procissão lançar ao mar ou rio
«mais proximo a caveira do referido porco; crendo que neste acto
«o zumbi (alma) entra no descanço eterno.

«A este cumprimento do Tambe chamaõ Mutambe (1).»
Morto um destes entes — cuja vida correu bem semelhante á
do immundo animal, cuja caveira lançaram ás ondas, passa a her-
rança (e tambem as dividas, e até os delictos) do defunto aos sobri-
nhos filhos d'irmãos, e só não os havendo é que herdam os filhos;
mas qualquer que seja o herdeiro a quem toque a successão não
póde elle eximir-se á responsabilidade de pagar todas as dividas do
fallecido, e ainda a indemnisação dos damnos, que elle tiver cau-
sado, chegando até a ser vendido, se tanto fôr necessario, para
satisfazer a taes obrigações: ha tambem para os herdeiros um outro
onus, que traz consigo alguma vantagem — e vem a ser — a indes-
pensavel obrigação de tomar para si todas as concubinas do defunto,
e cohabitar com ellas nos tempos competentes, cumprindo ellas pela
sua parte o dever de o sustentar e terem mimoso nesses mesmos
prazos: e assim se perpetua a polygamia como uma forçosa neces-
sidade naquelles paizes.

A legislação de todos estes negros não impõe pena de morte
senão ao homicida; mas como tal se reputa aquelle que é accusado
de ter propinado feitiços, ou maleficios, ao defunto: já se vê pois
que esta lei toma uma grande elasticidade, e põem muitos daquelles
desgraçados á mercê dos feiticeiros; pois com quanto o *mani*, ou
senhor do logar, seja sempre o juiz nato em todas as causas civeis
e crimes, os feiticeiros intervêm, sempre que o crime não é pro-
vado, para applicarem no réo as provas do estylo: estas provas va-
riam algum tanto nos diversos reinos do sertão; mas em geral con-
sistem em se applicar ao indiciado uma heberagem, que é sempre
um vomitorio (o mais usado é o que se extrahê da casca da *en-
caçã* (2)): se vomita está innocente: se não chega a vomitar, dá-se
por provada a culpa; dependendo por tanto a vida do infeliz da

(1) Os gentios do Sertão de Benguella usam nos funeraes imolar rezes como
ndiante se verá; e tem outras praticas de idolatria differentes na fórma das dos povos
do Sertão d'Angola: os mesmos idolos differem na apparencia.

(2) Veja-se ácerca desta planta o additamento ao capitulo 3.º da 1.ª parte
deste livro.

preparação mais ou menos forte da tal bebida, segundo a boa ou má vontade do nigromante: todavia o juiz tem alçada para commutar, se lhe apraz, a pena de morte na d'escravidão perpetua do réo em favor dos herdeiros do morto, a quem tambem ficam pertencendo todos os bens do condemnado, e bem assim as suas mulheres e filhos: esta pena de escravidão é applicada aos adúlteros, e aos ladrões, se estes ultimos não tem com que reunir os roubos que praticaram.

Os litigios de casos civeis correm perante o *mani* — ou senhor da aldèa — o qual dá audiencia em certos dias, ou na sua propria cabana, ou em publico á sombra de alguma arvore copada, cercado dos seus *macotas* — conselheiros — os quaes exercem sempre as funcões de advogados do auditorio: cada uma das partes litigantes escolhe um desses *macotas* para seu advogado, e antes de começar o pleito deposita aos pés do juiz um presente em dinheiro, ou generos expõem-se depois o factio; ouvem-se as testemunhas; contendem os advogados; e por fim o *mani* sentencêa segundo a sua consciencia, ou a sua inclinação: a parte vencedora offerece então uma nova dadiwa, e prostra-se por terra em signal de agradecimento: o vencido pôde porém appellar para o tribunal superior do rei, a quem aquelle *mani* é sujeito, e a sentença desse é definitiva: nos presidios, e districtos do dominio portuguez servem de juizes (como já fica dito) os commandantes (outr'ora capitães môres, ou regentes), os quaes accommodam sempre a legislação portugueza aos usos do paiz; e das suas decisões ha recurso para o juiz de direito de Angola.

Direi agora alguma coisa das barbaras leis dos jagas, denominadas *Quigillas*: algumas dellas parecem cheirar a islamismo, — taes como — o serem todos circumcisos (com quanto não unam a esta pratica, — que elles mesmos introduziram no reino do Congo, e em outras nações que conquistaram, — nenhuma idéa religiosa) — o não comerem carne de porco, nem de elephante, nem de serpente etc.; e por ellas se poderia suspeitar que este povo nomade, e conquistador, oriundo do interior d'Africa (1), pelo contacto dos seus antepassados com os negros mahometanos do Norte do Equador

(1) Comparando o que todos os auctores tem escripto destes povos nómades de origem incerta, que pelos fins do seculo 16.º sahiram do interior d'Africa como uma torrente a conquistar as nações maritimas, — a que em Angola chamaram *Jagas*, e no Congo *Zimbos* — com o que nos conta André Alvares d'Almada nos capitulos xvi e xvii do seu *Tratado breve dos Rios de Guiné* — dos povos anthrophophagos chamados *Sumbas* que por esse mesmo tempo conquistaram toda a costa até *Serra Leoa* — vê-se serem os mesmos, — até em terem por chefe uma mulher — a famosa *Tomba an Dumba*.

tomariam delles ás cégas alguns destes preceitos. As outras porém são meros regulamentos de policia dos seus *Quilombos*, ou acampamentos, de cuja pureza se mostram tão ciosos, que excluem de dentro delles todas as mulheres pollutas na época mensal e muito mais as mulheres gravidas quando se acham proximas ao parto, sob pena de morte para o filho que nascer dentro do Quilombo. Esta lei porém acha-se já hoje muito modificada entre os jagas de *Mataba*, e de *Bailundo*, que se fixaram junto aos nossos dominios, e tem tido mais trato com os portuguezes; mediante certas cautelas para salvar as apparencias, já alli se não matam os meninos nascidos no Quilombo. Está já tambem em desuso a anthrophagia, que era outro horrivel costume peculiar dos antigos jagas, e se acha nas suas quigillas; bem como aquella que prescrevia aos chefes militares o terem cópula em publico com uma de suas mulheres antes de partirem para alguma expedição de conquista. Não tem podido com tudo desarraigarse dentre elles o atroz costume dos sacrificios humanos (principalmente de victimas femininas) aos manes dos mortos. São tambem differentes entre os jagas os funeraes dos seus chefes, e principaes guerreiros, cujos corpos são encerrados em caixões de madeira, forrados estes de pelles, e depositados em cavernas, aonde lhes ficam tributando uma especie de culto, e sempre que alguma expedição se prepara lhes vão alli levar offerendas, e fazer sacrificios. Os jagas repartem os seus campos em sete districtos, cada um delles a cargo de um chefe, e no centro do Quilombo está a tenda do rei jaga, diante da qual todos se prostram: tem este potentado uma córte numerosa, cujos dignitarios tem distribuidos entre si os cargos da administração dos viveres, cobrança de rendas etc. e tambem nella figuram muito os *singillas*, — que é uma alta jerarchia de *gangs* (ou *feiticeiros*) privalivos da córte.

Em tudo o mais os costumes dos jagas são os mesmos que os das outras nações desta parte da Africa: todos tem um viver imundo, e torpe: as suas casas (*cubatas*) são construidas de estacas de mangue fideadas no chão, liadas entre si horizontalmente com cannas de bambú (a que lá chamam *bordões*) amarradas com cordas de *mataba*, e esta armação coberta de palha, terminando em cupula no tecto: são todas mui baixas, mui pequena a porta d'entrada, e sem outra abertura mais que um horificio no cume da barraca para sahir o fumo: os quintaes, ou *arimos* são tambem cercados de uma sebe de estacas e palha, e como esta seja encantada a seu modo pelos *feiticeiros* bem seguro fica o proprietario de que ninguem se atreverá a roubar-lhe os fructos: estes cercados, e a construcção da

propria habitação são os unicos trabalhos braçaes que competem aos homens; e ainda alguns mais laboriosos se applicam a tecer esteiras, cestos, e algumas outras obras de palha, e de junco etc. A sua comida consiste em fructos, raizes, e legumes, que a terra fornece — ou espontaneamente, — ou com pouca cultura das mulheres, — tudo temperado com azeite de amendoim e muita pimenta malagueta: em occasiões de festa comem carne de porco, de cabra, ou de caça dos matos: bois, e carneiros raras vezes os matam (a não ser em occasiões de funeral) por isso que os criam (aquelles que os criam) para os vender aos brancos: embriagam-se usualmente com vinho de palma ou com *hela* — especie de cerveja fermentada da *massambala* (milho miudo), — e de melhor vontade ainda com aguardente (a que chamam *geribita*) quando a podem obter.

O seu unico vestuario em geral é um panno de algodão, ou de palha de palma, ou uma pelle de alimaria (conforme as nações) a que chamam *tanga*, e que lhe desce da cinta até meia côxa, e os do interior usam aneis de cobre nos dedos, e manilhas do mesmo metal nos braços, e nas pernas: todos enfeitam muito as carapinhãs — ou com exquisitos recortes, — ou entretecendo-lhes adornos estranhos, com que crêem ficarem mui louçãos; e pela differença dos penteados se distinguem entre si as nações deste continente: os senhores e pessoas de mais valia trajam sobre os hombros grandes pannos dos que lhes vendem os europeos, cobrem ás vezes a cabeça com um chapéu, e trazem na mão um rabo de cavallo como insignia de auctoridade; e os do sertão arreiam-se tambem com pelles de macaco, e deixam crescer as barbas, — o que igualmente praticam alguns da beira-mar como os mossues, e os quissamas: sobe porém de ponto a importancia de um *mani* quando algum official inglez lhe vende uma farda encarnada já bem velha, com a qual elle possa figurar nas suas festas, ou aos olhos dos brancos: cumpre porém advertir que alguns sovas mais visinhos de Loanda, e que communicam mais com seus moradores, sabem já vestir-se á europea, e dão as suas audiencias com muito apparato em cadeiras de espaldas. As mulheres vestem (como em toda a Africa) tangas que lhe descem até ao Joelho — ou de algodão — ou da especie de cairo, a que chamam *aliconda*, tirado da arvore desse nome (este é mais peculiar das mulheres da Quissama); os peitos nús, e as pernas, e enfeitado o pescoço e braços com contas, missangas, avellorios, e coraes, conforme as suas posses. As principaes trajam pannos ricos. São em geral os homens valentes na guerra: as frechas, e a azagaya são as armas populares; porém os guerreiros de profissão tem já

todos espingardas, que manejam com summa destreza, e para ellas preparam cartuxame mui bem feito, que trazem de roda do corpo em uma cinta larga de panno, ou de couro: — isto usam os povos ao Sul de Cuanza: os do Norte, como os mossues, e outros, trazem a polvora em um sacco de couro (ao uso dos do Congo), e uma medida — a que chamam *barqueira* — com que medem as cargas: são todos mui fortes no uso das armas brancas, não só espadas, e terçados bem amollados, como tambem os da Quissama e seus visinhos usam na arremetida de uns cutellos, ou podões, de cabo curto — arma terrivel para de perto: — a sua defesa é uma adarga de pelle de empacassa á prova de flecha, mas não de balla: o seu primeiro fogo é mui violento, e a cuberto da fumaça delle investem com medonho impeto e vozeria: como porém lhes falta a unidade nas evoluções, sendo repellidos no primeiro assalto, começam logo a desordenar-se, e então é facil levalllos de arrancada até os pôr em completo desbarato; sendo então tão velozes no fugir, que a custo os alcançarão os cavallos, a que todavia professam grande medo: aonde são mais temiveis é nas ciladas, que costumam armar nos hosques, azinhagas, e despenhadeiros: as guerras que fazem entre si de povo a povo, ou de senhor a senhor, e até de aldêa a aldêa, são sempre de curta duração: consistem de ordinario em uma incursão repentina, e violenta, como as *algaras* dos arabes, na qual talam os campos, assolam as banzas, e libattas, e captivam os homens, mulheres, e meninos, apoderam-se dos gados, e voltam em triumpho com esses despojos, se antes lhes não corta o passo a reacção do inimigo que surprehenderam. Eis-aqui os ritos, as leis, e os usos e costumes das nações de Angola e Benguella, pouco differentes, como se vê, dos de toda a Africa.

Resta-me dizer alguma cousa do modo de viver dos moradores de Loanda. Esta bella cidade contém no seu recinto — funcionarios publicos de todas as jerarchias; — negociantes, mercadores, corretores, e mais gente de commercio; — soldados da guarnição; — marinheiros da armada, e dos navios mercantes; — a gente miuda da terra; — a gente baixa do mar (*muçi-loandos, muçi-congos, e cabindos*); — e a escravaria dos moradores: começarei pelo fim: os escravos andam vestidos de calça e camisa, e entulham as casas dos senhores como objecto de luxo; pois não é raro encontrar dez, — doze, — ou vinte escravos na casa de um celibatario, que mal teria em que empregar dous ou tres criados: dahi nascem muitos vicios, filhos da ociosidade, nesses entes inuteis (e até perigosos) em uma cidade, quando tão uteis poderiam ser na lavoura das terras, ficando

só os indispensaveis para o serviço domestico, carretos etc.: a gente forra indigena vive em casas palhoças, a que chamam *cubatas*, apinhadas em um vasto labyrintho ao sopé do môro de S. Miguel por detraz das casas de pedra que bordam por esse lado a frente da cidade baixa; e tambem por detraz das casarias nobres da praia do *Bungo* até á *Nazareth*; esta gente meia — christã — meia idolatra assiste á missa, e dahi vae folgar e embriagar-se em um *lembamento*: traz contas ao pescoço, e *milongos* no seio; quasi toda ella se emprega em officios mecanicos, ou do serviço dos moradores, e nas vendas a retalho nos mercados etc.: — os muxi-loandos moram na ilha de Loanda fronteira á cidade, e empregam-se ordinariamente na pescaria, abastecendo de peixe a população da capital: em outro tempo as mulheres daquella ilha se occupavam em apanhar o zimbo nas suas praias, aonde hoje apenas vão mariscar, porque o zimbo já agora pouco consumo tem; o viver desta gente é semelhante em tudo ao dos outros indigenas: — os muxi-congos e cabindas são marinheiros das lanchas, e embarcações de cabotagem, e pouca residencia fazem em terra, aonde todavia, apesar de estrangeiros, muito bem se entendem com os naturaes da sua classe: toda esta gente traja á europea — calça, e camisa, e chapéu de palha os homens, — saia e camisa as mulheres, — e os que tem mais meios vestem e calçam inteiramente á portugueza. A classe dos marujos portuguezes, e estrangeiros, é aquella que pela sua grande mortalidade tem dado mais má fama áquelle clima, como muito bem pondera Fortunato de Mello na sua Memoria, que já por muitas vezes heí citado: darei aqui as suas proprias palavras indicando as causas de tal calamidade « — 1.^a — o muito que se expunhaõ ao « mais forte ardor do Sol os marinheiros dos navios mercantes, das « *embarcações* (la diz *charruas*) do Estado &c.^a nas cargas e descargas « das suas embarcações, molhando-se muitas vezes, e enxugando a « roupa no corpo. Todo o mundo sabe, que o sol faz mal mesmo na « Europa, e que muito mais acção deve ter dentro dos Tropicos, « aonde os seus raios são abrazadores, accrescendo a isto, que o local « de arêa adquire e reflecte um calor extremamente intenso: o re- « sultado era adoeccerem de molestias graves
« — 2.^a — o não fazerem caso dessas mesmas doencas; andarem em « quanto podião (como tantas vezes vi) a titulo de que lhes era « muito precizo; andarem ao sol, mesmo com febrê; e por tanto « quando lhes querieõ acudir já não era tempo: o remedio era a « morte » . . . « — 3.^a — o prejuizo, ou prestigio de que, para es- « capar a ter febres, era necessario andar sempre bem enfrascado

« em bebidas espirituosas: isto os fazia abuzar dellas particularmente
« da agoardente; o estomago e os intestinos conservavam-se em um
« estado de irritaçã a cada passo renovada: o rezultado eraõ hepa-
« titis, dysenterias de pessima qualidade, e mesmo perniciosas apo-
« pleticas, que os conduziaõ á sepultura!!! — 4.^a — Estarem de
« noute, horas e horas, expostos nos Céas, ou nos escaleres, á ca-
« cimba (orvalho), á espera dos seus officiaes, que deviaõ ir para
« bordo, e que se estavam divertindo na cidade até quazi á madru-
« gada. A cacimba faz tanto mal como o Sol » . . . — 5.^a — « Muitos
« excessos de outra natureza, que saõ tanto ou mais nocivos. »

Estes fataes inconvenientes que existiam no tempo a que se
refere F. de Mello, existem ainda em grande parte, com quanto as
guarnições dos navios de guerra estejam hoje sujeitas a uma rigo-
rosa disciplina sanitaria, e haja em Loanda um hospital fluctuante,
com o que muito se tem diminuido a mortalidade, aliã excitada
sempre pelo uso imoderado das bebidas irritantes, pela indispensavel
exposiçã a um sol ardente, e pela extrema devassidã das negras
da terra, cujo contactõ é em toda a Africa perniciosissimo ás com-
pleições europeas: estes malles são communs aos soldados brancos
dos corpos do exercito, que apesar da disciplina dos quartéis, tem
sempre sobeja occasiã para se entregarem a prazeres tão nocivos.

Tambem as classes mais elevadas padecem muito pelos seus
deportes, que o mesmo F. de Mello não deixa de mencionar nos
seguintes termos:

« — 6.^a — Para os Officiaes, e gente polida que alli ia nego-
« ciar, além de alguãs destas mesmas cauzas, haviaõ ainda as céas
« immoderadas, que eraõ banquetes, e duravaõ uma grande parte da
« noite; céas que deraõ a morte a muita gente: o abuso de passu-
« rem noites inteiras a jogar, tendo extremamente esquentando o
« physico, e o moral &c. »

Eu assisti ha vinte annos por mais de uma vez a essas orgias,
em que só figuravam homens (pois que ainda então se observava
em Loanda o antigo costume portuguez — de conservar as senhoras
em perpetua separaçã das sociedades do sexo masculino); e pude
alli vêr, não sem horror, depois de céas opiparas passarem os convi-
dados escandecidos por frequentes libações a destroçar em uma mesa
de jogo de azar violentissimo as suas fortunas, ou as alheias: dalli
nasciam a um tempo as hepatytis, e as banca-rotas, e por ultimo
a immoralidade. É certo que a civilisaçã do seculo vae já modifi-
cando aquellas rudes usanças: consta-me que já em Loanda vae
tomando o seu logar na sociedade dos homens o sexo amavel desti-

nado a melhorar-lhes as inclinações; e tambem me consta haver alli um theatro particular, a que deu impulso o governador Noronha, e os que se lhe tem seguido; e por certo que em parte alguma pôde dar-se uma maior necessidade de espectaculos licitos e innocentes, para desviar as classes abastadas do furor do jogo, que todavia predomina ainda.

Quanto ao mais, o viver da gente grave de Loanda é o de uma cidade do Brazil. . . Brasileira é a sua cosinha bem farta de estimulantes; — brasileiro é o dialecto alli usado no trato domestico; — brazileiras parecem as damas na molle indolencia em que vegetam, cercadas de um grande sequito d'escravas, ostentando em publico grande luxo no seu vestir, e na pompa que as rodêa; mas andando usualmente meias vestidas e com as pernas nûas quando estão dentro em sua casa; — e tambem os homens pelos seus habitos e propensões não vão fóra do typo brasileiro. Os transportes de conducção mais usados são as chamadas *tipoyas* — que vem a ser — uma rêde de dormir (das que se usam em toda a America) prêsa pelos extremos a uma vara, ou bambù, que assenta sobre a cabeça dos negros conductores, e sobre a qual se fórma um docel, donde pendem cortinas de sêda, ou de chita etc. — que encobrem a pessoa que vae dentro, e a preservam dos raios do sol: ha ahi tambem algumas carruagens de rodas, bem como cadeirinhas de conducção, e por ventura não tardarão a introduzir-se os palanquins á indiana.

Os moradores de Benguella forcejam por seguir quanto podem os usos — bons e máus — dos seus compatriotas de Loanda; mas o viver naquelle paiz é uma lucta continua com a doença, e com a morte: os homens brancos tem contrabido o habito constante de andarem pela rua sempre com a mão no pulso para observar as pulsações, e quando se encontram, a pergunta usual é — *se já fallou a febre*. . . Mulheres brancas não as ha, nem as pôde haver sob pena de morte certa, maiormente se estiverem ellas ainda em idade de poder ter filhos; porque ainda não ha exemplo até hoje de parto de mulher branca, que não custasse a vida á mãe e ao filho: isto diz tudo: todavia nos intervallos da molestia — boa mesa — e jogo — são os passa-tempos de Benguella; e ahi ha luxo, não só nas casas dos ricos negociantes, mas ainda mesmo nas choupanas dos negros porque a terra regorgita em riqueza pelo seu muito commercio, que por ventura lhe virá a fugir em parte para Mossamedes, se o bom clima daquelle porto convidar para elle, como é de esperar, as casas de commercio de Benguella.

Antes de concluir este capitulo devo apresentar pelas proprias palavras as sensatas observações de um escriptor recommendavel. J. C. Fêo Cardoso, na sua Memoria impressa em Paris em 1825 — « Em geral (diz elle fallando do complexo dos Dominios Portuguezes de Angola e Benguella) podem assignar-se trez cauzas principaes á decadencia da povoação, que alli se observa: primeiro, os poucos cazamentos nas classes elevadas da sociedade; segunda, a miseria e pobreza no povo; terceira, a immoralidade, a incontinencia e a devascidão dos costumes, em ambas. A primeira provem do uzo, ou abuso introduzido de dar grandes presentes e joias ás noivas, o que sendo impossivel, a maior parte preferem o celibato ao que chamam descrédito. A segunda he o resultado do sistema já exposto, de ser o povo obrigado a uã vida errante, trabalhosa, miseravel, e pouco lucrativa (*alludia ao systema dos carregadores hoje proscripto*); a ultima he a consequencia necessaria das duas: talvez que alguma lei sumptuaria empregada com prudencia, e mais que tudo o exemplo dos Capitaes generaes, e das authoridades superiores, contribuissem para facilitar os cazamentos dos nobres, diminuindo-lhes os encargos, que por serem de opiniã custão ainda mais a desarreigar.

« Em quanto ao povo, dada nova direcção aos capitaes, e applicando-se estes com preferencia á agricultura, industria, e commercio de seus productos, necessariamente ha-de haver emprego para muitos braços, e apparecerá a abundancia e riqueza, que são as bases da prosperidade publica e individual, origem sempre de uma povoação robusta, e do seu augmento progressivo. » Depois do que atraz deixo escripto sôra ocioso o afirmar, que nesta ultima parte sou inteiramente da opiniã deste auctor.

Quanto porém a leis sumptuarias, parece-me remedio inefficaz contra preconceitos sociaes, que só por meios indirectos podem vir a desarreigar-se: um delles é certamente o *do exemplo*; mas nem sempre, — ou antes poucas vezes — os governadores, e altos funcionarios estão no caso de o poder dar, sobre tudo em negocios matrimoniaes. Consignei com tudo este trecho para completar com elle o quadro dos costumes de Angola e Benguella.

Antes de concluir este capítulo devo apresentar pelas próprias palavras os seguintes observações de um acadêmico reconhecido, Sr. C. do Cardoso, na sua obra impressa em Paris em 1835. — Em geral, quer elle falando de complexos dos Dominios Portuguezes de Angola e Bengalia) podem assignar-se tres classes principais e de caracteristica da povoação, que alli se observa: primeiro, as classes caracteristicas das classes de sociedades; segundo, a industria e povoação no povo; terceiro, a immobillidade e immobillidade e a caracteristica dos costumes, em ambas. A primeira pertence ao modo de vida introduzido de haes grandes seculos e hoje a se renovar e que sendo immovel, a maior parte pertencem a elle. A parte de que chamam descrito. A segunda he o resultado de um sistema de exploracão de ser o povo obrigado a um trabalho, industrial, mercantil, e pouco lucrativo, a fim de manter as caracteristicas de povoação; a ultima he a consequencia necessaria das duas: haver que alguma se supplanaria empregada com a industria e mais que tudo o exemplo dos capitães generaes, e das autoridades superiores, confundiam-se para facilitar as caracteristicas dos povos, diminuindo-lhes os caracteres que haer se deo a industria e mais que tudo a desastrosar.

« Já passio ao povo, dada nova direccão nos capitães e quando estes com preferencia a agricultura, industria, e commercio de seus productos necessariamente ha-de haver emprego para muitos povos, e a industria e riqueza que são as bases de prosperidade publica e individual, costum sempre de uma povoação robusta e do seu augmento progressivo. » Depois de que elles seculo tem crecido o numero, que nesta ultima parte seu immutabilidade da opinão deste autor.

(Quando porém a lei supplanaria, parte-me remedio heilicoz contra desconhecidos sociais, que se por muitos individuos podem se generalizar-se: um bello e certamente o exemplo: mas sempre — ou antes poucas vezes — os governadores, e a sua immutabilidade de costumes de Angola e Bengalia.

... as caracteristicas de povos, e a industria e riqueza que são as bases de prosperidade publica e individual, costum sempre de uma povoação robusta e do seu augmento progressivo. » Depois de que elles seculo tem crecido o numero, que nesta ultima parte seu immutabilidade da opinão deste autor.

(Quando porém a lei supplanaria, parte-me remedio heilicoz contra desconhecidos sociais, que se por muitos individuos podem se generalizar-se: um bello e certamente o exemplo: mas sempre — ou antes poucas vezes — os governadores, e a sua immutabilidade de costumes de Angola e Bengalia.

ENSAIO

SOBRE A

STATISTICA D'ANGOLA E BENGUELLA

E

SUAS DEPENDENCIAS NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

AO

SUL DO EQUADOR.



LIVRO III.—PARTE II.

ENSAIO

DE

STATISTICA D'ALGORA E HENGENDIA

2

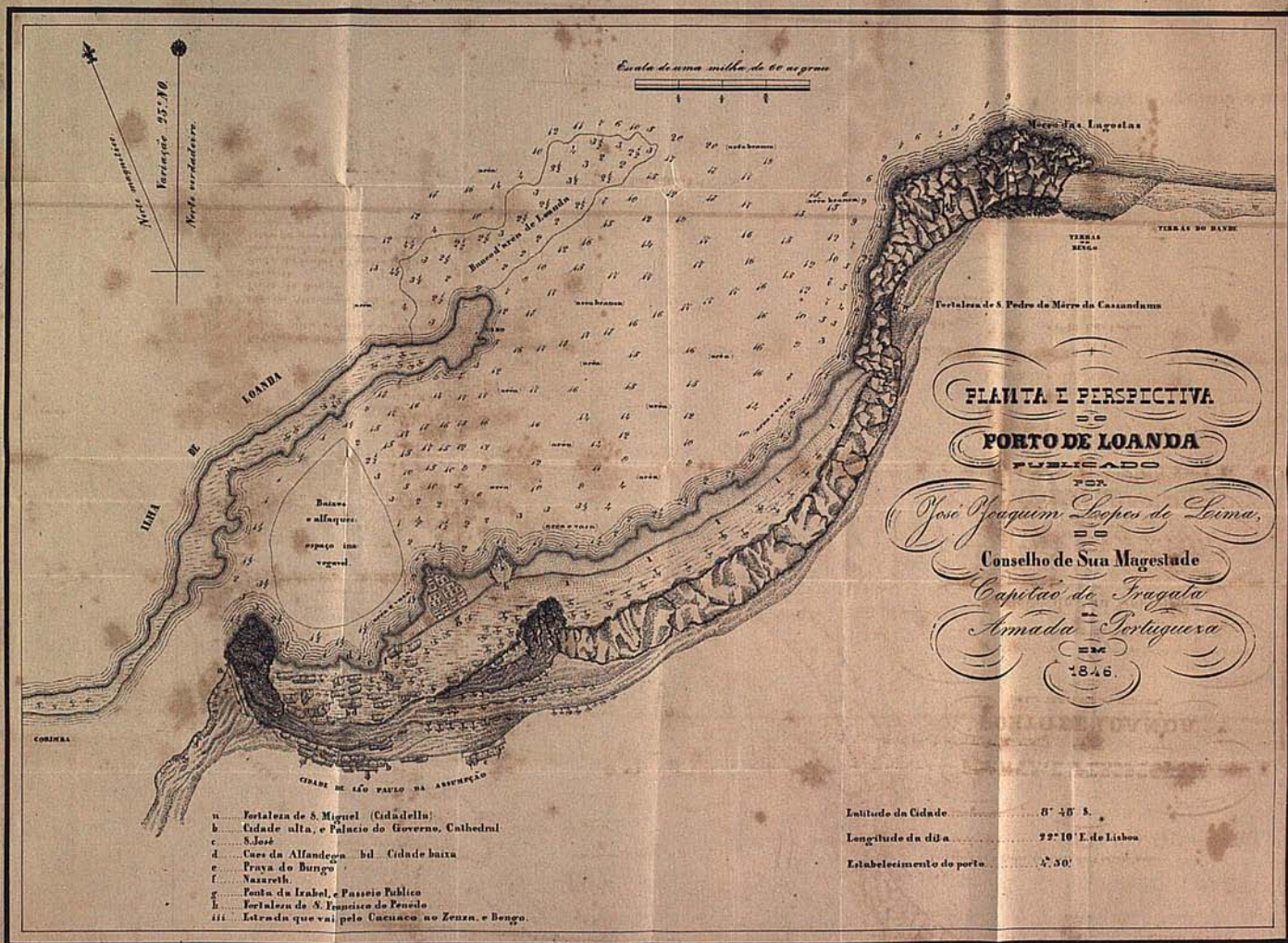
DE LAS DEPENDENCIAS NA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

10

DE DO KODOR

—

LIVRO III.—PARTE II.



- a. Fortaleza de S. Miguel (Cidadella);
- b. Cidade alta, e Palacio do Governo, Cathedral;
- c. S. José;
- d. Casa da Alfandega; e. Cidade baixa;
- f. Praya do Bungo;
- g. Nazareth;
- h. Ponta de Isabel, e Passio Publico;
- i. Fortaleza de S. Francisco de Penedo;
- iii. Estrada que vai pelo Cacuaco ao Zenza, e Bengo.

Latitude da Cidade 8° 25' S.
 Longitude da d'ja 22° 10' E. de Lisboa
 Estabelecimento do porto 4.50'



PARTE SEGUNDA.

STATISTICA TOPOGRAPHICA.

CAPITULO I.

Angola e suas dependencias.

DEIXANDO aos amadores de fabulas e confusa e absurda legenda, que o missionario *Cavazzi* se entretete a compôr ácerca da origem do reino de Angola, — o que ha de averiguado e certo vem a ser, que este reino cujo verdadeiro nome era *Dongo* constituia a provincia mais meridional do imperio do Congo até quasi ao meado do seculo XVI em que poucos annos antes da invasão que aquelle imperio soffreu dos jagas do interior chamados *zimbos* (ou *mu-zimbos*), o jaga de Matamba *Gola-Zinga* (ou *Ginga*) havia já começado por conquistar este territorio que tanto á mão lhe ficava (1) e o dera em apanagio a seu filho *Gola-Bandi*, — e dahi provém a similhaça que se encontrava nos apellidos das casas reinantes dos dous reinos de Dongo, e Matamba, que por vezes andaram reunidos no mesmo imperante, com quanto sempre fossem distinctos — e isto confundiu os historiadores. O moço *an Gola* tendo succedido a seu pae em 1559 estendeu a sua conquista até á barra do Dande; mas tendo o rei do Congo sido soccorrido em 1570 pelos portuguezes de

(1) Por documentos authenticos a que me referi na Introduçãõ a este livro se vê que em 1548 ainda o porto de Loanda era de el-rei do Congo (ao menos de direito) porque elle tirava nesse anno uma inquiriçãõ (existente na torre do tombo) do contrabando que lá faziam os portuguezes de S. Thomé; mas em 1556 já havia em rei d'Angola, que mandava embaixadores a Lisboa a pedir a protecção da corõa de Portugal: parece pois que a conquista do littoral se effectou nesse meio tempo, com quanto já em 1548 o reino do Dongo tirease assumido o nome de *Angola* do primeiro conquistador.

Francisco de Gouvêa (1), o qual a muito custo o restaurou na posse do seu Estado, mandou em 1572 ao encontro do joven conquistador um exercito commandado pelo conde do Senho, cujas proprias terras se viam a esse tempo ameaçadas de perto: depois de varias fortunas em diversos encontros nas terras do Mossul, e do Ambuila, assentaram pazes, ficando o novo rei do Dongo com as terras que seu pae, e elle, haviam tomado tanto no interior, como no littoral até o Cuanza, reservando-se sómente o rei do Congo a posse da ilha de Loanda, aonde se colhia o buzio chamado *zimbo*, com que pagava as suas despezas: este mesmo rei governava, — e já seu pae tinha dado o seu nome de *An-Gola* ao reino que elle ia conquistando — quando em 1560 Paulo Dias de Novaes lhe foi por embaixador; e ainda continuava a reinar, já em paz com o rei do Congo, quando o mesmo Paulo Dias appareceu como conquistador naquellas praias em 1575: na Introducção historica a este livro, e no catálogo chronologico dos governadores, que acompanha o capitulo v da 1.^a parte, dei já uma noticia resumida (qual competia a uma obra desta natureza) dessa tão celebre conquista, e seu progresso até os nossos dias: alli se vê que o rei do Congo reuniu a sua má fé em 1648 com ceder á corda de Portugal a posse da ilha de Loanda, em quanto que o reino de Dongo, conquistado a pedaços nos seculos xvi e xvii, pelo valor e constancia de bem poucos portuguezes, foi de todo reduzido e incorporado nos proprios nacionaes em 1671 quando o invencivel Luiz Lopes de Sequeira tomou as *Pedras de Pungo an dongo* com a morte do ultimo rei D. João Hary (2). Quanto ao reino de Matamba, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *terras de Ginga*, havia-se elle conservado até nós só com a perda das ilhas do Cuanza, cedidas á corda portugueza em 1745; mas em 1838 havendo o imprudente Ginga invadido os nossos dominios, e provocado a ira dos portuguezes, teve em castigo perder o grande soavido de *Quiloange Quiassama* (3), que constituia a maior e melhor parte do que lhe restava, achando-se hoje por conseguinte aquelle orgulhoso potentado só com a posse de um mui limitado territorio em redor da sua Banza de Matamba.

(1) Veja-se no n.º 3 da 5.^a serie dos *Annaes maritimos* a minha Memoria sobre o descobrimento, posse, e conquista do reino do Congo pelos portuguezes. . . A invasão dos zimbos no coração do Congo, teve lugar em 1558; mas as incursões dos jagas nas provincias do Sul do reino parece serem de data mais antiga.

(2) Cabe-me indicar aqui um erro typographico com que sahii a Introducção a este livro, que sendo de uma só letra, é todavia essencial para a verdade historica; e é o seguinte — Introducção — pag. xxxi — lin. 28 — em vez de: Congo — *lea-se* Dongo.

(3) É hoje o nosso presidio *Duque de Bragança*.

É cabeça e capital desta conquista, e de toda a vasta provincia de Angola e Benguella (muito maior que o reino de Portugal) a mais formosa e nobre

CIDADE DE S. PAULO DA ASSUMPTÃO DE LOANDA — situada na costa do mar em 8° 48' latit. S., e 22° 10' longit. a E. de Lisboa, em uma enseada fronteira á ilha de Loanda, que lhe dá o nome. Divide-se em alta, e baixa: a cidade baixa se estende de Leste a Oeste ao longo da praia desde a ponta da *Isabel*, aonde está o passeio publico, — ou mais propriamente desde a ermida da *Nazareth* (1) até ao sopé do môro de *S. Miguel*, sobre a qual campêa a fortaleza do mesmo nome, — cidadella de Loanda, de que já dei larga noticia no capitulo VI da 1.ª parte deste livro. Junto á ermida da *Nazareth* avistam-se casas de campo dos cidadãos mais ricos, e por entre ellas algumas cubatas: a este arrabalde segue-se a praia do *Bungo*, que faz uma ponta ao mar, facil de distinguir por uns grandes coqueiros que a assombrom: nesta praia ha grande concurso de povo miudo por haver nella um mercado volante a que chamam a *Quitanda pequena*, e lá se costumavam fazer as execuções: ha em redor muita casaria miuda, entre a qual avultam algumas grandes casas de negociantes: passada a praia do Bungo está a magnifica casa da alfandega mandada edificar por D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho juntamente com o edificio do Trem, que com ella pega pelas trazeiras — tudo obra de boa cantaria; — e de cantaria é tambem o vasto cões da dita alfandega que lhe fica em frente, e é obra do governador Manoel de Almeida e Vasconcellos; e do lado de Oeste do cões fez construir D. Fernando Soares de Noronha um muito bom telheiro, aonde se guardavam as embarcações do arsenal, e as galeotas: por detraz se elevam os dous grandiosos quartéis da cavallaria — com capacidade para 200 cavallos — fundação de D. Antonio Alvares da Cunha. Dalli deixando á esquerda a capella, e pequeno largo de *Santa Iphigenia*, e varias travessas povoadas de mui boas casas — corre para a direita, ou para o ponente: uma desafogada e linda praia do comprimento de meia milha, toda guarnecida de casas nobres de moradores abastados frente ao mar: em meio destas ergue os seus dous campanareos a igreja parochial de *Nossa Senhora dos Remedios*, e no extremo occidental se vê a

(1) A cidade começa propriamente na ermida de Nossa Senhora da Nazareth, ao pé da qual vem fechar a linha de barreiras que a cercam: dahi segue para o NE. uma bella estrada pela praia a qual passa pela porta do passeio publico na Ponta da Isabel, — dahi vai á fortaleza de S. Francisco do Penelo, — e dahi curvando-se mais para o N. se dirige ao Cacunco.

igreja do *Corpo Santo*; e logo ao pé a *Quitanda grande* (mercado principal, e mui bem disposto em barracas — obra do vice-almirante Luiz da Motta Fêo), e o terreiro publico, edificio quadrado de boa cantaria com uma praça no centro e uma cisterna para 250 pipas d'agua, — utilissima fundação que tem o cunho de seu auctor, o capitão general Sousa Coutinho. Por detraz da freguezia dos Remedios, fica a praça do Pelourinho: a esta praça, á praia, e ao largo do Corpo Santo, vem desembocar algumas ruas, e travessas, guarnecidas de casas de pedra; mas por detraz destas contra o outeiro de S. Miguel, estão apinhadas as cubatas, ou palhoças, da negraria, e gente pobre da terra; e por alli sobe uma rampa para a fortaleza de S. Miguel, e alguns caminhos de pé posto guiam ao *Alto das cruces*, e hortas da *Maianga*; do meio porém desta cidade baixa, ao Norte da praça do Pelourinho se eleva pelo outeiro de S. José uma bella calçada denominada *Calçada nova*, que serve de principal comunicação com a cidade alta, a qual sobre o mesmo outeiro avulta elegante em edificios, poucos em numero, porém vastos e magestosos: vê-se alli o typo da idade média; — na cidade baixa o municipio dos burquezues com todo o seu movimento mercantil; e no alto da collina os paços dos senhores: — e na verdade é assim: lá mora o governador, o bispo, e os principaes funcionarios publicos. Subindo a calçada, deixa-se á direita o convento do Carmo, e chegando ao topo entra-se em uma grande praça da forma de um pentagono irregular, com um obelisco no centro, elevado por Luiz da Motta Fêo em memoria da aclamação de el-rei D. João vi; e por elle foi mandada construir nessa mesma occasião uma forte muralha que a sustenta e guarnece pelo lado do Sul, provida de assentos assombrados por uma alameda de arvores de sombra, que se estende para Leste até o hospicio de *Santo Antonio*: chama-se a *muralha de recreio*, e é um excellente miradouro donde se gosa a vista da cidade baixa, e do porto: fronteiros a esta muralha estão — o palacio da residencia dos governadores, feito a pedaços por muitos delles, com vinte e sete janellas de frente — o paço episcopal (antigo collegio dos jesuitas) com oito janellas de frontaria, — e entre estes dous — a casa da junta, mandada fazer pelo governador Sousa Coutinho, de seis janellas, tendo por baixo os armazens, em que se guarda o parque de artilheria. Á direita destes edificios estão — a igreja de *S. João* (dos militares) — e a *da Misericordia*, annexa ao hospital da mesma, o qual tem cinco enfermarias — quatro em forma de cruz, todas para homens, — e uma para mulheres; e neste mesmo hospital se curam os militares por um contracto feito

em 1750 com a Santa Casa da Misericordia, pelo qual a junta da fazenda se obrigou a pagar-lhe a quantia de quatro contos de réis cada anno (1). Do lado direito, ou de Oeste, dos palacios está o quartel da infantaria, dividido em dez companhias, e as respectivas officinas, com vinte e duas janellas de frente — fundação do governador Alvares da Cunha: quasi fronteira lhe fica a casa da camara municipal e cadêa: e no extremo occidental a cathedral, edificio magnifico em architectura, assaz arruinado, apesar dos muitos concertos que em diversas épocas se lhe tem feito, e cujo orago é de *Nossa Senhora da Conceição*. Ao Norte do paço episcopal se avista a igreja do *Rosario*; e mais ao longe na mesma direcção a igreja de *S. José*, que teve comêço em uma ermida coeva com a primeira conquista, depois ampliada em convento dos religiosos da ordem terceira da penitencia. Uma linha de onze guaritas fecha as barreiras da cidade; e logo por fóra dellas ao NO. se topam as hortas das suas *Maiangas* (ou paços publicos), as quaes servem de logradouro aos habitantes da cidade, que querem ir espairecer no campo; e para o mesmo fim se vê á borda do mar na entrada do porto o lindo passeio publico construido na ponta da Izabel por Luiz da Motta Fêo; cuja avenida é uma boa estrada bem arborisada, que segue ao longo da praia, partindo da ermida de *Nossa Senhora da Nazareth*, erigida pelo valente e pio governador André Vidal de Negreiros em honra da Mãe de Deos, como em reconhecimento da insigne victoria alcançada em 1666 contra o poderoso exercito d'el-rei do Congo, a qual se vê pintada em azulejo ao lado direito da capella mór da dita ermida.

Esta cidade — comprehendendo a alta e baixa — tem dentro de barreiras cinco quartos de milhas de comprimento, e tres quartos de milha na sua maior largura, que é ao ponente: a cidade alta por sua mais vantajosa exposição, e menor numero de seus fogos, e melhor construcção dos edificios, é muito mais saudavel do que a parte baixa, a qual é todavia menos doentia do que as visinhas povoações da beira-mar, por não haver alli pantanos, nem praias de lodo: padece toda ella falta de aguas, não havendo mais que os dous poços publicos denominados *Maiangas*, a cisterna da fortaleza de S. Miguel, e a do terreiro publico: a agua das cisternas se distribue por medida á tropa, e empregados publicos; e a dos poços a pouco chega, e é cara a conducção: de balde os hollandezes no

(1) Coteje-se esta passagem com o que deixo dito ácerca da despesa do hospital militar em Loanda no capitulo ix da 1.^a parte.

tempo da sua usurpação tentaram encanar o rio Cuanza desde a confluencia do Lucala até ás immedições de Loanda (1), e o governador José de Oliveira Barboza repetiu á tóa a tentativa desde ao pé de Calumbo: ambas estas obras ficaram no começo, depois de motivarem crescidas despesas; e a sua execução foi depois tida, se não por impossivel, ao menos por extremamente dispendiosa, e por isso para nós impraticavel: a maior parte da agua, que se bebe em Loanda, vem-lhe pois do Bengo em barcos com tanques aonde a trazem a granel: um barco destes de aguada custa ordinariamente doze mil e oitocentos réis, e um barril d'agua na cidade *uma quipaca* (doze réis e meio); mas quando ha *calema* (marezia) na barra os barcos arribam para o Bengo; e é para suprir estas falhas que ha junto ao Trem um deposito de agua dessa mesma vinda nos barcos quando o mar está quieto.

A camara municipal de Loanda importou em 1840 uma machina arthesiana; não me consta porém que ella tenha produzido o resultado que se esperava. Fôra bem para desejar que os moradores de Loanda, á imitação dos de Malta, tivessem nas suas casas pequenas cisternas, aonde guardassem para seu uso a agua das chuvas, e que o governo fizesse construir mais cisternas publicas: tudo isto seria assaz commodo em uma cidade que tem tanto á mão, e tão barato, o petroleo, ou breu judaico, extremamente proprio para forrar cisternas.

Se do Bengo lhes vem a agua que bebem, das margens do Bengo, e do Dandi lhes vem as subsistencias, lenhas, carvão, madeiras, cal, azeite, sal (2), etc. que consomem os seis mil habitantes da cidade e arredores, e as tripulações dos navios surtos no seu porto. Este porto é seguro e abrigado entre a terra firme e a NO. da cidade, e a fronteira ilha de Loanda: de milha e meia é a distancia, mas o ancoradouro para navios grandes é a meia milha da dita ilha — em 16 ou 17 braças de bom fundo de arêa — marcando a fortaleza do Penedo ao S. 4 SE., — a ponta do passeio publico ao S. 4 SO., — e a fortaleza de S. Miguel ao SO. defronte da cidade é todo o mar povoado de baixos e allaques, e só navegavel para escaleres, e esses mesmos em partes encalham: a ilha

(1) Este encanamento dos holandezes mostrava ser antes um canal de communicação com o alto Cuanza, do que de conducção de agua á cidade; porque segundo a sua direcção devia vir desembocar a mais de uma legua de distancia della. O de J. d'Oliveira Barboza nunca se soube aonde havia de vir, nem teve nunca plano traçado, nem orçamento.

(2) O sal vem das salinas do Cacuaco por detraz da cidade junto á margem do Zenza.

de Loanda é toda de arêa e mui raza: nos suas praies se pesca muito marisco, e entre elle o zimbo, outr'ora tão estimado: moram nella mais de mil habitantes (1), quasi tudo pescadores, em quatro-centas cabanas de palha, e tem duas ermidas, uma no cabo (2) que é a ponta do NE., e outra na do SO.: ha ali tambem muitos jardins, hortas, e pomares dos moradores ricos da cidade, e é nella que se projecta fundar o novo arsenal: péga quasi com ella pelo Sul a ilha de *Cazeange*, terra de muito arvoredos, aonde ha uma parochia de oitocentos visinhos (3), tambem pescadores, e marinheiros, cujo orago é S. João Baptista: por entre as duas fica a barra de *Corimba*, que ao tempo da conquista tinha quatro braças d'agua, e por ella entravam patachos e caravellas; mas hoje tem menos de duas, e apenas lanchas aproveitam essa communicação. A ponta septentrional da ilha de Loanda deita para o NNE, a mais de uma legua de distancia um perigoso banco de arêa, aonde tem encaalhado muitos navios por lhe não darem o devido resguardo: para que isto não aconteça toda a embarcação que demanda o porto de Loanda indo do Sul logo que chega tanto ávante como a bôca do Cuanza (a qual bêm se distingue pela agua barrenta do rio, que entra pelo mar) deve seguir ao rumo de Norte verdadeiro com o prumo na mão, não passando das 15 braças para a terra, até descobrir a ponta do *Bengo* por detraz do *mórro das Lagostas* (promontorio que divide a bahia do Bengo da enseada de Loanda), e tendo enchido esta marca deve ir demandar directamente o dito *mórro das Lagostas*, com o cuidado porém de não perder nunca de vista a tal ponta do Bengo, porque com esta cautella não tocará no Recife (4): ao pé do *mórro* se pôde surgir em dez braças de bom fundo, e dali se vae em cata

(1) No mappa n.º 1 esta população vae incluída no total da população da cidade de Loanda, da qual faz parte; pois as duas ermidas que ha nesta ilha em que se diz Missa, e administram Sacramentos, dependem das duas freguezias urbanas... Féo Cardozo não foi muito exacto no que escreveu desta ilha de Loanda.

(2) Nesta Ponta do Cabo se construiu Henrique Jaques de Magalhães um forte (*Nossa Senhora Flôr da Rosa*) que o mar logo comeu.

(3) Esta população vae no mappa n.º 1 incluída no total do districto da *Barra de Calumbo*.

(4) Este Recife, ou banco de Loanda, foi com toda a probabilidade em tempos remotos a parte septentrional da mesma ilha que o mar tem comido; porque esta ilha que, segundo o dizer dos historiadores, tinha cinco leguas de comprimento ao tempo da descoberta, tem hoje menos de tres; e a sua diminuição tem sido constante, e sensivel, ainda que lenta, mesmo na época do nosso dominio: no fim do seculo 17.º se construiu o forte de *Nossa Senhora Flôr da Rosa* no que então era a ponta da ilha e o local desse forte, de que restam muitas pedras, está hoje mais de meia legua pelo mar dentro sobre o banco. No tempo de Pimentel o *Mórro das Lagostas* ficava *de frente da ilha*, e hoje vem a ficar *de frente da falda do banco*, e aquelle auctor nenhuma menção faz deste Recife.

do ancoradouro navegando no quadrante do SO. até encher as marcas atrás indicadas.

Os navios que vem do Norte não tem a guardar-se senão do que vêm encostando-se sem medo ao môro das Logostas, que é limpo: esta viagem de ir tomar a costa pelo lado do Norte indo da Europa é muito mais abreviada; mas só a podem emprehender navios de bom pé, que se atrevam a contrastar as correntes, as quaes em toda esta costa d'Africa vão sempre ao Norte: esta derrota faz-se demandando o Cabo de *Lopo Gonçalves*, e dahi indo ás voltas pela costa abaixo a quarenta leguas da terra — de noite com o terral na volta do Sueste, — de dia com a viração na volta de Oeste, — até passar os sete grâus de latitude S.: passados estes, convém bordejar mais perto da costa de modo que todos os dias se amanheça com terra á vista, para a marcar bem antes de virar ao mar. Porém as embarcações de marcha ordinaria que vão de Portugal para Angola seguem aproximadamente a derrota prescrita por Pimentel, da qual fallarei adiante.

Tornando á ilha de Cazeange, para o Sul desta tudo é baixo em que arreenta o mar até á *ponta da Palmeirinha*, á qual dão este nome os grupos de palmeiras que a distinguem; e desta corre a costa para o Sueste até á foz do Cuanza, e ahi forma uma enseada desabrigada, aonde todavia os navios que a isso se virem precisados podem surgir em seis braços de fundo de vasa, perto da costa.

Eis-aqui em resumo a noticia topographica desta notavel cidade — hoje mui bem policiada quanto a limpeza de ruas, e segurança publica, e illuminada durante a noite desde que lá governou o vice-almirante Antonio Manoel de Noronha; — e bem assim a descripção e roteiro do seu bom porto, cujo grosso trafego está hoje atrahindo a attenção geral da America, e da Europa: desse trafego importante disse já quanto sabia no capitulo IV da 1.^a parte deste livro: agora ajuntarei aqui uma statistica commercial e industrial desta mesma cidade, ainda ha pouco remettida pelo governador geral Pedro Alexandrino da Cunha: é a seguinte:

Statistica da cidade de Loanda em 1845

Casas commerciaes que vendem por atacado.....	33
Lojas de fznenda de toda a especie a retalho.....	35
Casas de mercearia, e molhados — principalmente aguardente	107
Boticas.....	5
Bilbares.....	4
Açougues.....	5

Quitadeiras com fazendas nas quitandas e pelas ruas	113
Ditas que vendem carne de porco, e de carneiro na praça do açougue.	14
Casas que vendem agua ao povo.	16
Ditas que fabricam pão.	7
Lojas de alfaiates.	5
Ditas de barbeiros.	6
Ditas de carpinteiros, e marceneiros.	3
Ditas de ferreiros, e serralheiros	4
Ditas de funileiros.	3
Ditas de ourives.	3
Ditas de pintores.	1
Ditas de çapateiros.	4
Ditas de tanoeiros.	5
Fabrica de charutos.	1

N. B. No numero das boticas entram duas — uma pertencente ao hospital da Santa Casa da Misericordia — outra ao hospital militar. Os bilhares, tres são publicos, e um pertencente á assemblea de Loanda.

Pena é que nesta Statistica não venha especificado o numero de individuos que se empregam nos diversos misteres: todavia dá ella uma idéa vantajosa do movimento mercantil, ao qual os moradores consagram com grande applicação as horas do dia, e á noite se reúnem para gosarem (por ventura com excesso) do divertimento do jogo — ou em casas particulares designadas por turno — ou na assemblea ha pouco instituida: ha ahi tambem um theatro particular, aonde ás vezes representam curiosos.

Já no capitulo vi da 1.ª parte deste livro dei noticia circumstanciada das fortalezas que defendem este porto, e que, bem guarnecidas ellas, tornarão sempre esta defeza respeitavel, sendo aliás susceptivel de reforçar-se em tempo de guerra com trincheiras, ou com baterias enterradas, construidas nas praias da ilha de Loanda, que olham para o lado da cidade, e com ella quasi prendem ao Sul por baixo do Mórro de S. Miguel.

Passarei agora a fallar do *Cuanza*, rio caudaloso de origem desconhecida e remota no interior de Africa, o qual serve de limite meridional ao antigo reino de Angola. A bôca deste rio é facil de conhecer, como já disse, pelo amarelento das suas aguas que sahem ao mar: do lado do Norte se avistam dous montes redondos (as *Mamas*) e no meio da barra tem uma ilha coberta de arvoredo

cerrado: na ponta do Norte construíram os hollandezes um pequeno forte, que está hoje abandonado: na sua barra não podem entrar embarcações que demandem mais de duas braças d'agua por causa dos muitos baixos, aliás movediços, formados successivamente pelas alluviões do mesmo rio, sendo essa tambem a origem de algumas ilhotas que obstruem a sua foz, as quoes indicam haver sido em outro tempo povoadas, mas ha muito tempo que estão desertas, sendo apenas accidentalmente visitadas por pescadores: a unica destas habitada ainda por poucos casaes é a ilha de *Quinzanga*, situada a nove leguas da sua entrada, e defronte desta em uma enseada na margem direita está assentada a

Povoação portugueza de Calumbo — fundada, segundo parece por Paulo Dias de Novaes logo no comêço da conquista (1): tem ali uma parochia (missão dos franciscanos outr'ora) cujo orago é S. José; e em outro tempo havia alli nma companhia de milicias, e outra de ordenanças; mas hoje em dia é apenas defendida por um pequeno destacamento de primeira linha, e governada por um official, que tem o titulo de *cabo da barra de Calumbo*, e exerce juntamente com as funcções administrativas o cargo de piloto-mór da barra do Cuanza: este porto é importante por concorrer a elle todo o commercio dos presidios do interior situados á margem do Cuanza, e por isso o governador Tovar alli construiu por conta da fazenda publica uma especie de terçena, ou armazem de deposito para commodidade dos moradores (2): a jornada por terra a Loanda é de pouco mais de dez leguas, e os empacasseiros a fazem em uma noute levando agua para beber no caminho, onde a não ha: em roda da povoação se estendem pela margem direita do Cuanza arimos, e plantações, algumas dellas consideraveis, mas ha ali ainda muito terreno inculto: este paiz é doentio pela visinhança de muitos pantanos, entre elles um denominado a *lagôa do muge*, cujas aguas accrescidas no tempo das chuvas se estagnam e corrompem no tempo sêcco: dalli vae quotidianamente para Loanda farinha de mandioca, feijão, azeite — de palma, e de amendoim, — esteiras, e madeiras de construcção, além de outras mercancias mais valiosas para o commercio externo, que vem das feiras, e presidios do interior: para estes se navega em lanchas, e pequenas escunas pelo dito rio

(1) Lea-se a Introducção a este livro — a pag. xii — Talvez o seu primeiro orago de Santa Cruz lhe fosse mudado na invocação de S. José pelos religiosos da ordem terceira da penitencia do convento de S. José na cidade, cuja era aquella missão.

(2) Veja-se o que a este respeito deixou dito no capitulo iv da 1.ª parte a pag. 59, e no catalogo dos governadores.

Cuanza, cujo alveo daqui para cima é pouco largo, e pedregoso, e a sua corrente profunda e rapida, povoada de crocodillos, cavallos marielhos, e phocas (a que lá dão o nome de *peixe-mulher*): o primeiro que se encontra é o

Presidio portuguez de Muxima — fundado em 1599 na margem esquerda do Cuanza nas terras mal seguras da Quissama a vinte e oito leguas do mar; e dezoito de Calumbo — pelo famoso capitão Balthazar Rebello de Aragão, que o construiu á sua propria custa (1) no tempo do governador João Furtado de Mendonça. A fortaleza é de pedra e cal, guarnecida com oito peças de grosso calibre, e presidida com uma companhia de cento e tantas praças de primeira linha; e tem bons armazens dentro da praça: constitue a povoação uma freguezia com o orago de Nossa Senhora da Conceição, contendo menos de quinhentas casas, — duas ou tres de pedra, e as demais palhoças: oito sovas lhe são feudatarios (incluindo o proprio sova de Muxima, antigo possuidor daquella terra, e o sova da Quizúa, a quem por nós foi tomada a lagôa desse nome, abundantissima em pescados); mas a sua obediencia é sempre incerta, e a cada passo se rebellam fazendo causa commum com os outros quissamas selvagens contra os portuguezes, a cuja protecção todavia não deixam de se soccorrer quando se sentem ayexados desses máus visinhos. O interior do paiz é esteril, mas em redor da praça á beira do rio produz-se mandioca, milho, e legumes, para sustento dos moradores, bem como azeite de palma, e amendoim para exportar; e porcos, cabras, e carneiros de que o districto abunda; e alli se resgata muito marfim, e cêra, e alguma gomma, que concorre dos sertões da Quissama, Libolo, e Bailundo. A viagem de Calumbo a Muxima é regularmente de tres dias — rio acima. Este presidio — no qual havia dantes uma companhia de milicias, e outra de ordenanças, e hoje ha uma companhia movel de setenta praças — parece-me que apesar da ruindade dos ares, cresceria muito em trato e população portugueza, se se effectuasse a conquista da Quissama, e por aqui se abrisse a communicacão directa com as terras de Benguella: hoje é apenas um porto d'escala para os presidios do alto Cuanza: o que mais perto lhe fica vem a ser o

Presidio portuguez de Massangano — creado pelo primeiro conquistador Paulo Dias de Novaes nos annos de 1580 a 1583 — primeiramente em *Macunde*, donde o transferiu para este logar de

(1) Assim o escreveu elle mesmo em uma Memoria inédita de seu proprio punho, que se conserva de fol. 42 a fol. 45 no codice da real bibliotheca da Ajuda, a que já por muitas vezes me tenho referido.

Massangano, que está em uma lingua de terra entre os dous rios Cuanza, e *Lucala*, que alli confluem, umas dez leguas acima de Muxima (viagem de dous dias); — e alli fundou logo o mesmo Paulo Dias a parochial igreja de Nossa Senhora da Victoria, que teve a sorte de receber os seus ossos (1). Colocado em posição mui defensavel foi este em todos os tempos o mais celebre dos nossos presidios, não só por se ter mostrado inexpugnavel aos innumeraveis exercitos dos barbaros colligados de toda esta região, como por se terem quebrado diante delle as forças disciplinadas dos usurpadores hollandezes, servindo de refugio e capital ás auctoridades portuguezas até que Salvador Corrêa de Sá foi tirar Loanda das mãos daquelles inimigos: e nesse tempo adquiriu Massangano os fôros de villa, e tem camara municipal, e tinha dantes juiz ordinario, e almotacés. O seu districto, que é grande, estende-se na *Ilamba* — que corre sobre a margem direita do Cuanza para cima do de Calumbo, e continua sobre a margem direita do Lucala até pegar com Golungo no logar do *Trombeta*, e tambem comprehende as terras da margem esquerda do Lucala até o pequeno rio *Mucoso*: tem nada menos de vinte e oito sovas feudatarios, pela maior parte gente christã (pelo menos no nome); e contava em todo elle no seculo xvii umas oito parochias (2) das quaes só restava a da villa já nos fins do seculo xviii (3). É paiz mui doentio e alagadiço, mas mui fertil em productos de lavoura, e creações de gados, e terra de muito commercio pela visinhança em que fica da feira do *Dondo*, situada á margem do rio *Mucoso*; á qual concorrem as mercadorias de todo o vasto sertão do Libolo, e Bailundo; e alli vão feirar tambem os aviados de Muxima, e Cambambe (4). A fortaleza de Massangano é de pedra e cal, regularmente construida; monta doze peças nos seus baluartes, e tem dentro muito bons armazens, quartéis, e officinas: a povoação que a rodêa é de seiscentas casas, — só duas de pedra, — havendo entre os moradores grande numero de mulatos. Tinha em outro tempo duas companhias de milicias, e uma de ordenanças: hoje tem sómente uma companhia movel de noventa praças; mas a companhia da primeira linha, que faz a guarnição, e sempre foi — e ainda era em 1843 — de sessenta praças, está hoje elevada a cem. De Muxima a este presidio são umas dez a onze leguas, que

- (1) Lea-se a Introduçção a este livro — a pag. xiv.
(2) Podem ler-se os nomes dos oragos destas oito freguezias no cap. vii da 1.ª parte deste livro.
(3) V. — *ibidem*.
(4) De Massangano vem tambem o ferro de Golungo, preparado na fabrica do sítio do *Trombeta*.

se andam em dous dias incompletos pelo Cuanza acima; e dali a doze leguas mais arriba, que levam outros dous dias de viagem, está o

Presidio portuguez de Cambambe — posto sobre o alcantil de uma serra sobranceira ao rio Cuanza na sua margem direita, posição disputada á custa de muito sangue no fim do seculo xvi, pela geral persuasão que então havia de abrigar aquella serrania minas de prata, até que em 1604 o valente Manoel Cerveira Pereira depois de uma assignalada victoria conseguiu fundar aquelle presidio, assaz importante — não por as toas minas de prata, que ainda permanecem occultas — mas sim pelo grosso trato que alli acode do sertão do Libolo, e do Cassange, e mais terras do interior d' Africa, e ainda por ficar no seu districto junto ao rio Mucoso (que divide a sua jurisdicção da de Massangano) a famosa feira do *Dondo*, á qual, como já disse, concorrem os mercadores de Massangano, e Muxima, e todo o gentio da margem esquerda do Cuanza: aqui pois se resgata muito marfim, alguma cêra, e gomma, e muita madeira de marcenaria, e de construcção, e bambús etc. É terra de bons ares, e medianamente fertil em grangeio de grãos, e creação de gados. Defende-a um reducto de quatro peças construido de pedra e cal; e junto delle a parochia de *Nossa Senhora do Rosario* que conta para mais de quinhetas cubatas, e quatro casas de pedra: era dantes presidada por sessenta praças d' infantaria, e tinha uma companhia de milicias, e outra de ordenanças: hoje está mais bem guardada com cem bayonetas de primeira linha, e uma companhia movel de cento e doze praças. O commandante deste presidio governa trinta sovas vassallos, cujas terras são bem povoadas.

Aqui acaba a navegação do Cuanza desde a sua foz, porque logo acima de Cambambe começam as grandes cataratas onde a massa de suas aguas se despenha de altissimos rochedos em cachoeiras tão volumosas e profundas, que a queda dellas produz uma perpetua neblina a qual deposita nos rochedos das margens camadas de salitre, não obstante serem doces e potaveis as ditas aguas do rio antes, e depois do seu despenhamento (1). Todavia passadas essas catadupas o rio torna a ser navegavel, mas só para canoas, ou pequenos bateis, por causa das suas muitas ilhas, que apenas deixam em algumas partes passagens estreitas entre umas e outras: estas ilhas foram em outro tempo sujeitas ao reino de Matamba (ou Ginga),

(1) Veja-se no capitulo iv da 1.^a parte deste livro a pag. 28 a citação de B. Rebello de Aragão.

mas desde o anno de 1743, que foram conquistadas por Bartholomeu Duarte de Sequeira em tempo do governador João Jacques de Magalhães, ficaram pertencendo á corôa de Portugal (1), e formam hoje parte do districto do

Presidio portuguez das Pedras de Pungo an dongo — antiga côrte dos reis do Dongo, tomada com o reino ao ultimo rei D. João Hary, e incorporada nos proprios da corôa de Portugal, em 1671 pelo invicto Luiz Lopes de Sequeira, sendo governador Francisco de Tavora. — É uma verdadeira maravilha da natureza, situada cinco milhas ao Norte da margem direita do Cuanza, e a vinte leguas a ENE. de Cambambe (jornada que se faz por terra em dous dias): tambem ahi se vae em oito dias directamente de Loanda, cuja distancia é de setenta e cinco leguas pelas voltas da estrada do Cacuaço. A fortaleza, que nada mais é que um reducto de taipa com duas peças, está soberba e agradavelmente construida sobre a viçosa chapada de um inacessivel rochedo de tufo, rodeado de infinidade de outros, cujos cabeços de mil fórmas fantasticas podem parecer ao primeiro lanço de vista as ruinas de uma cidade egypcia: o unico accesso a estas pedras é por uma caverna na rocha, por onde se penetra a custo: ao sahir della entra-se no labyrintho das pedrás ou rochedos de que acima fallo, por entre os quaes o caminho é, além de fragoso, tão enredado, que mal poderá um estranho chegar sem guia ao pé da grande pedra escarpada e magestosa que serve de pedestal ao plaine onde avulta o forte portuguez: por toda a parte o bordam precipicios, e apenas por sendas difficillimas trepando de penhasco em penhasco finalmente se chega a ganhar essa delectosa planicie, aonde se respira o ar mais puro e mais saudavel no meio de uma rica vegetação. Tudo quanto eu poderia dizer daquelle Eden aereo está comprehendido em um trecho da interessante Memoria, a que muitas vezes me tenho soccorrido, do sr. Fortunato de Mello, que melhor que ninguem conhecia essa posição, aonde passára muitos dias deliciosos indo visitar seu respeitavel pae — excellentes medico, e naturalista, o qual escolhêra aquella vivenda com preferencia a todo o mundo para passar a ultima quadra da sua velhice. Citarei pois em seguida as suas proprias palavras — « O presidio de Pungo an-dongo (diz elle) era o logar para onde geral-

(1) Quanto não seria util construir nestas ilhas canoas, ou barcos chatos, nos quaes se explorasse a navegação do Cuanza para Léste até onde fosse possivel!!!... Esta exploração foi ordenada pela côrte de Portugal ao governo de Angola em aviso regio de 14 de Março de 1800 — o qual até mandava fundar novos presídios nas margens deste rio pelo sertão dentro... Nunca porém até hoje se encetou tal empresa.

« mente se mandavaõ os maiores facinorosos, que raras vezes para
« lá iaõ, porque os governadores de Angola lhes faziaõ assentar praça
« no regimento d'infanteria da capital, a muitos rogos daquelles
« mesmos individuos, que naõ tinhaõ do local idéas mais exactas do
« que os juizes que os haviaõ sentenciado; porque aquelle paiz he
« excellente, e mais saudavel do que muitas povoações da nossa
« Beira-baixa. Alli naõ ha carneiradas, grandes, nem pequenas; o
« ar he fino, e quasi sempre fresco: a agua he pura, leve, e cons-
« tantemente fria: ella se despenha de enormes massos, não de pe-
« dra, como toda a gente diz; mas de terra petrificada, misturada
« com arêa grossa, e pequenas pedras siliciosas, destacada huma das
« quaes, por meio de muitas pancadas, fica a cavidade em que se
« achava engastada: pode-se dizer que he a oitava maravilha do
« mundo, que poucas pessoas têm sabido apreciar. O terreno pro-
« duz em abundancia mandioca, milho, feijaõ de varias qualidades,
« genguba, ou amendoim, de que se faz muito bom azeite, bananas,
« ananazes os melhores que se conhecem, hortaliças de toda a es-
« pecie, que duraõ em todos os tempos do anno; romãs, laranjas,
« limas, limoës, algodão, anil, nicociana, arroz, trigo & & &, e he
« susceptivel de dar tudo quanto produzem os melhores paizes da
« Europa. Tem muita caça, principalmente lebres: e o rio Quanza,
« que lhe fica proximo, abunda de bom peixe. No tempo das chuvas
« não apparece huma só môsca, nem hum mosquito: a carne dura
« dependurada, exposta ao ar, trez dias sem se corromper; e nos
« tempos menos humidos cinco: o que não acontece em paiz
« algum d'África ou Asia dentro dos tropicos. Tem muita lenha,
« bellos arvoredos, bons pastos &c.^a Abunda de gado, cuja carne
« he excellente. O leite contem muita parte caseusa, e os queijos
« feitos delle parecem-se muito com os melhores do Alemtejo,
« ou da Serra da Estrella. Em fim ja que o nosso destino
« quiz que a capital daquelles estados não fosse collocada alli (1),
« ao menos seria uma fortuna poder estabelecer-se naquelle ponto
« huma colonia (2). Esta prosperaria em pouco tempo, e os seus

(1) Nesta parte peço licença para dissentir da opinião do illustre A. da Mem-
oria. O grande Paulo Dias de Novaes escolheu muito bem o local de Loanda — ca-
pital da costa occidental d'África, e emporio do seu commercio — o que exigia um
bom porto, e não a chapada de uma rocha a oitenta leguas pela terra dentro.

(2) Esta idéa approvo eu completamente; e cumpre aqui acrescentar, que para
se levar a effeito este importante objecto, o sr. coronel Fortunato de Mello, auctor
desta Memoria, apresentou em 15 de Setembro de 1838 ao Ministerio da Marinha e
Ultramar um plano muito bem coordenado, e exequivel, que existe no archivo do Ul-
tramar.

«habitantes bemdirião a sua sorte gosando de saude, socego, e abundancia.»

Em volta do presidio ha uma povoação de menos de duzentas casas palhoças, algumas dellas de taipa, e poucas de telha, na qual se contam uns mil e duzentos moradores (pela maior parte mulatos, e alguns brancos, entre elles dous ou tres ricos fazendeiros) — tudo gente christã reunida em uma parochia do orago de *Nossa Senhora do Rosario*; mas nos valles e planuras daquelle districto que dalli se estende para a margem direita do Cuanza regado pelos muitos riachos que derivam das pedras, e tambem nas ilhas do Cuanza chamadas de *Quinalonga*, se contam trinta e cinco aldêas, ou banzas de outros tantos soyas feudatarios. A guarnição da fortaleza consiste hoje em uma companhia de primeira linha de cem praças, e a do districto em uma companhia movel de cento e doze praças de segunda linha. No extremo desta comarca — umas seis leguas ao SO. das *Pedras* (1) fica a feira de *Beja*, hoje pouco concorrida — ou antes abandonada, — aonde outr'ora affluia muito trafico das terras de *Ginga*, *Cassange*, *Ganguella*, e do *Libolo*, que lhe está fronteiro ao Sul do Cuanza, e mesmo do sertão de *Bailundo*; por isso que por este districto se faz ainda hoje o caminho por terra para esse sertão, e para *Bihé*, *Caconda*, e *Benguella*, apesar do rodeio que motiva, só por evitar a passagem por entre o roim povo da *Quissama*. Para o lado do Norte, logo além das *Pedras*, começa a raia do districto de *Golungo* alto, e a doze leguas ao Norte das mesmas *Pedras* — viagem de dous dias escasos — se encontra o

Presidio portuguez de Ambaca — fundado em 1614 por o governador Bento Banha Cardozo na margem do rio *Lucala* na *Ilamba* a umas oito leguas de *Massangano*, e depois transferido em 1616 para o lugar onde hoje se acha — muito mais pelo sertão dentro, mas sempre na margem esquerda do *Lucala* — pelo governador *Luiz Mendes de Vasconcellos*. A sua fortificação consiste em um reducto de taipa de oito peças: a sua guarnição de primeira linha, que era uma companhia de cento e vinte praças, foi no anno de 1838 mudada por ordem do governador *Vidal* para o novo presidio — *Duque de Bragança* — e *Ambaca* ficou desde então sendo a capital do

Districto do alto Golungo. — Este districto reunindo hoje o

(1) O presidio de *Pungo an dongo* é vulgarmente chamado em *Angola* — o *presidio das Pedras* — e em *Portugal* — o *das Pedras Negras*.

antigo e grande districto de Ambaca com o do Icolo-Golungo é o maior, mais povoado, e mais rico de quantos possui a corôa portugueza naquella região: tem na sua totalidade cento e trinta e tres sovas feudatarios — sendo cento e trinta da antiga jurisdicção de Ambaca, e tres do districto de Icolo-Golungo: os primeiros pagam dizimos; mas os de Icolo-Golungo não os pagam; porque o governador Saldanha da Gama lh'os commutou no tributo de cem barrinhas de ferro extrahido das suas montanhas, que era nesse tempo destinado para a magnifica fabrica de ferro de *Oeiras* mandada construir pelo governador Sousa Coutinho junto a essas mesmas montanhas (como deixo explicado no logar competente), e que se recebem agora na pequena fabrica do Trombeta — capital antiga deste pequeno districto, — o qual se estende desde o Lucala até o Bengo a umas quarenta leguas a Leste de Loanda; e a Leste delle é que fica o districto da jurisdicção de Ambaca. Toda esta comarca reunida contém para mais de oitenta mil habitantes: ha alli bastante lavoura, e muita criação de gados, e em especial se criam com grande cuidado os *bois cavallos*, especie de bisontes de pontas revoltas, e que os creadores accommodam desde pequenos á carga, praticando-lhes por debaixo das ventas um orificio, por onde lhe passam uma corda, e desse modo os guiam, e com elles transportam de continuo fardos de fazendas, e outras mercadorias entre Loanda e as feiras e mercados do sertão ao Norte e ao Sul do Cuanza, e até ás mesmas terras da jurisdicção de Benguella; e por isso mesmo é alli mui grande a concorrença do commercio de todas as partes: mui perto de Ambaca está a feira de *Lucamba*, hoje cahida em desuso, sendo agora o mesmo presidio o principal mercado daquelle sertão. Além da manipulação do ferro toscamente tirado das pedras dos seus montes ha tambem no districto uma fabrica de curtumes de pelles creada pelo governador Tovar. Este povo professa geralmente o christianismo, o que foi devido ás fadigas evangelicas dos padres carmelitas que alli tinham a missão de *Santo Hilarão de Bangó* aquitamba junto ao rio *Lombige* e no seculo xvii missionaram muito bem, e ainda continuaram, posto que com menos fervor, no seculo xviii: hoje porém que as missões se acabaram, e que as igrejas estão sem pastores é lamentavel o abandono espirital daquella pobre gente. Estas igrejas, hoje orfãs, são além da missão referida, — as de *Nossa Senhora da Assumpção* de Ambaca, — e *S. Joaquim de Malua*, — e *S. João Evangelista do Golungo*. O districto tem para sua defesa quatro companhias moveis de segunda linha, que sobem a

umas duzentas e sessenta praças: agora porém que se estendeu por aquelle lado a nossa fronteira, a sua melhor defensão consiste no

Presidio Duque de Bragança — construido em 1838 pelo tenente coronel Joaquim Filippe de Andrade logo depois da conquista por elle mesmo feita daquelle territorio ao sova rebelde *Quiloange Quiassamba*, vassallo de Ginga, que ousára entrar com mão armada pelas terras de Ambaca, e despojar o sova de *Hary* nosso antigo feudatario: tudo isto se passou no tempo do governador Manoel Bernardo Vidal, o qual mandou logo de Loanda doze peças para artilhar o forte, que é de taipa, mas bem construido, e para elle mandou passar a companhia de cento e vinte homens de primeira linha, que dantes guarnecia o reducto de Ambaca. — Faltam statisticas desta nova possessão: sabe-se porém que o seu districto fica a Léste do de Ambaca ao Norte do — hoje mui diminuto — reino de Matamba, e confina pelo lado do oriente com as pouco exploradas terras dos *Molúas*, com os quaes se podem agora travar relações utilissimas; — que os seus productos são os mesmos que os dos outros districtos; e que ha ahi muitos christãos convertidos pelos padres capuchos italianos, que tinham neste territorio á margem do rio *Mombello* a mui util missão de *Cahenda*, e eram bons obreiros da vinha do Senhor; mas desappareceram de Angola ha mais de trinta annos, e seguiu-se para aquelles christãos o desamparo total de ministros do culto geral em todo aquelle reino: o mesmo presidio por ora não tem parochia: para formar alli uma colonia havia o governador vice-almirante Noronha destinado uma leva de vadios remettidos pelo consul portuguez no Rio de Janeiro; mas como aquelle governador se retirasse antes da chegada desses colonos, os homens, que ficaram governando tão máu tempo escolheram para o seu transporte, e tão más providencias para elle deram, que morreram quasi todos pelo caminho. As terras do presidio Duque de Bragança, bem como as de Ambaca são tidas geralmente na opinião de mui saudaveis; mas não assim as do Icolo-Golungo, que são bastantemente doentias: lá morreu ainda ha bem poucos annos, e em bem poucos dias, o governador D. Domingos de Saldanha.

Sahindo destes presidios — Ambaca, e Duque de Bragança — para o Norte, deixa-se á esquerda o districto de Zenza e Quilengues, de que fallarei logo, e tem de atravessar-se a chamada

Provincia dos Dembos — cujas terras montuosas, pouco povoadas, e pouco productivas, são governadas por seis dembos, ou poten-

tados (1), que unicamente se obrigam a dar gente para a guerra, sem outro algum encargo: cada um delles tem varios sovas na sua dependencia: este sertão é de pouco trato, e a gente naturalmente levantadiça, e de condição áspera: a população, de pouco mais de vinte e cinco mil almas é quasi nómade, mudando a miudo as suas banzas e libatas de um para outro sitio (ás vezes a muitas leguas de distancia); e por este modo occupa o extenso territorio das duas margens do alto Dande, e ainda além, para o Norte até as terras do Dembo Ambuela, o qual com os oito sovas que delle dependem, é nosso vassallo, sujeito á jurisdicção do

Presidio portuguez de S. José d'Encoge — fundado em 1759 pelo governador Antonio de Vasconcellos para defeza da fronteira septentrional deste reino de Angola, e pouco depois accommettido pelos Dembos Ambuela, e Naboangongo, e pelos Mussoens (povos aventureiros e vagabundos do sertão de *Oh-holo*), que foram todos destróados por varias vezes, e reduzidos á obediencia e vassallagem em 1794. Esta famosa *Pedra d'Encoge*, na qual está assentado o nosso presidio, é um grande rochedo vasado, formando uma muralha natural, e no seu ambito pôde receber um grande exercito, sendo facil de defender com pequena força o desfiladeiro que lhe serve de avenida: a nossa fortaleza domina este recinto: é ella um forte de pedra e cal com nove boas peças d'artilheria, e a sua guarnição consiste em uma companhia de cem praças de primeira linha; e ha no seu districto uma companhia movel de setenta praças de segunda linha. Temos alli sem pastor a parochia de S. José, que era missão dos capuchinhos italianos. O paiz é mui doentio: as suas grangearias são de pouca monta, e apenas bastantes para o consumo dos moradores: o seu commercio porém pôde ser muito importante por estar proximo á margem do rio Ambriz — junto á qual tinhamos dantes a feira de *Oanda*, agora abandonada, — e consequentemente á fronteira do Congo donde vem tanto marfim etc.: por este lado deve considerar-se este presidio como um posto avançado do nosso dominio: tem porém o defeito de estar muito isolado, por se achar a perto de setenta leguas de Loanda, e a mais de vinte e cinco de Ambaca, que é o presidio mais proximo ao Sul; ficando aberta ao

(1) Os seis dembos são os seguintes — o *Ambula*, que domina todo o territorio comprehendido entre as correntes do Bengo, e do Dande, a Leste das duas barras; — o *Naboangongo*, senhor do paiz entre os rios Dande e *Onzo*, a Leste do *Mossul*; — o *Quinguengo* confinando com o Naboangongo para o lado do Oriente; — o *Ambuela* ao norte do Quinguengo, dominando o paiz aonde está o nosso presidio d'Encoge; — o *Quitexe*, visinho do Ambuela ao NO., e tendo o seu estado na margem esquerda do rio Ambriz; — e o *Dambó*, visinho deste, e do Mossul.

contrabando todo o resto da fronteira do Norte: conviria pois construir um pequeno forte no lugar onde era outr'ora a nossa feira de *Oanda* (à margem do Ambriz fronteiro ás terras do *Duque de Quina*, vassallo de el-rei do Congo, aonde ha minas de cobre), e um outro mesmo na foz do Ambriz nas terras do *Marquez do Mossul*; e ainda um outro no porto de *Quitungo* do mesmo Mossul, aonde se faz muito trafico clandestino.

Este marquez de Mossul senhorêa toda a costa desde o rio *Loge* ao Norte do Ambriz até o rio *Lifune* ao Sul: tem varios sovas, ou *manis*, na sua dependencia; e confina pela parte de Léste, e do Sul com a provincia dos *Dembos* (cada um dos quaes governa tambem varios sovas): o seu paiz é regado pelo rio *Onzo*, que nasce no districto d'Encoge: aos seus portos de Ambriz, e *Quitungo*, concorrem muitos navios a mercadejar: é senhor de grande estado: foi em tempos remotos vassallo de el-rei do Congo, cuja sujeição sacudiu: em 1790, no fim do governo do barão de *Mossamedes*, invadiu repentinamente o nosso Estado, e passando pelas terras do *Dembo Ambuila* chegou com grande exercito até o *Bengo*: a punir tamanha perfidia sahio com o exercito de *Loanda* o sargento-mór *Paulo Martins Pinheiro de Lacerda* (que nos deixou escripta uma noticia desta campanha), e depois de uma guerra perfida que durou por muitos mezes, derrotadas em muitos encontros as forças do Mossul, entrou pelas suas terras o nosso exercito assolando tudo, e tomou posse das suas banzas, o que obrigou aquelle soberbo potentado a vir a *Loanda* a reconhecer-se vassallo de Sua Magestade Fidelissima, de que assignou com todas as formalidades o termo de vassallagem, que lá está exarado no livro respectivo (1): neste mesmo tempo se construia na foz do rio *Loge*, (ao Norte do Ambriz) um forte portuguez, o qual foi mandado demolir por um aviso regio de 12 de Agosto de 1791: não se sabe até hoje qual fosse o motivo desta ordem da côrte de Portugal: talvez se entendesse (e bem, a meu vêr), que para a construcção de uma fortaleza não era local adequado a foz do pequeno rio *Loge*, mas sim a do grande rio *Ambriz*, ou o porto de *Quitungo*: em todo o caso intacto subsiste o nosso direito para mandar estabelecer não

(1). Foi depois de avassalado o Mossul, que os *Dembos* seus alliados, tentando de novo a sorte das armas, começaram com novas tropelias a rebellear-se contra o estado em 1792, pelo que sahio novamente a campo o mesmo sargento-mór *Pinheiro de Lacerda*, em 1793, e depois de uma guerra feliz e destruidora (sobretudo para o *dembo Ambuila*—mais visinho e chefe da conspiração), os forçou a virem em 1794 submeter-se á vassalagem da corôa portugueza.

só fortalezas, mas tambem alfandegas, nos portos de Ambriz, e Qui-tungo, pertencentes ao nosso vassallo marquez de Mossul, contra o qual no caso de repugnancia nos seria dado empregar de novo a força das armas: e só por tal modo ficaria cuberta a nossa fronteira septentrional, acuteladas as rendas da corôa portugueza, e evitado o escandaloso contrabando d'escravatura, que ainda se está fazendo naquelles dous portos (1).

Cabe-me apenas o dever de indicar (porque o resto compete talvez á diplomacia) outros portos mais ao Norte, em que nos se-culos XV, XVI, e XVII, só podia tremular a bandeira portugueza, cujo era o resgate exclusivo daquellas costas, não só pelo não disputa-do direito de descoberta, e posse, e consenso unanime de todas as nações nos primeiros dous daquelles seculos, mas ainda por tratados solemnes entre a corôa de Portugal e os soberanos do Congo (2). Taes são — a *feitoria portugueza da villa de Pinda* na bôca do rio Zaire, nas terras do *conde do Sonho*, que por mais de dous seculos se manteve no nosso dominio, tendo Portugal alli uma alfandega, e justiças portuguezas, e um convento de missionarios, cujo zelo evan-gelico soube manter o espirito do christianismo naquelle reino do Congo, ainda hoje christão, e feudatario da corôa portugueza (ao menos de direito); — e os portos de *Loango*, *Molemo*, e *Cabinda*, no ullimo dos quaes tivemos em tempo antigo uma fortaleza portu-gueza que foi reedificada em 1783, e destruida no anno seguinte pela esquadra franceza de *Mr. de Marigny*, o qual apossando-se do forte por capitulação (porque uma epidemia que grassava na guar-nição a tinha posto fóra de combate) o fez demolir contra o direito das gentes, e sem apresentar outro titulo mais do que os canhões das suas duas fragatas. Nada mais direi a tal respeito, porque não vem a meu proposito.

Deixando pois as fronteiras de Léste, e do Norte do reino de Angola, que acabo de descrever, para fechar o poligono que os nossos dominios formam em roda da capital de Loanda, sahiremos das terras do marquez de Mossul, e correndo a costa para o lado

(1) Na mesma convenção de 30 de Janeiro de 1786, entre as côrtes de França e de Portugal (que por certo nada teve de vantajosa para esta ultima) se reconhece o *direito exclusivo* de posse da corôa portugueza *nos costas ao Sul do Cabo Padrão para nellas formar estabelecimentos etc.* — Ambriz é muito ao Sul do Cabo Padrão: — em 1786 abriu-se o porto de Ambriz ao commercio estrangeiro (como está hoje o de Angola), mas sem prejuizo do nosso direito de fiscalização e de *propriedade*. . . Ambriz é um porto do reino de Angola: isso é que é inquestionavel.

(2) Lêa-se o que escrevi na 5.^a serie dos *Annaes maritimos* com o titulo de — *Descobrimto e posse do Reino do Congo pelos Portuguezes, etc.*

do Meio-dia, passado o pequeno rio *Lifune* — rio de boa agua, mas de pouco cabedal, e inavegavel, nascendo a pouca distancia do mar na provincia dos Dembos — vamos a entrar logo na jurisdicção da *Barra do Dande* — districto portuguez de pequena extensão, mas interessante, não só por se acharem nelle os montes de *Libongo*, que vertem de si as fontes do petroleo (e por conseguinte inculcam acharem-se prenhes de carvão de pedra), e de cujas carreiras se extrahê pedra lioz para construcções, giz, e pedra calcarea, (para cuja preparacão ha ahí mesmo no Dande um forno de cal); como tambem, porque além destes materiaes dalli vae para Loanda toda a lenha e carvão de choça que lá se consome, e a madeira serrada para construcção de casas, para o que trabalha constantemente neste districto uma serraria, e além destas se cortam em toda a margem do Dande muitos páus para construcção naval. A capital é uma povoação de duzentas casas com a parochia de *Santa Anna* (sem telhado e em abandono), e um forte arruinado na bôca do rio com pequena guarnição tirada de uma companhia movel de noventa praças de segunda linha, levantada no districto, o qual se estende pelo rio acima, — tem doze sóvas vassallos, — e ha por allí mui bellos arimos dos cidadãos de Loanda, a quem abastecem de muito milho, mandioca, legumes, fructas, e hortaliças, por ser o solo mui fertil, ainda que assaz doentio: tudo isto é governado por um official com o titulo de *cabo da barra*, o qual tambem inspeciona a coudelaria lá estabelecida. Nesta barra só entram canôas e lanchas, porque este rio, como todos os desta costa, tem mênos fundo na entrada que no interior por causa da accumulacão das arêas que as enchentes acarretam no tempo das chuvas. O mesmo se pôde dizer a este respeito, e a outros muitos da

Barra do Bengo — quatro leguas ao Sul da barra do Dande: esta foz do Bengo fórma dentro uma especie de lagamar, e ahí tem a povoação de *Quinfandongo*, e um *cabo da barra* com igual jurisdicção á dos do Dande, e Calumbo: daquelle rio vem para Loanda a agua de que bebem seus habitantes, e com que se refazem as aguadas dos navios, em barcos de fundo chato chamados *dongos*, os quaes tem de arribar, se ao dobrar o *mórro das lagôstas* acham calema na barra de Loanda; e das margens do mesmo rio vem como tributo (e por isso são estes povos izentos de dizimos) o capim para o esquadrão de cavallaria, e para os camellos e bois do Trem. Fóra da barra forma-se do lado do Sul uma grande enseada de bom fundo para acolheita de navios, que é dominada pelo forte do *Cacuaco*, ao pé do qual estão as salinas, e por onde passa

a estrada que vae de Loanda para o sertão, seguindo a margem do *Zenza*: este pequeno rio despeja no Bengo pouco acima da sua foz, e perto do hospício de *Santo Antonio*, que foi dos capuchinhos italianos: as margens destes dous rios estão muito bem cultivadas, e divididas em arimos e fazendas (até tem um engenho de asucar), e é dalli que — por mar, ou por terra — vem quotidianamente á cidade a maior parte dos grãos, farinhas, legumes, ortalicas, fructas, e criações de galinhas, porcos, etc., que abundam nos seus mercados, não só produzidos alli, mas tambem trazidos em canoas do

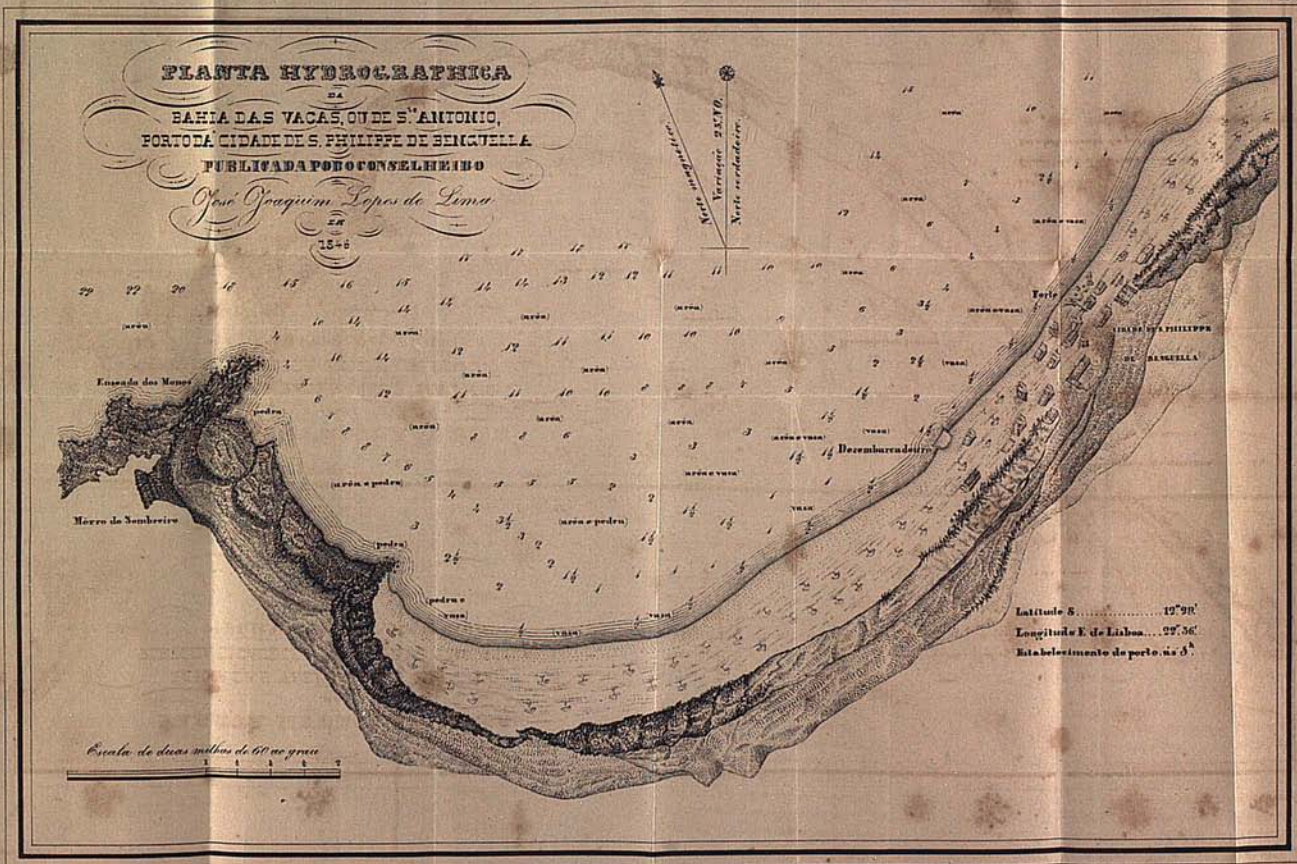
Districto de Icolo e Bengo — o qual vem a ser a prolongação do antecedente sobre as duas margens do Bengo, do *Zenza*, e do *Icolo*, formando uma Zona de grangearias mui bem cultivadas a Lésle e Nordeste em torno da capital, que diariamente abastece com as suas muitas produções. Todo este paiz até á barra do Bengo é extremamente doentio, e até mortífero: o povo é laborioso nas suas lavouras, e aqui se fabricam os paninhos de palha chamados *libongos*, que correm no interior como moeda miuda: a banza da *Quilanda*, aonde reside o commandante, está a cinco leguas de Loanda: havia alli em outro tempo uma parochia de *S. José*, que ha muitissimos annos se acha destruida; e hoje só restam no districto as duas ermidas de *Santo Antonio do Bengo*, junto á barra, e de *Santo Antonio do Catete*, no interior, que ambas foram hospícios dos capuchos. A força militar consiste em uma companhia movel de cento e quarenta praças de segunda linha; e povoam o districto oito sóvas vassallos. Os limites deste districto são — a cidade a Oeste, — a Ilamba ao Sul, — ao Norte as terras do dembo *Ambuila*, — e a Lésle o

Districto de Zenza e Quilengues — de que a capital — *Zenza*, situada nas montanhas onde nasce o rio a que dá o nome, — está a mais de quinze leguas de Loanda, e fórma uma parte do territorio do *alto Golungo*, de que já fallei atraz, em cujo grande districto está incorporado este, confinando ao NE. com o *Icolo-Golungo*, ao Norte com os dembos, e ao Sul com a jurisdição de *Massangano*: ha nelle setenta e um sóvas vassallos, e a sua população avalia-se em cincoenta mil almas, donde se tiram muito bons empacasseiros: a sua força militar effectiva é uma companhia movel de cento e vinte praças de segunda linha. Naquelle districto havia em outro tempo nada menos de quatro parochias, de que nenhuma já existia no comêço deste seculo, como melhor se pôde vêr no cap. VII da 1.^a parte deste Livro. Tira-se deste territorio bastante cêra e urzella, e alguma madeira de *tacula*,

PERSPECTIVA DA PEQUENA CIDADE DE SÃO PHILIPPE DE BENGUELLA VISTA DO ANCORADOURO DA BAHIA DE SANTO ANTONIO



B.





CAPITULO II.

Benguella, e suas dependencias.

Na bahia das Vaccas — depois chamada bahia de Santo Antonio — nunca antes povoada pelos negros do sertão, talvez pela ruindade de seus ares —, fundou o valente Manoel da Cerveira Pereira a cidade de S. Filippe de Benguella. A *Relação* desta conquista, escripta, como della mesma se vê, por um daquelles que nella tiveram parte, acha-se no codice da real bibliotheca da Ajuda, a que por mais vezes me tenho referido, lançada de fl. 33 a fl. 39 v. Penso fazer um serviço á nossa litteratura historica, publicando na sua integra este documento inédito, e pouco visto até hoje, e por certo mais digno de fé do que outras tradições adulteradas, que por ali correm em memorias modernas.

«Relaçam da Conquista de Benguella.»

«Mui antiga he a noticia que os nossos Reis passados de Portugal tiverão deste Reino de Benguella, pella fama que delle avia, «da fertilidade da terra, abundancia de muitos gados, copia de ricas minas de que se tirava cantidade de cobre, e he tanto assi «que entre outras mercês que a Rainha Dona Catherina avia feito «ao primeiro governador de Angola Paulo Dias de Novaes hũa «dellas era que lhe dava 20 legoas de terra neste Reino. Nem era «das menores que se lhe avia feito, tanto que se foi dilatando a «Conquista de Angola pello dito Paulo Dias e se situou a Cidade «de Loanda, vivendo os moradores da terra com mais segurança do «gentio circūvisinho que lhe estava m.^{ta} parte sogeito começaram a «mandar m.^{tos} pataxos por esta costa a comerciar resgatando com «este gentio m.^{tos} mantimentos, vacas, legumes, escravos, marfim, «e cantidade de cobre em argolas e manilhas, e isto foi mais em «tempo que trasia arendado o contrato de Angola hũ João Nunes «Corrêa, e pello tempo adiante se forão fazendo grandes resgates, «para segurança dos quaes determinou o governador Paulo Dias de «Novaes de mandar hũ sobrinho seu com 70 homens a fazer hũa «fortaleza no morro de Benguella que está em 10 graos como o «fez mandando ordem e algumas cousas para q̃ se fizesse a dita fortaleza, fazendo esta gente assento no dito sitio do morro, ou Outeiro, se arroçoaram de pão a pique, e começaram a resgatar

«tratando tambem de fazer a fortaleza, que trasião por ordem, su-
 «cedeo que os 50 delles hũ dia andando mariscando ao longo da
 «praya desviados da arrochoada sem armas deraõ os negros so-
 «brelles, e a todos cortaraõ as cabeças, acometendo os que ficavaõ
 «que eram 20 homẽs os quaes pelejaraõ valerosamente, mas como
 «eraõ poucos naõ poderaõ sustentar o rigor da guerra até que mui-
 «tos delles morreraõ na peleja, e outros se entregaraõ, dos quaes
 «fogiraõ dous que deraõ noticia deste cazo; por outras m.^{tas} vezes
 «tem este gentio morta muita gente nossa por treições vindo a res-
 «gate, porque sempre as andaõ fulminando, e nam som.^{te} portu-
 «gueses, mas por varias veses tem degolado neste porto aonde es-
 «tamos a muitos estrangeiros que vinhaõ a fazer agoada e aperce-
 «berense de alguns mantim.^{tos} Como o tempo foi descobrindo o
 «quanto proveito podia ser este R.^{no} a coroa e faz.^{da} de Sua mag.^{de}
 «assi pella comonicação e pratica q̄ se tinha com o gentio, como
 «por relação certa de algũs homens que cá avião estado cativos, e
 «se aviaõ librado por ardis, os quaes desião da grande cantidade de
 «cobre que tinhaõ visto e m.^{to} marfim; ouve S. mg.^{de} porbem de
 «mandar conquistar esta Prov.^a pello governador e conquistador
 «Manoel Cerveira Pereira prometendo-lhe m.^{tas} honrras e merces
 «se possese em effeito o lavor de huas minas de cobre que desião
 «estavaõ acima do Rio Cubo fazendo-lhe merce para a impresa de
 «lhe dar hũ fermoso cavallo de sua estrebaria com sua Real marca,
 «e dizendo-lhe desse nelle a prim.^a batalha honrra poucas veses
 «ouvida q̄ se aja feita del Rey, e digna de que se ponha em me-
 «moria louvando o como o nosso christianissimo Rei nos galardoa os
 «serviços que lhe fazemos com desuzadas merces, e juntamente lhe
 «deu Sua mag.^{de} poderes para que governasse o R.^{no} de Angola o
 «tempo que lhe fosse necess.^o para se aviar e tratar de se por
 «nesta conquista entretanto que o dito S.^{or} não provia outro gov.^{dor}
 «o qual fez assistindo no governo daquelle R.^{no} anno e meio, e
 «n'aquelle pouco tempo fez m.^{tas} cousas dignas de louvor, e só esta
 «referirei que foi fazer vir a obediencia del Rey nosso S.^{or} a hũ
 «Soba o mais poderoso que avia em todo o R.^{no} de Angola (1)
 «contra o qual Dom fran.^{co} de Almeida se tinha posto em suas
 «terras com 700 homens, e 50 Africanos (2), que trouxe de ca-

(1) Era o poderoso sóva *Caculo Cahenda*.

(2) Dava-se naquelle tempo o nome de *africanos* nos homens d'armas portu-
 guezes, que militavam nas guerras d'África (em Marrocos, e em toda a Mauritania),
 e taes eram os cincoenta de cavallo, que D. Francisco d'Almeida levou para Angola
 em 1592.

« vallo sem lhe fazer cousa algũa, antes a demais gente morreo assi
« de doença como de outras calamidades nas terras do dito Sova
« sem que o fizessem vir á obediencia; e o g.^{dor} M.^{el} Cerveira o
« conquistou com pouco mais de 100 homens ajudado de algũs ne-
« gros amigos, porque nunca do tempo de Paulo Dias a esta parte
« tinha obedecido a el Rey nosso S.^{or} Assi que aviando-se de Loanda
« para esta conquista partio para ella em 11 de Abril de 1617 an-
« nos com quatro navios e hum pataxo nos quaes trouxe 150 ho-
« mens com m.^{tos} mantim.^{tos}, munições, e outros aprestes necessa-
« rios para edificar a povoação, com esta armada tomou o porto do
« morro de Benguella aonde botou 80 homens estando nelle tres
« dias, e como não achasse sitio sufficiente para fazer a povoação e
« achar o porto de mar ser mui perigoso para os navios não quiz
« ali fazer assento, e seguindo sua derota pella Costa tomou alguas
« paragens donde avia povoações de negros até chegar a este porto
« donde estamos que se diz a *Baya da Torre* (3), e nas Cartas se
« chama Baya de S.^{to} Ant.^o na ponta da qual pela parte do Sul está
« hũ outeiro a modo de Torre que no fim delle faz hũ remate como
« hũ *sombreiro*, e está em 13 graos, aqui mandou desembarcar toda
« a gente e vendo o bom clima que a terra prometia e a fertilidade
« della boas agoas e ares determinou fazer assento mandando por
« em terra a artilharia munições e alguns mantimentos suposto que
« na terra avia m.^{tos} que estavam por colher nos campos como era
« milho grosso, legumes, abobaras, e outros, e buscando o melhor
« sitio que lhe pareceo para fundar a Cidade mandou cercar o sitio
« de terra com os soldados, pondoos por ordem como cá se costuma
« em modo de guerra para que se fossem acometidos pellos inimigos
« se podessem defender, e ofendello, e logo veo o S.^{or} da terra es-
« tranhando a novidade de que homens brancos ouvessem feito as-
« sento nas suas terras contanta segurança pois até aquelle tempo se
« não tinhaõ visto, mandandolhe o g.^{dor} M.^{el} Cerveira para falar lhe
« declarou ao que vinha pedindolhe toda a pas e amizade, e que re-
« duzindosse a obediencia de S. mg.^{de} com cujo nome elle vinha

(1) Aquella que nas Cartas vem com o nome de *Bahia da Torre*, o qual lhe foi posto depois da escripta esta Memoria, está realmente em perto de treze grãos de latitude, mas é mui diferente, e fica dez leguas ao Sul desta bahia de Santo Antonio, aonde Manoel Cerveira fundou a cidade de Benguella, e que se conhece ser a mesma em que ella hoje existe pela notavel conheçença (unica nesta costa) do morro do *Sombreiro*. A denominação de *Bahia da Torre* é por tanto improvisada pelo A. da Memoria (mais guerreiro que geographo) a esta bahia de Benguella, que alguns escriptores do seculo 17.^o denominavam *Bahia das Vaccas*, e que nas cartas leve sempre o nome de *Bahia de Saulo Antonio*, como o mesmo A. indica; e cuja latitude é de doze grãos e meio aproximadamente.

«possuirião suas terras com socego não sendo ofendidos de outro
 «algũ seu inimigo, e com isto o vestio e se foi á sua povoação. Este
 «sova por abreviar depois de tornar hũa vez ou duas, e trazer hũa
 «vaca ao nosso arrayal e seus filhos virẽ a nossa Cidade por Conc.^o
 «dos seus não quiz vir a obediencia pondonse em armas, e matan-
 «donos alguns escravos nossos dizendo q̃ aviaõ de defender os seus
 «mantim.^{tos} q̃ no campo tinhaõ. E passados alguns dias em que se
 «fizeraõ algũas casas de palha para se recolher a gente marchou o
 «Conquistador com 90 Arcabuzeiros e 40 negros nossos de arco p.^o
 «o sitio aonde os negros tinhaõ a sua povoação deixado a demais
 «gente no presidio. E suposto q̃ elles já se vigiavã pello medo q̃
 «tinhaõ do q̃ aviaõ feito, não foi tanto q̃ sentissem os nossos senão
 «quando já estavam mui perto de suas choupanas ou casas por ser
 «mui cedo no quarto dalva os quaes dando fee da nossa gente se
 «puseram em ordem de pejeja metendose no mato no qual elles
 «sempre fazem sua fortaleza. E começaraõ a despedir copia de fre-
 «chas assy dos outeiros q̃ estavaõ a pique aonde m.^{tos} se tinhaõ su-
 «bido, como do lhanõ travando se hũa cruel escaramussa de hũa
 «parte e outra, porque o gentio eraõ grande copia, e mui esfor-
 «çados, e ainda não tinha conhecimento do rigor da nossa arma, e
 «tudo isto selhes deu tanto animo, que de rosto a rosto nos aco-
 «meteraõ chegando a nos distancia de 20 paços donde se defen-
 «deram valerosamente; porem como ás nossas armas aja tam pouca
 «resistencia e elles vissẽ que lhes yamos matando m.^{ta} gente desis-
 «tiraõ da pelleja começando a irem da quebrada, de maneira que
 «se espalharã por varias partes pondose em fogida, e esconden-
 «dosse por matos mui serrados na saída dos quaes se lhe matou
 «m.^{ta} gente, sem que perigasse mais dos nossos que hũ negro. Esta
 «foi a pr.^a batalha q̃ o conquistador M.^{el} Cerveira Pereira deu
 «nesta conquista em a qual mostrou o animo e esforço tam conhe-
 «cido de todos nestas partes da Etiopia, e aqui fez alguns tiros com
 «hũa espingarda comprida que foraõ de espanto matando negros
 «que estavaõ em distancia mui longe e lhe parecia que nom podia
 «aver cousa que nojo lhes fizesse, e logo mãdou que se queimassẽ
 » as casas do inimigo deixandolhes m.^{tos} mortos, e trazendo algũs
 «cativos com cantidade de vacas e carneiros com que se recolheo a
 «Cidade.

«A segunda batalha q̃ deu foi a huns negros, q̃ se dizem Jagas
 «q̃ sam como soldados aventureiros mui valentes, ou como ladroẽs
 «que sem fazer assento em p.^{te} algũa andaõ vagueando por diversas
 «partes dando guerras, e destruindo a terra, e asolando tudo sem

« aver quẽ lhes resista e o corpo do arayal que trazem lhe chamaõ
« quilombo cõ hũ S.^{or} q̃ os governa a quẽ obedecẽ cõ grande pon-
« tualidade. E foi o caso que estes sairãõ ao encontro a armada que
« atrasia o conquistador junto de hũ Rio que se chama o Morombo (1)
« e lhe pedirãõ amizade e q̃ queriaõ vir a resgatar peças commoço,
« e doutras cousas de mantim.^{tos} e foilhe respondido que si, que
« viesse a este porto aonde estamos, e q̃ se lhe faria bom resgate,
« comtanto que aviaõ de dar obediencia a elRey nosso S.^{or} e acei-
« tando elles o concerto se ficaraõ. Passados tres meses ou mais da
« nossa chegada a este sitio, aonde já se tinhaõ edificado algumas ca-
« sas de taipa e Baluartes com huã arrochoada de paos a pique ater-
« rada no meo mui forte teve o Conquistador recado em como este
« Quilombo estava perto e dahi a alguns dias lhe veo huã embai-
« xada do S.^{or} delle em que pedia Licença para vir dar a obedi-
« cia, foilhe concedido veyo e concertou de fazer resgate, e tratar
« com os homẽs brãcos contoda a fedilidade e boa correspondencia
« o que fez alguns dias ainda que poucos, porq̃ logo começou a ma-
« chinhar treçoẽs furtandonos os nossos escravos, indusindoos que su-
« gissẽ de nos para elle até colher debaxo do seu poder mais de 30,
« e sendo reprehendido desta treiqam zombava negando que tal naõ
« fazia nem avia, e chegou a estado de que o conquistador se deix-
« lasse por duas vezes à desbaratalo sem ter effeito pellas atreioadas
« resoẽs que lhe dava, debaxo das quaes disia por detras q̃ naõ tinha
« dever com os homẽs brancos e q̃ se quizesse nos desbarataria e
« tanto se soltou em treioõs q̃ naõ foi possivel ao Conq.^{dor} deixar
« de castigar tanto atrevimento partindo a 3.^a vez com 80 e tantos
« homens começando a marchar a õras de jantar, e caminhou aquella
« tarde e toda a noute até que no quarto da madorra chegou perto
« do Quilombo estando da outra parte de hũ Rio q̃ se avia de pas-
« sar em dous braços mandou vadear o Rio e dava pellos hombros,
« e em partes mais, pello qual mandou passar toda gente levando
« todos os arcabuzes frascos e murroẽs levantados no ar para que se
« naõ molhassẽ, passando todos se puseram da outra parte com
« m.^{ta} quietaçãõ assi molhados ate que foi aclarando mais o dia e
« começaraõ a marchar para a libata do inimigo que assi se chama
« a sua povoaçãõ, e postos em ordẽ de peleja o Conq.^{dor} lhies fez
« huã pratica tal que aos fracos fazia animosos prometendo que elle
« avia de ser o primeiro q̃ avia de cometer e que o seguissẽ o que
« fizeram todos com muito animo suposto que tinhaõ por certo que

(1) Este rio Morombo entra no mar umas nove leguas ao Norte de Benguella.

« a gente era a mais valerosa q̄ occupava esta Prov.^a; tanto q̄ os
 « nossos foraõ sentidos dos inimigos começaraõ a sair de suas cazas
 « porq̄ os aviaõ tomado de subito e ainda q̄ m.^{tos} delles no primr.^o
 « encontro pelejaraõ com m.^{to} animo naõ foraõ ajudados de seus
 « companhr.^{os} de manr.^a que remetendo os nossos com grande im-
 « peto, e com huã ordem mui cõcertada, se foraõ elles retirando,
 « largando as casas pelejando alguns delles com grande animo mas
 « naõ podendo sustentar nossa furia viraraõ as costas, e desempa-
 « rando tudo occuparaõ um grande outr.^o ao qual se acolhiaõ, e se-
 « guindoos o conquistador com mais dous de cavallo q̄, o acompa-
 « nhavaõ alcançou m.^{tos} e se lhe renderaõ, outros quebrando elle a
 « principal p.^{te} dos inimigos tomaraõ o S.^{or} do Quilombo a quẽ man-
 « dou depois o Conq.^{dor} cortar a cabeça. E morreo christaõ e ma-
 « tarã alguns tomando cento e sincoenta peças de escravos vivos, e
 « outros m.^{tos} que lhe matareaõ com grande quantidade de manti-
 « m.^{tos} que elles tinhaõ m.^{to} fato que nos lhe aviamos dado em res-
 « gate cõ q̄ se veo recolhẽdo a Cidade.

« A terceira batalha que deu foi a hũ gentio a que chamaõ
 « Moquimbos (1) que sam o mesmo que pastores porq̄ naõ vivẽ
 « senaõ de gados em terras montuosas, e esta gente he tam for-
 « çosa e esforçada que sos elles resistem aos Jagas de q̄ acima
 « se tratou, para esta e outra batalha q̄ deu o Conquistador se
 « ajudou de hũ negro da naçaõ destes Jagas que a elle veo que
 « trasia em sua companhia 80 negros de arco o qual lhe obe-
 « decia e correo ao principio comnoseo com m.^{ta} lealdade. Estes
 « Moquimbos naõ queraõ vir a obediencia com se lhe aver man-
 « dado pello mesmo gentio da terra que a nos está circumvez.^o
 « e obediente que viessem reconhecer vassalagem a elRey nosso
 « S.^{or} e q̄ viveriaõ seguros obrigandonos nos a defendelos de seus
 « contr.^{os}, nunca isto teve efeito nẽ quiseraõ reconhecer a dita vas-
 « salagem fogindo de nos e pondosse mais ao longe, isto succedeo
 « em tpo que avia necessidade de mantim.^{tos} no nosso presidio,
 « principalmente de carne, o que moveo o Conq.^{dor} a ir buscãr estes
 « Moquimbos tres dias de caminho por serras mui asperas e mon-
 « tuosas, e dando nelles pelas nove horas do dia ao tempo que elles
 « queraõ botar o gado fora dos curraes os acometeo indo elle diante
 « com mais os dous de cavallo que o acompanhavã e alguns poucos

(1) Supponho serem os *miquizes*, povos pastores, visinhos dos *Coandas*: estes miquizes apascentam os seus rebanhos nos fertes prados de *Quilumata*, e valles de *Arredor*: vivem de leite e caça: as suas terras demoram vinte leguas ao sul de *Beaguella*.

« de pé, e rompeo a maior p.^{te} dos m.^{tos} que se offerecerão ao en-
 « contro fazendoos fugir e largar suas casas e curraes cheos de m.^{to}
 « e feroso gado o qual vinha a cair nas mãos dos nossos que fi-
 « cavaõ por detras recolhendo toda a presa. Ali esteve hũ dia ajun-
 « tando o q̃ se avia tomado q̃ se achou serẽ mais de 38 vacas e
 « carnr.^{os} com o qual se recolheo contente a Cidade com os compa-
 « nhr.^{os} e o Jaga q̃ o ajudou. A quarta Batalha foi a hũ grãde Sova
 « ou S.^{or} que assiste em hũa paragẽ junto ao mar aonde lhe pu-
 « serãõ antigam.^{te} nome de Baya de S. fran.^{co} (1) he mui poderoso
 « pella m.^{ta} gente que tem, e abundancia de mantim.^{tos} da terra,
 « deste sayãõ m.^{tos} negros, e vinhaõ a nossa Cidade a furtar os nos-
 « sos escravos que hiaõ ao mato a buscar lenha, e os vendiaõ aos
 « moquimbos e outros lhe ficavã. Neste Sova matarã hũ alferes q̃ se
 « acolheu ao mato por medo do castigo de certo crime que fez e foi
 « achado dos negros em certa paragem ao longo da praya e levandoõ
 « ao S.^{or} foi morto em terceiro publico e comido de todos os que
 « ali se acharãõ. Comtodas estas cousas que este Sova avia feito
 « lhe mandou o Conquistador m.^{tos} mensageiros que viesse dar a obe-
 « diencia e não quizesse ver a sua terra destruida e m.^{tos} delles ca-
 « tivos o qual não quiz antes fazia mil acintes aos nossos dizendo
 « que tihamos pouca força p.^a elle, e conciderando o Conquistador
 « a quantas resões avia paraq̃ este fosse castigado partio para a sua
 « terra com 80 homens acompanhado deste Jaga que atras se faz
 « menção, e pondo dia e m.^o de caminho ao outro pella manhã deu
 « na principal libata e povoação do S.^{or} da terra e como os negros
 « aia tinhaõ aviso se acolherãõ nam deixando nas casas cousa algũa
 « porque tihaõ posto tudo em hũ mato mui serrado; foram se-
 « guidos dos nossos, e depois de os alcançarẽ em diversas paragẽs
 « ouve grande combate de frechas, e arcabuzaria sendo tanta a mul-
 « tidam dos negros q̃ não avia lugar vacuo de todo quanto se podia
 « alcançar com a vista para todas as partes que a todo o homẽ que
 « não fosse experimentado em semillhantes matr.^{as} fazia algũ pavor;
 « mas entodos os acometimentos que os nossos fizeram sempre mos-
 « trarã levar m.^{ta} vantagem indo animados com a comp.^a do seu
 « general que seguindo os inimigos com os que erãõ costumados
 « a acompanhalo de cavallo se apartou m.^{ta} distancia da gente de pee

(3) Esta aqui chamada *Bahia de S. Francisco* é a mesma que nas Cartas vem
 arrumada em 13^o Lat. S. com a denominação de *Bahia da Torre*, na qual se desagua
 o rio *Copororo*, que os nossos chamavam *Rio de S. Francisco*: a povoação junto ao
 mar é a do *Muene Calunga*, soveia feudatario do *Dombê grande da Quinzamba*; e
 este vem a ser o potentado com quem teve a guerra M. de Cerveira Pereira.

« sendo seguidos soo de tres soldados q̄ mais voavã que caminhavã
 « ate chegarem a elle os demais, e fazendo os nossos m.^{ta} presa nos
 « inimigos lhe mataoã tambem m.^{ta} gente e seriaõ os que cativaraõ
 « mais de 200 p.^{as} e 150 vacas, sendo assi que os inimigos soo ma-
 « taraõ dous Jagas dos da nossa p.^{te}; Alli esteve o conquistador al-
 « gũs dias em que mandou abrasar a todas as suas povoaçõs, des-
 « truir sementeiras, cortar palmr.^{as}; que tudo ficou asolado, por ver
 « com isto se os obrigava a obedecerẽ com medo de outra seme-
 « lhante, como depois o fizeraõ, e está hoje a obediencia e dali se
 « tornou a recolher deixando 50 homens com o Jaga p.^o irem dali
 « dar outros assaltos.

« A quinta batalha que deu foi ao Jaga que o acompanhava o
 « qual como andasse florente e rico do que tinha alcançado em nossa
 « companhia e se lhe ouvesẽ junto mais algũs negros ao seu qui-
 « lombo começou logo intentar apartarse de nos negandonos a obe-
 « diencia e juntamente buscar meos paraver se colhendonos des-
 « cuidados nos desbaratasse e comesse; E como não fosse conhecido
 « seu mau animo ao principio ordenou o Conquistador que ficasse
 « com 50 soldados no mesmo porto aonde havia desbaratado ao
 « Sova; p.^o que dahi fossem dar outros assaltos, e elle se recolheo
 « como fica dito; Como o Jaga se visse soo com 50 homens pare-
 « cendo-lhe pouca força p.^o a que elle trazia determinou de effectuar
 « sua treição querendo por duas vezes degolar a todos elles, e então
 « foi conhecido dos nossos, e dahi por diante se guardaraõ com m.^{ta}
 « vigilancia, e sabendo o inimigo que era descuberto seu engano e
 « que não teve effeito a treição que elle pertendia fazer se despedio
 « dos nossos com boas resoẽs disendo que elle queria ir soo pelejar
 « com algũs imigos e trazer a presa ao Conquistador, os nossos como
 « não tinhaõ ordem de pelejar com o dito negro salvo se elle os
 « acomettesse o deixaraõ ir, recolhendose a Cidade, e tanto que foi
 « seguindo seu Caminho foi dar em hũa povoação de huns negros
 « Vaqueiros, onde apanhou algũas Vacas, e se recolheo a hũ Outr.^o
 « mui alto e escabroso junto a hũ ribr.^o de agoa, e soo por hũa parte
 « do Outeiro podia ser acometido. E como foi sabido do Conquis-
 « tador aonde estava partio logo da Cidade cõ 90 arcabuz.^{es} e ca-
 « minhando dous dias lhe deu em hũa madrugada a ora que todos
 « estavã recolhidos em suas casas, mas foi a desgraça nossa que to-
 « cando hũ soldado p.^o erro em hũ tambor que levavamos com a
 « ponta do arcabuz fomos sentidos delles e começaraõ a sair pôdose
 « em arma indo as mulheres e mininos subindo o mais alto do Ou-
 « teiro aonde era impossivel chegar a ninguem. Ali ouve jogar mui-

«tas frechas, e pelouradas com muito esforço de hũa parte, e outro,
 «porem o inimigo desemparando o sitio aonde estava aposentado
 «fugio ao alto ficando por nos com muita parte de sua bagagem, e
 «cantidad de vacas que elles tinhaõ tomado; e neste primeiro en-
 «contro lhe mataraõ os nossos algũa gente, mãdou entãõ o Con-
 «quistador queimar todas suas casas quebrando todas as vasilhas q̃
 «elles tinhaõ em q̃ tomavaõ agoa cousa q̃ mais sentiraõ q̃ tudo o q̃
 «se lhe avia feito. E passado hũ dia e hũa noite que ali esteve o
 «nosso exercito, a menhã seguinte mãdou o Conquistador que to-
 «cassem a marchar recolhendose p.^a a Cidade com a presa das Va-
 «cas e fato que aviaõ tomado, e o camiho p.^o onde os nossos aviaõ
 «de caminhar era estreito por hũ Rio seco abaixo, e de hũa e
 «outra p.^{te} avia grandes outr.^{os} a pique, os uegros como ligeiros
 «em caminhar por elles vendo a boa occasiaõ que tinhaõ para nos
 «poder fazer grande mal se subiraõ nos mais altos repartindo-se
 «tãntos a hũa parte como a outra e de cima deixavaõ cair grande
 «cantidad de frechas e pedras com que nos fasiaõ m.^{to} dano, mas
 «o nosso general e Conquistador como experimentado em casos se-
 «milhantes deu ordem com q̃ pondose em certas paragens aonde os
 «negros aviaõ de vir demandar alguns arcabuzr.^{os} que lhe impediaõ
 «o paço a que não fossẽ por diante até chegarẽ ali os companhr.^{os},
 «e chegando se passavã na mesma forma adiante, de manr.^a que o
 «imigo não teve tanto lugar suposto q̃ deu a q̃ entender a todos,
 «porq̃ quasi de hũ dia foi em seguim.^{to} desta manr.^a e sempre os
 «nossos pelejando valerosam.^{te}, aqui se fizeraõ tiros dignos da des-
 «treza de taes soldados, os nossos lhe mataraõ mais de 40 p.^{os} e
 «elles a nos hũ soo homẽ de hũa frechada, assi que vendo o ini-
 «migo o pouco remedeo q̃ conosco tinha, e q̃ lhe yamos ferindo
 «e matando m.^{ta} gente se tornou a recollher á pouca bagagem q̃
 «lhe ficava e os nossos se retiraram a Cidade com este bom successo.
 «Outros assaltos se deraõ nesta conquista a inimigos por varias
 «veses alem das batalhas q̃ acima se referem as quais se não re-
 «lataõ aqui por fazer brevidade, e m.^{tas} mais se ouveraõ dado, e
 «outras m.^{tas} guerras q̃ se aviaõ oferecido de q̃ se ouveraõ alcan-
 «çado grandes vitorias cõforme a boa fortuna q̃ acompanhava o
 «Conq.^{dor} nas matr.^{as} de guerra, porẽ teve reccos de que alguns q̃
 «entre nos avia q̃ andavã sempre urdindo treicoẽs, e alevantam.^{tos}
 «desemparassẽ esta conquista, induzindo a outros o fizesse em algũa
 «saida q̃ se fizesse de guerra fora porque desdo dia q̃ se entrou a
 «conquistar este R.^{no} e a cituar esta Cidade sempre ouve que tra-
 «tasse levantam.^{tos}, e motins fugindo por varias veses m.^{ta} gente;

« e por outras m.^{tas} aver atalhado nosso general e conquistador o
 « quererense ir mais da ametade da gente que aqui estava em hũ
 « palaxo, e outros m.^{tos} por terra desemparando este sitio, e che-
 « gou a estado de o quererẽ matar com peçonha algũas vezes e ou-
 « tras as punhaladas. Esta foi a causa porque nãõ foi logo em des-
 « cobrim.^{to} das minas de Cobre que depois achou por se nãõ fiar de
 « m.^{ta} gente, que consigo tinha, e contudo o ouvera de fazer se-
 « nãõ fora o desestrado caso de sua prisãõ tãõ estranhado de Sua
 « mg.^{de} e seus ministros, quanto alheo da sedilidade da nação Por-
 « tugueza que sempre servio a seu Rey com tanta lealdade, porque
 « alevantando-se sinco homẽs q̃ aviam sido capitaẽs e hum Clerigo
 « e hum frade por cabeças se juntarãõ cõ outros e o prenderãõ bo-
 « tando-lhe hũs grilhoẽs, e o ferirãõ muito mal ferido enbareando
 « em hũ batel podre que chegando a Loanda se abriu em duas par-
 « tes sem lhe darem de comer cousa algũa, nem hũa camisa para
 « vestir, e lhe roubarãõ mais de 30\$ cruzados. Desta man.^a
 « de Jezuz avisando a Sua mag.^{de} do successo, e suposto que muitas
 « pessoas lhe aconselharãõ se fosse para o Reino e desse por pes-
 « soa conta ao dito Senhor elle o nãõ quis fazer esperando lhe viesse
 « ordẽ do que avia de seguir sofrendo algũas avexações do g.^{dor} de
 « Angola q̃ entam governava que se chamava Luiz mendes de Vas-
 « concelos e passado anno e meo que esteve esperando repostã de S.
 « mg.^{de} lhe foi mandado que tornasse a continuar esta conquista, para
 « o que se lhe enviarã de Lisboa 60 homens que chegarã a Loanda a
 « tempo que já tinha determinado de se partir a fazer o que Sua mag.^{de}
 « lhe mandava; Teve m.^{tas} controversias cõ o gov.^{dor} de Angola
 « na materia de seu apresto; mas cortou portudo por satisfazer ao
 « que se lhe tinha mandado, e assi partio da Loanda a 13 de Julho
 « de 620, chegando aqui aos 15 d'Agosto. Entrando nesta Cidade
 « de S. Filipe determinou logo de ir em descobrim.^{to} das minas e
 « suposto que foi aprovado de todos seo intento avia hũa grande di-
 « ficuldade porque os soldados que trasia eraõ bisonhos e m.^{tos} delles
 « q̃ seriaõ 45 bisonhos m.^{tos} delles estavaõ podres de malles, e o
 « sitio das minas distarã da Cidade perto de 30 legoas, e estava
 « entre a mais belicosa gente de q̃ ha na Etiopia, por todas estas
 « dificuldades cortou e se pos em caminho por mar até ao porto de
 « *Sumbe Ambela* (1), escolhendo dos Soldados novos algũs que jun-

(1) Este porto de *Sumbe Ambela* é a foz do rio Cubo, que desemboca no mar em 11° Lat. S. umas quatro leguas ao norte do nosso presidio de Novo Redondo.

« tou cõ os velhos, se partiu deste porto com 60 homẽs a 12 de
 « Setr.º do dito anno levando por sua guia e Capitão ao bem aven-
 « turado Santo Inacio de Loyola a quem dirigio a gloria desta em-
 « preza fazendolhe D.ª merce, e chegando ao porto de Sumbe Am-
 « bela desembarcou em terra com 50 e tantos homens porque os
 « mais adoeçerã, começou a caminhar pella terra dentro com algũa
 « bagagem ao sitio das minas no qual Caminho lhe sairão ao en-
 « contro muitas mensagens de Sovas que não passasse adiante ate
 « terẽ fala e diser ao que vinhaõ, o que elle não quis fazer cami-
 « nhando a toda a pressa por não dar lugar ao inimigo a que se
 « unisse com outros que estavã mais longe, e foi conzelho pello que
 « depois se vio de hũ grande Capitão, e chegou as minas em dia e
 « m.º onde mandou cavar por huns negros seus que não eraõ muitos
 « e tirou a frol da terra tres quintaes de pedra de metal que tem
 « mandado a S. mg.º de e logo sobre aquelle mesmo outr.º arvorou
 « hũa ferosa Crus diante da qual se puseraõ todos de gijolhos e re-
 « zaram as Santas Ladainhas dando as graças a nosso Señor de per-
 « mitir se arvorasse a bandr.ª da sua Santa Cruz em partes tão re-
 « motas mandando desparar por aquelle Outr.º m.ºas surriadas para
 « atemorizar o imigo o qual como não sabia o poder que levavamos
 « não deixou de estar atemorizado e indeterminado do que avia de
 « fazer porque lhe fazia grande pavor o nome e fama que tem o
 « nosso general entre todo este gentio nomeandoo por nome de Otolo,
 « que pella lingua da terra quer dizer perseguidor dos inimigos; assi
 « que no tpõ que entre si tratavaõ de que aviaõ de fazer nelle mesmo
 « se tornou o Conquistador a recolher com a ordem e vigilancia q̃
 « convinha uindo aparelhado para pelejar, e morrer uendendo bem
 « a uida suposto que para cada soldado avia mais de 500 negros.
 « Deste modo chegou a praya tornãdo se a embarcar louuando a
 « D.ª e ao bem aventurado S.º Inacio por tam grande merce como
 « lhe avia feito e neste tempo ja vinha decendo grande copia de
 « gentio em seu seguim.º, como se nio claro e do dia que partio a
 « hũ mez tornou a entrãr nesta Cidade. E base de coiderar neste
 « cazo q̃ aqui se relatou em breues palauras, sobre q̃ se pudera fa-
 « zer hũ grande prologo que foi esta hũa das grandes temeridades
 « que jamais se ham intentado; e o nosso general, e Conquistador
 « mui bem o entendia e praticava ainda que nam com todos, mas
 « por atalhar murmuracões de algũs emulos que tinha que desiam
 « que nam zvia minas se arriscou deixando em primr.º lugar o que
 « era fazer o serviço de S. mg.º de do qual elle sempre foi mui ze-
 « loso, do tempo que ha que se descubriãõ estas minas que uai em

«dous annos até o presente está aguardando resoluções de Sua mag.^{de} «e socorro de gente para situar no porto de *Sumbe Ambela*, e dai «tratar do laur das minas, e o dito S.^{or} tem mandado aos gou.^{dres} «de Angola o ajudem e socorram dandolhe 120 homens que fu- «giraõ desta conquista 60 delles em companhia de hũ Capitaõ q̃ «se leuanteou nesta conquista em tpõ q̃ o Conquistador estava na «Loanda, os quaes fizeraõ m.^{tos} insultos tomando m.^{tos} barris de «poluora da Feitoria de Sua mag.^{de} e os demais que fugiraõ por «varias uezes e nũca quizeram os ditos gou.^{dres} dar cumprim.^{to} as «Ordens de S. mag.^{de} e andam com escusas. E assi fica esperando «o que o dito S.^{or} lhe manda que faça.» —

Assim descreve um auctor coevo (ainda que hoje para nós anonymo) o modo da conquista do reino de Benguella, e a descoberta dessas ricas minas de cobre de *Sumbe Ambela*, que procuradas com tanto afan, e tamanho perigo, cahiram logo depois em tal desprezo, que chegou até a perder-se a memoria da sua situação, a qual por ventura poderá tornar a achar-se em nossos dias, se os governantes quizerem tirar proveito desta publicação: o auctor della dá em seguida muitas noticias da terra, que não transcrevo por não ser prolixo, mas que combinam com aquillo que já deste paiz levo dito em outras partes deste livro: e quanto á successão de guerras que depois tem havido naquelle sertão, indicadas ficam já no catalogo historico dos governadores de Angola que acompanha o cap. v da 1.^a parte.

A cidade de S. Philippe de Benguella está pois assentada em um terreno baixo e alagadiço junto ao mar do lado de Léste da bahia de Santo Antonio em 12° 29' Latit. S., e 22° 36' Longit. E. do meridiano de Lisboa: é uma mesquinha povoação de pouco mais de seiscentos fôgos, e a área que occupa mui pouco excede a meia milha quadrada, tendo uma unica rua e varias travessas, que nella desembocam, ou se cruzam: constitue uma unica parochia dedicada a *Nossa Senhora do Populo*, cuja igreja é de pedra, bem como a igreja de Santo Antonio, e o hospital de Misericordia (cujo movimento annual é de trezentos a quatrocentos doentes); e ha ahi actualmente mais duas ou tres casas de pedra, e todas as mais são de adobes, ou de palha. Cercam-na pelo lado da terra montanhas escalyadas, pelas quaes no tempo das chuvas se despenham torrentes de agua que vem estagnar-se em roda da cidade, e ahi formam brejos, e até mesmo um grande pantano, a que os naturaes chamam lagôa, bem perto da fortaleza, em cujas bordas se nutre uma vegetação perenne, viçosa, e agradável á vista, mas do meio della se

exhalam miasmas, que vão levar a morte á povoação, na qual se transita durante o dia sob um calor intenso, e sobre uma arêa que escalda os pés: o governador Manoel Bernardo Vidal ao passar em Benguella em Agosto de 1837 mandou sangrar esta pestilente lagoa por meio de um canal que a communicasse com o mar — que lhe fica a duzentos e cincoenta passos de distancia — no qual podessem entrar, e abrigar-se como em uma caldeira, as lanchas e escaleres para evitar a resaca da praia, construindo-se dentro delle um cáes para desembarque: esta obra começou-se com fervor, mas não se levou ao cabo: é certo que se fez o cáes satisfazendo-se a essa grande necessidade mercantil, mas cahiu pouco e pouco em esquecimento a necessidade sanitaria: o mesmo governador mandou provêr á limpeza das ruas; e edificar um cemiterio em local conveniente, porque até então ainda subsistia a pessima usança do enterramento nas duas igrejas. A estas aguas das serras se juntam as aguas extravasadas do rio *Marimbondo*, que alli andam sumidas na arêa: este rio desagua-se no mar na bahia *Farta* (ao Sul da de Santo Antonio), mas uma parte das suas aguas nos tempos de enchente alagam aquelles areas, e se enfiltram na terra de tal modo que por toda a parte que esta se cave n pouca altura se topa com agua salobra, e é com esta que se regam as mui bellas hortas, que os moradores mantêm nos valles e encostas dos montes á sahida da cidade. O porto é bom por ser limpo de baixos, e ter bom fundo, com quanto seja muito desamparado aos ventos do mar — desde o Sudoeste até ao Norte — os quaes são porém por sua brandura pouco para temer nesta costa, onde as trovoadas quasi sempre vem da terra. O navio que vem de mar em fóra — quer do Sul, quer do Norte — nada tem a resguardar, por ser tudo limpo como já disse, até vir tomar o surgidouro em dez braças de fundo de arêa, marcando o morro do *Sombreiro* a ONO, e o páu da bandeira da fortaleza de S. Filippe a E₂SE.: desta fortaleza, que muito mal defende este porto, já eu dei noticia no cap. VI da 1.^a parte deste livro: o morro do *Sombreiro* é um cabeço de roca que fóрма a ponta meridional da bahia, no cume do qual se vê uma mui notavel moita de arvores, assaz similhante na sua configuração a um barrête de cle-rigo — e essa mesma apparencia mostra ao viajante de qualquer ponto que o aviste. Na praia ha grande resaca, o que dantes difficultava muito os desembarques, sendo necessario que as pessoas a quem não convinha molhar-se se fizessem transportar em um andor, sobre o qual havia uma cadeira pregada, que sobre os hombros de 4 negros *mundombes* vinha recebe-las muito ao largo: hoje ha ahí

já um cães de madeira, ou trapiche, onde embarcam e desembarcam com mais commodidade homens, e mercadorias. Apesar da ruindade de uma tal vivenda, mui grosso é o trato mercantil desta pequena cidade: alli concorrem muitos navios da Europa, e da America (e por vezes alguns da ilha de Santa Helena) a resgatar urzella, marfim, cêra, gomma copal, enxofre, courama, azeite de palma e de amendoim, gado, mantimentos, e muitos outros productos, que affluem áquelle mercado dos sertões do interior (não esquecendo os estimados passarinhos, de que se faz tamanha exportação) a troco dos quaes os moradores se abastecem de objectos de commodidades, e de luxo de todas as partes do mundo; costumando alli tambem tocar de passagem os navios portuguezes, que voltam da Azia a refazer-se de agoada, e viveres. . . Consulte-se a planta **B**. Apenas se deixa Benguella, qualquer que seja a direcção que se tome para o interior das terras, começa a divisar-se o quadro da fertilidade, e a sentir-se a melhoria do clima (que a tres leguas de distancia já começa a ser saudavel). Andando uma legua para o Norte se topa com a corrente do caudaloso rio *Catumbella*, de cuja excellente agua se servem para beber os moradores mais abastados de Benguella (cujo povo em geral não gasta outra agua, que a das cacimbas, extrahida da arêa, e mui nociva á saude); e é tambem na margem esquerda deste rio *Catumbella* que estão os arimos dos principaes proprietarios da cidade: os ares alli são mais puros no tempo sêcco, com quanto o não sejam tanto como no sertão; e dahi nasceu a idéa em 1836 de transferir a cidade para junto da barra daquelle rio — aliás obstruida de bancos de arêa, e incapaz de receber grandes navios —; mas o governador Manoel Bernardo Vidal, que examinou aquella localidade em Agosto de 1837, informou nas seguintes palavras em seu officio n.º 1 de 24 de Fevereiro de 1838 — «O local he aprazivel, bem situado, arejado e sadio, «mas distante um quarto de legua da praia, e a costa neste lugar «não offerece desembarque: dista perto de meia legua do Rio *Catumbella*, o qual no tempo das chûvas sahe do seu leito, e alaga «todos os valles junto ao local projectado para a nova Cidade, sendo «aquelle logar inhabitavel nesse tempo por causa dos mosquitos, «das exhalações das agoas estagnadas, e das doenças que estas originão, sendo necessarios dois mezes de bom tempo para secarem «as agoas. Nada se lucra por tanto na mudança da Cidade para «*Catumbella*» — Desvanecido este projecto, lembrou este governador para o mesmo fim naquelle seu citado officio a enseada do *Lobito* (á qual Pimentel chama *Catumbella das Ostras*) — situada

mais de uma legua ao norte de Catumbella (em 12° 18' Lat. S., e 22° 39' Longit. E. de Lisboa), — antigo couto de navios contrabandistas, por ser a sua bocca quasi totalmente encoberta por uma longa lingua de arêa que sahe da ponta meridional, — e em cujas praias, inundadas pelo mar na estação chuvosa, se recolhe no tempo sêcco um sal de inferior qualidade, proveniente dos sedimentos da inundação: não dissimulou com tudo aquelle governador = 1.º — *que a baixa contigua á praia é tão inundada na estação das chuvas que por muito tempo fica intransitavel a passagem da altura para a praia* = 2.º — *que não tem aguas potaveis, e só as poderá haver do rio Catumbella* = 3.º — *que só com muito trabalho e despeza se poderia alli fundar uma cidade.* Apesar de tantas desvantagens o governador Bressane Leite perfilhou com ardor a idéa de levantar uma cidade no Lobito, e logo se deu comêço á construcção de um forte, e de um outro edificio, applicando-se para esse fim alguns dinheiros do cofre de Benguella, cujos principaes cidadãos forneceram escravos seus para o trabalho: veio porém a conhecer-se por fim, que a povoação tinha alli grandes inconvenientes, e que o mais a que pôde aspirar é a ser uma pequena feitoria dependente de Benguella, como está sendo de facto.

Nestas margens do Catumbella ficam as libatas do sóva *Tinda* — gente domestica, e que trabalha em uma fabrica de cal que alli temos para consumo da cidade, por haver naquelles montes muita pedra calcarea: mas se esta população é tão mansa, os povos que a rodeam são bravos, treiçoeiros, pouco dados a tractar com os brancos, e muito parecidos em character e costumes com os independentes quissamas, dos quaes adiante terei de dar mais larga noticia. Estes selvagens indomitos — chamados *sellys*, ou *selles* — confinam ao Norte e Oeste com o nosso

Presidio portuguez de Novo Redondo — situado na foz do rio *Gunza* (ou *Gunza-cabolo*) em 11° 12' Lat. S., e 23° 02' Longit. E. de Lisboa, sobre um outeiro que domina a costa do mar, por onde é inacessivel, e domina tambem a entrada do rio. A fortificação, que havia sido feita de adobes em 1769 — época da fundação deste presidio — foi reformada com um revestimento de pedra e barro em 1785, seguindo a configuração e recinto do monte, e artilhada com doze peças de artilheria grossa, que mantêm em respeito o gentio visinho, cujo trato é sempre ariscado, por terem todas as manhas dos quissamas, de quem descendem. Neste mesmo monte, e á sombra da sua artilheria, tem os nossos um pequeno lugarejo de setenta cubatas, e algumas mesquinhas plantações dos soldados da guarnição, cuja força se pôde vêr no mappa respectivo do cap. VI

da 1.^a parte deste livro. Alguns negros pumbeiros nossos vão dalli fazer resgate no sertão, mas sempre a medo; e os brancos raras vezes se arriscam a tanto, limitando-se ao trafego que os indigenas vem fazer com elles ao abrigo dos seus canhões. O porto é máu; muito desabrigado; o mar sempre banzeiro — maiormente no tempo da *calema* (ou marea); e a praia do desembarcadouro é de grande resaca: o melhor surgidouro é em quatro a seis braças de fundo, marcando o páu da bandeira do forte a ESE.

Umás quatro leguas ao Sul deste presidio fica a bahia de *Qui-combo*, na bocca do rio do mesmo nome: a ponta do Sul desta bahia deita ao mar uma restinga de pedra, que se estende a mais de uma milha ao NO., e á qual se deve dar resguardo á entrada e á sahida: lá dentro na margem direita ha uma aldeã de negros de muito melhor trato que os do interior: della se avista ao Norte, a tres leguas de distancia, o forte de Novo Redondo, pela sua elevação; e della parte pelo monte acima uma estrada, que do mar se enxerga para o interior da Quissama: alli se podem fazer mais resgates do que em Novo Redondo; e o ancoradouro interior é seguro e abrigado, marcando se a aldeã ao S.4.SO. — a ponta meridional a SO4.O. — e a septentrional a NE4N.; e tem bom desembarcadouro, mas em havendo *calema* tem os navios de fundear da parte de fóra á espera que apleque a marea para investir a barra.

Se ao deixar Benguella se toma para o lado de Leste, entra-se logo nas terras do sóva *Molundo*, que contém minas de ferro; e com estas pegam as do sóva *Peringue*: estes dous sóvas, antigos aliados, ainda que se não tenham em conta de feudatarios, fornecem gente para o serviço da cidade na paz, e na guerra, contentando-se com o proveito que lhes fica de passar por suas terras, e pela sua propria corretagem, a maior parte do commercio que vem áquelle mercado dos ricos districtos de *Bailundo*, *Bihé*, *Hambo*, e *Sambos*, com quem confina pelo interior, além dos productos dos seus proprios territorios, que pela maior proximidade, e trato continuo com a cidade, estão na posse *quasi exclusiva* de a abastecer de mantimentos, e gados, e ainda de urzella, e outros objectos de exportação. *Quasi exclusiva* disse de proposito; porque na verdade lhe toma um quinhão nesse exclusivo mercantil o

Dombe grande da Quinzamba (1) — senhor do paiz dos *mundombes*, cujas terras cercam os suburbios de Benguella por o Sul e

(1) *Dombe* por uma variação de dialecto equivale a *dembo* (dignidade superior á de sóva); bem como *muene*, e *mani* são a mesma coisa — *senhor de terras*.

Sueste; e por isso estes *mundombes* concorrem na cidade em serviços e em commercio a par com os molundos, e peringues; são elles que dão gente para os trabalhos do forno de telha estabelecido na Quinzamba — nas terras do *mani-Quiera* — para consumo de Benguella; bem como para a laboração das salinas do Sul, que estão no territorio do *mani-Catunga*; e tambem são elles que extrahem o enxofre da riquissima mina delle, que jaz nas terras do *mani-Capembe*; todos estes *manis* (ou *muenes*, senhores) e tambem o *mani-Mama*, são sujeitos ao dembo da Quinzamba: ha alli um chefe portuguez, e dantes havia uma companhia de milicias: todo este districto é fertil, e abunda em gado, e em zebras; e com elle confinam os povos *mu-quizes* — grandes creadores de gados — e tambem os *mu-cuandos*, que vão entestar com o nosso novo

Presidio portuguez de Mossamedes — que nas antigas cartas e roteiros tinha o nome de *Angra do Negro* (e as cartas inglezas a denominam — *Little Fish Bay*). Foi-lhe mudado o nome para o que ora tem pelo tenente coronel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, que em Agosto de 1785 alli foi na fragata *Loanda*, em uma viagem de exploração ordenada pelo capitão general Barão de Mossamedes, em quanto por terra marchava para o mesmo ponto á frente de mil negros molundos o sargento mór Gregorio José Mendes, sertanejo instruido, e bom portuguez (1). Pelas inscripções alli achadas em uma pedra branda se vê que aquella angra foi mui frequentada de navios portuguezes, e alguns corsarios estrangeiros, no seculo XVII; mas apenas duas vezes fôra visitada no seculo XVIII. As noticias que se colhem dos escriptos do tenente coronel Pinheiro Furtado, e do explorador Gregorio José Mendes, ácerca daquella bahia, das terras dos *cobaes* (ou *mu-cobaes*) que a avisinham, combinam em quasi todos os pontos com a moderna informação de um habil official (hoje governador geral de Angola) de que abaixo darei um extracto, e por isso me forrarei a repeti-las. Ambos elles instavam pela immediata fundação de um presidio naquelle ponto; e para a facilitar Gregorio José Mendes, no curso da sua pacifica excursão, conseguiu

(1) O itinerario authographo desta expedição de Gregorio José Mendes (de que *Walckenaer*, no tom. xv da sua Collecção de Viagens, dá um extracto transmittido por *Bowdich*) existe no archivo da Secretaria do Ultramar, juntamente com a correspondencia do tenente coronel L. C. C. Pinheiro Furtado, e as cartas que este fraçou de toda a costa do Sul de Benguella. Estes documentos, comparados com outros mais modernos, me foram de grande utilidade para a organisação da carta geographica que acompanha este livro, tendo sómente a corrigir-lhe as latitudes, e longitudes, que por observações mui recentes se conheceu não serem exactas, — o que não admira, attenta a imperfeição dos antigos instrumentos de reflexão.

avassalar por meios suaves todos os sóvas, cujas possessões jaziam entre a Quinzamba, e o novo Mossamedes: mas como o barão de Mossamedes, no pouca tempo que governou ainda não pôde levar ao cabo essa empreza, os seus successores mais não curaram della, até que em Agosto de 1839 o vice-almirante A. M. de Noronha, governador geral de Angola, encarregou o então capitão tenente *Pedro Alexandrino da Cunha*, commandante da corveta *Isabel Maria* (1), de ir explorar e demarcar com exactidão a costa meridional de Benguella, e com particularidade este porto de Mossamedes; em quanto o tenente João Francisco Garcia (2) partia por terra ao mesmo destino, atravessando *Quilengues*, *Huila*, *Enjau*, e *Bumbo*. Effectuou-se felizmente esta expedição, e o relatorio apresentado por P. A. da Cunha em 20 de Janeiro de 1840 é um documento importante para a decisão de algumas questões geographicas, — maiormente no que diz respeito ás verdadeiras posições, e configurações de *Cabo Negro*, do seu *Porto de Pinda* (a que os antigos chamavam *Manga das aréas*), e da *Bahia dos tigres* (3); mas agora só vem a meu proposito extractar a parte respectiva á bahia de Mossamedes, o que passo a fazer:

« Esta bahia (diz o relatorio) olha ao Oeste, e tem a margem do Sul mais extensa que a do Norte, e mais alta, sendo formada de barreiras de grés, coroadas por uma camada de pedra mui rija propria para edificar. — Do extremo oriental destas barreiras pega um extenso areal, que limita a bahia até a ponta do Norte. — Da costa do Sul da bahia, sahe um baixo que corre N.NE. até quasi meia distancia da ponta do Norte, e que é mui perigoso por isso que nem sempre rebenta. — Na parte do Norte da bahia desemboca um rio, a que o gentio dá o nome de *Bélo* (4), que só traz agoa no tempo das grandes chuvas, mas onde sempre se acha cavando no alveo. Este rio, a tres dias de marcha para o interior,

(1) Este official é hoje capitão de mar e guerra, e governador geral d' Angola.

(2) É hoje major, e acha-se em commissão encarregado da fundação de um novo presidio em Huila.

(3) Devo confessar que me servi muito das indicações deste Relatorio, e tambem das subsequentes observações dos officiaes do brigue *Téjo*, para determinar as posições dos pontos mais notaveis da costa ao Sul de Benguella, na carta geographica aqui junta.

(4) *Bélo* (e não *Bilo*) lhe chama na sua Memoria de 1841 o tenente Garcia. É este o mesmo que o tenente coronel Pinheiro Furtado em 1785 denominou *rio das mortes*; porque tendo o tenente d'artilheria Sepulveda, da guarnição da fragata *Loanda*, e o cirurgião da mesma, feito uma temeraria excursão nas margens d'elle, arrojando-se ao barbaro excesso de queimar as choupanas do gentio (com quem aliás haviam tratado amigavelmente), este irrilado cahiu sobre elles, e alli mesmo os matou, bem como a dois marinheiros da sua comitiva.

«traz agoa todo o anno, porem daqui para baixo todo se infiltra
«pelo terreno, ou se evapora, a menos que não haja grandes chuvas.
«— Estas circumstancias se dão em muitos rios desta costa. Mui
«perto da bahia se divide este rio em dois braços, dos quaes, um
«se dirige á bahia como fica dito, e o outro se dirige á costa a
«pouca distancia da ponta do Norte da bahia, a um sitio chamado
«*Loquengo* (1): as margens deste rio estão bem guarnecidas de
«boa madeira, e o terreno por onde passa é de boa qualidade e
«susceptível de muita cultura, havendo actualmente alguns arimos
«onde o gentio (as mulheres) cultiva milho, feijão, abobora, e man-
«dioca, em mui pouca quantidade, e apenas sufficiente para seu
«consumo. — Ha no fundo da bahia, a couza de cem passos da
«praia, uma nascente de mui boa agoa entre uns juncaes, que alli
«abundão, e neste logar é tanto ou mais facil do que em Benguella
«o fazer agoada para os navios (2). — O gentio serve-se da que
«procura em cacimbos no alveo do rio, naturalmente por ser esta,
«que é muito melhor, um pouco distante da Libata ou povoação do
«Sobeta Mussungo (3), que está assente a uma milha da praia da
«bahia, e ao NE. — Para o lado da ponta do Norte da bahia ha
«lagôas de agoa salgada, que produzem muito bom sal, de que
«comprei uma porção ao gentio, para suprimento do navio, e do
«qual apresentei amostras ao Contractador deste genero em Loanda.
«— Possui este povo bastante gado vacum, do qual me venderam
«o necessario para fornecimento da Corveta durante os trinta dias
«que ali me demorei. — É porém no vasto territorio dos Cubaes,
«povos essencialmente pastores, e mui proximos da bahia, onde a
«quantidade de gado é incalculavel, e capaz de suprir as exigencias
«da mais vasta especulação commercial, a quererem aquelles povos
«vendello, como é provavel, mas não certo; pois que muitos povos
«destes sertões repugnão vender em grandes quantidades o gado
«que possuem, porque parece que o tem na mesma conta que os

(1) Este outro rio que desemboca junto á ponta do Norte no sitio do *Loquengo*, segundo a opinião do explorador *Garcia*, na sua memoria de 1841, estampada no n.º 6 da 4.ª serie dos *Anaes maritimos*, não é um braço do rio *Béro*, mas sim um outro rio chamado *Quenina*: e um official de marinha mui intelligente, que fez ultimamente a jornada á *Huila*, me disse ser este o mesmo rio que passa no *Bumbo*, e que se suppõe ter a sua nascente na montanha de *Xélu*, e que o seu alveo, no tempo de verão em que está sêcco, é a melhor entrada para o *Bumbo*: como tal o marquei na minha carta geografica.

(2) Esta agua abunda em particulas ferreas, e tem alli mesmo o seu manancial.

(3) Este *mani-Mossungo*, e outros dous régulos do paiz dos *cobaes* alli visinhos, prestaram em 1840 formal vassalagem á corôa de Portugal, por intervenção do tenente *Garcia*, muito acreditado naquelle sertão.

«nossos bens vinculados, e que se mede a importancia e conside-
 «ração do individuo pelo numero de cabeças que possui (1). A Ur-
 «zella cobre os arredores em quantidade inesgotavel, e de superior
 «qualidade. — É de lamentar que o gentio para a colher facil-
 «mente, e não se dar ao trabalho de trepar, derrube as mais bellas
 «árvores sem piedade. O peixe abunda na bahia em tão grande
 «quantidade, que em todo o tempo que ali me demorei pescava
 «diariamente em hora e meia até duas horas de manhã 10 a 15
 «arrobas, pela maior parte de muito bom pargo, que de muito me
 «servia para sustento da guarnição, dando-lhe de uma a duas libras
 «de peixe ao almoço, e ceia, pois que a este tempo já os manti-
 «mentos do navio estavam exaustos. É de notar que o gentio desta
 «bahia tem decidido horror ao peixe, quando os do porto Pinda,
 «que destes tão proximos estão, o pescão e comem com avidéz, es-
 «tando uns e outros na Costa do mar; e por isso o peixe frequenta
 «esta bahia em tão grande quantidade não sendo ali molestado. —
 «Os habitos, maneiras, linguagem, e armas deste gentio são iden-
 «ticas aos do porto Pinda, a que me refiro (2), com a excepção
 «acima indicada, e a de preferirem estes de Mossamedes a mis-
 «sanga branca, quando aquelles mais estimão a azul. — Esta bahia

(1) Eis aqui o que escrevia a tal respeito em 1797 o coronel Paulo Martins Pinheiro de Lucerda em uma noticia (inedita) *da Cidade de Benguella e seu Sertão*, que elle percorreu — «Estes negros criando muito gado não comem delle a carne, e só a é para vender, ou ir criando grande numero, em que consiste a sua riqueza, e ostentação; mas q^{do} q.1 q.2 destes Ricos morre, então matao todo o gado que elle tem, e o comem de função nos seus Gentilicos funeraes, e a memoria que lhe conservão he porem lhe em sima da Sepultura (que he nos caminhos e monturos) todas as Caveiras dos Bois que comerão, bem escarnadas, com unicamente as armações, e com o grande numero que elles comem, he fica levantado um grande mauzoleo, ou a montão de madeira do ar, como eu vi por esse todo Sertão dos Mundombes. —

(2) A parte do relatório, a que o A. aqui se refere é a seguinte — «Este gentio (os de porto Pinda de Cabo Negro) não tem armas de fogo, nem as aprecia, usão a de arco, flexa, e zagaia, e por isso não são grandes caçadores, e não tem marfim. Não usão de aguardente, repudiando em geral a que lhe offerecira, o que é de certo para elles uma grande felicidade. Mostrarão-se desde a primeira communicação, que comigo tiverão, mui pacíficos e trataveis, e ainda mais á vista de alguma missanga, e a outros engodos: mas só largavão as armas a distancia sempre que vinhão tratar com a nosco, depois de reconhecerem, e dos cumprimentos do estylo. Os generos que mais a pelecem são panos de lã escuros ou baetas, enxadas, missanga azul-grossa, e ferro. «Junto ás lagões onde habitaõ nas margens do rio, tem bastantes arimos, onde cultivão o milho, feijão, e abobora, mas de que só nos venderão amostras. O seu vestuario em geral consiste em peles de Carneiro ou bezerra, que elles sabem amaciar á força de trabalho manual (*). — Parece que esta gente são colonias de Mondombes, a dos quaes tem a linguaem e costumes, e são mui vexados pelos Sobas de Huila, e a Jau, que com frequencia procurão pretextos para lhes estorquir o pouco que tem.

(*) Este vestuario é commum a todos os povos pastores do vasto sertão de Benguella, de que são os principaes trajam pannos.

« de Mossamedes dá muito melhor abrigo aos navios que a de Benguella; têm um desembarque sempre seguro, mesmo nas maiores « Calemas; está muito mais proxima dos ricos Sertões de Cubaes, « Quilengues, Jau, Huila, e Caconda, do que aquella; e é muito « mais sãdia, provado pelo perfeito estado de saude da minha guarnição, apesar do continuo trabalho de faxinas em terra, e agoada, « que necessariamente os trazia expostos á intensidade do Sol no « Zenit, e a frequentemente se molharem. » —

É esta uma informação cabal da localidade d'aquelle novo estabelecimento, o qual foi começado naquella mesma época (Janeiro de 1840) por uma feitoria que alli assentou o negociante Antonio Joaquim Guimarães Junior, em sociedade com Jacomo Philippe Torres (ambos de Angola); mas o ministro conde de Bomfim, que então presidia aos negocios do Ultramar, mandou logo construir um forte na *Ponta Negra*, e formar povoação, o que tudo começou a executar-se em Julho de 1840; e tanto cuidado tem merecido aos ministros que se seguiram, e aos governadores de Angola, aquella importante fundação, que já hoje conta para mais de cento e vinte colonos idos de Portugal, ou de Angola, entrando neste numero umas cincoenta praças de tropa, que guarnecem o forte; e amiudadas vezes lá estaciona algum dos navios do cruzeiro de Angola: e até agora tem conservado esta povoação nascente a boa opinião de salubridade: além das boas aguas, lenhas, e sal, tem pedra de cantaria, pedra para fazer cal, e excellente barro para a fabricação de tijolo, e telha.

Quanto ao porto resumirei aqui em poucas palavras o que consta de uma planta levantada em 1785 pelo tenente coronel Pinheiro Furtado, e de outra planta, e das observações dos officiaes do brigadeiro Tejo, que lá esteve estacionado em 1841 sob o commando do capitão tenente F. A. Gonçalves Cardoso, e que podem lêr-se por extenso no n.º 11 da 4.ª serie dos *Annaes maritimos*.

Das duas pontas que formam a bocca da bahia, e que distam uma da outra obra de uma legoa, a do Norte é inteiramente limpa, e a meia milha della é de mais de cem braças o fundo, o qual vae diminuindo para o Sul e para Leste, de modo que junto á ponta do Sul, que se denomina *Ponta grossa*, se toma fundo de doze a quinze braças: a latitude desta ultima ponta é de 15º 08' S. e a sua longitude 21º 11' a E de Lisboa (1); e entre ella, e a

(1) *P. A. da Cunha* no seu relatório supracitado dá pelas suas observações esta bahia em 15º 10' Latit. S.; e 12º 05' E. Greenwich (ou 21º 14' E. de Lisboa); mas esta observação corresponde ao fundo da bahia, aonde está a barra do Guimarães junto á fonte.

outra que lhe fica a ESE. em distancia pouco mais ou menos de uma milha (que se chama a *Ponta Negra*, e nella está o forte) é o ancoradouro onde se pôde surgir em 9—7—6— e $5\frac{1}{2}$ braças de fundo de arêa, e mesmo as embarcações de pequeno lote em quatro e tres braças a um quarto de milha da praia, e em perfeito abrigo. Da *Ponta Negra* para o Norte se vae arqueando a bahia em praias de arêa, que a bordam na extensão de mais de uma legoa, formando um reconcavo de duas milhas: além dessa praia se avistam as hortas, e algumas vivendas dos povoadores, a pouca distancia da fonte onde se faz a aguada. Meia legoa a Oeste da *Ponta Grossa* jaz a cabeça do baixo em que se perdeu a escuna *Amelia* (o mesmo de que faz menção o relatorio de P. Alexandrino da Cunha) — baixo tanto mais perigoso que poucas vezes rebenta: corre elle dalli para o Sul ao longo da costa até ir pegar na *Ponta da Anunciação*, que fica ao Sul do porto: na sua falda occidental tem 1— $1\frac{1}{2}$ — e 2 braças de fundo, que cresce logo para o lado do mar a dez braças, e mais: entre o baixo e a *Ponta Negra* sonda-se em tres a quatro braças de arêa e pedra. Os navios que vierem demandar o porto pelo Sul devem costear as pontas a distancia de uma legua até descobrirem a *Ponta Negra* interior, onde se vê o forte, pela *Ponta Grossa* exterior, e então correr para o ancoradouro navegando no quadrante do SE., mas sem encostar muito á *Ponta Negra*, porque lhe pôde acalmar o vento... Veja-se a planta C.

Tenho-me demorado na descripção deste novo presidio de *Mossamedes* (a que os gentios da terra chamam *Bissungo Bitoto*, e Pimentel denominava *Angra do Negro*), pela persuasão em que estou de quão grande pôde vir a ser a importancia do seu commercio, mantido com os productos dos territorios do seu sertão: o mais visinho destes (pois não dista bem quarenta legoas de *Mossamedes* (1)) é

(1) O capitão tenente F. A. Gonçalves Cardoso, que media em 1841 a distancia de *Mossamedes* a Huila, a calculou em cento e deroito milhas; e pelo itinerario de J. F. Garcia nesse mesmo anno, que se acha no n.º 6 da 4.ª serie dos *Annaes sarritimos*, se vê que elle effectou este transitio em onze dias, fazendo jornadas de tres a quatro legoas por dia — do modo seguinte — tres legoas pela margem do rio *Bêro*, á sahida de *Mossamedes*; — uma legoa á transpôr a serra de *Pané*; — vinte legoas pelas margens do rio *Quenina* até á montanha de *Ugua-Nhaugue* — e mais cinco legoas de despoivando até á grande povoação de *Bumbo* (que dista vinte e nove legoas de *Mossamedes*); — duas legoas do *Bumbo* á aldêa de *Xêla*; — outras duas legoas a passar a grande montanha de *Xêla*; — tres legoas de planicie da dita serra ao logar da *Hupata* (ou *Hupata*); — e outras tres pequenas legoas da *Hupata* até a *Huila*. . . Tudo isto combina no total de trinta e nove legoas, pouco mais ou menos, de *Mossamedes* á *Huila*.

A *Huila*—onde o governo de Portugal mandou em 1845 crear uma feitoria portugueza sob a direcção do capitão tenente F. A. G. Cardoso, e do major Garcia: é um districto interessantissimo, não só pela importancia de suas producções, como por sua vantajosa posição central entre Mossamedes, Quilengues, e Caconda: risonhas planicies a perder de vista rodeam essa linda e saudavel libata; e o seu sóva domina as *bem cultivadas terras do Bumbo*—escalla indispensavel ás caravanas, que descem do interior á bahia de Mossamedes, ou della voltam, e que alli se avitualham (1);—

(1) Para dar uma idéa cabal deste territorio do *Bumbo*, aqui copiarei o que ácerca delle se lê nas memorias de dous habéis exploradores—uma escripta em 1786, —outra em 1841. —«Chegamos finalmente (escrevia Gregorio José Mendes em 1786) «em 23 ás terras do Bumbo, confinante com o Jau, seu feudatario, como fica descrito; depois de ter atravessado o rio que desagua no Norte da Angra. Se o temor de fastidiar com uma narrativa mais extensa, me não impedisse maiores reflexões, com quanta satisfação não descreveria eu, munda, e particularmente uma região que não tem semilhante pelo fisico do Clima, abundancia natural, posição feliz, e perspectiva agradável, em todos os Certões que em Africa Ocidental reconhecem o dominio Portuguez! Esta Provincia consiste em uma dilatadissima Serra, estendida de «Noroeste a Sueste, cuberta de muitos potencialados de uma grande população, fertil em «robustos habitantes; sobre o cume desta serra nasce hum rio que a banha toda, de «vvido pelos habitantes em varios regatos que fertilisam a campina dilatada, cultivada «de milho meudo, e grosso, feijão fradinho, e Massango, com grande abundancia de «plantações de tabaco de que os negros usão para fumar preparado simplesmente, masserando-o entre duas pedras. Esta cultura por meio de uma industria activa he capaz «das melhores esperanças: uzão de enchadas de póo com que alrim a terra de huma «natureza branda. A arte de devidir as agoas, de que os Egypticos forão grandes «Mestres, tem a mesma natureza ensinada a estes negros a semilhança das ramificações «Nilicas. He notavel, que na observação que tenho feito em tantos annos de residencia «no Paiz, veja aqui um exemplo unico entre os Negros menos civilisados; esta abundante produção da terra corresponde ao cuidado do Gentio, que logo lhe lança a semente, immediatamente que colhe o antigo fructo, que sempre existe sobre a terra. «Uzão do beneficio de asudes, para deter, e repartir as agoas que lhe subejão, quando «as chuvas por si lhe não bastão: a mesma abundancia de Arvores, lhe faz desprezar, «a cortar as pequenas, conservando as grandes, e copadas de melhor vista, e capazes «de extrahir laboado para se repararem contra o Sol etc. . . .» — Eis aqui agora o que diz J. F. Garcia no seu itinerario de 1841, já citado — «Esta terra, posto que «pequena, e não de mais de seiscentas a oitocentas almas de um e outro sexo, é bastante industriosa, porque represando a agoa do rio do mesmo nome *Bumbo*, com ella «agõam as culturas de milho e feijão, que fazem nas margens do mesmo rio, de cujo «vantajoso trabalho resulta grande proveito aos habitantes deste lugar, e aos de outros «muitos, que ali vão comprar mantimentos, e não menos aos passageiros, que tendo «de ir á bahia, por ali infalivelmente transitam: este lugar fica como a Leste da bahia, na forma que já expuz; as margens do rio são bastante humidas e ferteis: têm «a pelo lado do Sul ama grande corria de altas e concovas montanhas: seus habitantes «tratam muito bem os passageiros, que lhes não causam desconfianças; vivem da cultura, da criação de gado vaccum e ovelhum, e da caça dos elefantes e animas desta «especie, e de tudo fazem venda a quem ali vai negociar etc. . . .» — Já se vê quanto combinam em eloziar esta commarca as informações dos dous exploradores. . . G. J. Mendes dava vinte e oito leguas de distancia de Mossamedes ao Bumbo (o que, em distancias medidas a olho, pouco differe do itinerario moderno de J. F. Garcia) — e já em 1786 pedia alli a fundação de um presidio, o qual vae agora fundar-se na *Huila*, capital do districto.

e tambem era dantes senhor do territorio do *Jau* (ou *Enjau*) — commarca moutanhosa, que lhe fica a SE., e em cujas florestas ha muitos elefantes —; mas tendo passado ha muitos annos ao governo della um de seus macotas, este se levantou com a terra, e desde então elle, e seus descendentes, tem mantido guerra quasi perpetua com o seu suzerano. Fica tambem neste bello districto a famosa serra de *Xéla*, cuja entrada offerece á vista um valle tenebroso dominado por dous altissimos paredões de rocha, que quasi se unem nos seus alcantis (1) até ir juntar-se em uma montanha escarpada: por alli passa a estrada do Bumbo á Huila, e é desta serrania que nasce o rio que fertilisa estes terrenos, e que se suppõe ser (pelo menos um de seus braços) o mesmo rio Quenina, que vem desembocar ao Norte da bahia de Mossamedes. Ao redor da Huila todo o sertão é fertilissimo. Para o lado do Norte, a umas vinte legoas de distancia (2), está a antiga *regencia*, ou residencia do commandante do

Districto de Quilengues — grande territorio de negros bastante civilizados, pelo muito trato que tem com a cidade de S. Filippe de Benguella, que lhes demora ao NO. a vinte e cinco legoas de distancia, e aonde levam muito milho, feijão, mandioca, gado, porcos, e galinhas, passando pelas terras dos mundombes da Quinzamba (3);

(1) Copiarei a noticia que dá desta serra J. F. Garcia no seu itinerario de 1841 — «Deixei a terra de *Bumbo*, e caminhando como para o norte no fim de uma marcha de duas legoas, cheguei a uma pequena terra habitada por oitenta almas, pouco mais ou menos: a esta terra dão o nome de *Xéla*: cauza horror ao entrar neste lugar a baixo, e coberto por duas eminentes cordilheiras de montanhas da parte do Sul e Norte, que quasi se tocam pelas Cristas em algumas partes, e em outras muito pouco se afastam, formando-se uma com outra pela parte de Leste: a entrada para este lugar fica a Oeste, e é franca, a subida é a Leste bastante difficilissima; porque corta ao caminho pelas referidas montanhas, cuja subida é assaz trabalhosa e extensa: neste lugar ha a mesma industria de reprezar a agoa para a cultura, cuja agoa vem despenhada em burbútilões por uma eminente caxoeira, que se despenha da montanha ao Norte; em tudo o mais é o mesmo que passa a respeito do *Bumbo*. »

(2) O tenente J. F. Garcia em 1841 foi de um a outro districto em cinco dias, em jornadas desiguales, e pelo seu itinerario se podem regular as seguintes distancias: — de Huila ao rio da *Tata* oito legoas; — duas legoas da *Tata* á serra de *Munda*; — tres legoas da dita serra á *Cavãna*; — duas legoas deste sitio á libata de *Locondo*; — tres legoas de *Locondo* ao *Humba* de *Munquata* (ou *Muquata*); — e duas legoas de *Muquata* á banza de *Quilengues*: — o que dá ao todo vinte legoas de Huila a *Quilengues*.

(3) *Quilengues* confina pelo Norte com as terras do Domba da Quinzamba; — e a Oeste com as do sóva de *Quilumata*, e montanhas de *Bumbo* e *Binxabiab*, em cujos valles vigorosos emervas aromaticas pascem as nedjos gados dos *muquizes*, pastores nomades, que não tem povoações fixas, e só sim alguns curraes, que deixam de uma vez para outra quando mudam de pastagem aos seus rebanhos: o mesmo praticam os *mucondas selvagens* (assim chamados para os distinguidos dos de Huila e Bumbo que são sedentarios e cultivadores): esses vagueam com as suas manadas pelas fertis e incultas campinas, que se estendem até o mar, regadas pelos rios — *Padro*, ou *S. João*,

e muitos destes quilengues ricos servem de corretores para todo o sertão até o *Hume*. Temos naquella terra um commandante portuguez (que dantes se chamava *regente*), mas quasi sem força militar, cuja falta aliás se tem sentido, com quanto não tenha havido guerras: em 1834 alli se construiu um pequeno forte, que está por terra; e hoje o chefe com o pequeno destacamento, que ás vezes lhe vae de Benguella, e quatro peças d'artilheria, vivem encerrados dentro de uma estacada, que cerca as casas do seu antecessor, o capitão Joaquim Ferreira d'Andrade, em roda das quaes ha outras pertencentes ao estado, e proprias para quartéis: ha na terra alguma gente christã, e no seculo xvii havia uma parochia da invocação de *Santa Anna*, de que nem vestigios restam ha mais de um seculo.

A Leste do districto de Quilengues (1) transita-se pelos escabrosos caminhos de uma cordilheira de montanhas, denominadas *Nhanas*, ou *Nannos* (que em lingua do paiz significa *terras altas*) das quaes, na opinião do coronel Paulo Martins Pinheiro de Lacerda, que escreveu em 1797, nascem os grandes rios *Cunene* — *Catumbella* — *Cubo*, e por ventura outros muitos que regam este sertão de Benguella — tanto ao Norte como ao Sul —; e é para além destas montanhas que está assentado entre risonhos e extensos plainos — a umas cem milhas de Quilengues, e a trinta legoas de Huila — o nosso importante

Presidio portuguez de Caconda — baluarte e defensão dos domínios portuguezes naquelle sertão meridional, fundado por ordem do governador, geral João da Silva e Sousa em 1682, nas terras do sóva *Bongo*, o qual depois o accommetteu, e tomou a traição, e o arrasou em 1684, governando Angola Luiz Lobo da Silva, e sendo valerosamente perseguido por João Braz de Goes, capitão mór de Benguella, abandonado dos seus proprios negros teve de entregar-se, e morreu prêso na fortaleza do Penedo em Loanda; e João Braz levantou novo presidio nas terras do sóva *Quitata*, onde hoje existe: grandes guerras teve a superar nos fins do seculo xvii contra o sóva de *Hambo*, sendo capitão mór do presidio Antonio de Faria, que derrotou aquelle sóva e seus adherentes em tempo do governador

— *Bengueamoxilo*, — *Cangala*, — *Senebari*, — *Monata Cangando*; — mais de quatrocentas legoas quadradas de um sóto excellente.

(1) J. C. Fêo Cardoso na sua Memoria dividiu em duas secções este districto de Quilengues; a esta parte montuosa que corre para Leste até Sambos denominou *Quilengues e Sambos*, — e deu o nome de *Quilengues e Huila* á secção meridional que se estende até as varzeas da Huila.

Luiz Cezar de Menezes: maior foi porém o aperto em 1718 quando governando Angola Henrique de Figueiredo Alarcão, se formou uma tremenda colligação de todos os bravios potentados daquelle sertão, que com gentio innumeravel foram pôr cerco ao presidio, cujo capitão mór José da Nobrega de Vasconcellos fez bom rosto ao perigo, e teve o inimigo em respeito até que o valente Manoel Simões, capitão mór de Benguella, correu ao resgate, e desbaratou aquella negraria, fazendo-lhes tal estrago nas suas proprias libatas, que a lição lhe ficou em memoria: pequenas guerras alli tem havido depois, e ainda neste seculo, com um, ou outro sóva visinho; mas de todas tem sahido as armas portuguezas com gloria, e com vantagem, — tanto assim, que não só os vinte e quatro sóvas deste districto, mas ainda quatro do districto de *Gallengue* (ou *Gallangue*) além do rio *Cunene*, são vassallos, e feudatarios da corôa portugueza.

A fortaleza é um reducto abaluartado feito de taipa e adobes, e artilhado com oito peças de grosso calibre: a sua guarnição é uma companhia de primeira linha, que já foi de sessenta, depois de noventa — e hoje está elevada a cem praças: havia dantes alli uma companhia de milicias (bem como uma outra em Quilengues), mas foram supprimidas em 1834: as fortificações foram reparadas em 1841 pelo commandante Joaquim Ferreira d'Andrade (que o fôra antes de Quilengues), bem como os armazens, e a igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição: os edificios da praça são todos de taipa cobertos de palha (e não seria muito dispendioso cobri-los de telha, que no paiz pôde fabricar-se, e reconstruir os baluartes ao menos de tijolo); e de roda della se estende uma povoação de quinhentas casas palhoças: a população do districto pôde vêr-se no mappa n.º 1 deste livro. É este territorio, segundo a opinião nmanime de quantos o tem visitado em todos os tempos, o mais saudavel de toda a Africa occidental, e tão semelhante em clima ás terras da Europa, que nelle produz excellentemente o trigo, a ervilha, a figueira, a vinha, e todos os grãos, legumes, e fructas de Portugal; sendo regado de muitos rios, que descem dos visinhos *nannos*. A este ponto concorre immenso commercio, não só do seu vasto districto, como tambem do de *Hambo*, *Gallengue*, e *Sambos*, com que confina a Léste, e tambem das mais orientaes terras do *Hume*, aonde não entram brancos, nem pretos calçados, mas os pumbeiros descalços de lá tiram muito marfim. Já se vê pois que a humanidade, e a politica, aconselham que se escolham para aquella guarnição, e para a de Huila, quasi igual na salubridade, soldados brancos, que lá viverão perfeitamente, e imporão o necessario res-

peito áquelle gentio boçal, que não usa pela maior parte de armas de fogo; e ao mesmo tempo se conseguirá dar incremento ao cruzamento das raças, tão necessario naquelles dominios. Estes presidios de — Mossamedes — Huila — e Caconda — com communições facéis entre si podem muito bem proteger o commercio interno, e defender toda a fronteira do Sul; e igualmente ficará amparada a fronteira de Léste, se se fundar, como já em outra parte insinuei, um presidio fortificado na capital do

Districto de Bihé— fronteiro oriental, trinta e seis legoas ao NNE. de Caconda (e vinte e duas ao Norte do districto semi-selvagem de *Hambo*, *Gallangue*, e *Sambos*, do qual não faço menção especial, porque nada alli temos senão algum trafego de mercancia); quarenta e duas legoas a ENE. de Quilengues; e quarenta e cinco a Léste do Dombe da Quinzamba, por onde vem a Benguella o seu commercio de cêra, marfim, etc.: tem terras de cultura, e arvoredo, regadas por varios rios, entre elles o Catumbella, o Cubo, e o Longa (1); mas é pouco abundante em pastos, e por isso tem pouca criação de gados: o paiz é saudavel, e o povo manso e tratavel; parte delle christão, entrando neste numero alguns dos sóvas, que com quanto se não tenham propriamente avassalado tem sido quasi sempre aliados fieis: havia alli antes de 1834 duas companhias de milicias, e outras duas de ordenanças; mas hoje apenas lá temos um commandante *in nomine* sem força militar, quando aliás parece muito conveniente que alli se levantasse um forte, guarnecido com uma companhia de soldados brancos, que amparasse aquella fronteira contra a incursão dos *Mu-Ganguellas* — canibacs feroces, bons frêcheiros, jagas vagabundos, vestidos de pannos que fabricam da casca de uma arvore chamada *Mulemba*, e barbaros em trato e costumes, — os quaes habitam para além do rio *Cutato* (que vae desembocar no Cuanza), e tem por visinhos do lado do meio dia os de *Hambo*, *Gallangue*, e *Sambos*, que parecem provir da mesma origem, e se lhe assemelham no vestuario e barbaidade, ainda que mais domesticados pelo trato mais frequente

(1) Em uma *Descripção da capitania de Benguella, etc.*, escripta por Alexandre José Botelho de Vasconcellos, e estampada no n.º 4 da 4.ª serie dos *Anaes maritimos*, se diz que nas terras deste districto nasce o rio *Cuanza*: isto é falso — (e não é a unica noção errada que traz aquella Memoria no que respeita aos districtos do interior) — o rio *Cuanza* corre para Léste muito além das terras de Ginga, que já ficam a Léste do meridiano de Bihé, e segue a mesma marcha através do paiz dos Molúas para o interior d'África, donde deriva. O A. certamente confundiu-se com o *Cutato*, que nasce nas terras dos *Mu-Ganguellas*, e formando uma pequena curva vae levar ao Cuanza o tributo de suas aguas.

com os nossos em Caconda, e Bihé. Estende-se finalmente dos confins deste districto de Bihé para o Norte e Noroeste o extenso e mui populoso

Districto de Bailundo — cujo territorio está comprehendido entre as correntes do *Cubo*, e do *Longa*, até ir entestar nas terras dos Quissamas: habita-o um povo guerreiro, da raça dos jagas, cujo chefe anda sempre em campo, fazendo excursões nas terras dos seus visinhos: respeita porém as possessões dos portuguezes, de quem ha mais de meio seculo tem sido fiel alliado; e lá temos nós um commandante, e dantes alli havia uma compahia de milicias, e outra de ordenanças (talvez fantasticas): além do quilombo volante do sóva ha por todo o districto libatas permanentes, em roda das quaes as mulheres cultivam o necessario para a subsistencia dos maridos: o principal trafico desta gente com os nossos mercados no tempo antigo era o dos cativos que fazia na guerra, e ia resgatar nas nossas feiras do Norte, ou em Benguella: agora porém limita-se o sen commercio a cêra, e marfim, de que muito abundam as suas grandes matas; e ha muito ferro nos seus montes: mas para alimentar a disposição bellicosa daquelle sóva aventureiro, parece-me que seria conveniente convidar-lo, e não tenho por difficil resolve-lo, a coadjuvar-nos na conquista da Quissama, dando-lhe bom quinhão na prêsa — do modo que já deixo indicado no cap. IV da 1.^a parte deste livro: alli mesmo, e em outras partes, eu fiz vêr o mal que resulta ás communicações de Angola e seus presidios com a comarca de Benguella de se metter de permeio esse povo indomito, vagabundo, e treçoero; e a necessidade de o subjugar pondo um presidio forte junto ás ricas minas do sal de Demba; ou aliás ceder essas minas ao sóva de Bailundo com condição de vassalagem, pagamento do quinto das minas, e do dizimo das terras, e de abrir estradas até Novo Redondo, e até á margem do rio Longa, — aonde em tal caso poderia estabelecer-se com preferencia o dito presidio, por ter alli a guarnição boas aguas, e melhores ares, e ficar servindo de entreposto do commercio em linha recta entre Muxima e Benguella —: não repetirei por tanto o que então expuz, e a que me refiro: estou até persuadido que para mais estreitar uma alliança para elle tão vantajosa não duvidaria aquelle régulo abraçar o christianismo, e faze-lo professar ao seu povo, — o que seria de summa conveniencia. Deste modo a viagem em que hoje se gasta mais de um mez — indo de Loanda a Pungo an dongo — dalli a Bihé, ou Caconda (para entrar logo nas terras de Bailundo, que por aquelle lado estende o seu dominio até ao Cuanza, flanqueando o

Libollo), — e de Bihé a Benguella, se faria em menos de quinze dias, indo de Loanda a Muxima, e de lá em direitura a Benguella atravez da Quissama, e muito melhor ainda empregando-se na conducção os dromedarios, porque aquella longa charneca chamada Quissama, é como já disse, destituida de mananciaes, e aguas correntias, e mesmo salobres as não ha: a agua que bebem aquelles barbaros é a da chuva conservada nas tocas — ou naturaes, ou artificiaes — do *imbondeiro* (1), cujo amago é tão molle, que ou o tempo o corroe, ou é facil de escavar: a estas cisternas ligneas sobem elles por meio de estacas pregadas no tronco em forma de escada, e extrahem o fluido com uma especie de cabaças — a que chamam *mucoas* — feitas da casca exterior do fructo do mesmo imbondeiro: ha em todo o sertão uma especie particular de imbondeiros, chamada *aliconda*, de cujo entrecasco se extrahе uma especie de estôpa, ou cairo, o qual depois de entrançado serve de tanga ás mulheres, e tambem delle se servem os homens para entrançar nas carapinhas, por cujo enfeite muito se disvellam com o mais horrendo e caprichoso máu gosto. Os unicos sóvas da Quissama, que mantêm algum trato (sempre mal seguro) com os portuguezes, por viverem na margem esquerda do rio Cuanza, e terem sido mais vezes escarmentados, são o *muene Quiacongá*, senhor dos terrenos junto á foz do mesmo rio, e sobre a costa até o rio *Suto*; — o de *Muxima*, em cnjas terras está o nosso presidio; — e o *Quizua*, cuja importante lagôa é actualmente da corda portugueza por conquista feita em 1746: todos os outros sóvas do interior da arida Quissama, e dos montes do Libollo, são selvagens tão intrataveis como o solo que pisam: subjuga-los completamente é uma necessidade: o seu unico emprego, — além da extracção do sal das minas, e sua corretagem a vende-lo aos bailundos, e outros povos do sertão — é a profissão de salteadores, roubando gados quando menos se espera, e surprehendendo combois de commercio, e acolhendo-se com as prezas ás suas bem fortificadas quipacas, que de ordinario fabricam dentro de matas de difficil accesso, com entradas só delles conhecidas: usam na guerra de espingardas, que carregam e disparam com destreza, trazendo sempre em um cinto á roda do corpo boa porção de cartuxos mui bem feitos; e a arma branca de que se servem é uma especie de fouce, mas sem volta na ponta, com cabo de páu, tendo a folha dous palmos de comprido, e meio palmo de largo, forte, e

(1) É o *bnobab* — vid. cap. III da 1.^a part. deste livro a pag. 16. — Em Cabo Verde chama-se *calabuceira* — vid. liv. 1.^o — part. 1.^a — pag. 17.

bem afiada; com esta arma arremettem envoltos na fumaça, depois de terem dado as primeiras descargas; mas sendo bem recebidos nas pontas das bayonetas, são faceis em debandar, e a prova está nos muitos encontros com os nossos, em que sempre tem sido desbaratados.

Eis aqui o que sei da topographia dos nossos dominios ao Sul do Cuanza, que se podem considerar dependentes de Benguella, e dos paizes visinhos, de que ha algum conhecimento: o estabelecimento de novos presidios, e as explorações successivas, que promette este seculo de investigação, hão de ir esclarecendo muitas duvidas que existem intactas ácerca do interior da Africa, como são — o verdadeiro curso do rio *Cunene*, — os confins orientaes das *Terras do Hume*, — a verdadeira origem do rio *Cuanza*, etc.: estes tres problemas sobretudo me parecem ser aquelles cuja solução mais poderia contribuir para se estabelecer a tão desejada communicação por terra entre as duas costas occidental e oriental d' Africa, cuja descoberta já coube á mesma nação que a encetou *por mar*; mas é mister aperfeiçoa-la.

Roteiro, e observações geraes.

A viagem mais commum para os navios de mediocre velocidade, que vão da Europa demandar os portos desta costa, é pouco mais ou menos aquella que aconselha Pimentel no seu Roteiro, consistindo — em navegar como quem vae para os portos do Sul do Brazil, aproveitando o ló para ir passar bem a barlavento do *Cabo de Santo Agostinho*, e dos *Abrolhos*, e ir puchando para o Sul até passar o Tropic do *Capricornio* (e boa navegação será se nesta derrota fôr avistar as ilhas de *Martim Vaz*, ou da *Trindade*, que por toda a parte são limpas): passados os 24° de Latit. S., logo que se topem ventos de feição, se deve soltar o rumo a *Cabo Negro*. Nesta travessa cumpre acautelar o panno com qualquer aguaceiro, ainda que a principio pareça de pouca monta, porque muitas vezes debaixo de neblina cabe de repente um rijo furacão.

Diz Pimentel — «que entre 17 e 18 graos a Oeste, setenta, «ou oitenta leguas de Cabo Negro arrebenta hum baixo, em que «deu *Antonio Casado de Vianna*» —: outras cartas antigas o põe mais ao Norte; mas este baixo é mui duvidoso, e ninguem moderadamente o tem achado: sendo de arêa é possível que se desfizesse com o tempo.

Indo nesta derrota dozentas legoas ao mar começam a avistar-se

uns passaros grandes chamados *entanaes*, e logo depois as *trombas*, que são raizes de mangues arrojadas no Oceano pelas enchentes dos rios, e que ahí andam decompostas e forradas de percebes, e outros mariscos; mas a melhor conhecida de terra perto são os passaros denominados *mangas de veludo*, de que dei noticia no part. III, part. 1.^a, deste livro, e que andam sempre perto da costa.

Chegando a avistar terra, deve-se ir demandar o promontorio de Cabo Negro, que mostra ao mar a apparencia de uma ilha, e é todo limpo ao redor, dando resguardo á ponta de arêa que lhe fica ao Sul, e que fórma o *Porto Pinda* (a que o nosso Barros chamava *Manga das arêas*) (1), e que tem ahí nm baixo a uma milha da terra. No focinho do Cabo Negro existe ainda, e se avista do mar, o *terceiro Padrão de D. João II*, plantado por *Diogo Cam* em 1486 (2). Dahi se segue a derrota com vento largo ao longo da costa, resguardando sómente o que se vê, até Mossamedes, e depois até Benguella, e Loanda, de cujos portos e suas entradas fica dada a descriptão nos lugares competentes.

Darei agora uma noticia geral da posição de todos os pontos mais notáveis, marítimos e terrestres, de toda esta vasta provincia de Angola e Benguella, os quaes se podem comparar com a Carta geral, que vae junta a este livro.

Posições dos pontos mais notáveis nas costas de Angola e Benguella.

	LATIT. S.	LONGIT. E. DE LISB.
Rio Zaire { Ponta do Padrão, ou Cabo Padrão	6° 10'	21° 18'
{ Ponta da Mouta Sêcca.....	6° 15'	21° 06'
Bahia de Ambriz, ou rio dos Ambres.....	7° 50'	22° 05'
Barra do rio Dande.....	8° 26'	22° 06'
Barra do rio Bengo.....	8° 32'	22° 09'
Mórro das Lagostas.....	8° 42'	22° 01'

(1) Este porto foi um dos explorados pelo sr. P. A. da Cunha em 1839: está em 15° 47' Latit. S., e 11° 48' 08" a E. de Greenwich (ou 20° 55' 56" a E. de Lisboa): é mui abrigado lá dentro: tem alli uma aldeia de gentios mucubaes por nome *Corôca*, e desemboca nelle um rio (o *Bembarougue*): é terra pobre, e ponco fertil. Chamam-lhe os inglezes *Port Alexander*.

(2) Lêa-se a Asia de João de Barros — dec. 1.^a — liv. III — cap. III e IV — e vêr-se-ha quanto se enganam os escriptores modernos, que attribuem a Bartholomen Dias a collocação deste Padrão.

	LATIT. S.	LONGIT. E. DE LISB.
CIDADE DE S. PAULO D'ASSUMPTÃO DE LOANDA	8° 48'	22° 10'
Barra do rio Cuanza	9° 25'	22° 06'
Cabo Ledo	9° 50'	22° 03'
Benguella Velha	10° 46'	22° 39'
Novo Redondo	11° 12'	22° 54'
Rio Quicombo	11° 23'	23° 02'
Bahia do Lobito, ou Catumbella das Ostras	12° 18'	22° 39'
Rio Catumbella d'agua doce	12° 21'	22° 35'
Cidade de S. Philippe de Benguella	12° 29'	22° 36'
Salinas	12° 45'	22° 13'
Ilheo de Pina	13° 20'	21° 38'
As Mezas	14° 24'	21° 20'
Bahia de Mossamedes, ou Angra do Negro	15° 08'	21° 11'
Cabo Negro	15° 42'	21° 00'
Porto Pinda, ou Manga das arêas	15° 47'	20° 57'

A variação da Agulha magnetica é em toda esta costa actual-
mente de 22° 30' a 23° 00' NO.

As marés elevam-se a cinco pés nas aguas vivas. O estabelecimento dos portos é ás quatro horas e meia até as cinco horas.

Os ventos dominantes na maior parte do anno são as brisas desde o Sul até Oeste, que duram ordinariamente desde as oito horas da manhã até o pôr do Sol, acompanhando o curso deste astro; e os terraes fracos de Léste, que sopram depois da mein noute até o nascer do Sol: desde Novembro até Fevereiro ha algumas vezes trovoadas do Quadrante do SE. Os ventos do Norte são aqui mui raros.

As correntes vão sempre ao Norte com grande força ao longo da costa; e maiormente nas conjunções de lua: então correm de quatro a cinco milhas por hora.



Posições dos presídios de Angola e Benguella, situados no sertão.

	LATIT. S.	LONGIT. E. DE LISB.
S. José d'Encoge, ou Pedra d'Encoge.....	7° 30'	25° 24'
Ambaca, ou Embaca.....	8° 36'	25° 55'
Duque de Bragança.....	8° 47'	27° 22'
Pedras de Pungo an dongo, ou Pedras negras	9° 15'	25° 53'
Cambambe.....	9° 27'	24° 36'
Massangano.....	9° 16'	23° 57'
Muxima.....	9° 25'	23° 24'
Caconda.....	14° 43'	24° 50'
A Huila.....	14° 50'	23° 10'

N. B. Para as posições do interior servi-me muito da Carta de L. C. C. Pinheiro Furtado, menos para a da *Huila*, que nessa Carta vem errada, e para a qual me guiei pelas noticias modernas do tenente Garcia, e do capitão-tenente Cardoso.

CONCLUSÃO.

A publicação deste livro foi retardada por motivos estranhos ao auctor.

Com elle fica concluida a primeira serie desta obra, que comprehende as *possessões ultramarinas de Portugal áquem do Cabo da Boa Esperança*, — aquellas talvez de que até hoje menos se havia escripto na nossa terra.

Não sei quando a segunda serie me levará ás regiões orientaes; mas, se a vida me não faltar, espero em Deus levar ao cabo um dia o plano desta obra, que se lê no reverso do frontispicio.

FIM DA 2.^a PARTE, E DO 3.^o LIVRO.

OPCARD



PLANTA HYDROGRAPHICA
da
Bahia de Mossamedes
ou
R'ingrado Negro
PUBLICADA POR
Joaquim Lopes de Lima.
do
Conselho de S. M. J.
Capitão de Fragata da Armada Portuguesa

Latitude S. 15° 07' 25"
Longitude a E. de Lisboa 21° 10' 52"



INDICE

DOS

CAPITULOS QUE SE CONTÉM NESTE VOLUME.

PRIMEIRA PARTE.

	Pag.
INTRODUÇÃO.....	v
CAPITULO 1.º— <i>Geografia</i>	1
» 2.º— <i>Divisão do territorio, e população</i>	5
» 3.º— <i>Clima, solo, e produções</i>	8
» 4.º— <i>Industria rural, fabril, e commercial</i>	44
» 5.º— <i>Legislação, e governo</i>	83
» 6.º— <i>Força publica</i>	136
» 7.º— <i>Religião, e regimen ecclesiastico</i>	147
» 8.º— <i>Instrução publica</i>	161
» 9.º— <i>Rendimento, e despeza publica</i>	165
» 10.º— <i>Noticia geral do paiz, e de seus habitantes</i> ..	193

SEGUNDA PARTE.

CAPITULO 1.º— <i>Angola, e suas dependencias</i>	3
» 2.º— <i>Benguella, e suas dependencias</i>	27
CONCLUSÃO.....	60

INDICE

CAPITULOS QUE SE CONTIENEN EN ESTE TOMO

PRIMERA PARTE

1	1	1	1
2	2	2	2
3	3	3	3
4	4	4	4
5	5	5	5
6	6	6	6
7	7	7	7
8	8	8	8
9	9	9	9
10	10	10	10
11	11	11	11
12	12	12	12
13	13	13	13
14	14	14	14
15	15	15	15
16	16	16	16
17	17	17	17
18	18	18	18
19	19	19	19

SEGUNDA PARTE

20	20	20	20
21	21	21	21
22	22	22	22



ERRATAS DO LIVRO III.

INTRODUÇÃO.

<i>Pag. lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
xxxi 28	do Congo	do Dongo

PRIMEIRA PARTE.

<i>Pag. lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
93 29	mocóias	macotas
95 13	interinamente	inteiramente
125 27	Antonio José	Amaro José
135 13	o concelho	o Conselho
153 38	<i>Fala-matumbo</i>	<i>Talamatumbo</i>
154 36	calicis	calices
158 1	<i>Quizillas</i>	<i>Quigillas</i>
168 4	nas quaes	nos quaes
" 9	requissimos	riquissimos
" 21	indispensaveis	indispensaveis
171 8	armazães	armazens
194 17	prespectiva	perspectiva
" 33	libaltas	libattas
198 6	mantanha	mantenha
200 7	reunir	remir
203 6	<i>dargueira</i>	<i>cargueira</i>
205 29	esquentando	esquentado
206 18 e 19	sobre a cabeça	sobre os hombros

SEGUNDA PARTE.

<i>Pag. lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
4 3	Senho	Sonho
" 19	reuniu	remiu
6 19	burgueses	burgueses
7 16	paços publicos	poços publicos
8 25	Dandi	Dande
21 4 (nota)	<i>Ambuela</i>	<i>Ambuela</i>
32 1 (nota)	<i>muquizes</i>	<i>muquizes</i>
48 10 (nota)	mntanha	montanha